

*Onde
a paixão
nos
teve*

LISA KLEYPAS

AUTORA BEST SELLER INTERNACIONAL



Lisa Kleypas

Onde a Paixão nos Leve

“ONDE A PAIXÃO NOS LEVE”

Escrito por Lisa Kleypas

Copyright © 1987 by Lisa Kleypas

Título Original: Where Passion Leads

Todos os direitos reservados

Distribuído por MR.

Traduzido por C. Belo

Revisado por Lu Sousa e Sousa

Adaptação de capa: MR

Criação do epub: D. Silva

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

ONDE A PAIXÃO NOS LEVE

A bela jovem Rosalie Belleau foi levada a um aristocrático mundo de luxo e complexas intrigas quando o mais notório e atrativo libertino de Londres, lorde Randall Berkeley, a sequestra acreditando que ela estava disponível para qualquer homem que a desejasse. Mas antes que Randall compreendesse seu engano, ficou marcado por seu desejo... E perdido seu coração para essa moça tão diferente de qualquer outra que tenha conhecido antes. Rosalie e lorde Randall, não sabiam nada um do outro... Até que as chamas da paixão iluminaram seu caminho através de um labirinto de perigo... Para chegar às deslumbrantes alturas do êxtase...

Capítulo 1

*Toda a noite junto à rosa, rosa,
Toda a noite junto à rosa, jazi.
Não me atrevia roubar a rosa
E, entretanto, levo-a comigo.
Anônimo*

Para um coração jovem sedento de paixão e aventuras, aquela não era vida. Não havia nada que alterasse a rotina dos longos e entediantes dias de trabalho de Rosalie Belleau, não recebia as carícias de um amante, não desfrutava de nenhuma noite de risadas e danças, muito menos o sabor do vinho ou o efeito embriagador da liberdade ocasional. Não tinha outro recurso para escapar da monotonia senão por seus sonhos. Mais lamentável ainda, era sua imaginação empobrecida que com muita dificuldade não saberia com o que sonhar se não fosse por Elaine Winthrop, que lhe falava de uma existência que Rosalie só poderia invejar. Elaine, só um ano mais jovem que Rosalie, mas muito mais experiente, trazia-lhe fofocas e descrições esplêndidas dos bailes aos quais assistia os personagens deslumbrantes que lhe apresentavam e os numerosos prazeres que reservava Londres.

Embora a temporada estivesse a ponto de acabar e o verão já se apresentava com esplendor, o ritmo febril de Londres apenas tinha diminuído e Rosalie ardia com a febre da juventude frustrada. Não era capaz de mudar sua situação e lhe faltava paciência para aguentar seu destino estoicamente. Devagar, tranquilizou-se com o morno e úmido ar primaveril e se afundou em suas fantasias. Um dia, sonhava Rosalie, despertaria pela manhã e os dias já não seriam cinza como até então, mas sim de uma cor intensa. Um dia, o sangue correria por suas veias com a doçura do champanhe. Um dia fugiria de sua prisão invisível e encontraria alguém a quem amar, um homem que a adoraria e respeitaria, que lhe permitiria ser amiga, mulher, companheira e amante. Um homem com o qual compartilharia seus sonhos, um homem que despertaria nela as emoções mais intensas e a acompanharia pelo mundo lhe ensinando suas maravilhas, absorvendo cada imagem e som. Um dia, tudo mudaria.

Quando esse dia chegou, não teve nada haver com o que ela tinha esperado.

Rosalie quase nunca encontrava tempo para conversar a sós com sua mãe Amille, mas quando surgia uma oportunidade, ambas a apreciavam e desfrutavam com prazer. A sua relação era bem especial, já que podiam falar não só como mãe e filha, mas também como amigas. Amille era a pessoa mais importante no mundo de Rosalie, e entendia as necessidades, perguntas, anseios e medos de sua única filha embora fossem muito diferentes dos seus próprios. De aspeto eram muito parecidas, duas mulheres miúdas e morenas, mas muito diferentes por dentro. Amille via a vida com um enfoque pragmático, enquanto que Rosalie era uma idealista, e quando fez vinte anos compreendeu de forma intuitiva que as causas de suas diferenças estavam além da idade e da experiência.

Amille era estável como uma rocha e amava a ordem. Embora instruída, necessitava de imaginação, enquanto que as emoções e os pensamentos de sua filha sempre pareciam levantar voo ou despencar no precipício. Por muito que Rosalie se esforçasse em controlar suas ânsias pouco ortodoxas, sabia que estava condenada pela vida a procurar emoções fortes e dar rédea solta a seus sentimentos. Gostava de rir sonoramente em vez de sorrir com amabilidade, descobrir segredos e realizar mudanças quando convinha reconciliar-se com as coisas tal como eram. Naquele momento, a curiosidade de Rosalie se centrava em um tema que Amille não queria discutir, mas quando se sentaram para fazer seus trabalhos de costura, a jovem assediou sua mãe com perguntas constantes.

— Rosalie — disse Amille sem alterar-se, franzindo o cenho sobre seus atrativos olhos castanhos enquanto dava cuidadosamente um ponto — já te contei tudo o que precisa saber sobre seu pai. Trabalhava como pasteleiro perto de East End. Era um homem bom e amável que morreu quando tinha um mês. E agora, podemos mudar de assunto? Entristece-me falar dele.

— Sinto muito — repôs Rosalie sentindo uma pontada de culpa ao perceber uma incomum nota aguda no tom de sua mãe — Não queria te trazer lembranças tristes, *maman*. Só queria saber mais coisas dele.

— Mas por quê? Mudaria algo de ti ou suas circunstâncias saber mais sobre ele?... É obvio que não.

— Talvez sim — disse Rosalie, inclinando a cabeça e olhando a sua mãe — Às vezes é tão difícil entender a mim mesma e a meus sentimentos... E

me pergunto se pareço mais com você ou com ele.

— Não se parece com nenhum dos dois.

Rosalie riu, e Amille, vendo-a, não pôde evitar sacudir a cabeça e sorrir. Os olhos azuis de sua filha brilhavam com um tom quase violeta e os lábios desenhavam um de seus sorrisos deslumbrantes e maliciosos. Tinha um aspeto angélico quando queria, mas a maioria das vezes uma ligeira picardia iluminava sua expressão, como se estivesse pensando em algo picante ou inapropriado. Pelas manhãs, um coque grosso e esticado recolhia seu grosso cabelo azeviche; entretanto, ao meio dia era de esperar que caísse em cascata sobre suas costas. Sua beleza, seu entusiasmo e seu espírito vibrante eram dons invejáveis, mas frequentemente Amille desejava que Rosalie tivesse sido menos dotada. Algum dia, tudo isso lhe ocasionaria problemas.

— *Maman*, posso te fazer outra pergunta?

Amille suspirou.

— Claro.

— Nunca conheci nenhum de meus parentes porque disse que todos vivem na França.

— Sim. Fomos uma respeitável família francesa que atravessou momentos difíceis. Por esse motivo aceitei o trabalho de preceptora aqui.

— Então, devia ter mais estirpe que um pasteleiro, não? Alegro-me de que tenha se casado com papai, mas... É tão bela! Por que não esperou para tentar se casar com um homem influente... Talvez com um senhor rico que...?

— Ai, Rosalie, frequentemente me preocupa tanto... Explique-me, por favor, o que espera do casamento.

— Bom, afeto, certamente. E satisfação com...

— Satisfação. — Amille interrompeu-a — É exatamente o que deveria se esforçar por alcançar. E sabe qual é a verdadeira fonte de satisfação de uma mulher?

Rosalie sorriu com malícia.

— Um marido bonito?

— Não — replicou sua mãe com seriedade, anulando qualquer tentativa de brincar que debilitasse seu sermão — Uma mulher se sente satisfeita quando sabe que seu marido precisa dela. Quando está esgotado e a necessita para que lhe alimente e console. Quando se desanima e necessita que lhe abrace. Quando confia e deposita sua confiança nela. Deixa de

sonhar com um marido influente e bonito, porque nunca precisará tanto de ti como um pobre.

Piscando surpreendida ante a veemência de Amille, Rosalie baixou o olhar até suas mãos.

— Mas os ricos necessitam de alguém tanto como os pobres... — acrescentou.

— Não — a preveniu Amille — Não da mesma maneira. Para um homem rico, uma esposa é uma posse. Seu carinho por ela dura até que lhe dá um herdeiro, logo a confina no campo para que viva sozinha. E depois toma uma amante para satisfazer suas necessidades sexuais e se conforma com a companhia de seus amigos. Isso não é o que eu desejaria para ti, minha filha.

Rosalie mordeu o lábio inferior, seus olhos quase chamejando de rebeldia. Certamente não pretendia levar o tipo de vida que Amille acabava de descrever, mas tampouco queria continuar com mais monotonia do que já suportava e de que ansiava escapar nesse mesmo instante.

— Sabe do que eu gostaria? — disse impulsivamente — Que meu pai tivesse sido um duque, ou no mínimo um barão, para poder fazer todas as coisas que...

Sua voz se apagou em um envergonhado silêncio, mas Amille compreendeu exatamente o que tinha estado a ponto de dizer.

— Todas as coisas que faz Elaine — completou sua mãe em um sussurro.

Rosalie assentiu ligeiramente, envergonhada de suas mesquinhas esperanças.

— Desde que nasceu — acrescentou Amille pontuando bem suas palavras — quis o melhor para ti, mais do que te corresponde por sua posição. Animei-te a fazer o mesmo que fazia Elaine, a aprender o que ela aprendia, a sentir o mesmo respeito que sinto pela educação. Mas omiti uma parte importante de sua educação: não te ensinei a reconhecer qual é o seu lugar, qual é o nosso lugar. Considera-a sua igual, mas não é. Se não chegar a entendê-lo, temo que seja para você ainda mais difícil de suportar do que agora.

— Entendo qual é meu lugar — respondeu Rosalie com naturalidade — Constantemente me recordam que sou a filha da preceptora, de vez em quando a dama de companhia de Elaine Winthrop, e mais frequentemente sua donzela.

Rosalie se reclinou e apoiou a cabeça no peitilho do suave avental de algodão de Amille, triste e magoada de repente.

— Sabe o que é mais difícil de suportar, *maman*? — sussurrou — Que estudei muito mais que Elaine. História, arte, literatura... Sei tocar piano perfeitamente e falar francês, e inclusive canto melhor. Poderia ter tanto êxito como ela em minha apresentação na sociedade, mas dadas as circunstâncias de meu nascimento...

— Jamais volte a repetir isso em voz alta! — interrompeu-a Amille com brutalidade, e com as faces coradas — Se alguém te ouvisse...

— Mas Elaine se casará logo — exclamou Rosalie, enquanto entrelaçava os dedos agitadamente — E qual será o meu futuro? Continuarei sendo sua dama de companhia? E depois a babá de seus filhos?

— Há alternativas piores. Não passa fome, possui roupas, livros e poucos motivos para se entristecer dessa maneira.

Rosalie suspirou.

— Sei — se desculpou — O que acontece é que tenho a suspeita de que acabarei sendo uma solteirona, e essa idéia me deixa louca. Quero viver! Quero dançar e paquerar...

— Rosalie...

— Menear a cabeça até que as forquilhas me caiam do cabelo...

— Chsss...!

— Lançar olhares aos homens bonitos por cima de meu leque.

— *Chérie*, por favor.

— Mas, apesar de minhas fantasias, em meu interior sei que nenhum aristocrata se casaria comigo. Sabe como o chamam quando um homem se casa com alguém abaixo de sua posição social? Chamam de *Garantir os campos*. Não consigo entender como fui relegada a este status sem ter culpa alguma.

— É natural que esteja ressentida. Mas não se pode fazer nada a respeito — tranquilizou-a Amille, aumentando notoriamente o ritmo de seu trabalho.

— Às vezes me sento para ler ou copio versos em meu álbum, e a sala fica tão pequena que quase não posso respirar. *Maman*, deve haver alguma maneira de escapar!

— Rosalie, deve aprender a ter calma.

Amille começava a preocupar-se. As jovens bem criadas não falavam dessa maneira, com os olhos brilhantes e a voz trêmula de paixão. Como

podia ensinar a sua filha a reconciliar-se com o curso que a vida tinha escolhido para ela?

— Parece-me que está muito tempo sem sair de casa. Talvez uma saída ao teatro fizesse bem.

Em uma ocasião tinham feito uma saída semelhante com os Winthrop, e a Rosalie tinha encantado o vulgar programa de Covent Garden, que incluía uma tragédia de Shakespeare e uma farsa de um ato. Amille era consciente da necessidade que tinha sua filha de variedade e tentava proporcionar—lha de maneiras inofensivas, com livros, novos laços para o cabelo e outras ninharias que pudessem mitigar seu descontentamento.

— Essa é uma boa idéia — concordou Rosalie, acalmando-se um pouco.

No entanto, não podia esquecer como naquela ocasião lhes tinham pedido que se sentassem com o resto dos criados e lacaios na galeria, de onde viam as classes altas pavonear-se em seus camarotes. Tinha sido desconcertante sentar-se com o que Elaine, significativamente, denominava *a chusma*, em particular pelo costume das classes baixas de lançar ervilhas secas aos atores que não lhes agradavam.

— Preciso fazer algo novo. Talvez pudéssemos ir passeando até Pall Mall e tropeçarmos com o príncipe em um de seus elegantes passeios. O que acha?

Amille franziu a boca ao detectar um tom irônico em sua filha.

— Segundo Hume, todos temos uma paixão dominante, Rose. Espero que a sua não seja este descontentamento. Há pessoas que nunca conseguem ser felizes. Eu não gostaria de pensar que padece dessa doença.

Rosalie também se perguntava se algum dia chegaria a ser feliz por completo. Embora certamente não fosse a única que se sentia assim. Quantas mulheres havia como ela? Quantas se achavam tão longe do ideal?

A mulher perfeita era complacente, amável e aceitava suas circunstâncias quaisquer que fossem: um belo brinquedo destinado a servir aos desejos do homem a qual pertencia. E não ia ser amada com muita paixão, não da maneira como Rosalie desejava ser amada, algum dia. Um ágape tão nobre, tão divino — dizia um conhecido poema — excepcional e saboreado com moderação, pois o mais seletos dos licores perde todas suas virtudes se consumido em excesso e sem moderação... Em outras palavras, pensou ironicamente, utilize bem a mulher e depois a coloque no lugar a que corresponde.

— Tentarei me conformar — disse.

— E conseguirá — a tranquilizou Amille, dirigindo as agulhas com cuidado para evitar espetar um dedo e manchar de sangue o delicado damasco — Basta tentar. Lembre-se de que deve exercer uma influência positiva em Elaine.

Devagar, a jovem ficou de pé, afundando as forquilhas em sua cabeleira, cujas pesadas mechas ameaçavam desfazer o singelo penteado.

— Agora tenho que ir. Lady Winthrop quer que eu leia para ela. Está na cama porque não se encontra bem.

— Certamente por causa da excitação desta manhã. Decidiu deixar que Martha fique?

— Não. Disse que uma donzela a quem apanharam na companhia de um homem em sua casa, sem dúvida transmitiria uma atmosfera prejudicial para Elaine. E então me lançou um olhar significativo, como se esperasse que a próxima fosse eu.

Amille riu entre dentes.

— Seja amável com ela, minha filha. Não é uma mulher feliz. Leve uma xícara de chá e as bolachas de chocolate de que gosta.

— O Farei, *maman*, mas precisa emagrecer.

—Rosalie!

A jovem recolheu as saias com suas mãos esbeltas e bem cuidadas, e saiu da sala tão rapidamente como pôde, desejosa para evitar outro sermão. Viviam em uma casa de estuque, os Winthrop ocupavam o terceiro piso enquanto Rosalie e Amille viviam em uma habitação no porão, ao lado da cozinha. Era uma posição privilegiada, já que o resto dos criados dormia no sótão, que era frio no inverno e sufocante no verão. Rosalie lançou mão de toda sua energia para subir a interminável escada, o pulso acelerado quando chegou ao último degrau.

A leitura do livro que lady Winthrop tinha pedido, *O caminho para evitar a rebeldia*, ocupou boa parte da tarde. Rosalie lia com voz clara e uniforme, enquanto passeava os olhos sobre a letra grossa e pequena, até que não pôde evitar que se fechassem a cada página que passava.

— Deixa a leitura, menina — disse finalmente lady Winthrop, reclinando a cabeça até que seus pálidos cachos dourados descansaram sobre os travesseiros de plumas. Suas roliças bochechas vibraram enquanto suspirava e se preparava para dormir a sesta — Hoje faz um calor insuportável.

Rosalie também suspirou enquanto deixava o livro de lado, sabendo que os capítulos selecionados para esse dia tinham sido muito provavelmente para seu bem. Em silêncio, olhou pela janela as ruas de Londres. Os vendedores caminhavam de um lado para outro, oferecendo suas mercadorias para atrair a atenção. «*Cereeejas! Cereeejas doces! Notícias! Compre as notiiicias!*» Joveníssimos varredores limpavam a calçada abrindo caminho para homens e mulheres bem vestidos até o passeio, onde lhes estendiam a palma da mão para receber um quarto ou meio penique por seu serviço.

Retorcendo as mãos apoiadas no colo, Rosalie deixou que sua mente vagasse incansavelmente. Havia tantos lugares aos quais estava proibido ir, tantas coisas que não podia fazer. Tão somente a um quilômetro e meio ou dois se encontravam apinhados os famosos cafés onde se encontravam os intelectuais para ler os jornais e desfrutar de animados bate-papos sobre política e filosofia. Mais para o oeste se encontravam o Hyde Park, Picadilly, Mall, Spring Gardens e Haymarket. Ela não dispunha da liberdade de ver esses lugares sozinha, um direito de que desfrutavam inclusive os piores patifes de rua! Mas era perigoso para uma mulher andar sozinha por Londres. A organização e o salário da polícia londrina eram deficientes, e essas condições tinham promovido uma notável corrupção em suas fileiras. Eram os próprios cidadãos, em grupos, quem se encarregavam de cuidar de seu próprio bem-estar. Um severo Código Penal constituía a única força dissuasiva contra os delitos. Daí que Rosalie, Amille e o resto dos criados viajassem de Winthrop House, na cidade, a Robin's Threshold, a residência campestre da família, sem parar nos lugares intermédios.

— Rosie! — sussurrou alguém da porta.

Rosalie levou automaticamente um dedo aos lábios em sinal de silêncio enquanto girava para olhar a visita. Era Elaine, aparentemente recuperada do mau humor com o qual tinha acordado. A Rosalie era difícil guardar rancor porque, inclusive quando tirava o pior de si mesma, Elaine carecia da maldade intrínseca do temperamento de lady Winthrop. Elaine era, basicamente, uma criatura feliz com as necessidades e desejos próprios de uma jovem inglesa de bom berço. Suspirava por um pretendente bonito, vestidos bonitos e a quantidade certa de dinheiro no bolso. Não havia razão para que não conseguisse alcançar suas metas. Elaine era amável, bonita e bastante simples, e receberia um bom dote. Essa manhã estava particularmente atrativa com um vestido azul pastel bordado com flores e

missangas. Nada destoava em seu aspeto, já que Elaine se preocupava em pentear seu sedoso cabelo loiro palha o mais habilmente possível. Também cuidava de sua pele de maneira rigorosa, protegendo-a do sol para que brilhasse como a neve recém-caída. Enquanto esquadrihava o quarto e estudava a cena, seus luminosos e claros olhos cinza reluziram com uma expressão de júbilo.

— Tenho que te contar sobre ontem à noite — sussurrou — Vem comigo, Rosie.

A contra gosto, Rosalie lançou um olhar à cama. Lady Winthrop emitia suaves e compassados roncoss.

— Não posso me arriscar a deixar a sua mãe — objetou, mas Elaine sacudiu a cabeça com impaciência.

— Lhe direi que foi minha culpa se quando acordar não encontrar você. Quero fofocar e mamãe não te necessitará, ao menos durante uma hora ou mais.

Rosalie cedeu e ficou em pé com cuidado. Ficar ou partir não era uma decisão difícil de tomar. A última coisa que desejava era que a baronesa descarregasse sua ira sobre sua desafortunada cabeça, mas se sentia aliviada de escapar daquele ambiente carregado. Entraram nas pontas dos pés no dormitório cor turquesa de Elaine, decorado ao estilo feminino de Robert Adam, com festões, releve gregos e tapetes venezianos, e se sentaram na cama com dossel. Impaciente por escutar as notícias, as fofocas ou as descrições de algo divertido, Rosalie se dispôs a não perder uma palavra.

— Deve ter sido uma festa muito excitante. Dormiste até muito tarde — disse, e Elaine sorriu maliciosamente.

— Perdoa meu mau gênio desta manhã... Estava de um humor de cão quando me levou o chá. Ontem à noite foi à festa mais longa a que assisti na vida. Hoje quase não podia abrir os olhos, depois de tanto dançar. Mamãe inclusive me deixou dançar uma valsa, imagina? E conheci homens maravilhosos. O vestíbulo está cheio de flores e cartões de visita para mim — com ar sonhador, fechou os olhos e se deixou cair no colchão cheio de plumas de ganso — Embora nenhuma dele. Tenho que conseguir que repare em mim.

— Ah, ele! E quem é ele? — perguntou Rosalie com uma animação não isenta de certa prudência. Era tão prazeroso como doloroso escutar as aventuras de Elaine quando ela desejava tanto ter alguma.

— Lorde Randall Berkeley, o futuro conde. Ele e seus amigos assistiram à festa ontem à noite. De vez em quando algum saía para dançar... Oh, teria que ver como dança lorde Berkeley! Tirou para dançar uma valsa a Mary Leavenworth e conseguiu que alguém tão torpe como ela se movesse com graça. O resto do tempo, ele e seus amigos permaneceram em um canto, falando misteriosamente entre eles e olhando às debutantes mais populares.

— Parecem bastante arrogantes.

Rosalie podia imaginar facilmente a cena, em particular o canto cheio de jovens galos de briga, todos pavoneando-se e vangloriando-se dos bons partidos que eram.

— Oh! Mas pareciam tão mundanos e interessantes, como se não houvesse nada que não tivessem visto ou feito.

— Sério? — O interesse de Rosalie cresceu — Pensa que é realmente assim ou só tentam aparentá-lo?

— Pelo que ouvi, Berkeley é um homem de grande experiência e bastante devasso. Mamãe me disse que passar um minuto a sós com ele destruiria a reputação de uma jovem.

— Tome cuidado, para que não seja um caçador de fortunas.

De repente, Elaine se pôs a rir.

— Não ouviste falar dos Berkeley? Possuem uma companhia naval, uma abadia em Somerset, uma casa em Devonshire, um castelo junto ao rio Severn... Meu Deus! São os donos de Berkeley Square!

— Já, mas ouvi que alguns meninos bem londrinos são muito aficionados ao jogo, e gastam milhares de libras em uma noite! Dão a aparência de riqueza quando estão profundamente endividados.

Elaine ignorou o comentário, olhando fixamente o teto com olhos sonhadores.

— É atraente de uma maneira muito peculiar...

— Lorde Berkeley? — perguntou Rosalie, e Elaine assentiu.

— Hummm...! É alto, embora mais moreno do que dita à moda, mas suas maneiras são fascinantes. A maior parte do tempo adota uma expressão de absoluto aborrecimento...

— Certamente. Por conseguinte, todo mundo deve tentar entretê-lo.

—... mas de vez em quando sorri da forma mais encantadora que possa imaginar. Tudo o que precisa é a suave influencia de uma mulher para moderá-lo.

— É um dandi?

— Veste-se bem — concedeu Elaine — mas não acredito que levasse o lenço tão alto como exige a moda. Imagine! Ontem à noite, alguns convidados os levavam até as orelhas!

— Ridículo! — opinou Rosalie, inclinando-se para diante com regozijo — Imagino. Criaturas ridículas que balbuciam e jogam com as palavras até que mal se entende o que dizem. É ele assim?

— Não, não, absolutamente. Ao menos, não acredito. Não cheguei a falar com ele, mas conseguirei que repare em mim. É um excelente partido.

— E você também. — Rosalie deu uns tapinhas na pálida e delicada mão de Elaine. De repente, não desejava escutar nada mais sobre pessoas que nunca conheceria ou bailes aos quais nunca poderia assistir.

— E há alguém mais a quem não mencionei ainda, o mais divino visconde de...

— Eu gostaria que me contasse mais coisas... — interrompeu Rosalie esboçando um sorriso. — Não acha que agora deveria praticar sua lição de francês?

— Mercy, não.

— *Merci*, não — a corrigiu Rosalie, e Elaine protestou.

— Tenho uma terrível dor nas têmporas.

— O que precisa é dar um passeio rápido e enérgico, ao ar fresco. A acompanharei.

— Preciso descansar. Traga-me água de flores de laranjeira e um lenço, por favor. E diga ao cozinheiro que quero o almoço dentro de uma hora. Oh! Dá minhas sapatilhas a Amille. Descosturaram-se os laços.

Enquanto falava, Elaine adotou um tom de condescendência que a Rosalie recordou momentaneamente lady Winthrop.

— Claro — murmurou em uma voz tão dócil que sua resposta foi uma paródia de submissão. O sarcasmo passou inadvertido para Elaine. Rosalie recolheu as finas sandálias e fechou a porta atrás dela.

Com cautela, olhou a ambos os lados do corredor para assegurar-se de que não houvesse ninguém perto, antes de se descalçar e provar as brancas e delicadas sapatilhas de baile. Devagar, passeou com a bainha da saia recolhida enquanto se maravilhava do tato das sapatilhas de seda sem salto, feitas especialmente para dançar.

— Não, obrigado — parodiou com um leve desinteresse em sua voz — Dancei tanto esta noite que não poderia submeter meus pés a uma valsa

mais. Além disso, é tarde, sabem. A monotonia destas reuniões resulta bastante atroz, não lhes parece?

Em sua imaginação, o homem com quem falava não lhe respondia, limitava—se a olhá-la com um sorriso brincalhão e o olhar cheio de... como era a palavra em francês? *Savoir-faire*, sim, que traduzido literalmente queria dizer «*saber fazer*». A questão era, perguntou-se com curiosidade, saber fazer o quê?

— Ao diabo com todos eles! — amaldiçoou o ancião conde de Berkeley com desgosto — Teremos outra guerra com os franceses se persistirem nesta política comercial. Os negócios dos Berkeley do outro lado do Canal são um absoluto desastre.

Seu delgado rosto estava pálido e marcado por profundas rugas, as nodosas mãos tamborilavam impacientes na escrivaninha. Em dissonância com o resto dos móveis da casa senhorial, a escrivaninha era um móvel velho e antiquado, que descansava ao estilo chinês em quatro pernas em forma de garra sobre uma esfera. O régio mobiliário e o torpe estilo com que estava decorada a biblioteca se adaptava ao conde, que possuía uma presença imponente e intimidatória.

— Não imaginava menos. Do contrário não me teriam feito vir.

— Suas aventuras amorosas em Londres podem esperar até que retorne da França — replicou o conde olhando a seu neto mais velho com uma exasperação que beirava o limite. Por um motivo ou outro, uma conversa com Randall, conforme gostava de dizer o conde, costumava lhe arruinar a digestão.

Muita gente opinava que eram iguais. O rosto de Randall era mais sombrio, uma versão mais suave do molde dos Berkeley e parecia possuir uma insensibilidade inata, apropriada para um membro dessa singular família. Sem dúvida era um Berkeley legítimo, quer dizer «*um homem sem facetas mesquinhas, mas de princípios muito libertinos*», uma descrição aplicada frequentemente aos homens da família. Em qualquer caso havia muito que criticar de sua educação, incluindo o fato de que a Randall ninguém tinha ensinado o valor da perseverança. Tinha fama de insensato e cruel, e o duque tinha suspeitas razoáveis de que Randall a tinha ganho no pulso.

— Eu me ocuparei de tudo — disse Randall rapidamente, ignorando o cenho franzido do conde.

— Ainda não te expliquei qual é nosso maior problema.

— Ah, não?

— Publicou-o hoje o *Times*. A naval Berkeley transportou recentemente um carregamento de algodão de Nova Orleans a França. Um tal senhor Graham, no porto de Havre, descobriu que esses malditos comerciantes americanos tinham escondido pedras entre as balas de algodão.

Randall estremeceu ante aquela revelação. Práticas tais como ocultar artigos pesados no algodão tinham como finalidade subir o peso, e portanto, os preços, danificando a credibilidade da companhia que transportava o carregamento. Semelhante descoberta poderia trazer grandes prejuízos a um negócio muito rentável.

— É muito grave? — perguntou, e a resposta do conde não se fez esperar.

— Mais de mil e seiscentos quilogramas de pedras escondidas em apenas cinquenta balas!

De repente, os olhos de Randall se iluminaram de regozijo apesar de seus esforços por parecer sério. Os americanos que tinha conhecido até esse momento lhe caíam bem em geral, sobre tudo porque esse tipo de comportamento era típico deles.

— Descarados trapaceiros — comentou enquanto seu avô o fulminava com o olhar — Não se preocupe, me ocuparei de tudo imediatamente.

— E não só persuadirá o porto para que deixe entrar os próximos carregamentos, mas também procurará a maneira de te assegurar de que as balas não voltem a ser fraudulentas.

— O farei, embora tenha que recolher o algodão eu mesmo — repôs Randall.

— Uma ocupação mais apta para ti que cuidar do negócio familiar — comentou o conde.

— Agradeço-lhe sua confiança.

— Mais perguntas?

O rosto de Randall voltou a assumir um ar implacável.

— Não.

— Não sente curiosidade por saber por que incumbi isto a ti e não ao Colin?

Randall permaneceu calado, embora algo passou sutilmente em sua expressão ao ouvir mencionar a seu irmão mais novo.

— Vejo que sim — prosseguiu o conde, e seus lábios se torceram um pouco fazendo algo parecido a um sorriso — Diabo! Assombra-me que sua

mãe, um exemplo frívolo da estupidez francesa, conseguisse marcar com perfeição seus dois filhos antes de morrer. Vejo-a em ambos... mas sobre tudo em ti. Parece um Berkeley, moço, mas leva o selo dos Angoux. A mesma aversão a carregar sobre os ombros o peso de qualquer responsabilidade. — Fez uma pausa e sua expressão se acentuou — Me dói que seja o primogênito. Colin é um presumido, mas lhe confiaria meu último penique. Entende de dinheiro. Dê-lhe um penique, e quando acabar o dia terá uma libra.

— Provavelmente utilizando os meios mais desonestos.

— Essa não é a questão — repôs o conde com sarcasmo — Segundo a tradição, herdará tudo salvo o que corresponde a Colin. Devo saber se é capaz de dirigi-lo. Se não for assim, utilizarei todos os meios a meu alcance para dividir o patrimônio entre ambos, por mais que preferia entregá-lo intacto. Mas sou incapaz de imagina-lo tomando decisões de peso com o devido cuidado, e também não consigo imaginar o resto da família te vendo como o adequado pastor do rebanho, não com essa tua frívola atitude. Devo confessar que não acredito que mereça nem remotamente todos os bens dos Berkeley.

Como sempre, Randall irritava o velho tratando um assunto de gravidade como se não tivesse muita importância. Mantinha uma atitude despreocupada, como se não lhe importasse se os Berkeley dobravam sua fortuna ou esta acabava indo direito ao inferno.

— Estou certo de não sê-lo, senhor — devolveu o jovem com ironia — Entretanto, mesmo que o mereça não guarda relação com se for ou não capaz de dirigi-lo. Mantereí intacta a fortuna dos Berkeley quando chegar o momento em que se transfira a meu cuidado, coisa que não prevejo que ocorra até dentro de muitos anos. Sua saúde, como sempre, é...

— Será que não vê que tenho problemas de saúde? O que mais desejo é assegurar minhas terras e minhas numerosas propriedades. E minha hora se aproxima mais depressa pelas dúvidas que tenho sobre ti. — O conde entreabriu os olhos enquanto observava Randall com algo muito parecido à antipatia — Que espécie de pássaro é? — perguntou devagar — Parece que nada te preocupa. Quais são seus desejos, suas debilidades? As mulheres? O jogo? Sabe Deus que não é a bebida...

— Graças aos ternos cuidados de meu pai, sou bastante cauteloso a esse respeito.

A moderação de Randall com a bebida era bem conhecida, já que sendo um moço seu pai lhe tinha obrigado frequentemente a beber vinho tinto como medida preventiva para a gota. Se não fosse pela intervenção de sua avó, Randall poderia haver-se convertido em um alcoólatra.

— A única coisa que sei é que fiz tudo o que pude por ti, moço, e até agora me falhaste. Quando vai casar? Quando terá um herdeiro?

— Um herdeiro? — repetiu Randall com uma nota de cansaço na voz — Suponho que verão um quando encontrar uma mulher com a qual deseje misturar meu sangue.

— Diabo, moço! Como se não houvesse centenas de candidatas que lhe aceitariam! Alguma vez se sentiu atraído por uma mulher decente, uma mulher para casar-se? — insistiu o conde.

— Não recordo.

— Vá! Acaso perdi uma discussão sobre as aventuras sentimentais de Randall? — A peculiar forma de falar de Colin, arrastando as palavras, alterou o ambiente — Semelhante tema poderia animar uma tarde terrivelmente aborrecida.

Entrou andando muito devagar na sala, como sempre, consciente a cada passo de sua aparência. O fino tecido de suas sapatilhas não produzia som algum no chão. Vestia uma elegante casaca púrpura, dividida na parte detrás em duas abas vincadas que se apertavam com sofisticados botões. Um brilhante colete branco e uns calções amarelos canário completavam seu traje. Colin levou a mão ao rosto, desviando a atenção do estado, cuidadosamente despenteado, de seus loiros cachos.

A diferença de idade entre eles era de dois anos apenas, porém era muito difícil ver a semelhança física entre Colin e Randall. Quase todo mundo concordava que Colin tinha herdado o aspecto familiar, dado que possuía o corpo e o rosto delicadamente formados. Tinha a pele pálida e brilhante, e os olhos de um verde surpreendentemente puro. Sua graciosa e felina maneira de caminhar realçava seus magros e bem torneados membros. Os dandis da sociedade comentavam frequentemente com inveja os dons com que a natureza tinha dilapidado Colin Berkeley, já que cada traço, cada trejeito, cada entoação de suas palavras eram simplesmente perfeitos. Randall, pelo contrário, tinha sido forjado em um molde diferente e mais tosco. Seus olhos tinham um tom mais escuro de castanho, o verde frequentemente embaciado por uma tênue sombra castanha. Era muito mais sombrio que Colin, a pele muito escura para o ditado da moda, e o cabelo

de um âmbar opaco em vez de loiro brilhante. Randall era muito mais alto, com um corpo magro, mas de constituição musculosa e proporções harmoniosas. Um corpo bem dotado para o trabalho físico, e como tal, inapropriado para um aristocrata, de quem se esperava que se mantivesse o mais afastado possível do trabalho. O esforço físico era uma carga que suportavam as classes baixas, não a nobreza.

Os irmãos se examinaram mutuamente, e então Colin sorriu com malícia.

— No que consiste a queixa mais recente?

— Seu irmão deveria estar casado — respondeu o conde, olhando Colin com desgosto — E você deveria ter nascido mulher. É muito felino e delicado para ser meu neto. Você e seus amigos usurpam as maneiras, os trajes, os valores das mulheres. Em ti há algo feminino, e certamente me desagrada.

Sem alterar-se, Colin elevou ligeiramente o nariz.

— Avô, ser delicado é um privilégio da aristocracia. E se querem falar do aspecto, dirijam sua atenção a Randall. O cabelo curto de um valentão, a linguagem de um moleiro. Sem mencionar a pele, escura como de cigano.

A ampla boca de Randall se franziu ligeiramente.

— Eu ao menos não levo espartilhos de dandis — replicou, e Colin lhe olhou friamente, colocando suas compridas e brancas mãos sobre a cintura ajustada.

Não existia carinho entre os irmãos, talvez porque como eram quase da mesma idade brigavam muito quando meninos. Mesmo assim, Randall sentia às vezes em seu coração um estranho afeto por Colin, que era tão inofensivo como efeminado. Deixava que os dardos de Colin ricochetassem nele, já que não lhe faziam nenhum dano.

— Porque abandonaste tuas ocupações em Londres? — quis saber Colin.

— Vou à França para solucionar uns assuntos de negócios.

— Seriamente? — Colin o olhou através de seu monóculo com os dedos delicadamente arqueados, ao princípio com cenho e logo emitindo uma risada — Caramba! Que acontecimento! Desejo-te sorte. — Atravessou o salão até onde se achava a garrafa de conhaque e se serviu uma taça — De que assunto vai cuidar, exatamente? — O conde entregou a carta e Colin a leu por alto enquanto falava com Randall — Me chegaram notícias de que assistiu ao baile na semana passada. Nenhum tenro bocado atraiu sua atenção?

— Vestidos brancos, cachos loiros, moças ansiosas com as mãos úmidas, viúvas carrancudas, mães com risadas tolas. Não, nada atraiu minha atenção.

— O certo — repôs Colin dirigindo-se ao conde — é que ninguém pode lhe culpar por isso.

— Se engana — replicou Randall com aspereza, e abandonou a cena, detendo-se na porta — Tenho que me ocupar de alguns assuntos em Londres antes de partir.

— Porque não começa a estabelecer contatos na corte enquanto estiver lá? — resmungou o conde.

— Deixarei que seja Colin quem se encarregue de cortejar o príncipe. Tem mais talento do que eu para seguir a correnteza de sandices reais.

— Por todos os diabos! — balbuciou Colin, salpicando a carta de conhaque — Pedras no algodão?

— *Au revoir* — disse Randall suavemente, sorrindo ante a confusão de seu irmão antes de desaparecer da vista.

— Seu irmão tem mercúrio nas veias — comentou o conde — Nem sangue, nem sentido de família, nem sentido ético.

— Tem sentido ético — corrigiu Colin, baixando seu monóculo e afastando sua atenção da porta vazia. Seu sorriso mudou levemente, como se uma lembrança doce se tornasse amarga — Seu comportamento concorda com seus próprios valores, embora de onde provêm estes, não tenho nem idéia.

— Nem eu posso te ajudar. Comporta-se exatamente igual aos juvenzinhos com os quais anda. Uma turma de farristas mimados.

— Mas que atuam de acordo com suas próprias e particulares regras morais — os defendeu Colin — Regras com as quais não estou de acordo, é obvio. O único objetivo é caírem na farra, como disse, enquanto que o meu é alcançar a perfeição nas artes sutis da vida, em todas as coisas, das boas maneiras até atar o lenço.

— Em resumo, se preocupa pelo insignificante e desdenha do que tem sentido, enquanto que Randall e seus amigos se propõem desprezar tudo em geral. — O conde pigarreou com desagrado antes de acrescentar — Desfruta enquanto pode. Quando eu morrer, não poderá se permitir tantas frivolidades com a renda que te atribua Randall.

Colin arqueou as sobrancelhas, olhando a seu avô com altivez.

— Não tenho a menor duvida de que Randall será generoso.

— Terá que confiar em que assim seja — replicou o conde acidamente, e limpou as flácidas comissuras da boca com um lenço.

— É uma situação irônica — refletiu Colin — tendo em conta que a Randall não importa absolutamente o dinheiro...

— E que você o adora.

— E o senhor espera que à sua morte, os herdeiros de seu defunto filho protagonizem um bom espetáculo escavando em seus restos enquanto você nos olha de cima... — fez uma sutil pausa — ou de baixo. Pobres de nós.

Fingindo um bocejo, abandonou a sala enquanto procurava a caixa de rapé em uma manga.

Tão logo retornou a Londres, Randall jantou com seus amigos do clube, enquanto repassava os detalhes de sua viagem à França. Relaxou em sua companhia mais que nunca, sentindo-se livre de restrições e preocupações, mostrando-se quase infantil enquanto participava do júbilo geral do clube. Todos os membros da aristocracia do White's, originalmente Café White's, eram devotos das ocorrências engenhosas e do jogo. Em certa ocasião, o conde de Chesterfield tinha escrito a seu filho que um membro de um clube de jogo devia ser trapaceiro ou logo se converteria em mendigo. Ali, no White's, se demonstrava frequentemente quão profética era essa afirmação.

Randall desfrutava tentando a sorte nas mesas, embora contasse com uma vantagem: seu caráter o impedia de converter semelhante atividade em um hábito enraizado. Não era a perda de dinheiro que o tornava cauteloso, mas sim a perspectiva de perder o controle, daí que jogasse farol* e os jogos de dados com a atitude de um homem que ria de si mesmo. O que se abstinha de mencionar ao resto dos Berkeley era que Colin não tinha o mesmo domínio de si mesmo e que sua afeição ao jogo poderia converter-se algum dia em algo perigoso. Apesar de que Colin sempre tinha desfrutado de uma sorte admirável, esta poderia desvanecer-se em qualquer dia ao agarrar uma má cartada. As enormes perdas causavam muitos trágicos finais entre aqueles que frequentavam os clubes mais populares. Famílias arruinadas, vidas destruídas e acabadas, tudo isso no meio de uma atmosfera de embriaguez, júbilo e diversão. O White's — tinha brincado Randall em certa ocasião — será a perdição da nobreza inglesa — e esse comentário ainda circulava com deleite entre os membros do clube.

Essa noite em particular se produziu uma ligeira comoção dentro do clube, causada pelo colapso de um homem diante da porta. O homem foi

conduzido para dentro e deitado em um sofá de mogno, enquanto choviam as apostas.

— Cinquenta reais como morre.

— Cem a que vive.

— Cem a que só está bêbado.

— Que ninguém chame o médico! Isso afetaria as apostas!

Randall sacudiu a cabeça com desgosto e sugeriu ironicamente que se divertiriam mais em um botequim de duvidosa reputação. Já um tanto ébrios, um numeroso grupo se ofereceu a lhe acompanhar ao Rummer, frequentado em seu dia pelo então recém autoexilado Beau Brummell, e partiram para as ruas de Londres.

— Por certo, ouviu que a sorte de seu irmão está mudando? — observou com tranquilidade George Selwyn II, enquanto caminhavam a passo normal.

Randall lhe lançou um olhar de curiosidade.

— Não, não ouvi — respondeu com uma brutalidade que contrastava com o repentino estreitamento de seus olhos.

— Deve-me quase cem libras. É óbvio não menciono isto como motivo de preocupação, já que é óbvio que os Berkeley podem pagar suas dívidas. Digo-o por...

— Por falar de algo? — aventurou Randall suavemente.

Continuou andando para o botequim a bom passo e com o cenho ligeiramente franzido. A afeição ao jogo de Colin era um hábito adquirido. Ganhar constantemente o tornava aceitável. Perder constantemente era algo muito diferente.

Rosalie se acomodou em seu assento com ansiosa expectativa, segurando a bolsa arredondada de meia bordada enquanto passeava o olhar pelo teatro de Covent Garden.

— Não posso acreditar que estejamos aqui, *maman*. É tão boa comigo — disse olhando para o alto para não perder o impressionante aspeto dos aristocratas em seus balcões privados. A maioria das mulheres levava diamantes presos no cabelo, ao redor do pescoço, nos pulsos e nos dedos. Seus vestidos eram, em sua maior parte, diáfanos, em tons pastel ou brancos, com decotes tão pronunciados que Rosalie se perguntava como podiam usá-los sem ruborizar-se — Como conseguiu que lady Winthrop nos desse permissão? — perguntou, e Amille sorriu placidamente.

— É exigente, mas não é um ogro.

Rosalie guardou sua opinião, pensando que essa noite não diria nada depreciativo da baronesa. Escapar a outro tempo e outro lugar, formar parte da vida de outras pessoas durante algumas horas, compensava todas as frustrações que lady Winthrop era tão aficionada a esbanjar.

No momento em que o ator Charles Kemble pisou no cenário, o público ficou em silêncio e o observou sem perder nenhum detalhe. Embora a sua fama de homem vaidoso por haver-se negado a representar *César* — para não mostrar seus ossudos joelhos que a toga romana teria deixado descoberto — era também um homem de talento incrível cujas interpretações dramáticas arrepiavam. Otelo era um de seus melhores papéis, quase tão bom como o legendário Hamlet de Garrick. Com o rosto maquiado de escuro, o cabelo negro como o ébano, inclusive sua postura transmitia o desconcerto e o ódio assassino do personagem. Interpretou Otelo tal como Rosalie o tinha imaginado quando leu a obra. Apertou com força o braço de Amille quando Otelo começou a suspeitar que a bela Desdémona o tinha traído com outro homem. Todo o público foi testemunha de seu horrorizado semblante, antecipando já o destino da doce e inocente Desdémona.

— Apaguemos a luz e depois apaguemos sua luz.

Otelo fez um ruído áspero, antecipando sua intenção de asfixiá-la, e sua esposa suplicou misericórdia.

— Oh! Como pôde! — sussurrou Rosalie com frustração, pensando que o vilão não tinha tido nenhuma prova de sua traição. Otelo agarrou um travesseiro.

— A ama muito. Isso lhe impede de ver a verdade — lhe sussurrou Amille, seus olhos castanhos cravados também no cenário.

Desesperadamente, Desdémona lutou sob o peso de Otelo, agitando os braços em vão.

De repente, um movimento imprevisto lançou pelos ares a vela que havia sobre a mesinha, que rodou pelo chão e se deteve debaixo de um dos pesados panos de fundo de veludo que rodeavam o cenário. Mas a ação não cessou inclusive quando a prega do pesado tecido começou a lançar fumaça de forma alarmante. Murmúrios de pânico percorreram o público.

— *Maman...*

— Espera. O apagão — Amille assegurou a Rosalie enquanto os cenaristas corriam para o fogo levando um par de baldes de água.

Kemble assassinou Desdémona e começou um longo monólogo, obviamente tentando afastar a atenção do público do crescente fogo. Entretanto, logo se viu que os baldes de água não serviam para nada e a defunta Desdémona de repente deu um grito e fugiu apavorada do cenário.

Um tumulto explodiu no teatro, e homens e mulheres saltavam por cima dos assentos, abrindo caminho a cotoveladas para escapar do edifício. Rosalie agarrou a mão de sua mãe que a arrastou para o corredor.

— Não me solte! — gritou Amille, mas sua voz mal se ouviu em meio de tanta confusão.

O corredor era uma maré de gente em pânico, e Rosalie recebeu golpes e cotoveladas enquanto todos lutavam por alcançar a saída. Enrugou o nariz, cheirando a fumaça. Rosalie começou a preocupar-se de verdade: o perigo não era morrer queimadas, a não ser asfixiadas.

— *Maman!* — gritou ao sentir que suas mãos escorregavam separando-se, os dedos procurando-a em vão.

Várias pessoas se interpuseram entre elas. Arrastada pela maré humana, sacudida até que seu cabelo se soltou, a única coisa que Rosalie podia fazer era lutar por manter-se em pé, enquanto contemplava com olhos cheios de horror como os que caíam ao chão eram esmagados por centenas de frenéticos pés.

Vagamente viu a porta e por um milagre saiu por ela com a respiração cortada, mas ilesa. Como uma garrafa de champanha recém-desarrolhada, o fluxo humano saiu pela estreita abertura com uma fúria incontrollável. Fora, entretanto, o perigo não cessava, já que ladrões de carteiras e vagabundos estavam aproveitando o tumulto e a confusão. Rosalie lançou golpes ao ar quando sentiu um breve puxão em sua cintura, mas era muito tarde. Tinham-lhe cortado rapidamente à bolsa de meia que tinha pendurada na cintura.

— Amille Belleau! — gritou com voz rouca às torrentes de pessoas que fugiam à direita e esquerda. Não havia sinal de sua mãe. Sem dar-se conta, levou uma mão à boca e tentou concentrar-se em seu próximo passo. Era impossível voltar a entrar no teatro.

Justo então sentiu um braço grosso e musculoso que lhe rodeava a cintura, e gritou ao notar que a levantavam do chão.

— Me solte! — gritou, afundando as unhas no braço de seu captor.

Enquanto ele amaldiçoava e a soltava, ela percebeu desagradada o aroma de seu fôlego. Era a primeira vez que um homem a tocava. Pôs-se a correr

para a Rua South Hampton e virou para esquerda, escondendo-se em becos tão fétidos como escuros. Quando deixou de ouvir passos atrás dela, apoiou-se contra uma parede úmida e tentou sossegar. Tudo tinha tomado à aparência de um pesadelo desordenado. Ao longe se ouviam os gritos de outros que não tinham sido tão afortunados em escapar dos vagabundos e assaltantes. Os olhos lhe encheram de lágrimas pensando em Amille, e rezou para que se encontrasse bem. Nunca antes tinham estado separadas. De fato, Rosalie nunca se encontrou em uma situação em que alguém não conhecesse seu paradeiro.

De repente, na esquina viu aparecer uma mão e deu um grito de terror: seu perseguidor se achava tão somente a uns passos de distância. O medo lhe deu asas e pôs-se a correr. Com desespero, compreendeu que as probabilidades de escapar não estavam ao seu favor. Era dificultada pelas compridas saias e sapatilhas leves que mal protegiam seus pés do chão. Além disso, não conhecia aquelas ruas londrinas, de tijolos cor mostarda, que ficavam mais sujas e mais gastas à medida que corria. — *Devo estar indo para o East End* — pensou com pânico, sabendo que se aproximava do bairro criminal mais sinistro do mundo. No ar flutuava um aroma fétido, a esquinas e sarjetas cheias de imundices, à espera da chuva há muito tempo atrasada que as levaria para sempre. Se encontrasse a maneira de despistar o seu perseguidor e retornar a Westminster! Doíam-lhe as costas devido o esforço. Apertou as costelas enquanto entrava em outro beco cheio de fuligem e, tremendo, descobriu que sua sorte se acabou: não tinha saída e quando quis dar meia volta, o homem já se encontrava na entrada. Tinha braços musculosos como de estivador, e sua idade superava os trinta.

— Me deixe em paz. Posso lhe dar dinheiro — murmurou Rosalie sem deixar de tremer.

Ele avançou para ela sem responder, com o rosto inexpressivo, carente de inteligência ou misericórdia. Rosalie sentiu medo do que parecia inevitável. Fez uma última e desesperada tentativa para escapar, mas ele a reteve facilmente, embora lhe tivesse puxado o cabelo. Era como um animal, sujo, bruto, carente de qualquer tipo de sensibilidade. Para sobreviver em um mundo como esse, era necessário que os fracos se embrutecessem. Rosalie gritou e se debateu contra as mãos que a agarravam pelo vestido.

Entre uma neblina de pesadelo, ouviu o alvoroço de vozes ébrias na entrada do beco e viu um grupo de jovens bem—arrumados, suas roupas uma mescla de branco, azul, amarelo e negro, passeando sem pressas pela

Rua Fleet. Sem dúvida celebravam algo, já que as risadas se mesclavam com estribilhos de canções. Certamente acabavam de sair de algum clube ou botequim. Rosalie continuou gritando, sabendo que eles eram sua última possibilidade de evitar a violação de seu corpo e de sua vida. Mas quando os jovens repararam no pequeno alvoroço que havia naquele escuro beco, os grunhidos do homem, os gemidos da mulher e o frufu de saias, rebentaram em sonoras gargalhadas e assobios, sem deter seu depravado passeio. Então Rosalie conseguiu arranhar os olhos de seu captor com uma violência da qual não se acreditou capaz. Embora não o ferisse, seu agressor lhe deu uma bofetada que a lançou fora do beco. Era sem dúvida uma noite de primeiras experiências, dado que nunca antes a tinham golpeado. Rosalie cambaleou e caiu entre os últimos jovens daquele grupo, perdendo a consciência ao chocar-se contra o chão, onde sua bochecha foi parar sobre a ponta de uma suave bota de pele.

— O que fez para que a sorte lance semelhante pérola no seu caminho?
— perguntou um dos farristas ao proprietário da custosa bota, enquanto todos rodeavam a figura caída no chão.

— Um pequeno e bonito presente — comentou Randall, ajoelhando-se para levantar de seu pé aquele delicado rosto.

Ela tinha perdido a consciência. Seu cabelo se disseminou em compridas e sedosas mechas castanhas, suavemente frisadas, sobre o sujo pavimento. Ele sustentou a cabeça com sua mão enquanto examinava as feições da moça. Embora manchada de fuligem, tinha um rosto perfeitamente simétrico, de maçãs do rosto altas embora não proeminentes e lábios finamente delineados. Usava um singelo vestido como os das criadas; entretanto, o moderado volume dos seios e a delicada forma do quadril saltavam à vista. Sua figura lhe resultou bastante agradável. Através da sujeira, podia ver-se que tinha uma pele perfeita, tão suave como a de um neném, e sentiu uma pontada de compaixão quando viu rastros de lágrimas em suas bochechas.

— Obviamente, afligida por uma maneira tão delicada de lhe fazer a corte — disse com tom indiferente, mas ligeiramente ácido. A seu redor começou o previsível coro de apostas.

— Vinte como a deixa.

— Vinte e cinco a que esta noite esquentará os lençóis de seda dos Berkeley.

— Cinquenta a que não será capaz de vencer a seu par.

Protestos e aclamações emanaram dos libertinos quando Randall sorriu e a jogou ao ombro. A sorte a tinha atirado literalmente a seus pés, e não via nenhuma razão pela qual devesse recusá-la. Entretanto, havia outro assunto que considerar.

— Atreve-te a me desafiar pela moça? — perguntou tranquilamente ao caipira que aparecia pela entrada do beco.

Respondeu-lhe um olhar amargo e um forte acento.

— É minha. Persegui-a por meia Londres.

— Por seus esforços, então — disse Randall, e lhe lançou um guinéu. O estivador apanhou a brilhante moeda em um punho, mas não se moveu — Agora, ela é minha.

Randall entreabriu os olhos, fixou no homem, e depois de uma vacilação, este desapareceu.

— Poderia ter uma boa prostituta pela metade desse preço — comentou George Selwyn, contemplando as esbeltas costas do corpo que descansava tão comodamente sobre o ombro de Randall.

— E não incluíste o custo de limpar a fuligem dos lençóis — acrescentou Randall enquanto caminhava, provocando uma explosão de risadas.

— Berkeley — disse Selwyn, acelerando o passo para alcançá-lo — tem pouca necessidade de uma mulher se pensa partir ao amanhecer. A França te espera.

— Não se preocupe, encontrarei a maneira de encontrar espaço em minha agenda.

— Envia-a a minha casa amanhã pela manhã e te darei meu novo casal de cavalos quando retornar.

Randall lhe lançou um olhar cético.

— Se tanto significa para ti, então inclui também o cancelamento da dívida que tem meu irmão contigo. - George Selwyn suspirou e assentiu a contra gosto.

— Só espero que valha a pena.

— Eu também — devolveu Randall, lançando um olhar de entendimento a seu amigo.

Transportar um corpo inerte, por menor que fosse, era um aborrecimento, mais ainda ao longo de todo o caminho de volta a sua residência em Berkeley Square. Assim, Randall a depositou ao longo do pequeno assento de seu carro puxado por um cavalo, um veículo leve e apropriado para conduzir rápido pelas pavimentadas ruas de Londres.

A garota não se moveu durante o trajeto, e nem quando ele a levou em braços até seu dormitório. O primeiro impulso de Randall tinha sido deixar que seu criado de quarto limpasse sua nova aquisição enquanto ele se preparava para ir à cama. Esse criado em particular era um valioso servidor, acostumado a manter a boca fechada em qualquer circunstância. Mas, pensando melhor, Randall decidiu ocupar-se da tarefa ele mesmo. Era uma moça tão pequena, tão vulnerável, que se sentiu estranhamente resistente a desprezá-la.

Depois de depositá-la delicadamente sobre a delicada colcha de linho *Colerain*, tirou-lhe com cuidado o vestido e as meias. Sua roupa interior, embora gasta pelo uso, notava-se escrupulosamente limpa. Umedeceu um pano em uma bacia de porcelana branca e lhe limpou a fuligem do rosto, deixando descoberta uma tenra pele que reluzia como o cetim. Seus traços eram uma delícia, inclusive privados como estavam de animação. Seu corpo, uma vez desprovido de tudo salvo uma regata de suave cambraia, era pouco menos que magnífico. Magro, sim, mas deliciosamente feminino. Como tinha chegado à situação que ele tinha presenciado essa noite? Perguntou-se enquanto limpava cuidadosamente a imundície dos braços e do pescoço. Não parecia uma prostituta, mas também não uma jovem da burguesia. Por outro lado, seus membros eram magros e fortes, sem a delicada redondez que caracterizava as damas da nobreza. Realizava alguma espécie de trabalho, embora não muito rigoroso, a julgar pela beleza de suas mãos. Com ar ausente, enroscou um cacho de seu cabelo ao redor de seus dedos, e a textura sedosa e mogno refulgiu à luz do abajur, como se tivesse vida própria.

— Meu doce anjo — murmurou — é uma pena que esteja inconsciente.

Rosalie se moveu lentamente, despertando pouco a pouco. Sentiu uma dor rebentar em todo o corpo e uma aguda pontada nas têmporas. Uma suave exalação saiu de sua boca enquanto se esforçava por abrir os olhos. Achava-se deitada em uma espécie de colchão, em uma habitação suavemente iluminada pela luz amarelada de um abajur. Dolorosamente, tentou recordar o que se tinha passado e visualizou a cena do beco, o eco de seus próprios gritos perseguindo-a. O que tinha acontecido?

Lançando um leve gemido, tocou o rosto com os dedos; as pontadas de dor lhe ricocheteavam dentro do crânio. Deviam havê-la levado de volta

para casa, pensou, precavendo-se de que se achava em um dormitório e que havia alguém a seu lado.

— *Maman* — sussurrou, e se incorporou ligeiramente. Para sua surpresa, tratava-se de um homem, e estava sentado na beirada da cama.

— Então são azuis — disse ele, olhando-a nos olhos, enquanto a contemplava com assombro.

Nunca tinha visto ninguém assim. Seu aspecto tinha um peculiar halo de vitalidade, de escuridão e luminosidade. Tremeluzindo além das graves linhas de sua boca, adivinhava-se a possibilidade de ternura, embora não pudesse assegurá-lo. Seus traços não eram convencionalmente belos, ao estar agressivamente cinzelados e carecerem de delicadeza, e a pele era um pouco escura. Rosalie teve a impressão de estar contemplando uma superfície polida que escondia muito, o que lhe causou inquietação. O mais saliente eram seus olhos, debruados de escuro e luminosamente dourados, e nos quais o dourado se mesclava caprichosamente com o verde. Eram olhos que impunham, pensou, e de repente o esforço de manter-se acordada tornou-se excessivo. — *Estou sonhando*, pensou ao mesmo tempo em que a suavidade dos lençóis engolia seu corpo. Sua fantasia tinha tomado vida e cor no território dos sonhos, e se alegrava de que já estivesse terminando.

Capítulo 2

*Se fosses, como te imagino, um doce sonho,
O único que te pediria é que te fizesses realidade.*

Tennyson

Depois de pegar uma jarra de água e verter a água recém-fervida em uma bacia, Randall começou suas abluções matinais. Ficou consciente de que sua convidada tinha despertado, pois sentia seu olhar em suas costas. Virou-se. Contemplava-o de uma maneira muito diferente à tranquila curiosidade da noite anterior, seus olhos de um azul mais brilhante à luz do dia do que nenhum outro que já tivesse visto. Sua respiração era acelerada e intranquila, os dedos tensos agarravam-se a roupa de cama.

— Bom dia — disse Randall, mas ela continuou muda. O silêncio de uma mulher era uma novidade para um homem com sua experiência. Molhou a toalha na água, escorreu-a com um gesto hábil e a aplicou à barba que crescera durante a noite, sem deixar de observá-la com curiosidade.

Centenas de pensamentos invadiram a mente de Rosalie, que começou a descartá-los enquanto procurava freneticamente uma explicação de como ou porque se encontrava ali com um desconhecido. No dia anterior a tinham atacado perto do mercado de Covent Garden e tinha fugido para leste, certamente para as imediações de Fleet Ditch. Tinha pedido ajuda a uns jovens bem vestidos e, até onde recordava, não a tinham dado. Era este homem um deles? No final tinha ido em sua ajuda? Olhou-o intensamente, ignorando o fato de que semelhante olhar estava acostumado a considerar-se muito descortês. Não tinha o aspecto de samaritano. Era jovem, certamente próximo aos trinta, e não parecia particularmente amável. O teria considerado bonito se seus traços não fossem tão marcados. As maçãs do rosto, por exemplo, eram definidas e fortes, quando deveriam ter sido mais delicadas, e a boca era muito grande. Enquanto ele reatava os preparativos para seu barbeado, suas maneiras lhe pareceram infestadas de egocentrismo, dado que não deu mostras de preocupação por seu bem-estar nem sinal alguma de interesse por seu estado.

No entanto, talvez devesse lhe estar agradecida. A devia ter ajudado a escapar de seu atacante, dado que não recordava que este tivesse abusado

dela. Rosalie se ruborizou ao descobrir que sua roupa descansava sobre uma cadeira. Acordou desorientada e só agora percebeu que levava uma simples regata. Era a primeira vez que se achava com um homem a sós, em sua cama e usando uma simples roupa interior. E ele também estava escassamente vestido: usava um robe cor bordeaux, com tanta naturalidade como se se tratasse do traje mais completo e formal. Ao reparar quão grande e masculina que era sua compleição, perguntou-se se preferiria ter o físico fino e esbelto tão apreciado segundo os cânones da moda. Sem saber por que, pensou que não.

Aturdida, passeou o olhar pelo dormitório. Continha armários e elegantes móveis Sheraton, cadeiras azul celeste, e motivos gregos que combinavam harmoniosamente. Um impecável tapete de Bruxelas adornava o chão, e um espelho brilhantemente esculpido reluzia sobre uma mesa com pernas acabadas em forma de garra. Se tudo aquilo lhe pertencia, tratava-se então de um homem rico. Aquele suntuoso mobiliário era mais luxuoso inclusive que a residência dos Winthrop...

Rosalie sentiu seu sangue gelar ao pensar nos Winthrop. Por melhor que fosse a desculpa ou por mais atenuantes que fossem as circunstâncias, lady Winthrop pareceria furiosa. Jogaria Rosalie e sua mãe à rua sem olhar para trás, tal como tinha feito com a Martha. Assim, se deu conta de que certamente tinha perdido seu trabalho, seu futuro e todas as seguranças de que até então se beneficiou. Lançou um olhar rápido à janela. Apenas tinha amanhecido e a luz do dia se filtrava preguiçosamente. Dado que os Winthrop dormiam até tarde, ainda existia uma ínfima possibilidade de que pudesse retornar antes que despertassem. Embora provavelmente *maman* já lhes tivesse alertado de seu desaparecimento... Se tivesse conseguido retornar a casa ontem à noite. O coração lhe deu um tombo. Tinha que retornar antes o possível. Mas e aquele homem o quê?

— Interessante — disse o desconhecido, com voz agradável, mas fria — Com cada novo pensamento, seus olhos mudam de cor.

— Onde estou? — perguntou ela com voz rouca.

Ignorando a pergunta, ele pegou uma xícara de chá da bandeja que descansava em uma das mesas Sheraton, e ofereceu levá-la. Ela se negou a aceitar, cheia de receio.

— Quem é? — perguntou com a voz trêmula — Por favor, me diga o que aconteceu ontem à noite.

— Porque não bebe primeiro o chá? — sugeriu ele razoavelmente — Eu diria que o necessita.

Rosalie vacilou, porém aceitou a xícara de porcelana da China com cuidado, sentindo-se apanhada enquanto a olhava. O contorno verde escuro de sua pupila dava um ar peculiar a seu olhar, já que estava iluminado por diferentes e brilhantes tons de topázio que ressaltavam seus olhos em contraste com sua lisa pele morena. Maravilhou-se brevemente ante sua evidente falta de preocupação pelos efeitos do sol. Um pouco mais moreno, e teria tido um aspecto bastante primitivo. Os cavalheiros de bom berço mantinham a pele pálida. Inclusive se sabia que Jorge IV, o príncipe regente, aplicava-se sanguessugas para despojar da cor de seu rosto. Talvez este homem fosse um oficial da marinha ou um agente portuário.

— Onde estou? — repetiu.

— Em minha residência de Berkeley Square — informou ele.

Ao sabê-lo, Rosalie relaxou um pouco e deu um gole no forte e estimulante chá. Não se encontrava muito longe de Bloomsbury, onde residiam os Winthrop.

Randall a escrutinou, intrigado pela incongruência entre sua modesta aparência e seu acento de classe alta.

— Como se chama? — perguntou-lhe, com a boca ligeiramente franzida ante a imagem que tinha diante, a sedosa juba enredada, a atitude recatada, a forma totalmente apropriada de segurar a xícara.

Alarmada, Rosalie sacudiu a cabeça. As mãos ainda lhe tremiam pela confusão de achar-se em semelhante apuro, o que lhe fez derramar umas gotas de chá no braço. Não podia depositar nenhuma confiança nesse desconhecido, ao menos não até que averiguasse quem era e como tinha chegado ela até ali.

— Preferiria não dizê-lo — respondeu em voz baixa.

— Então me diga de onde vem.

— Melhor que não...

— Interessante — comentou ele com tom leve, sorrindo divertido — Em nome da igualdade, suponho que não estou obrigado a revelar nada mais. No entanto, aposto que tem algumas pergunta que fazer.

— Meu nome é Rosalie — cedeu ela, de repente consciente de que, em sua situação, dependia da hospitalidade daquele homem. Melhor mostrar-se amável.

— Rosalie — repetiu ele, girando-se para olhar-se no espelho da mesinha de barbear de mogno, e umedecer uma pastilha de sabão bastante gasta. Os primeiros raios de sol brilharam em seu cabelo, arrancando frias chispas douradas às curtas mechas castanhas — Sem sobrenome?

— Não precisa sabê-lo.

— Muito certo — replicou Randall arrastando as palavras, sem alterar-se enquanto enchia a cara com espuma — Bem, dado que não me dá seu nome completo, só me sinto obrigado pela metade.

— Senhor — perguntou tremendo — como cheguei até aqui?

Antes de responder, a navalha se deslizou suave e cuidadosamente pela morena garganta.

— Ontem à noite, meus amigos e eu passamos por um beco onde um homem te importunava. As circunstâncias fizeram impossível que te ignorasse.

— Me alegro de que não o fizessem. Suponho que estou em dívida com você, senhor...

• Lorde Randall Berkeley de Warwick.

Não, não podia ser. Que estranho jogo da sorte. De todos os homens que poderiam havê-la resgatado... Rosalie depositou a xícara sobre o pires e levou os dedos aos lábios, os olhos desmesuradamente abertos. Era exatamente tal como Elaine lhe havia descrito. Salvo que a romântica imagem que Rosalie tinha evocado tinha pouco haver com o Randall Berkeley que tinha diante de si. Em sua imaginação, lorde Berkeley era um cavalheiro audaz, talvez um pícaro encantador, enquanto que na realidade era frio e bastante altivo. Certamente, um homem menos encantador do que supunha.

— Ouvi falar de você — admitiu enquanto ele limpava os restos de sabão do rosto com uma toalha.

— Sem dúvida.

E ainda por cima presunçoso, pensou Rosalie com desagrado. Um mal frequente entre a aristocracia. Levantou-se cautelosamente da cama, pôs os pés no chão e avançou lentamente para sua roupa.

— Pronta para partir tão cedo?

— Devo voltar.

Algo em seu tom lhe deve ter indicado o incipiente desdém que sentia por ele, porque Randall lhe lançou um olhar tão penetrante como

indecoroso. Seus ombros tremeram ligeiramente, seus cabelos roçaram seus quadris enquanto se detinha.

— Voltar aonde? — perguntou.

— Eu...

— ... preferiria não dizê-lo — acabou a frase por ela com sarcasmo — Será melhor que se sente, porque não irá até que me dê algumas respostas.

Isso soava claramente ameaçador. Rosalie permaneceu onde estava, perguntando-se que horas era. A indecisão se apoderou dela. Toda a vida, Amille a tinha ensinado a fazer o apropriado em cada situação... Mas, em nome de Deus, o que era o apropriado nessas circunstâncias? Pôr-se a correr? Gritar? Falar com ele amavelmente?

— Isto é necessário? — quis saber.

— Satisfazer minha curiosidade? Sim, é.

— Não tenho tempo — desafiou, e ele respondeu com tom do mais cortante: — Nem eu. Mas sente-se, apesar de que esteja tão ocupada. Ainda não discutimos o que me deve.

Sustentando seu olhar com resolução, Rosalie avançou para a cadeira em busca do vestido, das meias e os sapatos. Pressentia que a melhor maneira de tratar com ele era escondendo sua inquietação. Cresceu o mesmo instinto como quando se enfrentou com a criatura na noite anterior, rápida para aproveitar-se dos fracos.

— Lhe dever? O que pensa que lhe devo?

— Para começar algumas respostas.

— Não lhe devo nada — respondeu ela, desafiante.

— O diabo se não! Seu amiguinho de ontem à noite teria degolado essa bonita garganta depois de seu *tête-a-tête*.

Randall omitiu mencionar que embora isso não tivesse ocorrido, seus próprios companheiros provavelmente se teriam prestado gostosamente a ocupar o lugar do homem em cima dela. Os inúteis mais jovens estavam acostumados a comportar-se com extremo e despreocupado egoísmo, como se na vida nada nem ninguém importasse salvo a procura do prazer e manter suas reputações. Estranho código de honra era aquele que exigia o pagamento das dívidas de jogo, mas não deixava lugar para a simples compaixão.

— Lutaram com ele? — perguntou Rosalie enquanto suas bochechas se coloriam. Seu anfitrião tinha intercedido em seu favor possivelmente arriscando sua própria integridade física...

— Paguei-lhe um guinéu por ti.

Ela ficou boquiaberta de decepção, mas não se atemorizou: — Muito louvável! Aflige-me o generoso gasto que fizeram em meu favor.

Um incongruente brilho de aprovação apareceu no olhar de Randall. A garota tinha caráter, vislumbrou, e essa descoberta a tornou mais atrativa a seus olhos.

— Rosalie... *petite fleur, vous devrez cacher os épines*. Pequena flor, deveria esconder seus espinhos.

— *Un avertissement très appreciable, monsieur* — replicou ela com um acento tão puro como o de Amille.

— Excelente pronúncia — aprovou Randall, surpreso — Tem sangue francês?

— Sim.

— Obviamente não azul.

— Na aparência, não.

Rosalie o observou, por sua vez surpreendida da particular correção de seu francês. Soava muito natural para havê-lo aprendido exclusivamente na escola. Tinha também sangue galês? No entanto, parecia absolutamente inglês, grande, robusto e grave, sem a agilidade, a esbeltez ou o típico temperamento afável dos franceses.

— Também me deve uma noite de descanso — comentou Randall.

— O quê? — alarmou-se Rosalie, e repentinamente se deu conta de que tinham pernoitado na mesma cama. Sentiu um peso plúmbeo no estômago. Tinha perdido sua virtude. O pânico a invadiu, mas se arrumou para contê-lo.

— Se revirou tanto que me manteve acordado até o amanhecer — acrescentou ele — Não é precisamente a companheira ideal de cama.

— Você também não teria sido minha escolha! — conseguiu responder, tragando o nó que lhe tinha formado na garganta. Talvez nada daquilo fosse real. Talvez só se tratava de um horrível pesadelo. Certamente ela, Rosalie Belleau, uma jovem que levava uma vida simples, correta e aborrecida, não podia achar-se de repente no pior cenário imaginável para uma jovem solteira. Virando o rosto, tratou de ocultar sua confusão. Seu rosto certamente tinha adquirido uma tonalidade vermelha que nunca desapareceria.

— Sim, já vi a classe de homens com quem prefere se relacionar... — comentou Randall sem afastar os olhos dela.

Desafiando-lhe em silêncio, ela recolheu seu singelo vestido e introduziu uma perna pela abertura. Nem sequer se incomodaria em pôr as meias, sempre e quando pudesse calçar as sapatilhas...

— Eu não me incomodaria ainda com isso — disse ele com calma, olhando-a enquanto arrumava os utensílios do barbeado. Rosalie estremeceu.

— Insisto em que se vire — repôs com frieza — Estou acostumada a me vestir em privado.

Os olhos dele desceram da emaranhada cascata de cabelos, que parecia muito pesada para que a sustentasse um pescoço tão esbelto, às esbeltas e femininas proporções de seu corpo antes de pousar-se de forma apreciativa nas pernas. Os tornozelos e a barriga das pernas eram magros, mas fortes, delicadamente femininos. Randall sorriu, imaginando onde exatamente desejava que estivessem essas tentadoras pernas. Desejava-a mais a cada minuto que passava.

— Minha pequena rosa, toda flores e espinhos, a roupa não te faz justiça. Prefiro-te tal como é. Dispa-te.

Ela começou a compreender as intenções dele.

— Um cavalheiro não se aproveitaria das circunstâncias em semelhante situação.

Rosalie respirou fundo enquanto o coração lhe acelerava.

— Estou de acordo, mas tenho por costume cobrar minhas dívidas com prontidão — lhe assegurou Randall, e ela sentiu um calafrio sob sua regata.

— Lhe devolverei seu guinéu, não se preocupe — disse assustada, afastando-se enquanto ele se aproximava. Uma súplica muda iluminou as profundidades cor de safira de seus olhos.

— E o que me diz de meu tempo?

— Faça uma petição de pagamento *razoável* e o pagarei!

— Que me conceda uns minutos — respondeu Randall, e sorriu quando Rosalie se deslizou de seu braço e fugiu ao outro lado do dormitório — Vamos, deixa de te comportar como uma atriz coadjuvante em uma farsa de segunda. Em geral, dizem que minha companhia resulta bastante agradável.

— Não se deitará comigo! — informou-lhe Rosalie em tom grave — Estaria em idênticas mãos que como do monstro do qual me resgatou.

— Preferiria ter provado com seu par de ontem à noite? Não acredito. Admito que ele e eu compartilhamos o mesmo sentimento por ti, mas embora o final seja o mesmo, os meios variarão bastante... Quer dizer,

sempre que minhas artes amorosas não tenham sido excessivamente superestimadas.

— Disso não me cabe a menor duvida!

— Poderá julgar minha atuação depois — repôs Randall suavemente.

Enquanto escapulia, Rosalie divisou o brilho da navalha de barbear com o canto do olho. Triunfalmente, agarrou-a antes que ele pudesse reagir.

— Não, a menos que deseje que lhe barbeie pela segunda vez — lhe advertiu com voz tensa — E devo lhe informar de que sou muito menos cuidadosa do que você.

Randall se deteve, e Rosalie agarrou a navalha com mais força. Foi aterrador ver como sua expressão masculina adquiria um ar de frieza, e que de seu tom desaparecia todo indício de picardia: — Uma ameaça que seria mais efetiva se a fizesse com a parte afiada da navalha.

Ela olhou o utensílio, e então ele agarrou seu magro pulso com um rápido gesto e a desviou facilmente até que ela sentiu o fio da navalha contra sua própria garganta.

— Ai! Te odeio! Afaste-se de mim! — exclamou Rosalie, furiosa por haver-se deixado enganar e temendo as consequências de sua ação.

Ele sorriu com ar sombrio, e a atraiu para si para imobilizá-la.

— Não importa que valor dê a minha pele — disse suavemente — dá-se o caso de que eu a aprecio. E não tenho desejos de averiguar se sentes o mesmo com respeito a isso. Solta.

Olhou-lhe com ódio, negando-se a afrouxar a mão que sustentava a navalha. Era sua última esperança de escapar.

— Solta — repetiu ele, e ela se moveu, raspando-se ligeiramente com a navalha.

Esta foi afastada instantaneamente de sua pele, mas não sem antes ter deixado sua marca. Dando um grito afogado, ela deixou arrebatar a arma. Os olhos se encheram de lágrimas, que não derramou, quando tocou o doloroso arranhão. Umas gotas de sangue tingiram a brancura de sua pele. Nunca em sua vida a tinham ameaçado dessa maneira, e a surpresa e o medo se impuseram a sua raiva.

— Em contadas ocasiões conheci a alguém tão irracionalmente teimoso — comentou Randall enquanto colocava a navalha fora de alcance e agarrava um lenço de seda.

— Em contadas ocasiões me fizeram prisioneira — repôs Rosalie com voz trêmula — O que fará agora? Irá me estrangular?

— Eu em seu lugar abandonaria o costume de fazer sugestões tão inoportunas como singularmente atrativas. — Apertou o lenço contra o pescoço, franzindo o cenho em aparente arrependimento enquanto pressionava levemente a delicada pele com os dedos. A tênue sombra de um golpe danificava a pálida suavidade de sua mandíbula.

— Não me acaricie! Juro-lhe que me darão enjoos se continuar!

— Rosalie... — Randall descobriu que gostava de pronunciar seu nome — Facilitaria as coisas se te assegurar de que te tratarei bem? — Senhor! Havia infinidade de mulheres, desde matronas a donzelas, todas desejosas de compartilhar sua cama. Por que a esta resultava a idéia tão pouco apetecível? Acaso estava jogando algum jogo com ele?

— Seria uma estúpida se acreditasse — protestou Rosalie, e quando ele passou os dedos por seus ombros, lhe bateu.

A bofetada ressoou no quarto como um disparo. Veloz como o vento, retirou a mão para voltar a lhe esbofetear, mas desta vez, o punho dele freou o movimento no ar. Uma faísca de raiva brilhou naqueles olhos cor âmêndoa antes que ele a estreitasse e beijasse seus lábios fortemente selados.

— Não! — balbuciou ela em um grito sufocado sob a boca dele, consciente de que aquele corpo masculino era o bastante forte para rompê-la em dois.

Inexoravelmente, arrastou-a até a cama e se despojou de seu robe. Ela estremeceu ao vê-lo nu.

— Sou a donzela pessoal de lady Winthrop, e a dama de companhia de sua filha! — exclamou desesperada.

— Me daria igual que fosse a *femme de chambre* do príncipe do Gales — resmungou ele, jogando-a sobre o colchão e lhe separando os braços.

Ela tratou em vão de liberar os pulsos daquelas fortes mãos. Sentiu o roçar daquele corpo viril através de sua fina regata. O peito maciço e os ombros constituíam uma pesada carga sobre seus peitos, e se retorceu incômoda. Tremendo, retrocedeu dos tensos músculos da cintura e o estômago masculinos, da elástica força daquelas pernas que separaram as suas com facilidade. O mais estranho foi o ardente contato que sentia enquanto os quadris dele a pressionavam. O medo a encheu como uma maré líquida, disparando o pulso e enlouquecendo os pensamentos.

— Não me faça isso... Posso encontrar quem me queira — gemeu enquanto tentava escapar do membro viril que se movia entre suas pernas.

Randall respondeu apertando-se mais contra ela, com dureza e impaciência por sentir a suavidade de seu corpo. Seu leve aroma feminino, a jovem frescura de seu corpo despertava um apetite que não tinha sentido em muito tempo. Era incrível a força de seu desejo por aquela donzela que não queria consentir.

— Por favor... Nunca estive com um homem — suplicou ela, recorrendo a seu último trunfo, e imediatamente ele ficou imóvel.

Os olhos cor avelã se cruzaram com os brilhantes olhos azuis em um segundo de desafio. Randall duvidou daquela afirmação. Não podia ser verdade. Alguém de sua categoria social e com sua beleza teria perdido a inocência faz anos. As donzelas bonitas eram facilmente acessíveis e alvos muito desejados pelos homens de qualquer classe e condição.

— Não acredito — replicou.

— É verdade, maldição!

— *Deve* — raciocinou Rand — *temer que não recompense bem seus favores, ou talvez esteja jogando comigo para aumentar o meu desejo.* — Ele conhecia muito bem esse jogo.

Mas de repente sentiu que Rosalie se afrouxava em seus braços, enquanto seu rosto se contraía convulsivamente. O terror em seu olhar era tão genuíno que o fez retroceder. E então viu que esses incríveis olhos azuis se encheram de lágrimas. Ou era uma atriz muito boa, ou realmente estava dizendo a verdade.

Rosalie percebeu que algo tinha mudado na atitude de Rand. Sua respiração era diferente. Entretanto, profundamente assustada, não pôde evitar sentir a atração animal que emanava dele. Seu corpo era poderoso, e o aroma que desprendia a enjoava. Pôde ouvir-se a si mesma ofegar em uma estranha mescla de vergonha, temor e desejo, enquanto o coração lhe retumbava.

Ele a soltou e lhe segurou o rosto pelo queixo, tentando beijá-la, mas ela evitou seu olhar e refutou o roce de sua boca. Randall nunca antes tinha roubado a virgindade a uma mulher, e se debatia entre o desejo e a culpa por havê-la posto nessa situação. Perplexo e inquieto, apoiou-se sobre um cotovelo e contemplou Rosalie, que tinha aberto os olhos e não ousava olhá-lo.

A seus vinte e oito anos, Randall tinha conhecido um considerável número de mulheres, mas nenhuma o tinha atraído de um modo tão intenso como aquela jovem desconcertante. Em alguma parte, enquanto a tinha tido

a sua mercê, a antecipação do desfrute luxurioso de seu corpo tinha dado lugar a uma consciência de fragilidade. Não deveria havê-la tratado dessa maneira, e esse reconhecimento lhe causou vergonha, uma vergonha que dissimulou com sua acostumada brutalidade.

— Acredito que diz a verdade — admitiu em voz baixa, sem olhá-la.

— Me deixe ir agora — sussurrou ela, temendo que ele mudasse de idéia e decidisse tomá-la pela força.

— Aonde exatamente quer que te deixe ir? — perguntou, enquanto refletia sobre a situação. Maldita seja! Foi consciente da desagradável sensação de sentir-se responsável por ela.

— À residência de meus patrões, os Winthrop.

Randall franziu o cenho. Recordava que lhe tinham apresentado a lorde e lady Winthrop, um casal mesquinho e superalimentado, ambos bajuladores de qualquer um que tivesse mais condição social que eles. Era duvidoso que o barão ou sua esposa se mostrassem magnânimos com uma donzela que tinha infringido as normas.

— Tive a oportunidade de conhecê-los — disse finalmente — assim como também a sua filha Elizabeth. — Recordava-a como uma criatura insípida, convencionalmente bonita, apenas interessante.

— Elaine — o corrigiu Rosalie, sentindo um repentino e amalucado impulso de rir de seu engano. Frequentemente se tinha perguntado se outros viam Elaine tão desprovida de distinção e insípida como ela suspeitava. Agora a verdade sairia à luz.

— Não me causaram a impressão de ser excepcionalmente compreensivos. Não será bem recebida, e menos ainda por haver tantas mulheres que brigariam por ocupar seu posto.

Rosalie não soube o que responder, admitindo interiormente que tinha razão.

— Dá-me igual aonde vá. Só quero me afastar de você — disse com rancor.

De repente, Randall se deu conta de que não desejava que ela se fosse: se a afastasse, sua lembrança se converteria em um suplício.

— De todas as manhãs para despertar com o aguilhão da consciência — resmungou — esta é certamente a mais inconveniente. — Franziu suas providas sobranceiras — Não desejo que ninguém volte a te pôr em perigo — lhe disse — mas não tenho tempo para deixar as coisas arrumadas.

Ela o olhou e ia responder, mas ele acrescentou: — Além disso, não confio em sua habilidade para se defender sozinha.

— Dá-me ig...

— Sei. Compreendo seus sentimentos e, embora não o acredite, simpatizo com eles.

— Duvido — respondeu Rosalie sem reprimir-se — salvo que lhe atraia o suicídio.

Randall sorriu deixando ver seus brancos dentes, ligeiramente divertido ante a irritação da jovem. De fato, começava a admirar que houvesse recomposto seu ânimo tão rapidamente. Muitas mulheres em sua situação, presas do desespero, teriam gritado ou teriam tentado jogar-se pela janela.

Seu primeiro impulso tinha sido lhe dar algum dinheiro e deixar que se arrumasse sozinha no mundo. Tinha passado a noite na casa de um homem, e certamente isso lhe faria perder seu emprego, por não falar de sua reputação. Se sentiria ainda mais culpado se ela acabasse convertendo-se em uma prostituta, e essa era uma das poucas opções que ficavam a uma mulher de sua classe que tinha passado a noite com um homem sem estar casada com ele. Talvez, a solução mais conveniente era lhe oferecer seu amparo durante algum tempo.

— É óbvio que de nada servirão as explicações que você ou eu possamos dar — disse, atento a sua reação. Era necessário que entendesse quais eram suas circunstâncias — E, infelizmente, há outras consequências aos sucessos ocorridos nas últimas vinte e quatro horas, entre elas a da perda de seu emprego. — Ao não receber resposta alguma, prosseguiu — Acredito razoável assumir que não poderá retornar para junto dos Winthrop.

— Sim — respondeu Rosalie em voz baixa — Quero dizer que não, que não voltarei.

— E o estado de suas finanças é também precário.

Ela assentiu devagar. Estava sem um centimo.

— Tem família?

— Minha mãe — admitiu, afastando o olhar dele enquanto se envolvia com dificuldade no lençol — Mas trabalha para os Winthrop, e não comprometerei sua posição. — Pensou em Amille e cobriu os olhos em um gesto de cansaço, enquanto as lágrimas contidas lhe davam dor de cabeça — Nos separamos ontem à noite, quando começou um incêndio no teatro. Não sei o que terá acontecido com ela. Possivelmente a despediram esta mesma manhã.

— Parece ter uma certa educação — comentou Randall. Sentia preocupação por ela, não por sua mãe, que era certamente capaz de cuidar de si mesma — Será fácil encontrar um emprego respeitável para si, como babá, por exemplo. O problema está em que devo partir esta manhã para a França.

— Não necessito sua ajuda para encontrar emprego.

— Necessitará de meu amparo até que encontre um lugar onde se estabelecer e estar a salvo — disse Randall, e se levantou da cama.

Foi até ao lavatório e à jarra. Parecia não ser consciente de seu magnífico corpo, indiferente à sua própria nudez. Esfregou-se com um pano de linho úmido. Logo, ao levar a bacia até à mesinha de noite, viu que Rosalie, ruborizada, afastava a cabeça. Um fugaz sorriso cruzou os lábios de Randall enquanto vestia o robe em consideração ao pudor da moça.

— Seu amparo? — murmurou Rosalie com tom afogado.

— Tenho que te levar comigo a França. Só será por umas semanas. Quando voltarmos, me ocuparei de você e da sua situação.

— Não e cem vezes não — repôs Rosalie, de repente desafiante. Que arrogante era aquele homem! Morreria antes de voltar a correr o risco de que a utilizasse para seu próprio prazer.

— Não posso acreditar que se atreva a propô-lo — disse enquanto lhe batiam os dentes — Preferiria vagar pelas ruas a continuar estando perto de você.

— Não te exigirei nada — replicou — As jovens inexperientes de língua afiada não são de meu agrado.

A expressão dela deixou claro que o considerava tão confiável como um cão no cio.

— Não será a única mulher na França. Quando sentir a necessidade de companhia feminina, terei de sobra onde escolher, de maneira que pode confiar em meu discernimento.

Randall era sincero em sua promessa de não voltar a tentar tocá-la. O prazer que lhe tinha dado esses momentos de contato não tinha sido desdenhável, mas estava perturbado pela culpa que havia sentido depois. Uma prostituta complacente era mais preferível que uma virgem ofendida, disso não tinha dúvida. Randall lhe entregou sua regata, e ela a pôs rapidamente, tentando expor seu corpo o mínimo possível.

— Confiar em seu discernimento? — disse cepticamente — Me toma por uma estúpida?

— Olhe, preferiria não ter te conhecido. E preferiria não esbanjar mais tempo falando, de maneira que toma uma decisão. Sai por essa porta e assim me liberarei de ti... Ou vem comigo. Limitarei-me a te proteger; não pensarei nem um momento em ti, muito menos tentarei me colocar em sua cama. Escolha o que escolha, não me sentirei culpado, compreende? Mas se optar pela segunda possibilidade, ao menos terá a certeza de estar bem alimentada e alojada até que encontre emprego.

— Não... Não sei o que fazer — murmurou Rosalie, confusa por suas rudes maneiras — Mas não quero estar com você.

Randall estava surpreso da ingenuidade daquela garota que, no fim de contas, tinha conseguido desarmar-lo. Acaso tinha desejado alguma vez abraçar uma mulher para confortá-la? Randall supôs que se tornou imoral, já que não só desejava embalá-la como a uma menina pequena, mas sim também queria compartilhar o leito com ela e ensiná-la a desfrutar do prazer sexual. Passeou o olhar por seu rosto, a lisa e úmida pele, a boca rosada, as suaves curvas das maçãs do rosto.

— Tome uma decisão, moça — disse com brutalidade, sabendo que se ela decidisse lhe deixar, a levaria com ele de qualquer maneira.

Era óbvio que nunca antes tinha estado sozinha, mas se veria obrigada a crescer depressa para sobreviver. Inclusive se comportava como um cavalheiro, não seria uma boa influência para uma jovem protegida... E, por muito que o promettesse, não podia garantir que não voltaria a tentar tocá-la.

— Se tiver um pouco de bom senso, aceitará meu amparo antes que me arrependa — disse ele.

— Suponho — replicou Rosalie com ironia — que espera que me prostre ante você com gratidão.

— Acredito — repôs ele desapassionadamente — que é muito jovem e que uma desafortunada combinação de circunstâncias propiciou que se encontre em uma situação desonrosa. Além disso, penso que se não aceitar minha oferta e decidir cuidar sozinha de si mesma, se verá em problemas e possivelmente terminará na miséria. Escuta... É impossível mudar o que aconteceu — disse devagar — mas tentarei te compensar encontrando uma posição respeitável quando voltar da França. Entretanto, enquanto isso, não posso te deixar aqui sozinha. Vem comigo.

— Não confio em você — repôs ela vacilante.

— Mas temo que terá que fazê-lo.

Rosalie sentiu que perdia as forças. Era tentador abandonar-se à situação. Tinha medo de enfrentar só ao mundo, ainda mais em uma cidade tão perigosa como Londres. Não queria o amparo daquele homem, mas tinha que fazer o mais conveniente para sua segurança. A idéia de ir à França com ele, de fato, começou a lhe parecer sensata. As pessoas acreditarim que já não era virgem. Estava segura de que o ter estado nua nos braços de um homem, embora não se consumou a violação, tinha-a deixado marcada de uma maneira visível para todo mundo. Sua reputação tinha ficado manchada, não importava as explicações que desse. Que diferença havia entre ir à França ou adoecer nas ruas de Londres? *Maman* já não podia fazer nada para salvá-la. Pela primeira vez em sua vida, Rosalie foi consciente de encontrar-se sozinha.

— Minha mãe não sabe onde estou — disse com um nó na garganta.

— Sua mãe... — repetiu ele, e enrugou o rosto. Sentiu-se como se tivesse roubado um berço com um bebê — Deus! Quantos anos tem?

— Vinte — respondeu, e a expressão de Randall se suavizou um pouco, embora conservando um resíduo da carranca — Mas devo comunicar a minha mãe...

— Escreva uma nota — atalhou com um brilho de exasperação — Farei que a entreguem.

Ela assentiu e se vestiu, aceitando tacitamente entregar-se a seu amparo. — *É a decisão acertada?* — perguntou-se com consternação. Em realidade, isso não importava. Não tinha escolha.

Sentou-se a escrivainha francesa de mogno e aceitou a pena que lhe estendeu. Randall começou a vestir-se enquanto lançava um perspicaz olhar às costas retas dela. Rosalie estava paralisada pela indecisão.

— Tenho pouca experiência com mães — comentou ele — mas eu sugeriria que desse um tom positivo a sua partida, a menos que queira alterar gravemente a tranquilidade de sua progenitora.

— Pouca experiência com mães? — repetiu ela — Suponho que a sua se negou a lhe reconhecer.

Randall sorriu enquanto apertava as calças.

— É provável que assim tivesse sido, se tivesse sobrevivido.

— Oh!... Eu...

— Apresse-se, não temos muito tempo.

— Queridíssima *maman* — escreveu Rosalie, e passou distraidamente a ponta da pena pelo nariz enquanto pensava — Por favor, não padeça por

minha segurança e bem-estar. Isto te surpreenderá, mas vou à França com um homem...

Ficou olhando como Randall Berkeley vestia uma elegante casaca azul marinho. Parecia muito mais civilizado com um traje conservador. Um homem como nunca tinha visto ou imaginado, irônico e violento, frio e apaixonado. Tinha razão: detestava—o, mas não o temia. Era um homem, não um monstro, e o cuidado que lhe tinha dispensado não tinha sido muito diferente do que teria recebido de qualquer outro. Algo nela, talvez seu lado francês, impulsionava-a a ver a situação com sentido prático. Então baixou os olhos ao papel apressadamente, temerosa de que lhe lesse os pensamentos. — Te verei na minha volta. Não sou a mesma, *maman*, mas sempre te amarei. Rose — concluiu.

Introduziu a nota um sobrescrito com a direção e a entregou ao Randall. Enquanto se aproximava do espelho, Rosalie se olhou com olhos críticos. Tinha profundas olheiras e uma leve sombra na mandíbula.

— Necessito uma escova — disse, e Randall deixou a meio atar o lenço de seda negra, mais informal e prático para o dia que um branco engomado.

— No armário — lhe indicou.

Ela se apressou a agarrá-la, e escovou o cabelo até arrumá-lo o imprescindível. De algum modo, separou-o em três emaranhadas mechas com as quais fez uma trança que lhe caiu por cima do ombro até a cintura. Sentindo que ele a contemplava, Rosalie levantou o olhar com ar de irritação.

— Terei que cortar as mechas enredadas — disse.

— Faz isso e te prenderei em uma sala até que voltem a crescer — repôs Randall laconicamente, dobrando o pescoço por cima do lenço.

A seguir a conduziu para fora do quarto sem muita amabilidade.

— Uma previsível reação vindo de você — comentou Rosalie puxando o pulso enquanto ele a arrastava. Logo aprenderia que frequentemente era difícil saber se Randall Berkeley falava a sério ou brincava.

Qualquer outro homem teria expressado preocupação ou pesar pela situação. Em vez de tentar averiguar quem era e por que estava na rua durante a noite, Randall a tinha tomado por uma mulher fácil e a tinha levado a sua própria cama, onde tinha tentado violá-la. E, entretanto, tinha comentado sua penosa situação com uma verbosidade zombadora, como se tratasse de uma conversa intranscendente à hora do chá. Tinha o costume de rir da natureza corriqueira da maioria das conversações tratando

o banal com total seriedade. Empregava termos intelectuais para discutir coisas de natureza nada intelectual, e confundia Rosalie abordando os temas de mais peso com uma descontração que raiava o desrespeitoso.

Zarparam de Dover para cruzar o Canal em um pequeno veleiro. O mar esteve cristalino e calmo a primeira tarde, e nessa noite Rosalie dormiu profundamente de esgotamento, feito um novelo em um sofá no camarote de Randall. Na manhã seguinte, entretanto, despertou deprimida e confusa ante a rapidez com que tinha mudado sua vida. Enormes ondas agitavam o oceano, o suficiente para consumir Rosalie em um miserável estado de enjoo e náuseas. Randall a obrigou a deixar o camarote e subir à cobertura com ele durante uma hora, e suportou suas queixa até que não pôde mais.

— Se deixasse de queixar-se o suficiente para respirar uma baforada de ar fresco, é possível que começasse a sentir-se melhor — lhe disse com irritação.

Rosalie lhe lançou um frio olhar azul. Invejava sua saúde e sua compostura. Seu estômago tinha expulsado seu conteúdo várias vezes, mas mesmo assim continuavam lhe vindo náuseas.

— Se não fosse por você...

— Para ter sido dama de companhia, falta-te o talento de oferecer uma companhia aceitável, *petite fleur*. Muito bem, pode voltar para o camarote. De fato, veja se consegue se afastar de minha vista e meu ouvido todo o possível neste pequeno e desventurado barco.

Ficou olhando as águas agitadas. Senhor, era exaustivo ter que preocupar-se com a comodidade e as necessidades daquela garota, quando estava acostumado a não cuidar de ninguém exceto de si mesmo. Começava a lamentar a idéia de suportá-la durante longas semanas em França. O que o havia possuído para levá-la com ele?

Rosalie pôs-se a andar, saboreando por antecipação a perspectiva de descansar em privado. Entretanto, aos poucos passos se deu conta com humilhação de que não era capaz de caminhar sozinha. Nunca teria imaginado que fosse possível sentir-se tão mal, e lhe dava raiva ter que lhe pedir alguma coisa. A contra gosto, retrocedeu e o agarrou pelo braço com mais força do que era consciente enquanto umas agudas pontadas lhe atravessavam a cabeça. Surpreendido, Randall olhou a mão que lhe agarrava o braço e logo sua cara. Ela estava branca como a cal.

— Por favor, me acompanhe abaixo — murmurou ela, e ele intuiu o grande esforço que tinha significado para seu orgulho pedir esse favor.

De repente, lendo seu olhar, Randall sentiu uma desconcertante ternura. Intimidava-a e sentia certo medo dele, mas tratava de ocultá-lo discutindo com ele, para ao final ver-se obrigada a lhe pedir ajuda enquanto o odiava pelo que lhe tinha feito. Não lhe ocorreu nada que dizer que não soasse condescendente, e por isso permaneceu em silêncio. Separou-lhe da úmida face o cabelo que lhe tinha colado e lhe massageou a nuca com uma mão fria. Rosalie suspirou enquanto sentia um alívio passageiro. Seguidamente, Randall deslizou o braço até sua cintura e a acompanhou até o camarote com uma consideração que teria surpreendido a maioria de seus conhecidos.

As escarpas e as longínquas colinas do Havre se erguiam à proa como uma gigantesca entrada, branca, castanha e verde. Durante a maré baixa, o porto era inacessível para qualquer tipo de embarcação por causa do lodo que se acumulava no fundo. Entretanto, às últimas horas da manhã era possível entrar na doca. O Havre era o porto marítimo situado na desembocadura do Sena, o grande rio que se estreitava em Quilleboeuf, atravessava Ruán e chegava até à buliçosa cidade de Paris, a capital do vinho e da seda, da moda e dos perfumes, da arte e da decadência, a uns cento e setenta quilômetros de Havre. No porto pululavam agentes de alfândegas que subiam a bordo dos navios antes que alguém pudesse desembarcar. Os navios e os passageiros eram registrados se por acaso transportavam mercadorias roubadas ou de contrabando, e só então obtinham autorização para entrar no país.

Randall observou o processo de inspeção com interesse, seus olhos castanhos atentos a tudo o que acontecia dentro e ao redor da alfândega. A uma distância bem visível, os comerciantes franceses que navegavam pela costa aguardavam os sinais de terra para entrar no porto. Em alguma parte, entre todos eles, havia uma fragata dos Berkeley, com suas oitocentas toneladas esperando com impaciência a permissão para atracar, seu porão carregado de têxteis ingleses e algodão americano suspeito.

— Bem-vinda a França — murmurou Randall a Rosalie, que olhava ao redor com os olhos bem abertos, aguçando o ouvido aos fluidos sons franceses que provinham de todas as direções.

O porto bulia de atividade como uma colméia alvoroçada, onde a gente discutia, gesticulava, esperava e se movia. Ninguém parecia estar seguro do que acontecia. Curiosamente, a Rosalie resultou fascinante a sujeira, a cor e

os movimentos daquela cena. Perto, um menino esperava no porto com uma mão agarrada à de sua mãe, a outra sustentando um brioche. A visão do suave pão-doce polido com açúcar provocou um rumor no estômago de Rosalie.

Sentindo a excitação e a inquietação de achar-se em um lugar desconhecido, permaneceu em silêncio enquanto pegavam um carro que os levaria ao hotel onde se alojariam. Entre sacudidas e agitações, o veículo avançou pelas ruas grosseiramente pavimentadas, traçando o seu caminho por blocos de edifícios de pedra, cafés e lojas.

O Lothaire, um pequeno e elegante hotel de dois pisos, era identificável por um pôster seguro por dois suportes de ferro forjado, e uma pequena varanda de entrada e decorado nas laterais com mais elementos de ferro belamente esculpidos. O salão de reuniões, onde se celebravam eventos políticos e sociais, achava-se situado no primeiro piso, assim como o salão de café recentemente inaugurado. Flanqueando-o, havia um corredor com uma grande janela através da qual entrava a bagagem situada no teto das carruagens. Rosalie descobriria mais tarde com deleite que, dentro do hotel, havia um pequeno salão de baile, decorado em tons branco, rosa e ouro, com uma lareira de mármore e uma galeria para músicos. Mais à frente do pátio havia um pequeno atalho salpicado de areia colorida e adornos de porcelana, e uma pequena horta de onde a brisa transportava aromas de hortelã, tomilho, aneto e outras ervas.

— Você gostará — disse ele, ajudando-a a descer do carro —. É tão francês como inglês. Dispõe de todas as comodidades.

— Estou certa de que estará bem — respondeu Rosalie, agradecida por qualquer lugar que tivesse uma cama e uma banheira — mas não disseram ontem que íamos ao hotel d'Angleterre?

— Alguém comentou no navio que têm certos problemas.

— O serviço deixa a desejar?

— Baratas — respondeu ele com um brilho de malícia no olhar, e aguardou uma reação de espanto.

Rosalie tremeu por dentro, mas se negou que a confusão aparecesse em seu rosto.

Iam ocupar uma suíte, duas câmaras separadas por um salão central, apropriadas para um marido e uma esposa que mantivessem uma relação formal e nada romântica. Rosalie imaginou que também seria apropriada

para dois estranhos que desejavam manter suas vidas e suas camas separadas.

O estilo rococó, que teve uma fugaz popularidade na Inglaterra, tinha desfrutado de uma existência mais saudável e frutífera na arquitetura e no mobiliário da França. Preponderava em sua suíte, sendo suas principais características umas carregadas de curvas barrocas, uma voluptuosa sensação de movimento e uma peculiar falta de simetria. Todos os móveis, incluído a tela da lareira de armação dourada, continham desenhos de conchas, pássaros, folhas, flores e asas. Os tapetes eram da mais delicada manufatura veneziana, e as janelas estavam adornadas com persianas delicadamente esculpidas. As camas tinham colchões macios de penas, lençóis de rígido linho bayal, colchas de Marsella e edredons. Rosalie nunca tinha dormido em um dormitório tão suntuoso e, de repente, desejou que não fosse algo ao qual alguém pudesse acostumar-se facilmente, dado que era pouco provável que semelhante oportunidade voltasse a apresentar-se.

— Suponho que tem o costume de te banhar regularmente — disse Randall, depois de ter pedido que trouxessem uma banheira grande à suíte.

— Com frequência — respondeu Rosalie, que sempre tinha tido o desejo embora não a oportunidade de adquirir esse hábito. Para os criados dos Winthrop, o sabão era caro, o tempo escasso e esquentar água suficiente um processo difícil. Entretanto, ela era por natureza uma mulher exigente no que se referia à limpeza.

— Bem. Não me importam os perfumes ou as colônias a menos que se usem para camuflar um aroma mais forte. — Randall se aproximou da janela e apagou as velas de almíscar que se haviam acendido recentemente para perfumar a habitação e mascarar os aromas desagradáveis — Também não gosto que as habitações que frequento cheirem a harém.

Embora Rosalie estivesse de acordo com ele, desagradaram-lhe suas maneiras prepotentes.

— Então, lhe importaria me informar onde posso fazer que lavem minha roupa? — perguntou, recolhendo as saias manchadas de terra e mostrando-lhas todo seu mau aspecto — Do contrário acabará por preferir um quarto no hotel d'Angleterre.

Seu descaramento fez Randall sorrir.

— Teremos que comprar algo para que vista enquanto dure nossa estadia aqui.

Não gostou da idéia de que lhe comprasse a roupa. Era algo muito pessoal, embora soubesse que dependia dele da mesma maneira que uma amante. — Mas não fui eu quem escolheu este papel — recordou-se.

Randall intuiu o curso de seus pensamentos com uma desconcertante precisão.

— Pensa nisso como parte de minha dívida contigo — disse — E se mesmo assim for difícil de assimilar, te console pensando que não pode ir por aí nua... A menos que seja isso o que deseje, é óbvio — adicionou com perfeita amabilidade.

À sua volta, enquanto duas criadas preparavam o banho esvaziando baldes de água fervendo em uma banheira de porcelana que tinham posto na sala da suíte, Randall encontrou Rosalie em seu cômodo. Tinha ido pegar a escova de sua penteadeira e se sentou na cama para tentar desembaraçar sua emaranhada cabeleira. Com a cara emburrada pelos puxões da escova e ignorando que ele a estava observando, agarrou a cabeleira mais teimosa entre os dedos e se dispôs a cortá-la com uma tesoura.

— Não o faça! — exclamou Randall.

A jovem o olhou com surpresa, sustentando a tesoura no ar.

— Não posso desembaraça-lo — explicou com impaciência — Meu cabelo está enorme... Levo horas tentando-o. Não se notará se...

— Nem um fio — a preveniu Randall, aproximando-se da cama e sentando-se a seu lado. A seguir lhe arrebatou a tesoura sem cerimônia.

— Tente se quiser — repôs ela com resignação, mantendo-se erguida enquanto ele levantava uma mecha de seus ombros. Uns momentos depois, não detectando nenhum sinal de progresso, fez uma tímida tentativa de iniciar uma conversa — Estive perguntando como devo lhe chamar, milord.

— Ainda não lhe vieram à cabeça nomes inofensivos?

Rosalie sorriu ligeiramente.

— Algo assim. Gostaria de sugerir algum?

Era um ponto delicado de considerar. Não era frequente utilizar os nomes de batismo, inclusive entre os amigos mais íntimos. Entre as classes mais altas, tanto os maridos entre si como os filhos aos pais, utilizavam o tratamento de senhor e senhora. Sem dúvida, eles deveriam referir um ao outro como lorde Berkeley e senhorita Belleau; entretanto, em sua peculiar situação, semelhante formalidade parecia excessiva.

— Querida senhorita Belleau — disse Randall devagar, consciente da quantidade de distinções entre as diversas formas de se dirigirem um ao

outro. Fez uma pausa comprovando como soava e logo negou com a cabeça — Não, não me convence. Para mim é Rosalie e não posso mudá-lo. Sinto muito, mas terei que te chamar assim.

— Porque não? — respondeu ela secamente — Tomou muitas liberdades comigo.

— Asseguro-te que minha preferência não implica uma falta de respeito — respondeu brincando.

— Não tenho a menor dúvida... Randall.

— Rand.

Ela assentiu, pois gostou daquela abreviação. Brusca e masculina, ia melhor que o elegante Randall. Fez um meio sorriso ante a idéia de poder chamar um homem por seu nome de batismo e ainda por cima abreviado. Era estranho dirigir-se a alguém, especialmente a ele, de maneira tão informal.

— Porque vieste à França? — perguntou-lhe.

Randall vacilou antes de responder, e recordou ironicamente que raramente se incomodava em conhecer uma mulher em outros termos que não fossem sexuais. Essa jovem carente do refinamento exigível era a última mulher a qual se teria dirigido para iniciar uma conversa. Entretanto, não era tola nem dada a risinhos como a maioria das jovens de sua idade. Certamente nunca tinha experimentado a liberdade de falar a sós com um homem. Por Deus! De quais mundos tão diferentes provinham!

— Tem alguma ideia a respeito? — repôs Randall, desembaraçando habilmente várias mechas dos sedosos cabelos.

— Não é por razões sociais ou não teria me trazido contigo.

— É por negócios — replicou Randall, e suspirou — Bom, suponho que também por razões pessoais.

Enquanto ela permanecia silenciosa, concentrou-se em acabar de lhe desembaraçar o cabelo, mas seu silêncio lhe animou a prosseguir.

— Os Berkeley têm muitas fontes de ganhos, mas o mais conhecido além de Berkeley Square é a companhia naval. Estamos tentando tirar uma fatia dos negócios feitos nas Índias Ocidentais, agora que a Europa se recupera do caos econômico que Napoleão provocou. Segundo meu avô, o conde, dirigir tudo requer uma moderação de caráter e uma afinidade pela responsabilidade que até agora não mostrei nenhum indício de possuir. E infelizmente, o conde já é bastante velho.

— Herdará tudo?

Rosalie não pôde evitar sentir-se impressionada pelo imenso poder e as pesadas obrigações que algum dia recairiam sobre seus ombros. Como podia falar disso de forma tão calma?

— Se não for capaz de resolver os problemas mercantis que surgiram entre Boston e Havre, encontrará a maneira de ceder boa parte de seus bens a meu irmão mais novo. — Randall lançou uma risada seca que suavizou o ambiente — Embora tenha que me enterrar vivo, fará tudo o que esteja em sua mão para manter intata a fortuna dos Berkeley.

— E seu irmão tem a moderação de caráter e a natureza responsável que seu avô deseja para ti?

— Não. Mas tem talento com o dinheiro.

Randall tinha cabeça para os fatos e os números, mas nunca havia se sentido como Colín na maneira de considerar a riqueza. Colin valorizava o dinheiro não pelo que podia comprar ou conseguir, a não ser por si mesmo. Adorava a um deus de metal e, constantemente, procurava a maneira de fazer com que as moedas se multiplicassem.

Rosalie assimilou a informação em silêncio. Algo na voz de Randall lhe dizia que a sua era mais uma busca pessoal do que queria lhe fazer acreditar. É possível que tentasse demonstrar algo a seu avô. Perguntou-se que tipo de homem seria seu irmão, e porque falava dele com uma nota zombadora na voz.

Pouco a pouco, as mechas negras foram liberadas de seu ninho, duas ou três de uma vez, até que finalmente ele ficou satisfeito ao comprovar que todos os nós tinham desaparecido. Rosalie lançou um suspiro de gratidão, e então sentiu que os dedos dele se afundavam em sua cabeleira até o couro cabeludo, eliminando com uma massagem a dor e a tensão acumulada. Sem atrever-se a mover, deixou que aquelas fortes mãos aliviassem seu cansaço, perguntando-se com culpabilidade se deveria desfrutar daquela massagem reparadora.

Randall sentiu uma sensação curiosamente erótica enquanto a sedosa cabeleira flutuava entre seus dedos. Ao dar-se conta disso, parou abruptamente e abandonou seu empenho.

— A banheira já deve estar cheia — disse — Pode se banhar primeiro.

Como se despertasse de um breve sonho, Rosalie piscou várias vezes e ficou de pé, lhe lançando um olhar de inquietação antes de abandonar o cômodo. Randall fechou os olhos até que o desejo, rápido em despertar, mas lento em morrer, dissipou-se. Uma mescla de arrependimento e medo o

invadiu ao recordar que Rosalie era a única mulher do mundo que tinha prometido não tocar. — Rand, não pode ser mais néscio! — resmungou enquanto secava as mãos úmidas contra seus firmes quadris. Perguntou se ficava algo por fazer para complicar a vida ainda mais.

Capítulo 3

*Aquele que não tem dama
Não deve luzir um favor.
Aquele que corteja a uma dama
Deve servir, para alcançá-la.*

ANÔNIMO

A faladora mulher do hospedeiro, Marie Queneau, tinha recomendado a loja de roupas de madame Mirabeau como a única que valia a pena em Havre. Randall tinha levado Rosalie ali, depois de apresentar-se superficialmente como seu benfeitor. — *Tout c qu'elle veut*— havia dito. Enquanto as palavras — *tudo o que queira* — dançavam em sua cabeça, Rosalie lhe tinha sorriso maliciosamente com o propósito de lhe causar a maior inquietação sobre o que estava a ponto de gastar.

A Rosalie não fazia nem pinga de graça aparecer como sua amante, mas descobriu que esse mudo título lhe tinha dado certa posição, apesar de que sua roupa estivesse suja e andrajosa. Parecia que a amante de um homem rico tinha mais influencia e importância, inclusive, que sua esposa, ao menos do ponto de vista da comerciante. A própria madame atendeu Rosalie, lhe mostrando desenhos, novidades, e amostras de tecidos e rendas. Depois de anos de vestidos conservadores e cores insípidas, Rosalie se encontrou em um pequeno apuro. Provar a roupa que Elaine já não queria era uma coisa, mas comprar vestidos à última moda parecia tão desnecessário como pretensioso. Os tons pastel faziam furor, deliciosos tons de vermelho, coral, verde, azul e lavanda. Todas eram cores bastante inúteis para uma criada que tinha contatos ocasionais com o pó e a fuligem. Não havia necessidade de que encomendasse um traje de noite, porque Randall obviamente não teria tempo nem vontades de levá-la para dançar, embora se organizassem bailes com frequência para celebrar a derrota de Napoleão. E as delicadas e deliciosas rendas e adornos, os festões franzidos e debruados... Nela, ficariam como a plumagem de um pavão em uma pomba. — Não te vista como uma criada — tinha-lhe avisado Randall com brincadeira, e suas palavras zumbiam em seus ouvidos enquanto ia, indecisa, de um modelo a outro. — *Mas isso é o que sou* — pensou com

ansiedade — *uma donzela e uma dama de companhia*. — Escolheria coisas que durassem até muito depois de que Randall Berkeley tivesse desaparecido de sua vida.

— *Quero viver!* — Suas próprias palavras voltavam a persegui-la — *Quero dançar e paquerar!* — Quase pôde escutar a resposta de sua mãe: — *Rosalie!* — E sua réplica: — *Virar a cabeça... Lançar olhares aos homens bonitos...*

— Mademoiselle Belleau — perguntou madame Mirabeau com um tato delicioso — gostaria que lhe ajudasse a escolher?

— *Oui* — respondeu Rosalie com a testa enrugada pela concentração — Vista-me tão elegante como possa, *s'il vous plaît*.

Passaram toda a manhã e parte da tarde escolhendo, discutindo, medindo, e provando um singelo vestido que vários pares de mãos costuraram rapidamente para que o levasse até que o resto estivesse terminado. O pedido total incluía roupa interior escandalosamente delicada, meias, sapatilhas, chapéus adornados com plumas, luvas, dois casacos forrados de pele, e alguns vestidos leves e ajustados, adornados com bordados ao redor do sutiã e da prega, ou com festões franzidos ou debruados, com decotes pronunciados. Rosalie se surpreendeu das diferenças entre as versões francesa e inglesa do estilo clássico.

— Parece-me que os franceses fazem mais insistência nos seios que os ingleses — comentou olhando inquieta o atrevido decote de um vestido, e por alguma razão madame Mirabeau explodiu em gargalhadas. Para o final da sessão, Rosalie se sentia o bastante ousada para perguntar pelos vestidos de ornamento.

— Os Valois — explicou madame, com a voz ligeiramente excitada — Se acabaram as frias e puras linhas do estilo clássico. Isto é mais feminino, vê?

— Vejo-o — respondeu Rosalie olhando os esboços com curiosidade. Havia balões e aberturas nas mangas e nas saias, cinturas mais alargadas e entalhadas reduzidas a pequenas proporções, ombros mais largos e saias mais amplas. Algumas mangas tinham balões várias vezes ao longo do braço, arredondadas por laços e dobras — Suponho que voltaram os espartilhos, verdade?

— Certamente que sim! Teriam voltado faz anos, se não fosse pela guerra! Sem sujeição alguma, as mulheres engordaram muitíssimo.

— Também se sentiram mais cômodas— quis comentar Rosalie, mas carecia de suficiente experiência para criticar a moda.

— Então me faça este — disse assinalando um desenho com um pronunciado decote em V que chegava quase até o começo dos seios.

— Em azul prateado?

— *Justement* — assentiu Rosalie, e ambas se sorriram — Mas madame, me diga, é meu pedido muito caro?

A costureira agarrou um cilindro de seda e o tocou despreocupadamente enquanto arqueava as sobrancelhas.

— Monsieur parece um homem generoso, sim?

Rosalie assentiu com reserva. Randall era generoso, talvez, mas filantrópico? Não. Não se atreveria a queixar-se se cancelava metade do pedido dado que ela e madame Mirabeau tinham escolhido muito mais do que o necessário.

Randall levou quase todo o dia para convencer os agentes alfandegários para que permitissem atracar ao *Lady Cat*. Estavam convencidos de que o carregamento de algodão que transportava era fraudulento, e ninguém queria responsabilizar-se por ele. Aquela intransigência era o resultado das barreiras comerciais que Napoleão tinha estabelecido durante as hostilidades entre franceses e ingleses. Para derrotar os ingleses, Bonaparte tinha proibido todo o comércio com a Inglaterra criando uma formidável rede alfandegária. Mas o plano tinha fracassado, quase arruinando os comerciantes franceses e a produção agrícola. Se não fosse por um realista ministro do Interior francês que reduziu as proibições, o desastre teria sido ainda maior. Embora o antigo imperador enfraquecia exilado em uma pequena ilha, ainda ficava um resíduo de hostilidade para os ingleses nas alfândegas.

O capitão do *Lady Cat*, um homem curtido de quarenta e tantos anos, Willy Jasper, ajudou Randall a examinar as primeiras balas de algodão enquanto os agentes alfandegários os observavam. Jasper comandava o seu navio como se fosse um navio de guerra, com disciplina e eficácia. Era digno de confiança e estava seguro de si mesmo, já que seu posto era similar ao que tinha tido na Armada Real e se sentia muito orgulhoso do que fazia. Em troca de seus excelentes serviços lhe tinham concedido o uso de várias toneladas da capacidade total do navio para seu comércio privado. Não era nenhum segredo que tinha intenção de se retirar um dia e utilizar o

dinheiro para comprar seu próprio navio. Jasper e Randall introduziram as mãos no perfumado algodão da Georgia e, como temiam, as balas estavam cheias de pedras. Os franceses lhes espetaram uma corrente de repreensões, ditas a tanta velocidade que Randall apenas entendia uma palavra de cada dez.

— Lamento-o muito — se desculpou Jasper com voz monótona — Esses miseráveis bandidos americanos juraram que não voltariam a fazer batota. Por quem nos tomam? Por idiotas?

— Isso parece — replicou Randall, inexpressivo enquanto lançava um olhar aos alfandegários.

— Devolvemos? — perguntou o capitão.

— Não, apesar do peso falso, há uma valiosa quantidade de algodão aqui. Em seu lugar envie a seguinte mensagem: — Carregamento no fundo no mar. Muito pesado para flutuar.

Jasper sorriu.

— Sim, senhor.

— Duvido que nossa posição precise esclarecer-se mais. Mas o problema é como conseguir que o próximo carregamento seja genuíno.

Randall se dirigiu aos exacerbadados agentes e tentou esclarecer a situação em um francês pouco fluido. Tinha poucas dúvidas sobre os persuadir de ser razoáveis, dado que a França do pós-guerra não se achava em posição de menosprezar os frágeis e recentemente restabelecidos canais de comércio com a Inglaterra. Pouco a pouco, o mercado francês começava a recuperar-se e tinha necessidade de algodão virgem e manufaturado, armas, lã, peles, arreios e especialmente café e açúcar. As melhores e mais luxuosas mercadorias do mundo provinham da Inglaterra em um volume maciço à medida que se desenvolvia a energia de vapor e se empregava na maré de industrialização que inundava a Inglaterra. Randall tinha intenção de beneficiar-se ao máximo da fome da França e a superabundância da Inglaterra.

Esse dia, mais tarde, quando o sol começou a perder força no escurecido céu, Randall deteve a elegante e rápida caleche puxada por um cavalo diante da loja de madame Mirabeau. Impaciente, entrou no pequeno edifício e aguardou na entrada, enquanto se perguntava como lhe teria ido a sua quase amante de uma só noite. A madame apareceu pela cortina dos fundos.

— Um momento, *monsieur* — disse, e se ouviram risinhos esquisitos enquanto desaparecia de sua vista.

Sem dúvida tramavam algo. Ouviu-as cochichar, e a voz da costureira: — Não se fixará nas sapatilhas! Sim, já sei que ele é quem paga, mas não o compreende...

Ao final de uns minutos, madame abriu a cortina com gesto teatral, e fez sinais a Rosalie para que saísse. Randall sorriu enquanto esperava expectante. Quando finalmente apareceu, o sorriso se apagou de sua cara e arqueou as sobancelhas. Rosalie se deteve diante dele, nervosa e envergonhada enquanto ele contemplava os resultados de todo um dia de trabalho. Gostou? — Dá igual o que pense — tentou infundir-se ânimo. Dado que ele não abria a boca e continuava olhando-a como embevecido, Rosalie levantou ligeiramente o queixo, e sua atitude mostrou um pingó de arrogância enquanto se deixava envolver por um manto de orgulho.

O vestido era do rosa mais suave e pálido imaginável, e brilhava como o interior de uma concha. Pequenas mangas em balão acariciavam a parte superior de seus braços, e o decote era tão ousado que apenas ocultava o nascimento dos seios; o sutiã os sustentava por debaixo e a saia caía até o chão em estreitas dobras. Sua figura era jovem e esbelta, mas a plenitude de suas curvas femininas se encontrava ali, realçada pelo suave tecido que se colava a seu corpo. A única jóia que trazia era um pequeno alfinete de ouro, que refulgia pendurado de uma pálida fita de veludo que lhe rodeava o pescoço. Rosalie se ruborizou ligeiramente ante o intenso olhar de Randall, enquanto seus olhos azuis brilhavam com a luminosidade de um céu nítido. Tinham-lhe cortado um pouco à franja, de maneira que o que antes eram mechas murchas se converteram em uns cachos da moda, mas o resto de sua cabeleira se achava recolhido em uma pesada e reluzente massa sobre a nuca.

— Mal te reconheço — grasnou ele.

Ao vê-la tinha experimentado algo parecido a uma pancada com a guarda baixa. Olhou-a enquanto titubeava entre o desejo e a recriminação. Não estava o bastante tampada, pensou, obrigando-se a afastar o olhar de seus seios... Entretanto, sua parte racional insistia em que não ia menos vestida que outras mulheres que seguiam as regras da moda. Uma pergunta lhe assaltou de repente: seria capaz de controlar-se e não saltar sobre ela? Seu orgulho, sua palavra estavam em jogo, já que tinha prometido não voltar a tentar tomá-la. Oh, Senhor misericordioso! Como tinha chegado a conceber semelhante armadilha para si mesmo? Não sabia, pensou arrependido, então não sabia que a desejaria tanto.

— Está muito bonita — murmurou, consciente de que as mulheres aguardavam uma frase de aprovação.

Embora madame Mirabeau esperasse um cumprimento mais efusivo, Rosalie pareceu satisfeita. Esboçou um modesto sorriso e olhou a si mesma, e nesse momento Randall viu os traços de outra pessoa, um momento de extraordinária claridade e fugacidade. Imediatamente, sua ânsia se acalmou enquanto se centrava em uma constatação surpreendente: em algum momento ele a tinha visto antes.

— De onde tiraste esse alfinete? — perguntou, enquanto observava o pequeno aro de ouro, em cujo centro tinha gravada a inicial B rodeada de diminutas folhas. Era o alfinete de gravata de um cavalheiro.

— Pertenceu a meu pai, George Belleau — replicou Rosalie, acariciando distraidamente o aro com o dedo — Minha mãe me deu quando completei dezoito anos. — Porque lhe perguntava pelo alfinete? Pensou. Acaso tinha olhado seu vestido, seu rosto, sua figura? Tão pouco efeito lhe causava? Não é que lhe importasse sua maldita opinião, mas depois de passar todo o dia...

— Agrada-lhe o vestido? — perguntou madame Mirabeau com um tom de paquera, e os olhos verdes dourados de Randall se voltaram rapidamente para ela.

— Madame — disse devagar — A mestria de sua arte só se pode igualar com a beleza do material que a realça.

Eram palavras amáveis de admiração, ditas de um modo tão mecânico que careciam de sentido. A Rosalie desgostaram mais que se não tivesse aberto a boca.

— Ah, não sei por que tenho a impressão de que não se refere aos tecidos — disse a costureira com um sorriso tolo, procurando mais adulações de uma maneira em que só o faria uma francesa.

Mas Randall interrompeu habilmente aquele intercâmbio de cumprimentos, aludindo com elegância à conta.

— Semelhante transformação vale, é obvio, qualquer preço, *chère madame*...

— Ah, sim! — disse ela — Apreciará à primeira vista o econômico de meu trabalho, monsieur. Embora seja estrangeiro, não vos tomo como tolo. Lhe cobrarei o mínimo...

Sentindo-se incômoda ante a idéia de que um homem lhe pagasse a roupa, Rosalie aguardou em silêncio até que se despediram de uma madame

Mirabeau evidentemente agradada. — *Mas ele me deve isso* — repetia-se Rosalie uma e outra vez para conformar-se. Por culpa de Randall Berkeley ela tinha perdido seu emprego, seu lar e quase sua inocência. Umas quantas roupas era o mínimo que podia lhe oferecer. Entretanto, continuou acompanhando-a a sensação de desconforto, como se a troca de dinheiro entre Randall e a costureira a tivesse catalogado como sua posse.

Enquanto retornavam a casa, ele foi o primeiro em falar.

— Vejo que tiveste um dia proveitoso — comentou.

Rosalie assentiu, enquanto levava a mão à frente para tocar os novos cachos que a adornavam.

— Vejo que cortou o cabelo.

O desagrado em sua voz foi alentador. Ao menos se fixou em algo que lhe tinha despertado algo mais que uma amável indiferença.

— Só a franja — respondeu Rosalie sem lhe dar importância.

— Não tome mais decisões sem me consultar primeiro.

— Não sou sua criada, lorde Berkeley. Não recebo ordens de você.

— Ordens não, mas sim meu dinheiro?

— Foi você quem sugeriu que me comprasse roupas!

— Sugeri roupas, não que cortasse o cabelo!

— É meu cabelo, pertence—me, não a ti. E falar com brutalidade não conseguirá me devolver essas pequenas mechas. Além disso, o que te importa...?

— Não me importa nada — resmungou ele, apertando os dentes para não enfurecer-se.

Guardaram silêncio durante uns minutos enquanto os cascos do cavalo e as rodas da caleche golpeavam sobre a irregular pavimentação, e então Randall lançou um suspiro para liberar parte de sua frustração.

— Não podemos viver assim nas próximas semanas. Acabaremos nos matando.

— No que diz respeito a mim, nossas diferenças são irreconciliáveis — replicou Rosalie cansativamente. Ela também não tinha idéia de como iam superar a estadia em Havre.

A preocupada expressão de Randall se iluminou de repente com um fugaz e irônico sorriso.

— Se a França e Inglaterra podem fazer um esforço para conviver, acredito que você e eu também podemos encontrar uma maneira.

— O que sugere exatamente? — perguntou ela com cautela.

— O que te parece se assinarmos uma trégua?

Uma trégua. Rosalie brincou com o suave tecido de seu novo vestido enquanto refletia na proposta. Uma trégua, o afastamento de hostilidades. Mas nunca conseguiria esquecer aquele dormitório de Berkeley Square e o que tinha vivido ali, e só isso já era razão para lhe desprezar. Embora não tivesse chegado a penetrá-la, era um homem capaz de violar a uma mulher. Possivelmente ele a via agora como uma pessoa, mas naquela ocasião só a tinha visto como um corpo para satisfazer sua luxúria.

— Seria inútil tentá-lo — respondeu em voz baixa, olhando o bloco de casas sujas pelas que passavam. Sentiu uma pesada carga sobre os ombros e, sentindo-se culpada por repelir sua tentativa de aproximação, acrescentou — Oxalá tivesse um caráter mais generoso, mas não é assim. Não funcionaria.

Randall assentiu ligeiramente, seu rosto implacável, sua boca séria enquanto instigava o cavalo para que apertasse o passo. Nos seguintes minutos de silêncio foi livre de analisar a estranha mescla de emoções que o embargavam. Sentia-se ofendido pelo repúdio de sua proposta de trégua. Seu lado mais malévolo sugeriu, considerando quem era cada um e qual era a situação, que ela não tinha direito a repudiar sua tentadora oferta de amizade. Outra parte dele se sentia vagamente ferida porque tinha estendido a mão a um suave gatinho e tinha recebido um arranhão em troca. E, entretanto, seu respeito por ela tinha aumentado.

Não sabia como lidar com ela e a única solução parecia ser manter-se afastado.

A partir desse momento os limites ficaram claros, dado que Randall não tentou mais aproximações nem Rosalie fez mais concessões. Passou um dia, logo outro, e assim até toda uma semana. Apesar das breves confrontações e discussões, os longos silêncios e as conversas inexplicavelmente tensas e vigilantes, Rosalie sabia que recordaria esses dias no Lothaire como idílicos. Adaptou-se à língua francesa como a uma luva feita a sua medida, os modulados acentos recordando frequentemente a Amille. Randall a deixava em paz a maior parte do tempo, enquanto ia ao porto ou atendia os interesses dos Berkeley, e ela se abrigava no acolhedor refúgio do hotel com satisfação.

Rosalie nunca tinha experimentado um tempo livre em que podia escolher o que quisesse, sabendo que não tinha obrigações. Tocava o piano, sentava-se em um canto do salão decorado com veludo e lia novelas de Jane

Austen, passeava pela horta e mastigava folhas de hortelã aquecidas pelo sol, ia ao salão de reuniões e conversava despreocupadamente das notícias que traziam os jornais europeus — que chegavam a cada três semanas — com o resto dos hóspedes do hotel, dois dos quais eram jovens das colônias americanas que percorriam a Europa com seus pais.

O único momento que compartilhava regularmente com Randall era o café da manhã no salão do café, uma xícara de café com leite bem quente e pão-doce folhado, e de novo de noite quando jantavam com a família Queneau e o resto dos hóspedes. Todos se sentavam na *salle à manger* e saboreavam abundantes pratos nos quais não faltavam as ervas frescas e as verduras da horta. Depois do segundo prato, retiravam a toalha deixando à vista outra inclusive mais delicada que havia debaixo, sobre a qual se depositavam licoreiras de bordéus, o porto e conhaque para acompanhar a sobremesa de frutas da estufa. Rosalie não se atreveu a perguntar a Randall porque nunca tomava mais de um gole de vinho, mas lhe observava todas as noites e encontrava curiosa sua falta de interesse pela bebida.

Lentamente, as comidas, a cidra da Normandia, o ar fresco e o sol, o ócio e a liberdade contribuíram a que sua pele perdesse a palidez e ganhasse uma saudável cor. Randall não disse nada da mudança que estava ocorrendo, embora às vezes a olhava com olhos que expressavam uma estranha mescla de ânsia e pessimismo.

Embora Rosalie continuasse dizendo que ele lhe desagradava, no entanto lhe despertava curiosidade. Começou a saber exatamente quando tinha estado brigando, apostando ou ocupado em qualquer outro episódio duvidoso, porque às vezes chegava com um brilho temerário nos olhos. Parecia como se só desfrutasse quando fazia algo que o resto dos Berkeley sem dúvida teriam desaprovado. Entretanto, era difícil lhe entender, porque era mais complexo que o típico homem que só procura diversão. Quanto mais o conhecia, mais surpreendia a Rosalie o fato de que se incomodou em resgatá-la a noite do incêndio de Covent Garden. Embora de vez em quando podia mostrar-se amável, Randall não era certamente um bom samaritano. Frequentemente adotava um humor zombador e cruel que sobressaltava Rosalie.

Uma noite, retornou ao hotel inusitadamente tarde, depois de ter passado o dia fazendo a viagem de ida e volta a Louviers. Uma vez tomada à decisão de procurar novos sócios comerciais, Randall dedicava as jornadas a árduas negociações e conversas que costumavam saldar-se com bastante

êxito. Queria uma parte do negócio da lã francesa, e também estava disposto a correr o risco de investir no que prometia ser um desenvolvimento espetacular da indústria têxtil. Agora que Napoleão apodrecia em Santa Elena, as indústrias que dependiam dos caprichos das classes altas sem dúvida floresceriam.

Entrou na suíte cansadamente e se encontrou com Rosalie submersa na banheira em seu dormitório. A luz das velas brincava com seus traços, desenhando sombras delicadas que perfilavam deliciosamente os lóbulos de suas orelhas e suas suaves maçãs do rosto. Borbulhas de espuma se enredavam em seu pescoço e flutuavam ao redor de sua cabeça. Enquanto se ensaboava o cabelo, Rosalie o olhou com ligeira surpresa. Randall sempre permanecia em seu dormitório quando ela se banhava, e não a tinha visto uma única vez nua desde aquela manhã em Londres.

— Acreditei que era a donzela — disse com voz mais alta do que o normal. A primeira reação de Rosalie foi de procurar uma toalha. — *Não seja parva* — se reprovou no momento — *ele já te viu nua!* — Imediatamente, o ar da habitação se tornou tenso a tal ponto que quase podia apalpar-se. Rosalie não tinha pensado nele como homem desde aquela manhã em Londres, e se afundou uns centímetros na água enquanto sentia que despertavam nela sensações indesejadas. Randall ficou como cravado ao chão, com a boca seca e os brilhantes olhos verdes abertos sem piscar. Com um esforço sobre-humano, afastou o olhar dela e olhou suas unhas.

— Sinto muito. Passei mais tempo em Caen do que tinha previsto.

— Fez muitas coisas? — Custou-lhe soar natural.

— Eu... Bom, sim.

— Bem... Terminarei em seguida de me banhar — disse Rosalie, e Randall retrocedeu até se chocar contra a porta talhada. Acelerou-lhe o pulso e sentiu um formigamento em toda a pele, consciente de que o corpo nu dela se achava a escassos passos de distância.

— Não tenha pressa — comentou, maravilhando-se de não engasgar-se com as palavras — devo ir de novo. Tenho mais assuntos para resolver.

— E o jantar? — perguntou Rosalie, franzindo o cenho. Ele sacudiu a cabeça.

— Não tenho fome. Voltarei mais tarde... Feche a porta quando eu sair.

Contrariada, Rosalie o viu partir e logo se desabou sobre um lado da banheira com alívio. Depois de acabar seu banho, jantou sozinha e se deitou cedo, com o ouvido aguçado esperando escutar a chave girando na

fechadura da porta. Pareceu-lhe que a maior parte da noite transcorria em um estado de cochilo, à espera do alívio de saber que ele tinha retornado. Finalmente, Randall retornou quando já amanhecia.

Cansada e com os olhos inchados, Rosalie despertou ao ouvir passos amortecidos na suíte, e pôs o penhoar de sua camisola branca antes de abrir a porta. Randall acabava de chegar. Olhou-o com surpresa e preocupação, mas em seguida franziu o cenho: o perfume adocicado de alguma puta barata invadia todo o dormitório. Sua roupa estava alvoroçada, o rosto macilento e os olhos avermelhados como os de Rosalie. Seu estado indicava mais esgotamento que bebedeira, como se tivesse estado acordado toda a noite. Rosalie não pôde evitar o imaginar derrubando-se com outra mulher, e sentiu um nó de indignação na garganta. Canalha promíscuo!

— É terrível! — disse Rosalie em voz baixa e tensa, e ele ficou olhando, vacilante.

— Por que, se posso perguntar?

— Parece e cheira como se te tivesse deitado com todas as prost... as putas da cidade.

— É muito possível — concedeu Randall, tirando a casaca e deixando-a cair ao chão — mas se o recorda, isso formava parte de nosso pequeno acordo. Ou teria preferido ser você a que compartilhasse meu leito?

Rosalie fez um gesto de desdém impróprio dela.

— É asqueroso.

— Sou um homem solteiro sem compromisso. Pode-se saber o que tem de asqueroso nisso?

— Que, pelo visto, sua caprichosa luxúria desperta ante qualquer fêmea que meneie o traseiro diante de ti.

Grunhindo, Randall se aproximou como disposto a sacudi-la, mas ela se manteve firme quando aquelas grandes mãos se fecharam sobre seus delicados ombros. Ele esboçou um gesto de desprezo. O que lhe acontecia? Qual era a causa de semelhante desejo que não podia aplacar com as carícias ou o talento de nenhuma outra mulher? Não podia consentir que aquilo continuasse ou se voltaria tão louco como o rei Jorge.

— Não sei por que me incita a manter discussões inúteis — lhe disse, os dedos pressionando ligeiramente a parte superior de seus braços. Rosalie estremeceu ao sentir como a agarrava.

— Se está insinuando que minha intenção é te provocar — repôs Rosalie vacilante — Se equivocas. Mencionei-o só porque, compartilhando um

espaço tão reduzido, resulta-me difícil ocultar meu asco ante sua promiscuidade.

— Oculta-o — lhe recomendou Randall, atraindo-a para si. Ela era tão miúda que sua cabeça mal chegava ao queixo — se não quer que renuncie a meus intentos de me satisfazer discretamente... E concentre meus cuidados na mulher razoavelmente apetecível que tenha mais perto, que dá a casualidade de que é você.

Razoavelmente apetecível! Rosalie quis esbofeteá-lo, mas conseguiu conter esse impulso. Manteve-se rígida, e com os punhos apertados.

— Então volta a tentar me forçar — disse entre dentes — Não será nada incomum.

Com brutalidade, ele soltou seus ombros e tomou seu rosto entre as mãos, imobilizando-a.

— Me diga que atração poderia despertar em mim — lhe propôs amavelmente — Uma mulher que oferece o quente abraço de um iceberg. Tentadora e altiva nas maneiras, ansiosa por afastar-se de mim como se o mero contato fosse repugnante. Conformar-te com sua solidão... mas eu não sou tão autossuficiente. Durante anos fui prisioneiro nessa morada invernal até que, finalmente, tudo aquilo que me fazia pessoa me impulsionou a procurar o calor humano. Você, entretanto, é a primeira criatura a que feri em minha busca.

— Do que está falando? — sussurrou Rosalie, mas ele prosseguiu como se não a tivesse ouvido.

— Minha atração por ti é irônica... Um desejo desenfreado de varrer a neve e derreter o gelo em minhas mãos. E, entretanto, não me atrevo, porque parece que não há nada debaixo da superfície e ao te derreter, desapareceria.

— Está louco — murmurou ela, tremendo enquanto ele a atraía mais e seus seios se agitavam contra seu musculoso peito.

Ao vislumbrar o brilho do medo em seus olhos, Randall lançou um juramento e a soltou com um grunhido.

— Louco rematado — lhe deu a razão — Oxalá não te desejasse.

E saiu para o seu quarto, fechando com uma portada. Impressionada, Rosalie se deu conta de que ficou sem fala. Até que ponto se encontrava segura com ele? Quanto domínio de si mesmo tinha aquele homem? Podia contar com que mantivesse sua promessa?

Voltaram a encontrar-se essa noite antes do jantar, receosos, sem trocar palavras, tacitamente de acordo em esquecer as passadas vinte e quatro horas. Randall se aproximou de Rosalie, que estava sentada em uma esquina da sala principal, lendo com a cabeça inclinada. Devagar, ela levantou o olhar, preparada para reatar a antipatia que se professavam, mas ao lhe ver sentiu um tombo no estômago. — *Será a fome?* — se perguntou Vestia uma casaca azul marinho, camisa branca e calções formando um conjunto de um branco antigo, as longas pernas embutidas em umas botas negras de Hesse, e um imaculado lenço branco ao redor do pescoço. Rosalie tinha se acostumado ao moreno dourado de sua pele, que já não achava nem estranho nem pouco atrativo. Embora não fosse bonito, agora sabia por que muitas mulheres o desejavam. Havia algo particularmente atraente nele, sua leve brutalidade, sua vibrante e esplêndida masculinidade, que fazia uma mulher consciente de sua própria feminilidade. Seu caráter imprevisível só contribuía para torna-lo mais intrigante. Os olhos, sob suas escuras pestanas, passavam tão rapidamente da frieza à risada, e logo a uma brilhante opacidade, que animavam a imaginar o que sentia. Rosalie sabia que a maioria das mulheres se sentiria tentada a domar-lhe, a persuadi-lo para que depositasse sua confiança nelas. Entretanto, também sabia que nenhuma delas teria tido êxito.

— Esteve fechada neste lugar como um pássaro em uma jaula — disse em voz baixa, e Rosalie ficou em pé.

— Não é sua responsabilidade me proporcionar entretenimento.

Os olhos de Randall a percorreram, captando e retendo o brilho do abajur enquanto examinava a esbelta figura envolta em um vestido amarelo pálido, debruado com um intrincado desenho de folhas.

— Este pequeno lugar é tudo o que viu de França. Eu gostaria de te mostrar algo mais.

Seu tom revelava um toque de desculpa. Rosalie lhe observou insegura. Porque lhe preocupava se ela se divertia ou não? Sua presença ali era de mera conveniência.

— Pensa em começar esta noite? — perguntou-lhe assinalando sua roupa.

— Isso depende se aceita sair para jantar. Há um lugar...

— Primeiro, eu gostaria de fazer uma pergunta — disse Rosalie, e mordeu o lábio inferior enquanto o contemplava. Em sua ausência, tinha decidido que lhe convinha cultivar a amizade de Randall. Não era o

bastante forte para ser sua inimiga por muito tempo — Continua vigente sua oferta de trégua?

Rosalie lhe estendeu a mão enquanto falava. Depois de duvidar, ele fez o mesmo. Mas, em vez de estreitá-la, Randall a segurou e entreabriu os olhos enquanto tentava ler seus pensamentos. Rosalie se sentiu surpreendida ante a calidez, a segurança e a satisfação que experimentou ante aquele simples apertão. Para sua própria confusão, desejou que não a soltasse, e quando ele o fez, apenas pôde conter-se para não continuar agarrada a ele. Seus dedos retiveram o calor dos dele.

— Vou ter um pouco de tempo livre nos próximos dias — comentou Randall, ajudando-a a vestir o casaco — Pensei que poderíamos fazer uma visita a um velho amigo meu.

Enquanto liberava um cacho que tinha ficado apanhado debaixo da capa, sorriu-lhe com um deslumbrante encanto.

— Oh? — Rosalie tinha dificuldades para concentrar-se no que ele dizia, imersa como estava na sensação de bem-estar que começava a inundá-la. Começava a descobrir que Randall podia ser muito agradável quando queria — Quem?

— Alguns lhe chamam o rei de Calais.

— E quem é?

— O dandi Beau Brummell, é obvio.

Rosalie duvidava que a maioria das coisas que Randall lhe tinha contado daquele dandi fossem certas. Assim que o interrogou os dois dias seguintes, durante a viagem de carro a Calais, e recebeu com agrado e incredulidade as divertidas estórias que Randall lhe contou, mas bem pareciam fruto de uma fértil imaginação. Ela receava o brilho de seus olhos, que contradizia seu rosto solene, mas lhe assegurou que todas as histórias sobre o Brummell eram certas. Havia coisas inquestionáveis: o fato de que Brummell tinha fugido de Londres como resultado de um escândalo, deixando uma avultada dívida, era bem sabido, já que a porcelana de Sévres, os excelentes livros de sua biblioteca, a coleção de vinhos e as obras de arte se leiloaram publicamente na Christie; sua amizade com Jorge IV, o príncipe regente, era também famosa, dado que sua alteza e os membros mais elegantes do *beau monde* tinham visitado com frequência Brummell no número 4 de Chesterfield Street, para lhe pedir sua opinião quanto a roupa e estilo. Brummell ou Beau, como era mais conhecido, tinha uma fama legendária

com o lenço, tendo inventado um método de engomar essa peça para lhe dar uma forma brilhante e imaculada.

— Se murmura que tem três pessoas que lhe convenciam as luvas: uma para os polegares, outra para o resto dos dedos e outra para a palma...

— Não acredito! — exclamou Rosalie, e se inclinou mais perto dele, sem afastar a vista de seus olhos — Se viam frequentemente?

Randall se conteve de plantar um beijo naqueles suaves lábios e sorriu, suas longas pestanas castanhas vibrando ligeiramente enquanto lançava um fugaz olhar a sua boca.

— Às vezes. No entanto, não se dignava caminhar comigo a nenhuma parte. Dizia que era óbvio por minhas passadas que acabaria lhe salpicando as botas.

Rosalie sorriu.

— Não queria que lhe sujassem as botas? — Fazia que tirassem brilho às solas e ao resto da bota. — Um homem assim tem que ter uma opinião muito elevada de si mesmo.

— Durante dezoito anos foi o príncipe da Inglaterra muito mais que Jorge IV. Imagino que com a perda de sua glória se tornou mais humilde. Embora não me surpreenderia se não fosse assim.

— Está seguro de que querará receber visitas?

— Não acreditará que se mudou de Calais por acaso, verdade? Situou-se em um lugar estratégico para receber a todos os ingleses que visitam o continente quando cruzam pelo estreito de Dover. Qualquer um que vá ou venha de Paris virtualmente tropeça com ele.

O dandi Beau vivia perto da prefeitura, no centro da cidade, no lar de um impressor francês que se chamava Leleux. Tal como exigiam as normas de cortesia, Randall lhe tinha enviado previamente um mensageiro com um cartão de visita para anunciar sua chegada. Para expressar o maior grau de atenção e consideração aos detalhes, acostumava-se escrever E.P. (*en personne*) na parte inferior do cartão.

A Rosalie não lhe ocorreu até quase o final da viagem que não existia uma explicação adequada nem aceitável para sua relação com Randall. Brummell chegaria à conclusão de que era sua amante, dado que obviamente não se tratava de sua esposa nem sua irmã, e a ausência de uma dama de companhia indicava que não pertencia a uma família respeitável. Muitos a veriam como uma criatura de moral duvidosa, carente de respeito pela sensibilidade da gente decente. Não importava que quem a condenasse

escondesse vícios iguais, se não piores, na intimidade de seus quartos, atrás de seus impressionantes títulos e refinadas reputações. A aparência era tudo o que importava, e se queriam lhe lançar pedras, ela oferecia um alvo perfeito para aqueles olhos hipócritas. Guardou essa preocupação para si mesma, confiando em que Brummell não levasse em conta.

Podia ter economizado essa preocupação. Rosalie nunca voltaria a conhecer ninguém com umas maneiras tão deliciosas como as de Brummell. Convidou a suas dependências tão logo chegaram, como se tivesse pressa por lhes fazer sentir cômodos. Seu atual lar consistia em três habitações perfeitamente decoradas, uma para receber visitas, outra para comer e outra para dormir, decoradas de uma maneira que não correspondia absolutamente ao que ela esperava de um homem endividado até às sobrelhas. Tal como Randall lhe explicou depois, o dandi Beau era um perito em pedir emprestado a uns para pagar a outros, procurando um crédito quase ilimitado graças a seu prodigioso encanto. O único criado era Selegue, seu criado pessoal, um homem pequeno e calado que ia de um lado a outro de maneira impercetível enquanto Brummell lhes dava as boas-vindas.

— Alegra-me imensamente que tenham vindo — exclamou com os olhos postos em Randall — Minha morada é humilde, nada a ver com o que estou acostumado, mas em um cenário tão áspero, alguém deve brilhar o mais possível, não?

Rosalie o olhou fascinada; nunca tinha visto um homem mais cuidadosamente embelezado. Bem se podia acreditar que dedicava duas horas ao dia a atar o lenço, porque cada imaculada dobra branca, cada diminuta risca, era um detalhe que denotava cuidado e consideração. Usava uma casaca azul com gola de veludo e um colete beges, e calções negros combinando com sapatos da mesma cor, tão brilhantes que o lenço se refletia neles. Brummell tinha trinta e oito anos, exatamente dez mais que Randall, mas parecia muito mais velho e tão diferente que era impossível compará-los.

— Aflige comprovar — disse o dandi assinalando a Randall — o moreno que se tornou. Não cuida de sua cútis? Tem a pele tão escura como a de um camponês, e a julgar pela brancura de seu irmão, não pode utilizar a desculpa de que é hereditário...

Enquanto Randall murmurava alguma justificação, Rosalie sorriu, sabendo muito bem que ele não tinha intenção de ficar em casa para

proteger-se da luz do sol. Observou a cútis branca e nítida de Brummell com admiração e não teve problemas em acreditar nos rumores que afirmavam que todos os dias tirava brilho a sua pele com uma escova especial e que se enxaguava com leite e mel.

A agradável redondez de seu rosto e os brilhantes olhos azuis refletiam um semblante cheio de vaidade e inocência, encanto e súplica. Cultivava a beleza e a simplicidade, acreditava que encarnava essas duas virtudes e tratava de animar a outros para que o imitassem. De modo que esse era o homem que tinha dado lições de humildade a um príncipe e presidido a alta sociedade inglesa durante longo tempo.

— Encontrei o mais delicioso armário chinês para pô-lo ali — explicava a Randall, e enquanto falava seus brilhantes olhos olharam a Rosalie, que sentiu um estranho tremor enquanto Brummell a avaliava. Durante longos segundos, os dois pares de olhos azuis se encontraram, estudando-se, mantendo o olhar, interrogando-se, até que Rosalie sorriu vacilante.

— Opino que suas estancias são realmente formosas — disse com simplicidade.

Randall pigarreou.

— George Brummell, me permita que o apresente à senhorita Rosalie...

— ... Belleau — acabou ela.

— Senhorita Belleau... — disse Brummell com tom afetado, enquanto fazia uma profunda reverência — devo dizer com humilde sinceridade que conheci poucas mulheres que igualem sua beleza e a nenhuma que a superasse. Os anjos devem baixar o olhar quando passa por debaixo deles e chorar de inveja.

— É muito amável, senhor — redarguiu Rosalie, sorrindo ante sua exuberância verbal — mas sem dúvida esbanja suas maravilhosas palavras em alguém que bem pouco as merece.

Sem dar-se conta, tinha inclinado à cabeça de uma maneira coquete enquanto falava. Estavam um frente ao outro e, de repente, Brummell arqueou uma sobrancelha, confuso.

— Jeremy! — chamou com súbita impaciência.

O criado entrou no cômodo arrastando os pés, e ao ver Rosalie ficou imóvel. Ao sentir-se o objeto de dois olhares assombrados e penetrantes, a moça se aproximou de Randall, que de maneira protetora deixou que seus dedos descansassem ligeiramente nas costas dela.

— Ocorre algo, Brummell?

— Não, não, meu bom amigo, claro que não. — Beau se recuperou e deu uns tapinhas a seu criado no ombro — Vá buscá-lo, Jeremy. Querida senhorita Belleau, rogo que desculpe minha inexplicável rudeza, embora confie em lhe explicar meus atos dentro de um momento. Nunca tinha visto uma semelhança tão grande.

— Uma semelhança? — repetiu Rosalie, cuja curiosidade se despertou.

Ao sentir a mão de Randall em suas costas, tratou de não mover-se nem de mudar de posição, pois estranhamente a sensação lhe resultava agradável.

— Antes de sua chegada — respondeu o dandi — ela era a mulher de pele mais branca que jamais tinha tido a bênção de conhecer. — Seu agradável rosto se entristeceu gradualmente enquanto prosseguia — Meu coração lhe pertencia como as estrelas pertencem ao céu... Certamente todas elas perderam parte de seu brilho quando ela e eu nos separamos — suspirou — O capítulo mais triste da história do amor, embora não seja um dos mais conhecidos.

Randall dissimulou o sorriso que se desenhava nas comissuras de sua boca ao ver a pena e o interesse que mudou a expressão de Rosalie. Ela não sabia que Brummell armazenava um montão de histórias de amores, aventuras, escândalos e tragédias, todos cuidadosamente conservados e com frequência mencionados para entreter a seus convidados. Um dos dons de Brummell era que sempre encontrava uma história para captar a atenção de seus ouvintes.

— Parece-lhes que continue enquanto tomamos um refresco? — ofereceu Brummell, e acompanhou, solícito, a Rosalie até uma mesinha coberta por uma toalha de Damasco e em que repousava um serviço de chá de prata. Sem interromper seu monólogo, conduziu-a até uma pequena cadeira Windsor e lhe deu a entender que servisse o chá. Ao lado do bule havia um pequeno prato com pasteis de groselha, bolachas de gengibre, tarteletes de amoras, bolinhos com passas de Corinto e torradas de Reims, umas caras bolachas com sabor de amêndoa.

— Chamava-se Lucy Doncaster, e seu aspecto era incrivelmente similar ao seu, salvo que seus olhos tinham o azul da névoa de um amanhecer inglês. Seu cabelo possuía a mesma tonalidade que o seu e... — pigarreou intencionalmente — tive a ocasião de descobrir que lhe chegava até a cintura.

Que era uma forma amável de dizer, reconheceu Rosalie, que tinha mantido relações íntimas com Lucy Doncaster. Que maneira tão deliciosa de revelar o caráter de sua relação!

— Era possuidora da natureza mais gentil que tenha tido alguma mulher antes ou depois; nunca contradizia, nunca se queixava, nunca revelava a menor impaciência... — Enquanto o dandi continuava, o olhar de Rosalie se encontrou com o de Randall, que mostrava uma boa dose de maliciosa diversão — E a nossos corações foi impossível resistir os silenciosos requerimentos do amor. Aos dezesseis anos, estabeleci amizade com o príncipe regente, concederam-me o grau de corneta no décimo regimento, e assim começou uma famosa e lamentável amizade que durou, mais ou menos, as duas passadas décadas. Como sabem, recentemente me desprendi do véu que crivava minha amizade com Prinny e vi que seus ímpetos são muito intoleráveis para que os padeça um homem como eu... Mas voltemos para nossa história. Conhecemo-nos em Brighton, já que Prinny tinha o costume de ordenar a nosso regimento, os Hussardos, constantes idas e vindas do Pavilhão a Londres. Ela e seus pais compareceram como convidados a um dos esplêndidos bailes que se celebravam no Pavilhão...

— E foi amor à primeira vista — adivinhou Rosalie enquanto seu coração parecia expandir-se. Mal podia acreditar que estiva ali sentada, sendo tratada com atenção pelo adulator acompanhante da realeza, enquanto este se empenhava em distrai-la. Brummell falava de uma maneira ociosa e extravagante, como se o mundo se detivesse para lhe permitir tanto tempo como desejasse para urdir sua romântica história.

— O amor! Que palavra tão corriqueira para descrever o que senti! Voltei a nascer a primeira vez que nossos olhos se encontraram. Ela era... a inocência personificada, encarnada em forma humana... — Beau agarrou uma bolacha de amêndoas e a mordiscou delicadamente, enquanto parecia perder-se em suas reflexões.

Rosalie lhe observou em silêncio, sem atrever-se a pronunciar nenhuma palavra. Mas, conhecendo Brummell, Randall sabia que esperava outra pergunta que o impulsionasse.

— Seus sentimentos eram mútuos? — perguntou com segura, e a oportunidade foi aproveitada imediatamente.

— Recebi suas amáveis garantias de que assim era. Mas, ai! Aguardavam-nos obstáculos insuperáveis para um simples ser humano.

— Intuo a entrada em cena de um pai autoritário — interveio Randall.

Rosalie lhe lançou um olhar de recriminação, que ele ignorou. Sabia que lhe desagradava sua tendência a mostrar falta de respeito, mas às vezes lhe resultava impossível resistir.

— Que perspicaz! — comentou o dandi, aceitando a xícara de chá que lhe oferecia Rosalie — Confio em que tenha sido pródiga com o açúcar... Bendita seja, querida minha. É tão generosa como a própria duquesa de Devonshire, outra boa amiga minha. Bem, para prosseguir com o relato... Ah, sim, o pai. Sir Reginald Doncaster, um homem com boas intenções, mas mal aconselhado, que tinha governado a adorável Lucy com uma férrea disciplina toda sua vida. Doncaster era da opinião que não existia nenhum homem adequado para sua filha, e apesar de que eu estava de acordo, também sentia que me achava tão perto como qualquer outro homem de merecer semelhante honra. Apesar de minhas petições, acabou prometida ao conde de Rotherham. Ao mesmo tempo, enviaram a nosso regimento de volta a Londres, e durante nossa imposta separação ocorreu o desastre.

— Ela se suicidou — propôs Randall.

— Não, que idéia tão parva — exclamou Rosalie — Não quando tinha todas as razões para viver: era jovem, estava apaixonada... Sei o que eu teria feito: teria pego minhas coisas e teria fugido.

— Que foi precisamente o que ela fez — afirmou Beau, de repente com expressão triste e desconcertada — Só que ela não se reuniu comigo. Desapareceu com sua preceptora. Ninguém sabia onde estava. Correram rumores de que partiu para França, mas ninguém sabia certo. Transcorreram dias, semanas e meses, e na escuridão de meu despeito senti que nunca voltaria a vê-la. A história acabou um ano depois, quando a encontraram aqui, na França.

Sacudindo a cabeça, agarrou outra bolacha de amêndoas.

— O que aconteceu? — perguntou Rosalie com urgência.

Enquanto o dandi Beau comia, Randall respondeu por ele.

— Se suicidou.

— Não! — contradisse-lhe ela.

— Sim — disse Brummell, enquanto estendia a mão para receber uma pequena caixinha de marfim de seu ajudante de câmara — Se afogou no Sena.

— Não tem sentido que perdesse a esperança — exclamou Rosalie, presa de uma tremenda paixão pela desconhecida Lucy Doncaster. Ela nunca

tinha experimentado a dor de um amor desventurado, entretanto, intuía que devia ter sido insuportável.

— Ah, para você talvez não — disse Beau, enquanto tirava uma miniatura do brilhante pacote e a contemplava — Para compreendê-lo, teria que ter conhecido a minha amada. Tão frágil, tão necessitada de amparo... Só foi o bastante forte para fugir, mas não para lutar.

— Temo-me que Rosalie não entenderia semelhante reação — interveio Randall, aguentando a risada, e se levantou da mesa para espiar por cima do ombro de Rosalie enquanto Brummell lhe entregava o retrato.

À primeira vista, Lucy Doncaster parecia muito jovem, uma moça estranha, com o rosto docemente arredondado da juventude, e o cabelo polvilhado com reflexos de um pálido branco dourado e recolhido em um muito alto e elaborado coque de cachos sobre a cabeça. Tinha a pele quase translúcida, e um diminuto sinal negro em forma de coração posto perto da comissura da boca. Os lábios se franziam com a deliciosa insinuação de um sorriso. O delicado contorno da cara, o nariz arrebitado, os olhos tão escuros e nítidos como perfeitas safiras, fizeram com que Randall deixasse escapar um sussurro de surpresa. Seu fôlego agitou o cabelo de Rosalie. Ela tremeu, sem saber se os calafrios que lhe percorriam as costas se deviam ao retrato ou à presença dele tão perto dela.

— É Rosalie — disse Randall, e o dandi Beau sorriu triunfalmente.

— Disselhes que a semelhança era notável.

— Sim — coincidiu Randall devagar, seu leonino olhar fixo em Rosalie enquanto retornava a sua cadeira. A não ser pela existência prévia de George Belleau, teria jurado que ela era uma Doncaster nascida fora do matrimônio.

Como se adivinhasse o que estava pensando, ela manteve seu olhar desafiante. — *Te atreva a sugerir que sou a filha bastarda de algum nobre* — pensou enquanto segurava com força a miniatura — *e o pagará caro!*

— Que estranha volta do destino que decidiu visitar Calais! — comentou Brummell, rompendo o denso silêncio, e Rosalie se voltou para ele decidida a desfrutar.

— E que amável de sua parte nos receber — repôs.

— Estava seguro de que qualquer companhia que Randall Berkeley trouxesse com ele, seria encantadora. Como de costume, estava certo.

— Obrigado — replicou Rosalie — R and... ele... bom, lorde Berkeley...

De repente, incapaz de decidir como referir-se a Randall diante de Brummell, vacilou confusa. Os dois homens aguardavam em silêncio. Um por cortesia, o outro por um impulso zombador de não ir em seu auxílio.

—... mencionou — prosseguiu com uma faísca de raiva para Randall — que tinham se conhecido com antecedência.

— Sim — disse o dandi enquanto um sorriso irônico iluminava seu rosto — A primeira vez que nos vimos, vi-me obrigado a agradecer-lhe.

— A agradecer? — Rosalie lançou um olhar cético a Randall — Por quê?

— Foi em Berkeley Street onde encontrei meu amuleto da sorte, uma moeda de seis peniques. Recolhia de uma boca-de-lobo, é obvio com um lenço, e comprovei que tinha um buraco no meio. Um obséquio maltratado, mas que valia tanto como o abajur de Aladino. Desde esse momento tive a sorte mais absoluta que caiba imaginar...

— Não precisamente porque ele contribuíra a isso — remarcou Rosalie, assinalando a Randall com um gesto. O jovem sorriu inocentemente.

— Acrescento-me méritos sempre que posso.

—... Até que perdi a moeda — prosseguiu Brummell, ignorando os comentários — ao pagar com ela, inadvertidamente, a um chofer de aluguel. Choferes de aluguel! Sempre alberguei uma profunda aversão por eles. A partir daquele instante, minha vida tomou um curso nefasto, até chegar à situação em que me veem agora. Entretanto, antes de me mudar para França, tive a ocasião de assistir a algumas caçadas no castelo de Berkeley. Randall, como se encontra o atual conde?

— Meu avô está doente. — Um brilho de amargura brilhou nos olhos de Randall, ou ao menos isso pareceu a Rosalie — Falei com seu médico antes de abandonar Londres. Dúvida que sobreviva outro ano.

— Uma pena — murmurou Brummell, embora não houvesse pesar em sua voz. Além de Randall, nunca tinha gostado dos Berkeley. Uma família solene e pretensiosa, inclinada a valorizar o dinheiro e as posses por cima de tudo. Uma família mesquinha, fria... Basicamente insociável, coisa que para o dandi Beau era imperdoável — Então, herdará o título de conde logo.

— Uma perspectiva pouco apetecível — comentou Randall, mexendo o chá que ficava em sua xícara, os olhos absortos na operação.

— Sim — Brummell o olhou com um pouco de simpatia — não me alegraria assumir tanta responsabilidade.

— Não me importa a responsabilidade, mas é um título sobre o que pesam muitas desonras.

— Que é obvio não excedem sua capacidade de emendar.

Randall sorriu e olhou a perplexa Rosalie. Tudo o que ela tinha eram garras de gatinha, o bastante afiadas para dissuadir, mas inúteis para sua defesa. Era, certamente, uma criatura inocente, uma criatura em uma situação desesperada embora o único de que tivesse que proteger-se no mundo fosse ele. Seu olhar não se separou dela enquanto falava.

— Infelizmente — disse — tendo a seguir os caminhos bem debulhados por minha família, por isso às vezes é impossível reparar adequadamente os pecados dos Berkeley.

Rosalie tratou de se proteger do novo sentimento que começava a insinuar-se dentro de seu coração. Alarmada, levou sua xícara aos lábios e esteve a ponto de engasgar-se com a suave doçura da infusão. Em silêncio, refletiu sobre seu circunstancial protetor.

Randall Berkeley era um homem que fazia o que gostava sem medir as consequências. Algo que não era incomum em alguém de sua posição. Entretanto, Rosalie começava a dar-se conta de que tinha certo grau de consciência. Pela maneira como às vezes a olhava, suas brincadeiras e seu sarcasmo pareciam ocultar emoções mais ternas. E quando seu rosto duro e atraente expressava essa mescla de melancolia e diversão, como nesse momento, Rosalie desejava chegar até essa parte oculta de seu ser ainda jovem e vulnerável. — O que está me acontecendo? — perguntou-se e, ligeiramente assustada, bebeu outro sorvo de chá.

Capítulo 4

*Os amantes sabiam mais, mas por que se soltaram,
não se beijaram? Por que tanta distância,
tanto temor entre dois amantes?
Mas o havia, havia-o.*

John Crowe Ransom

Na noite seguinte, retornaram ao Lothaire tão tarde que Rosalie não abriu os olhos até depois do meio-dia. Despertou-a o calor do sol que penetrava através das janelas do seu quarto, e o rumor de uma chamada à porta da suíte, vozes suaves e a porta que se fechava. Saindo rapidamente da cama, Rosalie apareceu à porta de seu quarto e esfregou os olhos enquanto observava a cena que tinha diante de si. Em silêncio, perguntou-se se interrompia os pensamentos de Randall, quem, alheio a sua presença, estava sentado à mesa Sheraton lhe dando as costas, de ombros largos e cintura estreita. Abriu uma carta, leu-a rapidamente e seus ombros se afundaram ligeiramente, ao parecer com alívio. Rosalie inclinou a cabeça, sonolenta e curiosa, pois raramente o apanhava desprevenido. Ele sussurrou algo para si mesmo, as palavras indistinguíveis enquanto eram transportadas pela brisa temperada que soprava pela janela.

— Rand?

Ele virou a cabeça, o escuro cabelo âmbar aparentando cobrar vida para voltar a assentar-se enquanto a observava fixamente. O brilho de receio que iluminou seus olhos cor avelã, deixou lugar a um turvo olhar de avaliação. Seguindo seus olhos, Rosalie se olhou e, apressadamente, cobriu-se bem ao comprovar que seus mamilos rosados se vislumbravam a luz radiante da manhã através de sua fina camisola de seda. Em silêncio se sentou à mesa, cruzando as mãos cuidadosamente diante do corpo. Rosalie não pôde evitar ruborizar-se, consciente de sua reação ante ele, porque ultimamente tinha descoberto que passava muito tempo pensando nas vezes que ele a havia tocado... em quão agradável era sua pele e como eram grandes e firmes suas mãos. E quando a luz brilhava em seu cabelo, iluminando as nervuras douradas, perguntava-se como seria afundar os dedos naquela espessa cabeleira e acariciá-la, porque brilhava como a seda e sem dúvida seria

deliciosa ao tato. Ao princípio, Rosalie tinha se horrorizado ante seus próprios pensamentos, mas depois de levar várias semanas vivendo com ele, começava a acostumar-se a sua insaciável curiosidade por ele.

— Más notícias? — perguntou quando ele meio enrugou a carta.

— Não, não, absolutamente. — Embora o dissesse com ar despreocupado, a rápida olhada que lançou ao papel revelou uma emoção oposta — Muito boas notícias, cortesia do navio correio desta manhã. Recebi autorização do conde para me ocupar de algo que quis fazer durante muito tempo.

— Oh? — murmurou ela, lhe animando a continuar.

Randall não pôde evitar sorrir ante a espera de Rosalie.

— É óbvio que está empenhada em saber tudo. — Sua voz se suavizou, a boca franzida em um gesto de regozijo.

— Interessa-me — admitiu — ou é que tem o monopólio para desfrutar das boas notícias? — E continuou lhe olhando fixamente em muda súplica até que ele cedeu.

— Queria vender uma das propriedades familiares aqui na França, o imóvel d'Angoux. A maior parte da terra está dividida e alugada aos granjeiros, e eu quero vender a eles. Apenas tem utilidade para o conde, mas foi uma batalha conseguir seu consentimento para dividir o patrimônio.

— Por quê? Se o conde não a necessita...

— Porque pertencia a minha mãe, Hélène Marguerite. Era a filha do marquês de Angoux, a última da linhagem. Os Berkeley, o conde em particular, têm certas idéias sobre a obrigação familiar... de manter a continuidade. Agora que minha mãe já não vive, não temos vínculos com os d'Angoux, mas o avô insistiu durante anos em conservar as propriedades d'Angoux. — Sorriu com tristeza — Dado que sou o neto mais velho, tentou-me com ela durante anos.

— Mas não a quer?

— Preferiria arrastar uma bola de ferro pendurada do pescoço.

— Oh! — Rosalie franziu o cenho vendo sua sombria expressão, e decidiu mudar de tema — De modo que é meio francês, não?

Quando assentiu, lhe sorriu com um pinga de autocomplacência.

— Sabia. Seu acento é tão claro...

— Minha mãe falava francês mais frequentemente que inglês.

Rosalie vacilou uns segundos enquanto o contemplava. Que desconcertante eram suas maneiras; fazia um momento lhe via alegre;

agora, de repente, estava preocupado e distante. Embora não fosse estranho ele mudar de humor como mudam de flor as abelhas, era indubitável que algo lhe preocupava, e se perguntou por que o tema da propriedade de sua mãe teria exercido esse efeito nele.

— Amava sua mãe? — perguntou com atrevimento.

Randall encolheu os ombros.

— Tenho apenas lembranças.

— Faleceu quando era muito jovem?

— Não era tão jovem. — Suspirou e com ar ausente deixou cair à carta ao chão — Não queria relacionar-se muito com o Colin e comigo. Ela e meu pai, Robert, viviam em Londres enquanto nós crescíamos em Warwick, rodeados de um exército de criados.

Franziu um lado da boca com gesto zombador.

— Colin e eu vivíamos como selvagens, em um estado apenas digno de ser visto por qualquer um que frequentasse a boa sociedade.

— De modo que ali foi onde aprendeu suas maneiras — disse Rosalie com seriedade.

Randall a olhou com receio, e sorriu ao dar-se conta de que tirava sarro de sua cara. Rosalie estava tão encantada por seu lânguido sorriso, a luz do sol cintilando em seus olhos cor avelã, que sentiu um nó na garganta. Se lhe tivessem dado uma escolha, teria ficado sentada ali todo o dia lhe olhando com um sentimento novo de apreciação feminina. Teve que fazer um esforço para prosseguir com a conversa.

— E sua mãe, preferia estar em Londres a estar contigo? — Perguntou. Não era algo incomum nas classes altas, mas a Rosalie não parecia natural que uma mulher não queira estar com seus filhos. Era comum entre as famílias de ascendência deixar que seus filhos crescessem aos cuidados de criados e estranhos.

— Era melhor que ela estivesse ali — lhe assegurou Randall, e seu gesto de humor se apagou — E nesse sentido, também teria sido melhor que meu pai ficasse em Londres. Mas se mudou ao Warwick permanentemente quando eu tinha pouco mais de quinze anos.

— Queria estar...

— Tinha gota. Gota severa. Passava a maior parte do tempo desesperado de dor, tanto que o mero contato de um lençol sobre a perna o fazia gritar. Compreensivelmente, a doença não lhe permitia viver em Londres. Por isso se tornou alcoólico.

— Por esse motivo quase não bebe? — inquiriu Rosalie, e percebeu que seu rosto se fechava à medida que ela aprofundava no tema — Nunca te vi provar mais de um sorvo de vinho...

— Sabe o que acho interessante? — esquivou Randall, seus olhos mais verdes do que o habitual à luz matinal — Para uma mulher, é inusualmente direta. Nunca conheci nenhuma que se atrevesse a olhar um homem diretamente no rosto como você olha.

Segundo sua experiência, só olhavam de forma tão direta e decidida as prostitutas que lançavam aos homens olhadas atrevidas ou as meninas que ainda não tinham aprendido os artifícios da paquera.

As bochechas de Rosalie se ruborizaram e seu olhar se desviou para a janela.

— Sei. Não é próprio de uma dama.

— Não, não o é.

Não foi possível discernir se ele aprovava ou não sua franqueza.

— Porque tenta mudar de tema? — insistiu.

Seus olhares se cruzaram, desafiantes, o dela interrogador, o dele insondável.

De repente, ela se sentiu como um investigador torpe que tropeçou com uma prova significativa. Havia algo importante em sua pergunta; havia algo que ele não desejava que ela soubesse. Isso estimulou sua curiosidade.

— Não é nada que você gostaria de ouvir — disse Randall desdenhoso.

— Tanto te preocupa a opinião que tenha de ti? — replicou Rosalie, suas palavras suaves, mas provocadoras.

Sabia que ele raramente, se é que o fazia alguma vez, se explicava ou explicava suas ações a alguém, mas talvez conseguisse o que se propunha se lhe provocasse o suficiente.

— Esperas uma história brummelliana — respondeu ele com um sombrio sorriso — O único que tenho que oferecer são as lembranças mundanas de uma infância bastante sórdida à sua maneira. Não, não acredito que interesse.

— As histórias sórdidas abundam por toda parte, olhe onde olhar.

Ao captar um indício de desafio em sua voz, Randall sentiu o inexplicável desejo de surpreender aquela jovem inocente, de arrancar a pele que cobria suas feridas para que ela as visse com nojo e repulsa.

— Quer saber por que não bebo nunca? — perguntou com tom cortante — Antes o fazia. Bastante. Como um porco em um chiqueiro, como o

conde o descrevia com muito tato. Quando era pequeno, um curandeiro disse a meu pai que o vinho tinto lhe curaria a gota e evitaria a enfermidade a quem ainda não a padecesse. Ele não necessitou muito incentivo para consolidar sua afeição à bebida. E então mostrou uma repentina preocupação por minha saúde, embora suspeite que só procurava uma desculpa para mitigar o aborrecimento. A gota ia e vinha, e quando remetia a dor, ficava inquieto. Lembro a primeira noite que aconteceu... Com uma mão me prendeu em um canto da biblioteca enquanto com a outra tentava me fazer beber de uma garrafa de vinho.

Randall se olhou as mãos e apertou os punhos. Prosseguiu.

— Bebi um gole para lhe acalmar, mas descobri que tinha a intenção de esvaziar a metade da garrafa em minha garganta. Tentei resistir, mas meu pai era um homem grande. O mesmo aconteceu todos os dias em que a gota não limitava seus movimentos. Eu dava graças a Deus quando ele voltava a sentir dores. Colin era seu segundo filho, mas a maioria do tempo se escondia enquanto eu era objeto... dos cuidados de nosso progenitor.

Rosalie tremia enquanto o escutava falar protegendo-se com um tom de brincadeira, o rosto embotado por uma complexa mistura de sentimentos. Uma compaixão aguda percorreu Rosalie.

— Sua mãe sabia? — perguntou com voz rouca.

— Sim, mas não se importou em intervir. Conforme dizia, preferia não se ver envolvida em nossos assuntos. Negava-se a abandonar Londres, salvo para realizar alguma viagem ocasional ao *château* da família na França.

— E seus avós...?

— Só suspeitavam. Viviam junto a Severn, no castelo dos Berkeley. Não em Warwick.

— Quanto tempo lhe...? Quanto tempo durou a situação?

Randall sorriu, sua expressão poluída com o veneno das lembranças que nunca se afastavam muito da superfície.

— Até que deixei de resistir e então... Então comecei a beber abertamente. Passei os dois ou três anos seguintes aturdido pelas bebedeiras. Já pode imaginar que época escura foi aquela. Logo, em oitenta e nove, o ano da Revolução Francesa, minha mãe morreu no *château* d'Angoux ao dar a luz, levando o bebê com ela. É possível que meu pai tivesse chorado mais se o filho que esperava tivesse sido dele.

— E você? — perguntou Rosalie com suavidade. E pensou com compaixão: — Não é de estranhar que seu olhar seja às vezes tão sombrio.

Não é de estranhar que o caminho que seguia em Londres fosse tão irresponsável. — Algumas lembranças não deixavam espaço para nada, salvo a necessidade de fugir.

— Bebi até me sumir em um torpor que durou dois dias enquanto todos os parentes se reuniam em Warwick para o funeral. Quando despertei, estava com meus avós a caminho do castelo. Eles atribuíram meu... problema à generosa quantidade de sangue francês que percorria minhas veias. Tão logo fiquei sóbrio, me enviaram a um colégio, enquanto Colin permaneceu com o conde. Um ano depois, meu pai faleceu. — Randall dirigiu um olhar carregado de desdém a si mesmo — Nasci para seguir uma nobre tradição. Não duvido que me dará a razão se disser que demonstrei estar à altura do que se espera de mim.

Permaneceram em silêncio uns minutos. Em um esforço para vencer a compaixão que acolhia seu peito, Rosalie respirava devagar e com regularidade. Paralisada em sua cadeira, repassava tudo o que poderia lhe dizer. Não sabia como responder, como atuar. Em sua cabeça se afiançava a convicção de que ele tinha confiado nela tanto como para lhe abrir seu coração, e isso lhe provocava júbilo e medo ao mesmo tempo. — Randall — lhe disse em silêncio — como posso te ajudar? — Ambos aguardavam, em tensa calma, que o outro desse o primeiro passo. Gradualmente, Rosalie chegou à conclusão de que qualquer amostra de compaixão por sua parte seria desastrosa. Era um homem orgulhoso, e nesse momento poderia sentir-se humilhado. Em sua confusão e preocupação, a Rosalie não lhe ocorreu que aquele era o momento perfeito para a vingança, e que um comentário mordaz poderia lhe ferir profundamente.

— Agora compreendo um pouco porque quer se desfazer das propriedades d'Angoux — disse — Ajudaria a afastar muitas lembranças.

Tinha a sensação de que ainda ficavam muitas coisas que lhe tinha ocultado, mas não queria arriscar-se a bisbilhotar. Lentamente, Randall levantou os olhos, e ela reconheceu o alívio em seu olhar ante sua naturalidade, e falta de compaixão.

— Eu gostaria de partir hoje mesmo e solucionar o mais rápido possível.

— É óbvio. — Rosalie lhe deu a razão imediatamente, sua voz ocultando sua agitação interior.

— Aqui estará a salvo durante uns dias enquanto me ocupo de todos os assuntos.

— Estarei perfeitamente bem. — Me leve contigo! Quis suplicar, mas mordeu o lábio para conter-se.

Randall respirou fundo e ficou de pé, jogando os ombros atrás para estirá-los.

— Quer que te peça café ou chocolate?

— Não. Por favor, vá. Tenho algumas costuras para fazer. — Sorrindo ligeiramente, Rosalie lhe fez um gesto para que se fosse, brincando com a ponta de sua comprida trança.

Quando ele partiu, retirou-se a sua habitação e ali deu saída para toda a emoção que tinha mantido tão firmemente reprimida em seu peito. A angústia embargava seu coração, e as lágrimas umedeceram suas bochechas antes inclusive de fechar a porta. Assim que passou o fecho, um soluço brotou do mais profundo de seu ser. — Como é que chora por ele? — Reprovou-se sentada na beira da cama com dossel enquanto enxugava as lágrimas com uma mão. Tentou recordar tudo o que lhe tinha feito. Randall não se permitiria sentir o mesmo por ela nem por ninguém, inclusive duvidava que tivesse a capacidade de chorar. E mais, lhe teria repugnado sua simpatia. Entretanto, uma ternura indesejada percorria suas veias como uma droga, suavizando as barreiras que tinha erguido para manter a distância dele.

A despedida foi apressada. Disseram frases convencionais e trocaram sorrisos breves e de circunstância, mas mal o carro se afastou do hotel, Rosalie experimentou um agudo abatimento. — Sinto-me como a esposa de um marinheiro — pensou com ar taciturno — Lhe digo olá e adeus sem o conhecer... E parte tão facilmente. Mas por que não ia ser assim? Não sou sua mulher, nem sequer sua amante. Não tenho direito de me sentir vazia, nenhum direito de lhe obrigar que me mantenha.

Não tinha nenhum direito de sentir que seu lugar era ao seu lado.

O *château* d'Angoux tinha sido o primeiro lar de Héliene Marguerite d'Angoux, embora Randall teria duvidado de que o termo lar tivesse algo haver com aquela edificação. Tinha dominado a paisagem com séria austeridade arquitetônica durante séculos, construído sobre as ruínas de um castelo cujo desafio aos invasores remontava ao século X. Eram visíveis os esforços feitos para suavizar o tom cinza de sua fachada. Permitiu-se que do exuberante solo crescessem flores e parras de hera que se aderiam, protetoras, às paredes das torres nuas, rematadas em forma de cone e

pequenos riachos, flanqueados por árvores, serpenteavam ao redor do castelo na aparência sem seguir pauta alguma. Os jardins eram esplêndidos, cheios de roseiras que se conectavam em intrincadas figuras e sebes vivas com flores brilhantes.

Entretanto, o edifício conservava o aspecto de um guerreiro que aguarda pacientemente a hora da batalha.

Mantinha-se um reduzido número de criados que se ocupava da conservação do edifício, e Randall os tinha avisado de sua presença antes de perambular pela casa e os jardins anexos. A notícia de que o amo tinha chegado para ficar foi de boca em boca, e de vez em quando Randall ouvia a correria de pés que delatava os preparativos para recebê-lo. O *château* d'Angoux se achava belamente conservado, entretanto, o mero feito de ser o lugar onde sua mãe tinha nascido, tinha sido cortejada e tinha contraído matrimônio, deixava-lhe um amargo sabor na boca que lhe impedia de apreciar a beleza que tão esplendidamente se desenrolava ante seus olhos.

Subiu a escadaria de mármore, arrastando a ponta dos dedos pelo corrimão de bronze. As tapeçarias renascentistas em vermelho-bordeus, ocres, negros, verdes e azuis eram de dimensões tão colossais que Randall se sentiu diminuído. Tendo estado ali antes em uma ocasião, experimentou uma repentina sensação de inquietude ao recordar o que tinha sentido ao olhá-los com os olhos de um menino, e o resultado aumentou ainda mais sua inquietação. Logo, em uma das habitações do piso de acima descobriu um retrato pendurado precisamente entre dois espelhos emoldurados. Da tela, Hélène d'Angoux olhava fixamente o cômodo com uma aristocrática inclinação da cabeça, o cabelo loiro suave e lustroso, os olhos brilhando com uma fria e sobrenatural tonalidade de verde. Os lábios, finos e delicadamente desenhados, se alargavam em um sorriso tão suave que sugeria que o artista tinha captado só o indício de humor em sua expressão. A casa transbordava de sua presença, e enquanto Randall se esforçava por ignorar uma sensação de asfixiante falta de ar, vagas lembranças começaram a lhe assaltar.

Com apenas fechar os olhos, quase podia cheirar o perfume de violetas que sempre tinha associado a sua mãe. Suas lembranças eram as de um moço: Hélène, uma bela e esquiva criatura, uma mulher adulta com a alma de uma menina impostora. Havia possuído o espírito de Mercúrio, encantador num momento e venenoso no seguinte. Por muito grandes que tinham sido seus esforços para ganhar seu afeto, ela nunca ficava, tocava,

mas nunca abraçava, entregava o necessário para tornar mais doloroso o que negava.

Randall abriu os olhos uma vez mais, e enquanto contemplava o rosto, via-a como sempre. Sorria mas não falava, olhava-a e parecia reconhecer as trevas que buliam dentro dele. Estava morta, entretanto seu espírito enchia a casa como uma teia-de-aranha invisível, o apanhando, o envolvendo até imobilizá-lo. O *château* d'Angoux tinha sido seu refúgio, aonde tinha retornado periodicamente para ocultar-se das consequências do dano que tinha causado, e só por essa razão lhe desagradava esse lugar.

Afastou bruscamente a vista do quadro e estremeceu ao precaver-se de que as barreiras que tinha levantado ao seu redor se rasgavam como pergaminho. Em todos os anos transcorridos entre a morte de sua mãe e esse momento, pensava que tinha conseguido destruir sua frustrada necessidade de amor. Mas continuava ali, mais forte que nunca.

Ironicamente, pensou que para desfrutar da vida teria que aprender a enganar as exigências do coração. O que era do homem que tinha sido ele fazia só um mês? Recordava a ordenada, superficial e divertida que era sua vida. Para mitigar o aborrecimento procurava novas companhias femininas, passava as noites jogando e vagabundeado pela cidade com seus amigos. Tinha sido uma vida vazia, uma vida que lhe tinha impedido de reconhecer a inocência quando a encontrou.

Entretanto, de algum jeito, sem procurá-lo, tinha dado com sua salvação ao tropeçar com uma desventurada criada em um beco de Londres. Rosalie, que tinha sobrevivido a seu descuidado contato, e à prova de ter que abandonar tudo à força. Imaginou-a no pequeno hotel da vila e se perguntou como estaria sem ele.

— Rose — disse com um suspiro, tratando obstinadamente de ignorar um persistente desejo enquanto se separava do retrato.

— *Deleita-te com a minha ausência, desfruta, porque não voltarei a te deixar de novo* — pensou.

Rosalie nunca imaginou que o tempo pudesse transcorrer tão devagar. Não sabia por que ou como tudo tinha mudado. O que resultava óbvio era que, antes, cada minuto de solidão tinha sido um tesouro. Agora, implorava que os minutos passassem voando, o coração cheio de impaciência, a mente necessitada de algo mais estimulante do que o aparo e o papel ou as paisagens serenas. Os hóspedes do hotel se sucediam a um ritmo pausado, e quando partiram as jovens das colônias com seus pais, não houve mais

possibilidades de uma conversa medianamente divertida. No Lothaire reinava a mesma calma que nos verdes e aprazíveis campos circundantes. Segura? Ocasionalmente, Rosalie soltava faíscas recordando o que Randall lhe havia dito: não teria estado mais segura se a tivesse escondido em um mosteiro.

Releu os escassos livros que ele trouxe para a França, um par de volumes de Shakespeare, um ensaio político e uma antologia de poemas reunidos por uma mão feminina: a dedicatória manuscrita que havia na primeira página revelava que os fragmentos de sonetos e versos de Byron tinham sido recolhidos para Randall por uma antiga amante. Em algum momento, uma mancha de tinta tinha manchado seu nome, por acidente ou de propósito.

Passou um dia, dois, três... Não podia ter passado mais tempo, verdade? Enterrou-se na leitura dos jornais franceses que chegavam três vezes por semana, ao contrário dos ingleses, dos quais se imprimiam edições diárias. Compadecendo-se de seu aborrecimento, a esposa do hoteleiro, madame Queneau, levava Rosalie em sua excursão diária ao mercado. Os postos abriam bastante cedo pela manhã, assim às nove ambas interrompiam a compra de verduras, frutas, ovos e carne e se sentavam para tomar o café da manhã no terraço de um café e comiam *pain au chocolat*, um pão-doce cheio de chocolate polvilhado com açúcar, e contemplavam as atividades dos habitantes de Havre. As lojas retalhistas, que abriam às seis da manhã, começavam a converter-se em um formigueiro de clientes. As ruas se enchiam de carros puxados por camponeses, de donas de casa e criadas, todos eles encetados no falatório e as discussões próprias da compra e venda. Inclusive havia adivinhas em uma esquina da rua, ganhando bem a vida graças ao auge popular do espiritualismo.

— Gostaria que lhe lessem a mão? — perguntou madame Queneau, com amistosa curiosidade, ao notar que Rosalie se fixava em uma adivinha. Rosalie riu e sacudiu a cabeça. Dado que madame Queneau não dominava o inglês, falavam em francês. Durante uns minutos, Rosalie quase acreditou que estava falando com sua mãe, tão familiares lhe resultavam os sábios olhos da hoteleira assim como a entonação perfeita da língua.

— Não... Não tenho dinheiro, e embora o tivesse, não acredito que alguém possa ler o futuro.

— Como pode estar tão segura? — repôs madame Queneau, seu bonito rosto redondo iluminado por uma expressão astuta.

— Porque os homens e as mulheres escolhem seu próprio destino. — Rosalie sorriu com certa tristeza — Eu mesma tomei decisões que mudaram o rumo previsível de minha vida. Meu destino não era estar aqui na França, madame, nem havê-la conhecido...

As delicadas rugas do rosto de madame Queneau se acentuaram com curiosidade, para logo suavizar-se com repentina compreensão.

— Seja o que for o que os uniu, não acredito que monsieur o lamente.

— Não sei o que ele sente — admitiu Rosalie — Não é fácil sabê-lo.

— Nisso lhe dou a razão — disse madame Queneau e tomou um sorvo de *café au lait* — Não segue o papel que dita a atual moda para os homens.

Entre os dandis franceses se usava imitar a Byron, suspirar continuamente com paixão e desilusão, luzir uma cabeleira longa, a pele pálida, e insinuar as nostalgias das almas melancólicas. Rosalie quase sorriu ante a idéia de comparar Randall com eles; não tinha paciência para semelhantes artifícios.

— Madame... Preferiria ser sincera com você.

— *Certainement!* Desfruto com a sinceridade.

— Não mencionou minha relação com monsieur de Berkeley. Tem muito má opinião de mim pela classe de mulher que aparento ser?

— *Mais non!* — A mulher pareceu surpreendida — Absolutamente.

Na França, os aristocratas como ele só encontram o amor mediante esta classe de relações.

— Mas inclusive sabendo que não se casará comigo...

— Aqui, os homens jovens têm *mariages de convenance* todo o tempo. Depois do primeiro ano, o marido e a esposa passam pouco ou nenhum tempo juntos. Têm diferentes amigos, diferentes atividades, às vezes diferentes lares. Não, a classe de amor entre vocês é respeitado pela maioria, e valorizado, dado que as necessidades humanas se satisfazem não com a troca dos anéis, mas sim dos corações.

Rosalie assimilou aquilo em silêncio, e logo não pôde resistir a perguntar: — Mas e a moralidade?

— A moralidade, claro. Eu fiz um pacto com a moralidade, mademoiselle: nunca a levo à cama comigo.

Aquilo tinha sentido, mas Rosalie se perguntou se isso seria tudo o que poderia esperar do amor. Estava destinada a ser terceira de um triângulo, mantida por um homem, odiada pela esposa, desdenhada pelos amigos

dele? Ela queria um marido só para ela, uma vida própria... Mas que classe de homem aceitaria a uma criada manchada?

Capítulo 5

*Tu foste minha antes;
não sei dizer há quanto foi:
mas quando essa andorinha retomou o voo
e voltaste a cabeça, imediatamente soube
que caiu algum véu.*

Dante Gabriel Rossetti

Eram três horas da tarde, e Annette Queneau tinha voltado para casa do colégio só uns minutos antes. Era uma menina reservada, não dada absolutamente ao enérgico pragmatismo de seus pais. Frequentemente parecia sonhar acordada, sobretudo quando praticava suas lições de música. Rosalie não queria interromper seu sonho, e por isso desfrutava da melodia leve e rítmica polonesa e a valsa de seu lugar no minúsculo salão de baile, recostada no corrimão do estrado dos músicos, com os olhos fechados enquanto escutava a música do pianoforte.

O salão, decorado em rosa e dourado, parecia a Rosalie um cenário saído de um conto de fadas. Não tinha sido um achado inesperado no hotel, dado que havia salões de baile por toda a França, conforme se dizia mais de setecentos só em Paris. Dançar nunca tinha sido tão popular ou tão necessário para a moral da gente. Rosalie imaginou o aspecto que teria o salão cheio de baile e música. As agudas notas de uma melodia romântica e agridoce flutuaram na sala, tremendo nos candelabros e enchendo o ar de uma chuva invisível até que Rosalie não pôde resistir mais sua chamada. A jovem ficou de pé e, dando voltas, foi até o centro da sala, os esbeltos braços e as vaporosas saias brancas e azuis envolvendo seu corpo com graça, a cabeleira solta enquanto as forquilhas voavam em todas as direções. Então, em meio da bruma e liberdade de seu êxtase particular, sentiu um olhar fixo nela.

Randall permanecia em pé na porta, com um estranho nó na garganta. Não tinha contemplado nada tão adorável como Rosalie evoluindo na pista como um espírito exuberante, o cabelo solto balançando-se sobre sua esbelta cintura. Ela se deteve ao vê-lo, seus olhos de um azul tão vivo e

brilhante que sua cor teria feito empalidecer o céu. O coração lhe deu um tombo.

— Rand!

Recolheu suas leves saias de musselina e correu impulsivamente para ele. Por um momento pareceu que ela se abraçaria a ele, mas se deteve a uns centímetros, com as faces coradas. Randall sentiu uma curiosa sensação de frustração enquanto contemplava seu rosto, ao dar-se conta de que tinha esperado o contato de seu corpo. Surpreso de que o tempo de separação não tivesse diminuído sua necessidade dela, cedeu finalmente à intensidade de seu desejo. A desejaria enquanto tivesse um hálito de vida em seu corpo.

— Olá — respondeu com voz suave, impregnada de uma emoção que Rosalie não soube identificar.

Sua poderosa figura ressaltava ainda mais com as botas altas, os calções de montar de pele de cervo, uma esplêndida camisa branca e uma casaca de bom corte. Que incrivelmente radiante parecia, como preparado para enfrentar-se ao desumano mundo de espada na mão! Alegrava-se de voltar a vê-lo, alegrava-se tanto que enquanto Rosalie lhe olhava, teve a sensação de sentir-se alimentada depois de um longo período de jejum.

— Saiu tudo como queria? — perguntou-lhe, e sorriu.

— Em sua maior parte. A terra se vendeu aos granjeiros que a tinham arrendado por um preço justo. Ainda fica o *château* e seu terreno, mas há possíveis compradores para ambos.

— Me alegre.

Parecia diferente, decidiu Rosalie. Aberto, menos precavido, menos preocupado. Seu magnetismo se incrementou em grande medida, ou possivelmente a atraía mais que antes.

— Dançando uma valsa, eh? — disse Randall enquanto se olhavam, ele procurando uma desculpa para abraçá-la — Um comportamento escandaloso.

— Não esperava a presença de uma testemunha.

— E de um cúmplice?

Antes que ela pudesse responder, agarrou-a pela mão e a conduziu de retorno à pista. A música os envolvia, os atraindo, os empurrando, os arrastando em seus tentadores braços.

— Não podemos — protestou Rosalie, rindo e tentando soltar-se.

— Porque não? Está claro que tem vontades de dançar.

— Por que... — a invadiu uma nervosa expectativa quando sentiu sua mão na cintura, por debaixo da grossa cabeleira — porque seria perigoso para seus pés. Nunca dancei com um homem. Praticava com *maman*, mas ela sempre se deixava levar.

Randall sorriu levemente, divertido, mas não dissuadido. Agarrou-a mantendo a apropriada distância entre eles.

— Abandonaremos se a tentativa for muito prejudicial para meus pés — disse, e a fez girar lentamente.

A valsa era comedida e pausada, movendo os pés a um passo indolente. Ele era um hábil bailarino e a guiava com tanta firmeza que não havia possibilidade de dar um passo em falso. Rosalie seguia com olhos sonhadores os suaves movimentos enquanto cedia gradualmente todo o controle a ele. Seus olhos continham uma multidão de tonalidades dos bosques no outono, verdes, dourados, âmbar, tão intensos que pareciam brilhar. Ela não podia afastar o olhar dele.

— Tudo bem? — perguntou Randall com voz rouca, e Rosalie assentiu em silêncio.

Dançar com ele era a experiência mais sensual que tinha experimentado na vida. Quase como um abraço. Uma desculpa para se abraçar, uma razão socialmente aceita para segurar a mão e entrelaçar os dedos. Seus corpos se achavam o bastante próximos para roçar-se, e cada vez que o faziam Rosalie sentia chispadas na pele.

— Surpreende-me que sua mãe deixasse que aprendesse a dançar a valsa — disse Randall com um meio sorriso.

Embora aquela dança tenha feito furor na França no final do século anterior, só fazia dois ou três anos que se considerava aceitável na Inglaterra. Inicialmente, boa parte da sociedade inglesa se escandalizou pela intimidade que permitia entre o casal, e tinha condenado a valsa como vulgar e contrária à moral.

— Não pensava que teria a oportunidade de exercitar meus conhecimentos.

— Nem sequer quando os Winthrop celebrassem um baile? — perguntou Randall, os olhos iluminados com uma estranha ternura.

— Bom... inclusive *maman* concordava com lady Winthrop em que não era apropriado que eu dançasse com os jovens assistentes. Poderia os haver animado a... bom, poderia me haver animado eu mesma a... por isso permanecia ao lado de lady Winthrop e as viúvas de nobres que...

Enquanto sua voz ia se apagando incômoda, pareceu-lhe que ele a segurava com mais força e que na seguinte volta, atraía-a mais perto dele.

— Imagina — prosseguiu Rosalie, nervosa — se nunca tivesse ido ao teatro com *maman* aquela noite, e tivesse assistido a um dos bailes dos Winthrop e tivesse te visto de longe, dançando com Elaine. Nunca nos teríamos conhecido, mas Elaine me teria contado tudo sobre ti...

Ele pareceu considerá-lo seriamente.

— Não teria dançado com Elaine — redarguiu — E não teria permitido que se sentasse com as viúvas.

— Seriamente?

— Teria encontrado alguém para fazer as oportunas apresentações e logo teria feito dançar valsas comigo até gastar tuas solas.

Rosalie sorriu.

— Não teria me olhado duas vezes.

— Tendo em conta que evito a companhia das viúvas sempre que me é possível, possivelmente teria demorado uma ou duas horas em me fixar em ti. Mas finalmente teria lhe visto do outro extremo do salão... e me teria afogado em seus extraordinários olhos azuis.

A gravidade de seu tom a pôs mais nervosa ainda e ficou olhando-o encantada.

— É... é possível que tivesse dançado uma quadrilha contigo — disse comedida. Tragando saliva, deu-se conta de que precisava refazer-se para não derreter-se entre seus braços, e adotou um tom mais enérgico — Em todo caso, não teria dançado uma valsa contigo por muito que tivesse insistido.

— Uma jovem esperta.

— Embora acredite que tantas críticas a uma dança tão inofensiva são imerecidas — acrescentou com tom sensato.

— Obviamente não tem lido Salamo Wolf.

— Quem?

— Um escritor alemão. Faz dois anos publicou um folheto que se converteu em um êxito de vendas... Se intitulava — Análise das causas pelas quais a valsa minou gravemente a atual geração.

Rosalie soltou uma risada.

— Não fala a sério.

— A continuação foi inclusive pior.

— Não consigo ver o que tem de mal na valsa.

— E agora me desafia para que lhe demonstre isso.

— Demonstre-me — aceitou ela com tom desafiante.

Randall assentiu com um sorriso deslumbrante, encantado de poder comportar-se como um safado.

— O truque está no ritmo — respondeu enquanto sua mão se deslocava lentamente pelas costas e a atraía ainda mais perto — Este passo é lento, repousado... adequado para quando as viúvas e damas de companhia vigiam com olho de lince o comportamento de suas protegidas. Entretanto esta... esta é a valsa francesa.

Seus passos se tornaram mais teatrais, as meias voltas se converteram em círculos completos. Com gesto perito, Randall a fez girar sobre si mesma com uma mão para voltar a agarrá-la entre seus braços, desta vez tão perto que sentiu a dura e ao mesmo tempo suave coordenação de seus quadris, seus suaves seios pressionados contra aquele peito firme. Ela não se atreveu a dizer uma palavra, porque suas bocas quase se tocavam e sentia a morna carícia de seu fôlego na face. A dança invocava algum profundo impulso ancestral — o homem guiava, a mulher se deixava guiar — de submissão. O ímpeto e os círculos obrigavam seus corpos a juntar-se e, enquanto se moviam pausadamente, Rosalie sentiu que seu corpo se tornava flexível e recetivo, e suas vísceras se esticavam de uma maneira desconhecida que, mais tarde, reconheceria como o começo do desejo.

Randall fechou ligeiramente os olhos, seu controle minado pelo feminino aroma daquela pele, a maravilhosa cascata da cabeleira de seda que flutuava, o corpo suave que roçava contra o seu, a proximidade de um delicado lóbulo de orelha que ansiava morder ligeiramente.

— E esta... — disse contra sua têmpora, deixando que seus lábios a beijassem quase imperceptivelmente — é a valsa vienense, a pior de todas.

A fez evoluir pelo salão tão rapidamente que Rosalie não teve tempo de respirar ou pensar, unida a ele em uma indiscreta embora excitante loucura, as saias enredando-se nas pernas dele em cada volta e logo caindo e estreitando-se, caindo e estreitando-se, caindo e estreitando-se... Exultante de júbilo, sorriu, sua alma etérea, enquanto ele ria em seu ouvido e a rodeava com braços firmes. Ela se sentia a beira de um precipício em espiral, mas ele não a soltava. Finalmente, ele diminuiu o ritmo e Rosalie se agarrou a seus ombros, instável, sentindo-se como se estivesse ébria.

— Rand — disse respirando fundo — se cair...

— Te segurarei a tempo.

Ele a olhou de uma maneira que nunca a tinha olhado. O sorriso de Rosalie se desvaneceu devagar ao dar-se conta de que tinham deixado de dançar e ele continuava segurando-a. Com delicadeza, Randall afastou as mechas de seu rosto e com a leveza de uma borboleta a beijou na testa. Olhou-lhe com assombro. Tinha sido um gesto de irmão, mas não a olhava com olhos de familiar, mas sim de amante.

— Por que... porque fez isso? — sussurrou, e Randall pestanejou como se não soubesse a resposta. Recorreu a uma citação de um conhecido dramaturgo: — Já sabe, *teria sido descortês convidar-vos a sair e não vos beijar*.

— Shakespeare — adivinhou Rosalie — *Henrique IV*.

— *Henrique VIII* — corrigiu Randall, soltando-a a contra gosto — Já vejo que estiveste lendo.

— Estive bastante ocupada entre o Shakespeare, Hume e uns sórdidos poemas de amor de duvidosa origem.

— Oh, esses! — Randall a obsequiou com um sorriso, enquanto se voltava para secar a umidade da fronte com uma manga — Confio em que não tenha encontrado nada relevante em nenhum deles.

— Em algum momento, alguém obviamente o fez.

— Apenas a conhecia.

— Seu rosto é formoso e divino — recitou com picardia — se os brotos despertam de sua letargia, por que no coração dele, o frio inverno não passa de longe?

Randall sorriu e se perguntou por que ela o olhava inquisitivamente. Nesse momento, teria jurado que Rosalie sentia curiosidade por suas aventuras amorosas. Era um sinal prometededor.

— Esta não é uma conversa apropriada para ti — replicou. Tal como pretendia, a curiosidade de Rosalie se tornou mais evidente.

— Apropriada? — repetiu. A sério sugeria que semelhante tema ofenderia sua inocente modéstia? — Por Deus! Falas como se acabasse de sair do convento.

— Ah, sim, me perdoe — replicou Randall, e recorreu à ironia — Você sabe tudo sobre os arrebatamentos da paixão, verdade?

Rosalie sabia que se referia a aquela manhã em Londres e de repente se sentiu incômoda. Afastando-se um passo dele, levantou a mão para alisar o cabelo, procurando um tema para mudar de conversa, visto o caminho

alarmante que estava tomando essa. A música foi se apagando e se interrompeu: Annete Queneau tinha finalizado seus exercícios de piano.

— Rand...

— Sim?

Tragou com dificuldade e perguntou: — Voltaremos logo para a Inglaterra?

— Pois... não, ainda não. Não até que chegue o próximo envio de Nova Orleans. E quero acabar de concretizar um contrato com um fabricante de seda local. Porque pergunta?

— Sei que não vamos ficar aqui para sempre. Perguntava-me quando iríamos.

— Dentro de umas semanas.

Rosalie assentiu com um matiz de desassossego.

— Dá-me igual. Não tenho nenhuma... necessidade de voltar imediatamente.

Randall desejou não havê-la soltado.

— É infeliz aqui? — perguntou com voz rouca, e Rosalie sentiu que milhares de respostas iam a sua língua.

— Não. Sim. Fazia uns minutos era feliz. Sou feliz quando me sorri e quando te vejo pelas manhãs depois de uma longa noite separados, e quando me olha e tenta averiguar no que estou pensando. Sou feliz quando estou tão perto de ti. Sou infeliz sabendo quão afastados estamos em todos os sentidos. E me dar conta disso me faz desgraçada.

Rosalie ficou em silêncio, olhou o chão e, depois de proferir um breve suspiro, afastou-se. Ele alisou o cabelo, foi até o marco barroco da porta, apoiou-se nele e, com ar ausente, seu olhar se perdeu no corredor.

Na manhã seguinte, Randall lhe propôs visitar Brummell em Calais. Como esperara, Rosalie se animou imediatamente e recuperou seu bom humor. Apesar dos inconvenientes da longa viagem, esperou iludida as agradáveis e ociosas horas que passariam em companhia do dandi Beau, horas salpicadas de saborosas fofocas e deliciosas histórias. Decidida a causar a melhor impressão possível, dado que sabia que Brummell tinha muito em conta o aspecto de suas visitas, Rosalie se penteou com grande esmero e tirou do armário um vestido azul. Todas as roupas confeccionadas por madame Mirabeu tinham um estilo impecável e realçavam sua figura, mas este era especialmente fino, adornado nas mangas e pregas com um

delicioso bordado em forma de volutas chapeadas e douradas. A saia estava também debruada com fitas de cetim e volantes de cetim e musselina. O problema era que quando provou o vestido, tinha levado um apertado espartilho de algodão e baleias, por isso agora precisava pôr um, e não conseguia fazê-lo sozinha.

Aventurou-se na sala da suíte, o vestido aberto por detrás enquanto ela o segurava em seus ombros.

— Rand?

Sua cabeça apareceu pela porta de seu quarto.

— Que...? — Randall piscou enquanto dava um atento repasse ao objeto azul e chapeado — É um formoso vestido — acrescentou depois da surpresa inicial.

— Sei — respondeu Rosalie, irritada ante sua própria reação à maneira que ele tinha de despi-la com o olhar — Mas não posso fechá-lo.

Um lento sorriso apareceu nos lábios de Randall.

— Alimentei-te mais da conta?

— Não, é que não posso apertar o bastante este maldito espartilho!

Randall continuou sorrindo.

— Posso te ajudar?

Em silêncio, lhe deu as costas, para lhe mostrar as fitas entrecruzadas meio apertadas. Ouviu os suaves passos às suas costas, e logo sentiu um ligeiro puxão quando ele as agarrou.

Rosalie se agarrou ao gonzo da porta e inspirou enquanto a prisão armada com baleias se estreitava com mais força nas suas costelas e cintura.

— Acredito que já é suficiente — disse Randall. Ela sacudiu a cabeça.

— Não poderei fechar o vestido a menos que esteja mais apertado.

Ele vacilou e sentiu que o estômago se encolhia ao pensar em comprimir mais aquele corpo. Graças ao sensato estilo império dos vestidos, os espartilhos não tinham sido necessários durante mais de uma década. Envolver a figura feminina em semelhante artefato parecia uma perversa forma de tortura.

— Porque não põe outro vestido? — sugeriu.

— Terei que chamar uma das donzelas para que o faça?

Murmurando entre dentes, Randall voltou a puxar das fitas, vendo como a cintura diminuía quase três centímetros até alcançar uma incrível figura diminuta. Rosalie fez umas quantas respirações superficiais e colocou uma mão sobre o estômago.

— Pode...? — começou, mas ele a cortou secamente.

— Não. Acabou. Já estou lutando contra um forte impulso de procurar uma tesoura. — Uniu as duas partes do vestido e apertou os botões com eficiência enquanto falava — Porque as mulheres insistem em recuperar uma moda que deveria ter sido proibida o século passado?

— Ouvi que alguns homens a apoiam. Inclusive o príncipe...

— Sim, aqueles que com frequência se excedem em seu gosto pelo vinho e a comida. Mas você não o necessita, Rosalie.

— Como pode ser juiz de...?

— Conheço seu corpo — lhe recordou Randall, e ela se esticou enquanto ele se demorava em apertar os últimos três botões — É um delito alterar suas formas.

Rosalie fechou os olhos, ruborizando-se enquanto sentia o quente e sensível roçar de seus dedos em seu pescoço. De repente, pareceu-lhe que ele a tocava pela primeira vez. A lembrança de seus corpos seminus entrelaçados era longínqua e nada clara. Às vezes recordava brevemente a solidez de seu corpo contra o dela, a flexibilidade dos fortes músculos. Mas curiosamente, parecia-lhe que tinham sido outras pessoas que tinham estado naquela cama, que ela nunca tinha visto Randall antes de chegar à França. Para proteger-se, Rosalie se obrigou a voltar para o presente e procurou a maneira de quebrar a intimidade do silêncio.

—Vindo de um *connaisseur*, suponho que deveria me sentir agradada pelo cumprimento — redarguiu.

— Não sou um *connaisseur* — disse ele em voz baixa.

— Tem razão. O termo *connaisseur* implica certo respeito pelo objeto de interesse. É alguém com um passatempo.

Randall afogou o impulso de estrangulá-la, enquanto se perguntava por que ela se empenhava sempre em lhe tirar do sério.

— Se for meu passatempo, devo ter uma idéia singularmente masoquista da diversão.

Ela se voltou para o olhar de frente.

— Só tenho minha experiência contigo, e a conclusão óbvia é que não sente nenhum respeito por mim nem por as mulheres em geral.

— Se isso fosse certo — devolveu ele com um tom perigoso — agora mesmo estaríamos nessa cama, apesar de seus pequenos e afiados espinhos, Rose. Eu te respeito.

— Então não compreendo... — começou ela, mas sua voz desapareceu enquanto o olhava fixamente. A forma de sua boca, um pouco grande, embora delicadamente desenhada e expressiva, alterou-se ligeiramente para a irritação. Uma lembrança longínqua não se agarrava insidiosa a sua mente: quão duros havia sentido aqueles lábios quando exigiam acesso a ela, o suave e delicados que eram quando tinha roçado ligeiramente sua testa com um beijo depois de ter dançado. — Estou perdida — pensou, ao dar-se conta por fim de que começava a ama-lo.

— Que não compreende?

— Porque fez... o que fez... em Londres — murmurou Rosalie, a desolação aprisionando seu coração como um molde de estuque.

A irritação de Randall se desvaneceu. Sombrio, procurou uma resposta, mas lhe resultou impossível falar. Como o podia explicar? Ele tinha crescido em um mundo sem compaixão, sem paciência. Tinha aprendido bem as lições, a principal que o prazer se achava em tomar, não em dar. Era um reflexo condicionado descobrir uma necessidade, e satisfazê-la sem considerar as consequências. Como podia lhe explicar que, graças a ela, tinha começado a mudar, tinha conhecido o remorso?

— Então não te conhecia — disse devagar — A única coisa que sabia era que... Oh! Diabos, Rosalie, é bonita e estava ali em um momento em que desejava uma mulher.

Esperava que saísse correndo enfurecida, e não a teria culpado por isso, mas em troca sua expressão se encheu de perplexidade, e sua voz soou mais tranquila.

— Não te entendo — sussurrou — Porque é tão amável às vezes, e logo tão...? — Não pôde encontrar a palavra apropriada. Como podiam as simples palavras descrever sua natureza inconstante? Como podia esperar confiar alguma vez em alguém que era frio ou doce, amável ou egoísta, sem explicação, sem aviso, sem nenhuma congruência?

Ambos se sentiam entorpecidos e evitavam olhar-se nos olhos enquanto o movimento contínuo do carro que os conduzia a Calais, agitava à sua passagem pelos caminhos em mau estado. As paragens para comer e descansar eram muito incomuns para quebrar a tensão e aliviar a crescente fadiga. A atmosfera dentro do carro era tão sufocante, tensa e inquieta que Rosalie quase desceu de um salto quando chegaram à residência de

Brummell. Era tudo o que podia fazer para aceitar a ajuda de Randall docilmente.

No entanto, voltar a visitar Brummell faria valer a pena a longa viagem, sobretudo porque Rosalie contemplou que uma sombra de solidão abandonou o rosto de seu anfitrião quando eles atravessaram a soleira. Apesar do constante fluxo de personalidades da mais refinada sociedade inglesa, entre eles o duque de Argyll, o duque de Gloucester, o duque de Beaufort, Rutland, a duquesa de Devonshire, os lordes Albanley, Craven Bedford, Westmoreland, e d'Eresby, a vida social de Brummell era uma mera sombra do que tinha sido. Não podia deixar de sentir uma terrível falta da popularidade e da atividade de que tinha desfrutado até fazia pouco.

— *Ça fait une éternité qu'on ne vous a pas vu!* — exclamou sorrindo-lhes, e os lábios de Rosalie desenharam um amplo sorriso como resposta.

— Passou muito tempo — reconheceu, enquanto deixava que a ajudasse tirar a capa. Logo recolheu levemente suas saias e se dirigiu a uma cadeira estofada sem braços — recebestes muitas visitas desde a última vez que nos vimos?

— Dúzias, querida minha, todas trazendo as últimas notícias de Londres. Entretanto, temo que a quantidade de visitantes excede a qualidade.

— Espero que tenham trazido notícias agradáveis.

— Algumas sim. Sempre é um prazer que sintam a nossa falta, e tenho entendido que a popularidade de Prinny decresceu desde minha saída da Inglaterra. Qual é sua opinião, Berkeley?

Randall se absteve de mencionar que a queda de popularidade de Prinny se devia a algo mais que o final de sua amizade com Brummell. O príncipe regente era um indivíduo notoriamente corrupto, um esbanjador sem limites, um político inepto que se entregava frequentemente à bebida.

— Sem dúvida não é um personagem popular.

— Exatamente — disse Brummell com satisfação — Sem meus conselhos, sua extravagância acabará em desastre. Ouvi que gosta de levar objetos de seda rosa e fivelas com brilhantes nos sapatos. — estremeceu ao pensá-lo — O bom gosto enraiza-se na ponderação, não o esqueçamos. Um bom corte que assente bem, limpeza, dignidade, mudança de luvas ao menos seis vezes ao dia...

Desejoso de evitar um longo discurso a respeito dos princípios do estilo, Randall procurou uma maneira de interromper com tato.

— Recentemente na imprensa inglesa apareceram notícias sobre o Pavilhão que despertaram o mal-estar público. Desde que John Nash se encarregou das obras o ano passado, realizaram-se muitas melhorias custosas: habitações orientais, torres de ferro, cozinhas esquentadas com vapor...

— O Pavilhão é um brinquedo de mau gosto. Reconheço ao Prinny que resulta bastante impressionante, embora de uma maneira vulgar.

— Senhor Brummell — perguntou Rosalie — há alguma possibilidade de que volte a se reconciliar com o regente?

— Duvido — devolveu o dandi — Como diz o refrão, correu muita água sob a ponte. Acredito que a dissolução de nossa frutífera associação, meu engenho e seu título, começou quando quase dobrou seu peso.

— Ouvi que é um homem corpulento — comentou Rosalie, e Brummell assentiu enfaticamente.

— A última vez que o vi pesava mais de cento e trinta quilos. Necessitava de uma plataforma, uma rampa e uma cadeira de rodas só para que fizesse um pouco de exercício.

— Meu Deus!

— Insólito, sem dúvida. Tanto que Prinny recordava a um enorme e torpe porteiro de Carlton House, ao que apelidávamos Big Ben. Desde que Maria Fitzherbert, a famosa... hummm... Amiga do regente aumentou generosamente seu contorno, de maneira natural comecei a me referir a ela e a Prinny como *Ben e Benina*. — Fez uma pausa e se ouviu um risinho sufocado proveniente da direção de Randall — Não foi bem recebida, embora minha brincadeira tivesse uma intenção afetuosa.

Rosalie olhou para Randall e ambos trocaram um fugaz sorriso. Encantador como era George Brummell, não possuía muito tato.

— Minha crucificação começou no dia em que Prinny protagonizou a grosseria maior que jamais presenciei, me ignorando por completo no baile de máscaras do Clube de Dandis. O golpe final ocorreu quando ia passeando com lorde Alvanley por Bond Street e nos encontramos por acaso com o príncipe e o conde Moira, e ao final de uns minutos de conversa durante os quais o regente voltou a me ignorar, disse brincando a Alvanley: Quem é seu amigo gordo?

— Meu Deus! — exclamou Rosalie, perguntando-se como alguém podia ter o atrevimento e a audácia de dizer algo assim diante do soberano da Inglaterra.

— Só foi uma brincadeira desconjurada. Entretanto, com o tempo, algumas dívidas me obrigaram a abandonar a Inglaterra antes que a brecha se fechasse.

— Entendo — murmurou Rosalie. O grande Beau Brummell era impressionante e divertido, mas havia algo nele que despertava um estranho sentimento de amparo. Era como um menino cuja vaidade o tornava excessivamente ingênuo. Perguntou-se o que seria dele, porque era notório que carecia de uma fonte de rendimentos bem grande para sustentar seu estilo de vida. Não havia indícios de preocupação ou cautela em seu rosto, nada que indicasse que era consciente de sua instável posição.

— Senhorita Belleau — disse Brummell, levantando sua moderada compleição da cadeira estofada — Gostaria de ver o álbum que reuni? É bastante volumoso, devido às contribuições de conhecidos, presentes e passados. Há um verso em particular que eu gostaria de lhe mostrar, composto por uma maravilhosa mulher, a duquesa de Devonshire. Começa assim: *Deixei-me subjugar por uma rosa, enquanto a arrancava em seu viço da roseira...* Não recorro o resto.

— Seria uma honra vê-lo — respondeu Rosalie, e ele assentiu com satisfação antes de dirigir-se a uma estante embutida na parede.

— Se segue! — chamou Brummell imperiosamente, e o pequeno criado se aproximou pressuroso — Não encontro meu álbum.

E Se segue assentiu energicamente antes de lhe indicar com um gesto que voltasse para sua cadeira.

— Eu o buscarei, senhor Brummell.

— Se for muito incômodo... — interveio Rosalie.

— Não, não, absolutamente, querida minha. É um álbum muito especial, com versos únicos que só convindo a ler a meus convidados favoritos.

— Me sinto adulada — repôs a moça.

Enquanto ela e Brummell sorriam com o mesmo sedutor encanto, Randall ficou repentinamente imóvel, o ocioso tamborilar dos dedos sobre sua musculosa perna interrompido. Olhou os dois e se inclinou para diante, os olhos piscando enquanto iam de um para o outro, e logo abrindo-os com assombro. Nada no mundo lhe teria induzido a dizer uma só palavra nesse momento, já que sua mente ia a pleno vapor com suspeita, assombro, curiosidade e incredulidade.

Brummell devia haver-se olhado no espelho bastante frequentemente para reconhecer o vago eco de sua própria expressão, já que seu sorriso se

transformou em perplexidade enquanto se aproximava de Rosalie. O álbum tinha ficado esquecido. Então, o dandi empalideceu e seu olhar se concentrou na garganta da moça. Incômoda, Rosalie permaneceu sentada.

— Senhor Brummell? — disse vacilante, e ele pareceu recuperar-se.

— De onde tirou... esse alfinete? — balbuciou ele finalmente.

Os dedos femininos acudiram protetores ao pequeno adorno de ouro que lhe pendia do pescoço.

— Era o alfinete de gravata de meu pai. Morreu quando eu era pequena. Minha mãe me deu isso para que conservasse uma lembrança dele.

— Posso vê-lo? — Suas palavras soavam tensas, crispadas, impróprias da refinação de Brummell.

Confusa, ela tirou o pendente e o entregou, a diminuta peça de ouro balançando-se no ar como uma lágrima. Assombrou-lhe que lhe tremesse a mão. Lançando o olhar a Randall, viu que este tinha o olhar fixo em Brummell. Depois de ter cedido o alfinete, os dois homens pareciam haver-se esquecido de sua presença.

— O que aconteceu? — perguntou.

Não obteve resposta imediata. Brummell se aproximou da janela e estudou o alfinete atentamente à luz do dia.

— Selegue! — chamou tenso, e o enxuto e robusto mordomo entrou correndo na sala.

— Aqui está o... — começou, mas se deteve ao ver a estranha postura que tinha adotado a figura normalmente firme e estirada de seu amo — O que aconteceu?

Brummell lhe entregou o alfinete sem dizer uma palavra. Seguiu um silêncio no qual o criado estudou o objeto com atenção.

— Diga-o - murmurou o dandi Beau, como se o esforço de falar fosse muito grande para lhe permitir pronunciar outra palavra.

— Este é o alfinete de gravata que seu pai, William, encomendou para seu décimo sexto aniversário — explicou Selegue com toda naturalidade — O mesmo alfinete que deu de presente a Lucy Doncaster quando o separaram dela. A B é a inicial de Brummell, e as folhas imitam as que adornam os muros de sua residência familiar, os olmos.

— A B é a inicial de Belleau! — interrompeu Rosalie, sorrindo embora com voz ligeiramente estridente — Acabo de lhes dizer que é o alfinete de gravata de meu pai... George Belleau.

— George Belleau — repetiu Randall suavemente — George Brummell. Uma estranha coincidência que as iniciais sejam as mesmas.

— Basta! — saltou Rosalie, seu peito palpitando.

— Por favor, senhorita Belleau — disse Brummell, fazendo um esforço por manter a calma — Lamento afligi-la. Esclareceremos este assunto agora mesmo.

— Quanto antes — replicou com aspereza.

— Queria nos relatar as circunstâncias de seu nascimento?

— Certamente. Nasci em 1796...

— O ano que eu completei dezoito — interrompeu Brummell.

— Na França. Meus pais se mudaram para Londres pouco depois. Conforme *maman*, papai era pasteleiro. Matou—o uma diligência ao cruzar a rua, diante de sua loja.

— E foi sua mãe quem a criou sozinha?

— Sim. Vivi com ela toda minha vida até... até que conheci lord Berkeley.

— A ocupação de sua mãe?

— É a preceptora de uma respeitável...

— Seu nome. Seu nome!

Rosalie o olhou fixamente, paralisada pela urgência que refletia seu rosto. Assustada, levantou-se da cadeira e deu um passo para trás. Mal podia falar.

— Amille Belleau — disse com um fio de voz.

— Seu nome de solteira.

Em silêncio, Rosalie sacudiu a cabeça. Tinha a premonição de que já conhecia a resposta. Com esforço pronunciou o nome: — Amille Courtois.

Uma atmosfera densa rarefez o ar da sala, tão prolongada que Rosalie pensou em gritar para acabar com a tensão. Então Selegue rompeu o silêncio: — Esse era o nome da preceptora de Lucy Doncaster.

— O que está dizendo? — devolveu Rosalie, nervosa.

— Deve ter dado... É possível que Lucy Doncaster desse à luz no continente, depois de ter fugido da Inglaterra — respondeu o criado cortesmente — É muito provável que seja produto da relação entre o senhor Brummell e Lucy Doncaster. Não só se deve considerar o alfinete, mas também a extraordinária semelhança entre você e ele.

Brummell apertou o alfinete em seu punho e o levou a peito.

— Não! — Rosalie sentiu que lágrimas de indignação enchiam seus olhos — Minha mãe é Amille Belleau, meu pai era George Belleau. Equivocam—se! Cometem um grave engano!

Retrocedeu cambaleando. De repente, tudo o que havia na sala parecia equilibrar-se sobre ela em estranhos ângulos.

— Me devolvam meu alfinete! — soluçou, e ao virar-se sem ver, sentiu a segurança de uns braços fortes que a rodeavam — Rand! — gemeu, afundando a cabeça em seu ombro — Rand, lhes diga que...!

— Isto não pode ser possível — disse Brummell, escondendo o rosto — Não posso pensar, não posso... Por Deus, me deixem só para que pense!

Capítulo 6

*Não digo, não sussurro teu nome,
Há pesar no som, há culpa na fama...*

Lorde BYRON

Embora só houvesse quatro pessoas na sala, reinava a confusão, as lágrimas e o pânico. De forma rápida e eficiente, Randall e Selegue uniram seus esforços para dirigir a situação, dado que pai e filha eram ambos incapazes. O criado acompanhou o consternado Brummell a uma cadeira, enquanto lhe falava em tom suave. Randall abraçou o corpo trêmulo de Rosalie, envolvendo-a com sua força e sua estabilidade, enquanto seus sensíveis dedos rodeavam delicadamente seu pescoço.

— Rose, não há necessidade disto — disse com um tom tão realista que a ajudou a dissipar a estranha aura de irreabilidade que nublava sua mente — Tenta respirar fundo e relaxe.

Escutou-lhe e obedeceu mecanicamente, respirando fundo pela boca enquanto olhava fixamente a encurvada figura de Brummell. Tão logo se suavizaram os tremores, Randall a tirou da sala, detendo-se só um instante na porta para fazer um comentário em voz baixa.

— Voltarei em um dia ou dois para solucionar esta ofensa. Se vocês dois a afligiram desnecessariamente...

— Asseguro-lhes que isto foi totalmente inesperado — lhe interrompeu Selegue, desculpando-se, antes de inclinar-se para falar com o dandi Beau. Brummell resmungava palavras desconexas sobre Lucy, perdido em seu próprio mundo. Com a cabeça entre as mãos e os cotovelos apoiados nos joelhos, olhou fixamente o chão e rompeu a chorar. Randall dirigiu um olhar sombrio aos dois antes de entrelaçar o braço de Rosalie com o seu. Rosalie o seguiu às cegas, tropeçando com a prega de suas saias. Encontrava-se completamente aturdida pelo ocorrido, a mente absorta em reviver uma e outra vez a cena que acabava de presenciar. Tudo o que tinha dado por certo, a pessoa que era ela e o passado de que provinha, o tinham arrebatado de repente. Não podia ser certo... nada daquilo podia ser verdade, porque Amille certamente lhe haveria dito algo! Como poderia

Amille não ser sua mãe! Como podia ser George Brummell seu pai! Era tudo fruto de uma terrível coincidência?

O carro que os conduziria a um hotel local se achava diante do edifício, o chofer francês, apoiado contra o veículo enquanto folheava o jornal.

— *Allons* — disse Randall brevemente, e o homem olhou Rosalie com vago alarme antes de subir ao seu assento com presteza. Dentro do carro, Rosalie sentiu uma onda de náuseas que sacudiram seu corpo. Segurando o estômago com uma mão, fechou os olhos, os pulmões encolhidos como se não ficasse ar dentro. Enquanto lutava para respirar, olhou Randall com pânico. As roupas a oprimiam e asfixiavam. Lançando uma maldição, ele a inclinou sobre seu colo e desabotoou os diminutos botões.

— Maldito espartilho! — espetou enquanto os botões saltavam pelos ares como resultado de seus esforços — É a última vez, a última vez que te deixarei usar um!

Ao afrouxar as fitas e expandir-se a cintura, Rosalie respirou com alívio, enquanto a cabeça lhe dava voltas. Randall também respirou, dando-se conta de que tinha contido a respiração até que conseguiu libera-la de sua prisão. Delicadamente, seus dedos se deslizaram debaixo de sua regata e acariciaram a pele avermelhada de suas costas, aliviando a delicada superfície. Pouco a pouco, as náuseas foram desaparecendo.

— Obrigado — sussurrou, e quando se recuperou um pouco pôs-se a soluçar. Agarrada a uma manga, olhou—o com expressão atormentada, os olhos brilhantes e úmidos — Acreditam que *maman* não é... minha verdadeira mãe.

— Sei — murmurou ele com doçura — Respira fundo...

— Escuta... não é certo! Ele não é meu pai! Sou Rosalie Belleau... Acredita em mim, verdade?

Enquanto suas palavras deram lugar ao pranto, Randall vacilou incômodo e então a embalou contra seu peito com um gesto de simpatia. Sentia-se especialmente inútil. As únicas ocasiões em que as mulheres tinham chorado diante dele, tinha sido um artifício e não o resultado de uma genuína consternação. Nenhuma mulher nunca tinha necessitado dele para que a confortasse, e não estava acostumado a que esperassem semelhante sentimento dele.

Rosalie afundou o rosto em seu ombro, com as unhas cravadas nas lapelas de sua casaca como se fossem as garras de uma gatinha. Randall segurou a pequena figura contra ele, sentindo parte de sua dor, um estranho

impulso no peito. O desejo de tranquilizá-la, de lhe oferecer refugio, era algo muito novo, que brilhava cintilante como a chama de uma vela, e sem duvidá-lo nem um instante mais, procurou a maneira de confortá-la.

— Não se preocupe — sussurrou, lhe acariciando as costas com suavidade — Estou aqui. Tudo ficará bem.

— Rand, o que vou fazer?

— Agora, relaxe. Falaremos disto depois — disse, e ela se apertou contra ele, aceitando seu contato como se fosse o mais normal.

Quando o pranto por fim cessou, Rosalie sentiu que uma frágil confiança tinha cristalizado entre eles. Um laço invisível unia fracamente seus corações, um vínculo tão frágil que podia destruir-se de um simples golpe. Rosalie voltou a si gradualmente, consciente da intimidade de seu abraço, de deixar-se abrigar na cálida força daquele corpo, do agradável que resultava respirar aquele aroma masculino, da respiração regular e tranquila que balançava os cachos de seu rosto. Sabia que devia afastar-se dele. Certamente Randall teria se dado conta de que já estava recuperada o suficiente para mover-se ao assento contíguo, mas Rosalie não queria mover-se dali. O corpo dele era sólido e duro, mas estranhamente cômodo. — Não me solte — rogou em silêncio, fechando os olhos com força.

Ele não disse uma só palavra até chegar ao hotel, permitindo-a permanecer em seu colo. Ambos eram plenamente conscientes da situação, enquanto se perguntavam o que o outro pensava e compartilhavam o mistério de uma atração que nenhum dos dois compreendia.

— *Jurei que não a tocaria.*

— *Eu gostaria que me beijasse.*

— *Oxalá não a desejasse.*

Então, tal como ambos temiam, o carro se deteve. Evitando seus olhos, Rosalie abandonou pouco a pouco o refúgio de seu corpo, os membros de seu corpo dormentes.

— Meu vestido — disse, e ele lhe emprestou a casaca.

Cansada, Rosalie cruzou a entrada e subiu a estreita escadaria que conduzia à suíte, onde esperou que Randall abrisse a porta.

— Ponha um robe — disse, empurrando-a delicadamente para dentro — Ordenarei que preparem um banho e algo de comer.

— Não tenho fome.

— Feche a porta quando eu sair.

— Está bem — respondeu com voz quase inaudível — O que você quiser.

— Não tem que ser tão amável — replicou Randall, divertido ante sua incomum docilidade.

Embora continuasse com o olhar baixo, Rosalie forçou para lhe dedicar um breve e trêmulo sorriso. Sentia-se insuportavelmente só. Esse problema era seu; esse ardil só girava ao seu redor. Não tinha nada a ver com Randall, e ela não podia permitir que assumisse todas as suas cargas.

Randall olhou com ternura a cabecinha inclinada.

— Fecha a porta, *rose épineuse* — disse, e partiu.

Rosa com espinhos. Sua voz, a suavidade de seu tom, acariciaram os ouvidos de Rosalie com uma suave ternura.

Aturdida, tirou a casaca que levava sobre os ombros: cheirava a ele. Inspirou a suave fragrância masculina de sândalo. Tinha imaginado certa posse em suas maneiras? A ternura de sua voz? Tão perturbada estava que sua imaginação coloria tudo com tons enganosos?

No seu regresso, Randall a fez beber uma taça de aguardente de cerejas, que lhe produziu uma agradável sensação de ardor e a encheu de súbita coragem. Despertou uma fome voraz ante os singelos alimentos que lhe puseram diante: uma fogaça de pão, a suave textura de um queijo *Camembert*, uma fruta suculenta e uma garrafa de vinho. Enquanto comia, sentiu como descansava nela o olhar aprovador de Randall, e tão logo saciou a fome inicial, Rosalie o olhou nos olhos.

— Melhor? — perguntou ele, convencido de que tinha recuperado as forças.

— Muito melhor.

A atenção de Randall se desviou para a criada que se encontrava no meio da sala esvaziando o último balde de água fervendo na banheira de metal. Passaria um pouco de tempo até que a água alcançasse a temperatura conveniente para banhar-se. A mulher se apressou a terminar a tarefa e abandonou a sala, lendo a impaciência nos dourados olhos de Randall. O coração de Rosalie começou a pulsar nervosamente ao dar-se conta de que estavam a ponto de falar do ocorrido, e lhe pareceu que tudo o que tinha comido ameaçava subir à base de sua garganta.

— Acredito que não estou preparada para isto — disse, e uma agitada risada se entalou em sua garganta — Acredito que nunca o estarei.

— Nos achamos — replicou Randall de modo tranquilizador — ante um punhado de provas circunstanciais. Não se provou nada...

— Mas e o alfinete?

— Não significa nada. A inicial B e o motivo de folhas não têm nada de extraordinário. Poderia tratar-se de uma mera coincidência.

— E meu... o nome de minha mãe? E se realmente foi a preceptora de Lucy Doncaster?

— Por muito grande que seja a selhança entre vocês, isso não significa que tenha necessariamente que ser a filha ilegítima de Lucy. É possível que todo este assunto seja uma das histórias de Brummell que lhe escapou das mãos. E como já haveria deduzido, o dandi Beau não é a fonte mais confiável de informação. É um homem romântico, imaginativo e debilitado pelos recentes reveses que padeceu. Antes de tomar a palavra de Brummell ao pé da letra, acreditaria em qualquer comerciante de vinho inglês que jurasse que não agitou o clarete.

Rosalie suspirou, agradecida pela racionalidade de seu ceticismo, mas não muito convencida.

— Além disso — prosseguiu Randall — não havia motivo para manter sua... a existência de um bebê em segredo. Lucy Doncaster tinha ao seu dispor opções mais viáveis que entregar seu hipotético bebê a uma preceptora. Sua primeira reação, suspeito, teria sido informar Brummell da notícia e receber seu apoio. Falhando isso, poderia haver-se casado com o conde de Rotherham e fingir que o bebê era prematuro.

— Como é que parece saber tanto do assunto? — Rosalie não pôde evitar perguntar-lhe secamente, e Randall lhe sorriu.

— Não por experiência própria. Mas não é exatamente um dilema sem precedentes.

Ela assentiu e mordiscou distraidamente um pedaço de pão, para ao final sacudir a cabeça e franzir o cenho.

— Tudo isto me dá uma má impressão — disse.

— A única maneira de negar ou provar algo é através de Amille Courtois Belleau.

— Não — o interrompeu Rosalie com veemência — foi minha mãe durante vinte anos. Se algo disto é certo, tinha suas razões para me ocultar isso e eu as respeito. Se não puder confiar em seu julgamento, o julgamento de uma mulher que me alimentou, vestiu e cuidou toda minha vida, então não posso acreditar em nada nem em ninguém.

Ele a olhou perplexo.

— Mas como é possível que não queira sabê-lo? E se Brummell for seu pai...

— Não ganharia nada, e pensa o que isso significaria para Amille. Não te dá conta? Suspeito que George Brummell não seja capaz e também não deseja ser o pai de ninguém. — Sua expressão se escureceu de dor — Não me abriu exatamente os braços esta tarde.

Randall reprimiu a vontade de lhe dar a razão e procurou uma resposta que lhe oferecesse consolo.

— Estava consternado.

— É muito superficial para querer uma filha. É um dandi, e todo mundo sabe que os homens como ele não aceitam bem ficarem velhos, não querem nada que lhes recorde sua idade. — A expressão de Rosalie se tornou angustiada — E quanto a Lucy... Se for minha mãe biológica, não sei nem me importa saber por quê... Porque não me quis. Amille sim o fez, e isso é o que importa.

Randall assentiu devagar, intuindo que não era o momento de tentar mudar a maneira de pensar de Rosalie. Sentia-se cansada e ainda não estava preparada para ser sincera consigo mesma. Conhecia-a o suficiente para saber que sim lhe interessava seu passado e que ansiava saber mais sobre Lucy Doncaster. Mas Rosalie tinha medo dos segredos do passado, e levaria algum tempo para reunir a coragem necessária.

— Então, de momento nos esqueceremos do assunto.

— Não está de acordo com minha decisão — disse Rosalie com um olhar interrogador enquanto examinava seu rosto. Não podia adivinhar o que pensava. Ele encolheu ligeiramente os ombros.

— Não tenho direito a te dizer o que deve fazer.

Abordar seu passado da maneira que lhe parecesse mais oportuna era coisa dela, pensou Randall. Bem sabia Deus que ele não tinha estado ansioso por fazer o mesmo com o seu!

De repente, Rosalie encontrou divertido o comentário.

— Posso perguntar a que se deve esta mudança de atitude?

Randall sorriu, mostrando-se esquivo e estranhamente contente. Fora, o céu estava escuro, mas na sala reinava a brumosa luz das velas. O resplendor acentuou o dourado de seus cabelos alvoroçados e de seus olhos, dando à sua tez morena um brilho metálico. Rosalie ficou momentaneamente absorta em seus movimentos enquanto ele entrelaçava as

mãos atrás da cabeça, os músculos dos braços esticando-se sob a camisa branca. Que estranha visão oferecia com seu traje de cavalheiro e sua pele morena. Era uma combinação contraditória, contudo estranhamente atrativa.

Enquanto Rosalie o olhava com uma doce expressão interrogativa, Randall sentiu um vazio na boca do estômago. Queria voltar a abraçá-la, saboreá-la e acariciá-la, mas tinham acabado os pretextos para atraí-la a seus braços. Que recurso restava? Olhou-a com ávida contemplação e sentiu que uma parte dele cedia a um desejo mais forte.

— Rose... o que faria se te pedisse que se aproximasse de mim? — murmurou, seu intenso olhar lhe rogando que confiasse nele.

Rosalie piscou confusa, acreditando que tinha ouvido mal.

— Eu... não sei — respondeu carrancuda — Suponho que depende do motivo...

— Sabe. — Sua voz soou mais suave e persuasiva. Seguiu-se uma longa pausa antes que acrescentasse — Vem aqui.

Era impossível não obedecer. Como puxada por uma corda invisível, Rosalie se levantou, rodeou a mesa e se deteve junto à cadeira em que ele estava sentado. — *Quer me beijar* — pensou ainda confusa, e o deleite e a consternação a percorreram como um par de dados lançados com força.

Olharam-se hipnotizados.

— Porque tem que ser tão bonita? — sussurrou ele.

Os olhos azuis se escureceram com dúvidas e desassossego quando se encontraram com os seus. Imóvel, permaneceu ao seu lado, todos seus instintos lhe pedindo que ficasse.

— Não me dê motivos para... — começou, mas Randall a interrompeu: — Nunca te farei mal, Rose. Nunca farei nada que você não queira. Por tudo o que passamos já deveria saber que mantenho minha palavra.

Ela assentiu devagar, suprimindo um ligeiro estremecimento ante a doçura com que ele falava.

— Sim, acredito.

— Então se aproxime mais.

O ar vibrava de espera. Depois de uns instantes de debate interior, ela se moveu vacilante para sentar-se em seu colo, sentindo como ele flexionava os duros músculos das coxas sob seu peso enquanto se movia para acomodá-la. Suas mãos lhe rodearam a cintura, uma pressão firme, mas leve, um influxo constante que servia para mantê-la segura, erguida, perto. De repente, tremendo pela consciência do que ia fazer, Rosalie estirou os

braços e apoiou as mãos em seus ombros. Com os dedos separados, apalpando sua força e largura, os polegares detectaram o pulso que palpitava sob sua fina camisa enquanto pressionavam os ligeiros ocos sob sua clavícula. Estava nervosa. Invadiu-a um rápido impulso de afastar-se dele, mas algo a fez ficar, talvez a curiosidade que palpitava dentro dela, ou o estranho olhar de espera que iluminava os olhos verdes dourados de Randall... Talvez o amalucado sentimento de que ele merecia o direito de toma-la daquela maneira. Os dedos masculinos descansavam sobre seu corpo com delicadeza, prometendo magia.

— No passado tentei te roubar beijos — disse Randall com voz rouca — mas me repeliu.

— Foi diferente — sussurrou ela, pensando na brutalidade com que a tinha beijado — Me lembro bem...

— Não — o olhar de Randall ficou sombrio — Não se lembre de nada mais. Deixe-me substituir suas lembranças.

Apanhados no momento, imóveis, algo a empurrou devagar para ele. Suas palavras, seu olhar, a nova expressão distendida de sua boca, tudo isso a tentava além da razão.

Muito devagar, Rosalie inclinou a cabeça, até que suas bocas se encontraram, tremendo ligeiramente ao primeiro contato. Os lábios dele eram quentes, firmes e relaxados. Ela sabia que era um beijo inexperiente, dado que não sabia o que fazer salvo pressionar a boca contra a sua... Certamente, um homem de sua experiência não se sentiria satisfeito. Mas quando levantou a cabeça, com a respiração trêmula, Rosalie viu que Randall também foi afetado. Tinha o olhar suave embora cheio de desejo, o peito palpitava mais rápido que um momento antes. Sob suas mãos, o pulso se tornou mais acelerado.

O único que rompia o silêncio era o ligeiro chispar de uma vela.

A inocência daquela casta carícia comoveu profundamente Randall. Enquanto o olhava com a cautelosa coragem de uma gatinha, ele tentou reprimir seu forte desejo, e esteve a ponto de perder a batalha.

— É isso o quê...? — Ela se deteve para respirar, suas mãos aproximando uns centímetros mais de seu pescoço, enquanto seu corpo experimentava um comichão quando seus braços roçaram a pele — Fiz certo?

Nesse momento, Randall ansiou grosseiramente levá-la para o seu quarto. A proximidade daquele corpo sentado em seu colo era

insuportavelmente tentador, como um cachorrinho suplicando que o embalassem. Era tão doce, tão feminina, tão fácil de abraçar... Seu imperioso desejo aumentou, mas o refreou com determinação.

— Sim — pigarreou, com o brilho da paixão em seus olhos. Logo sorriu, a brancura de seus dentes ressaltando sobre a cútis acobreada — mas muito rápido.

Rosalie sorriu também, sacudindo ligeiramente a cabeça enquanto o olhava. Inclinando-se até tocar-se com o nariz, sentiu que os músculos dele se esticavam além do imaginável.

— Me deixe tentar outra vez — ofereceu, e timidamente procurou o suave fogo daqueles lábios mais uma vez.

Agora Randall se permitiu responder com medido entusiasmo.

— Abra a boca — murmurou, levando suas grandes mãos ao rosto feminino e rodeando-o.

Vacilante, ela obedeceu e descobriu que enquanto separava os lábios, ele os mantinha abertos com a crescente pressão dos seus. Sua língua tocou a sua. Confusa, tentou retirar a cabeça, mas ele seguiu o movimento, seus lábios ainda fundidos. Pouco a pouco, Rosalie cedeu, um incrível e irresistível desejo apoderando-se de seu corpo enquanto sua boca se inclinava sobre a outra, pedindo acesso, encontrando-o e sendo recompensada com um prazer jamais sonhado. Sentia-se invadida e enaltecida ao mesmo tempo. Rosalie se afundou em seu colo, seu corpo no encaixe perfeito, sinuoso, pressionando contra o dele.

A potência de sua masculinidade pulsou com força contra ela, que sentiu no estômago o desejo de corresponder enquanto se rendia a seu abraço. Nos braços de Randall experimentava um mundo de sensações extraordinárias e até então inimagináveis. Nele havia segurança, calidez, luz, cor... nele havia um feitiço que nada podia dissipar. Suas bocas se exploravam mutuamente, e Rosalie experimentou um tremor interior em resposta à mal dissimulada urgência daquele beijo. Randall segurava sua cabeça com uma mão, enquanto com a outra procurava tateando o cinto de seu robe. Ao sentir o leve puxão, Rosalie ficou tensa e afastou o rosto.

— Basta — ofegou, seus sentidos confusos com a excitação, piscando como se despertasse de um profundo sonho. Apenas recordava quem era — Não tenho nenhum desejo de te levar a uma frustrante... Rand, não quero... — Mas não havia rastro de desculpa no febril verdor de seus olhos, só urgente necessidade.

— Compreendo — disse Randall com voz rouca, e não pôde evitar sorrir ante quão tensa soou sua voz.

— Sinto-o — replicou ela, fazendo um movimento para abandonar seu colo, mas ele o impediu lhe apertando o abraço.

— Rosalie — a maneira como pronunciou seu nome a fez estremecer de excitação — pequena sereia, fez-me cair na armadilha de Escila e Caribdis. Não importa se me lanço contra as rochas ou me afundo em um redemoinho sem fundo. De qualquer maneira, meu destino está decidido. Desejo-te. E a maldição que o acompanha é que não a posso tomar a menos que você também o deseje.

Ela umedeceu os lábios nervosamente, inquieta, como se fosse ela a arrastada pelo redemoinho. Procurou uma alternativa que lhe oferecer. - Talvez outra mulher...

— Não pode ser ninguém mais — se justificou Rand. Não desejava nenhuma outra mulher.

Rosalie o olhou fixamente com desgosto. Embora lhe aliviava sua negativa de ir com outras mulheres para acalmar sua necessidade, era consciente de suas próprias limitações. Não podia evitar, de repente, pensar no medo que tinha experimentado em sua cama.

A boca de Randall esboçou um gesto de amarga saudade.

— Pensas que não compreendo o que te fiz passar? — perguntou-lhe com voz angustiada — Não deixe que as lembranças a governem, Rosalie. Já não poderia voltar a ser esse homem.

— Por favor — gemeu ela, os olhos umedecidos — Não é uma questão do que temo. É uma questão de independência. Não quero te necessitar. Por favor, me deixe ir.

Ele a soltou enquanto a ereção o remetia à sua mágoa. Randall se aproximou da banheira e comprovou a temperatura da água com os dedos.

— Desfruta de teu banho — disse, soando vagamente cansado — Me avise quando tiver acabado.

— Rand... não podemos ficar assim. Não vamos falar disso?

— Agora não — respondeu laconicamente, encaminhando-se para o seu dormitório. O desejo insatisfeito ia se transformando lentamente em uma profunda frustração que nada podia aliviar. Um minuto mais ao seu lado, e sem dúvida lamentaria o que poderia fazer ou dizer.

— Não se encontra bem — explicou Selegue como desculpa.

— Por sua culpa passei a pior noite de minha vida — murmurou Randall — Eu também não me encontro muito bem. Afaste-se.

A porta que dava aos aposentos de Brummell se abriu de par em par e Randall entrou dando grandes passadas pelo estúdio. O dandi, que se encontrava comodamente reclinado em um canto da sala, segurava um objeto que Randall reconheceu imediatamente como o alfinete de ouro, ainda pendurado da fita de veludo que Rosalie levava ao redor do pescoço. Beau não pareceu surpreender-se da presença de Randall.

— Incrível — murmurou com pesar — Prinny e eu engendramos filhas em 1796. Sua Charlotte e minha Rosalie provavelmente teriam sido amigas íntimas se minha relação houvesse...

— Se Rosalie for sua filha — interrompeu Randall bruscamente — Eu diria que seria melhor manter-se afastada de você.

— Não há dúvida de que ela é minha. É a viva imagem de Lucy e me agrada pensar que vi algo de mim nela.

— Não muito.

— O suficiente — insistiu Brummell.

Randall se zangou mais por que insistisse em reclamar a Rosalie como dele. De momento, tanto se ela quizesse como se não, Rosalie pertencia a ele, Randall, não a um velho dandi cujo nome predizia problemas para ela.

— Não vai perguntar como se encontra? — quis saber Randall com a calma fortalecida.

A romântica auréola de solidão desapareceu do rosto do dandi, enquanto sorria.

— Sim, me diga. Agora que o penso, por que não a trouxestes?

— Está confusa, e se sente desgraçada. Não sabe quem é e tem medo de averiguá-lo. E se o preocupa algo além do estado de seu lenço, Brummell, apagareis da mente todo rastro do acontecido ontem pela tarde.

— Querido amigo, dá-se conta do que diz? É minha filha. Não tenho família, Berkeley, ao menos nenhuma que admita sê-lo. Ela é tudo o que tenho. E há toda uma herança da que devo lhe falar, as lendas que deixei atrás, as...

— Aceitar seu nome a arruinaria — interpôs Randall sem rodeios — Abandonou Londres com uma matilha de credores farejando e dispostos a saltar sobre os bens que deixava para trás. O que herdaria de você? Uma dívida legendária e uma longa estadia no cárcere de devedores enquanto passeia seus saltos imaculadamente brunidos pela França?

— Suponho que seria melhor para mim deixá-la em suas mãos, senhor! Melhor para ela ser seu colibri e então abandoná-la para que se converta em passatempo de outro varão quando se cansar dela. Esquece que conheço bem sua reputação, Berkeley. Utiliza as damas rapidamente, e logo as desprezam como se fossem um par de luvas manchadas.

— Eu não as chamaria damas — replicou Randall, e sua expressão se voltou inescrutável — E não abandonaria na rua a alguém sem lar. Cuidarei da senhorita Belleau...

— Brummell.

— Belleau — insistiu Randall amavelmente, mas com firmeza — Se é que sua vida significa algo para você. É por seu bem, não pelo seu ou pelo meu. Sei que recebe muitas visitas, e conheço sua debilidade pelas fofocas e as histórias tristes. Mas este será um segredo que guardará até à tumba, do contrário considerarei sua língua solta como um convite para acelerar seu falecimento.

Por um instante, Brummell pareceu impressionado por aquelas palavras, dado que era cuidadoso em evitar a ameaça do enfrentamento físico. Mas as engendrou para mostrar-se despreocupado.

— Uma descrição muito vivida — ironizou.

Um brilho perigoso iluminou os olhos de Randall.

— Será melhor que não a esqueça.

— Minha filha está de acordo com você? — perguntou o dandi friamente.

— Não sabe que vim. — Randall se voltou para partir, mas se deteve como se recordasse algo — A partir deste momento, só quatro pessoas conhecem a possibilidade de que ela esteja relacionada com você. Se o rumor chegar a algum ouvido indiscreto, se espalharia como a pólvora, e saberei que não o comecei eu... nem meu colibri. — Enfatizou a última palavra com sarcasmo — Lhe aconselharia que fique em silêncio, você e seu criado.

— Se segue, acompanha a nossa visita à porta — ordenou Brummell, esforçando-se por soar autoritário.

— Conheço o caminho — lhe assegurou Randall, embora vacilasse antes de ir — Uma coisa mais, Brummell. O alfinete. Quero-o, se por acaso a senhorita Belleau decidiu que gostaria de te-lo.

De repente, o dandi se sufocou de angústia, sacudiu a cabeça e olhou a Randall diretamente nos olhos.

— Não posso lhe entregar isso — Não lhe pertence. O alfinete é um presente de sua mãe.

— Homem de Deus!... — Exclamou Brummell devagar, sua voz mostrando os primeiros sinais de verdadeira emoção — Sois tão cruel como dita sua fama? É minha filha. Irei à tumba com essa convicção, e segundo tudo parece indicar, irei sem sequer ter chegado a conhecê-la. O alfinete é a única prova, o único sinal que tenho de sua existência.

Randall vacilou antes de ceder a contra gosto.

Uma vez que retornaram ao Lothaire, Rosalie percebeu que seu dilema piorava a cada dia, já que estava apanhada em uma situação que nunca tinha imaginado. Enfrentava a duas alternativas inaceitáveis, ter ou não ter a Randall, tentou procurar uma via intermédia. Que resultou impossível.

Primeiro tinha decidido tratá-lo com simpatia, ignorando de maneira estudada qualquer faísca de atração sexual. O estratagema tinha fracassado porque qualquer indício de afabilidade entre eles parecia destinado a converter-se rapidamente em intimidade. Uma simples troca de sorrisos se convertia em um intenso olhar de desejo compartilhado; o roce das mãos ameaçava transformar-se em um abraço apaixonado. Pensava em beijá-lo a todo o momento, e acabava ruborizando-se com ar culpado sempre que seus olhares se encontravam. Finalmente, Rosalie recorreu a seu velho antagonismo, que foi inclusive uma tática pior. As discussões, as rápidas e ocasionais trocas verbais em que se incitavam tão rapidamente, escondiam uma poderosa chama. Naqueles momentos se desejavam mais que nunca, e assim Rosalie começou a sentir-se indefesa ante a crescente maré de sentimentos para com ele.

Mas o que ocorreria depois de que se entregasse a ele? Rosalie temia que o que diziam fosse certo, que fosse o que fosse que a um homem atraía em uma mulher, raramente o unia a ela. Não queria provar o paraíso e logo contentar-se com menos; muito melhor não conhecer nunca o que não poderia ter. Randall não tornava a situação mais fácil. Às vezes a olhava com tanta intensidade que ela se ruborizava com prazer e confusão; que embriagador era sentir-se desejada por um homem. Ela não permitiu sentir-se possessiva para com ele, mas quando caminhavam pelas ruas de Havre, detendo-se para contemplar a mercadoria rústica e de mau gosto que exibiam as cristaleiras, Rosalie era consciente de que havia muitos olhares

invejosos postos nela. Randall, com sua figura alta e bem formada, e a exótica tonalidade de sua pele, era um prêmio bem visível.

Felizmente, Randall abandonava o Lothaire nos momentos em que a proximidade se fazia insuportável. Rosalie fez a desagradável constatação de que a maior parte do tempo que estavam separados passava perguntando-se quando retornaria. Ele se abstinha de mencionar sua próxima partida da França, embora fosse óbvio que logo teria resolvido seus assuntos de negócios. Uma nova vida em Londres, um novo emprego, ser capaz de ver e falar com Amille quando voltasse, esses eram os pensamentos em que ela deveria ocupar-se. Sabia que Randall, à sua maneira, apreciava-a o bastante para ocupar-se de lhe procurar uma boa posição, talvez como dama de companhia de uma viúva com bom coração ou como babá de uma família bondosa.

No entanto, Rosalie não experimentava nenhuma alegria ante a idéia de finalizar sua estadia na França. Antes pelo contrário, perguntava-se como suportaria não voltar a ver Randall. Quando fosse velha e tivesse o cabelo branco, ainda seria capaz de recordar o tempo em que naquela época o futuro conde de Berkeley a tinha desejado apaixonadamente, tinha dançado com ela em uma pequena sala e a tinha beijado uma vez com a tórrida força do sol do meio-dia. Relembraria essas lembranças uma e outra vez, mantendo—as vivas para sempre.

No temido dia que o algodão americano chegou finalmente ao porto, Rosalie tomou seu chocolate e contemplou como Randall se barbeava. Depois de haver-se acostumado às pequenas intimidades da vida em comum, como os rituais de abotoar os vestidos e fazer os nós dos lenços, o hábito de Rosalie entrar em seu quarto para vê-lo efetuar o ritual matinal do barbeado despertava escassos comentários em Randall. Depois da primeira semana em Havre, Rosalie tinha admitido que desfrutava ao olhá-lo vestido tão informal com seu robe, os compridos e firmes músculos das pernas, a pele ligeiramente dourada da nuca, o escasso e brilhante pelo peitoral que o robe não tampava. Antes, nunca tinha tido a ocasião de examinar o corpo de um homem com tal prazer, e Randall era sem dúvida um excelente exemplar de homem desejável. Não tinha o esbelto e elegante físico de muitos dos dandis admirados e famosos; em troca, era alto e de constituição forte, musculoso de tanto montar a cavalo e caçar. Seu corpo era potente e musculoso, sem necessidade de ombreiras nem espartilhos. Rosalie tinha chegado a encontrar sua falta de artifício mais atraente do que os cachos de

cabelo cuidadosamente frisados, a juncal magreza e as formas refinadas dos homens que se vestiam mais na moda. Sem dúvida, pensava, nenhuma mulher em seu são julgamento lhe tiraria a razão.

— Rand — disse enquanto ele limpava do rosto os restos de sabão.

— Sim?

— O que acontecerá se o carregamento estiver em bom estado?

— A companhia naval Berkeley derrotará certamente a das Índias Orientais e obterá o contrato para o transporte de seda, nos dando acesso a um valioso mercado. Que mais? Você e eu voltaremos para casa. De meu avô receberei louvores por ter feito um bom trabalho, demonstrando que sou capaz de me ocupar dos assuntos familiares, e terei assegurado minha parte da herança.

— E se não estiver em bom estado?

— Iniciarei uma desonrosa batalha, lançarei acusações, proferirei ameaças e súplicas, padecerei terríveis dores de cabeça e perderei o apetite. E você e eu permaneceremos aqui até que resolva o problema.

Rosalie se absteve de mencionar sua esperança de desfrutar de um adiantamento de várias semanas. Pelo bem de Randall desejou que as balas se achassem em perfeito estado.

Enquanto ele procurava uma toalha limpa no lavatório, Rosalie se levantou da cadeira e caminhou para ele. Ao vê-la aproximar-se pelo espelho, Randall deu meia volta e a olhou com seus olhos amendoados. Sem as botas, a cabeça dela lhe chegava por baixo do queixo. Quando estavam perto, sempre lhe surpreendia quão pequena era. Um batimento escapou de seu coração quando Rosalie lhe limpou delicadamente com os dedos um resto de sabão do queixo e lhe sorriu.

— Este ficou esquecido — disse isso, e então ficou nas pontas dos pés e beijou levemente a suave face recém-barbeada.

Randall permaneceu imóvel, com uma expressão insondável.

— Boa sorte, senhor Berkeley. Não permitam que uns *américains* ganhem a partida.

— Meu problema não é um *américain* — devolveu Randall com um sorriso que teria derretido as pedras — É uma pequena *anglaise* que não deveria entrar nos dormitórios dos cavalheiros e os contemplar enquanto se barbeiam.

— Não vejo nenhum cavalheiro — repôs ela com um sorriso quase descarado, e ele sorriu enquanto com um gesto lhe indicava que saísse do

quarto.

O alvoroço das primeiras horas da manhã já tinha começado no molhe, mas desta vez a atitude de Randall era de despreocupação.

— Tudo está bem — lhe havia dito o capitão Jasper ao encontrarem-se.

Enquanto os agentes da alfândega inspecionavam o algodão e outras mercadorias, Randall meteu as mãos nos bolsos e contemplou a cena com uma atitude próxima à despreocupação. Seus olhos seguiam a figura ativa e robusta do velho Willy Jasper, que dava ordens lacônicas à tripulação do *Lady Cat* enquanto descarregavam. Os homens trabalhavam como uma máquina bem oleada, acostumados àquelas tarefas. Ao sentir-se observado por Randall, Jasper deu a volta e o olhou pensativamente, como se refletisse uma decisão sobre algum assunto em particular. Logo avançou para Randall com o passo lento de marinheiro.

— Senhor, se tiver um minuto, eu gostaria de falar com você. — Seus olhos cinzas harmonizavam com o tom de seu cabelo.

Randall inclinou a cabeça com curiosidade e Jasper vacilou uma vez mais.

— Não é meu assunto — acrescentou — Salvo que é um bom patrão e um homem justo... E suspeito que faremos negócios juntos no futuro. Não me parece o tipo de pessoa a quem só gosta de ouvir novas de...

— Jasper — o interrompeu Randall, e esboçou um rápido sorriso divertido — Não faça rodeios. O que quer me dizer?

Em silêncio, o capitão procurou algo nos bolsos de sua casaca e tirou uma folha de jornal dobrada. Era parte de um exemplar recente do *Times*, o maior e mais lido jornal londrino, muito mais progressista que os europeus, ao qual só igualava o *Messenger*, um jornal inglês editado em Paris. Randall o folheou com ar ausente, enquanto levava uma mão à nuca para suavizar os músculos. Então, debaixo de uma coluna intitulada *França*, leu e as palavras escaparam de sua boca: — *Um assombroso rumor chegou a nossos ouvidos, relacionado com o senhor George Brummell, que reside atualmente em Calais. Recentes informações indicam a existência na França de uma jovem senhorita Belleau que afirma ser a filha ilegítima do ex-residente de Londres. Existe uma grande curiosidade ante a possibilidade de que se trate realmente de um rebento deste famoso cavalheiro. Lamentamos não poder confirmar nossas fontes.* — O estômago lhe contraiu de raiva. Lentamente conseguiu compor uma expressão neutra

para encontrar-se com o olhar expectante de Jasper — Interessante — comentou — O que tem a ver isto comigo?

— O que o jornal não menciona — disse Jasper com cautela — Os rumores mais estendidos relacionam seu nome com o dessa mulher. Dizem que a razão para sua estadia na França não são os negócios, a não ser o fato de que ela é sua... sua...

Não era necessário acabar a frase. Randall sabia que Jasper se movia em círculos bastante elevados para que esta informação fosse provavelmente exata. E, se fosse assim, o nome de Rosalie teria sido a fofoca de cada baile, cada café da manhã, cada caçada, cada esquina de Londres.

Começou a soltar a classe de maldições suaves que se ouviam todos os dias nas ruas de Londres, mas expressas com tanto sentimento que Jasper se ruborizou.

— Brummell — murmurou Randall — quando o agarrar o amordaçarei com seu próprio lenço.

— Então não o nega? — perguntou o capitão.

A boca de Randall se torceu com desgosto.

— Acaso importa? O execrável dos rumores é que tanto se confirmam como se negam, proliferam como as ervas daninhas.

— Certo. — Jasper ia dizer algo quando viu que usavam uma corda de cânhamo desfiada para descarregar um dos pequenos, mas pesados caixotes carregadas de porcelanas — Me desculpe, devo me ocupar de algo.

Randall mal prestou atenção à despedida do capitão enquanto olhava o molhe carrancudo. Não lhe ocorreria levar Rosalie para casa até que não soubesse que classe de recepção a aguardava. O pensamento do que poderia lhe acontecer lhe pôs os cabelos em pé.

A filha de Brummell. Para a sofisticada elite londrina ela seria uma maravilha, uma novidade, uma curiosidade e um prêmio. Se converteria em uma celebridade entre os círculos mais atrevidos de Londres, aclamada e tratada com atenção, exposta a toda a sordidez que a enfastiada elite tinha para oferecer. Para esta, a arte de corromper o espírito não só era um jogo, mas também uma arte sutil. Todos a quereriam, tentariam afastá-la e roubar-lhe, tentando-a, provocando-a, quebrando os finos laços de seda que Randall tinha tecido tão cuidadosamente ao seu redor. Seria procurada e cortejada por todos os jovens da boa sociedade, que a desejariam como amante por sua beleza e por seu famoso pai. A idéia de que a arrebatassem de forma tão insidiosa fez com que seu queixo se endurecesse de raiva,

despertando o instinto de proteger o que era dele. Não permitiria que a tocassem.

Por sua mente cruzou um pensamento inesperado: e se lhe desse seu nome?

As pessoas pensariam antes de tentar aproveitar-se de uma mulher sob o amparo do sobrenome e o poder dos Berkeley, não importando quem fosse seu pai. E se os furiosos credores de Brummell se atreviam a aproximar-se dela, Randall teria direito legítimo e meios legais para tratar com eles ele mesmo. Casamento. A idéia nunca lhe tinha atraído, mas de repente apresentava-se como a solução a seus problemas. Sempre tinha desprezado a idéia de ver-se apanhado pelo laço matrimonial, mas estar preso a Rosalie tinha seu atrativo. Conhecia-a muito melhor do que nunca teria a oportunidade de conhecer qualquer jovem casadoira de sorriso tolo durante um noivado cuidadosamente fiscalizado. Embora Rosalie fosse uma mulher viva e de maneiras obstinadas, também podia ser uma companhia muito agradável. Era jovem e formosa e estava certo de que era virgem. E o mais importante: se fosse sua esposa, poderia fazê-la sua sempre que quisesse.

Apoiando a ponta de um sapato sobre o outro, Randall pensou como seria a vida dela como lady Berkeley. Sabia que era um dos solteiros mais cobiçados de Londres por seu título e riqueza. É obvio, Rosalie não poderia objetar nada contra o lar e a vida que lhe ofereceria. Mas, além disso, poderia ser feliz com ele como marido? Tinham iniciado sua relação de maneira pouco prometedora. Inquieto, olhou vagamente ao céu, enquanto se perguntava o que era exatamente o que sentia por ele. Era claro que, a certo nível, tinha-lhe algum carinho. A Randall parecia suficiente para começar o casamento. Rosalie aprenderia a ser feliz com ele, especialmente durante as infinitas horas que passariam juntos na sua cama. Embora ela ainda não soubesse, Rosalie era uma mulher que precisava ser amada muito e bem, e Randall não tinha a menor duvida de que podia satisfazê-la nesse aspecto, se não o conseguia em outros.

Rosalie correu à porta logo que ouviu a chave na fechadura.

— O que aconteceu? — perguntou, abrindo a porta de par em par, e Randall a agarrou habilmente com uma mão. Tinha um ar triunfante quando baixou a vista para lhe dirigir um olhar de ouro e jade.

— Pode me oferecer suas felicitações — disse, e Rosalie riu com deleite.

Antes que ela pudesse dizer uma palavra, Randall fechou a porta e a tomou entre seus braços para beijá-la. Rosalie ficou paralisada, seus lábios entreabertos da surpresa, e ele se aproveitou de sua vulnerabilidade. Sua boca explorou com paixão e experiência, e lhe resultou inclusive mais embriagadora do que recordava. Enquanto o ardor de seus beijos a afogava, Rosalie se apertou contra ele para fundir-se com seu sólido corpo. A paixão acendeu seus nervos, e Randall gemeu suavemente quando sentiu que ela se abandonava.

Rosalie se esqueceu de tudo salvo de seu abrasador contato, o anseio de união entre dois corpos. Consumia-se como o fogo consome a isca, sentindo-se excitada e leve, etérea. Sua excitação era nova, desesperada, impossível de ignorar. Ele deslizou a mão por seu corpo, apalpando-o através do fino vestido, rodeando seu seio com delicadeza. A sensação fez Rosalie desfalecer, que se apoiou nele deixando que suas musculosas pernas retivessem seu peso. Enquanto sua consciência claudicava, de algum canto desta assaltou a Randall o pensamento de que não seria capaz de parar. Tinha que controlar-se. Levantou a cabeça, a respiração acelerada, e ela emitiu um suspiro de protesto ao perder sua boca.

— Temos que conversar — conseguiu dizer Randall, enquanto seu polegar acariciava brevemente, com pesar, o mamilo macio.

Rosalie estremeceu e logo assentiu, o rosto ruborizado e o corpo dolorido pela excitação. Ele a deixou recuperar-se, e então ela se afastou para sentar-se, sentindo-se estranhamente lânguida e confusa.

— Sobre o regresso para casa? — perguntou.

— Exatamente. Há algo que eu gostaria de fazer primeiro. — Fez uma pausa antes de perguntar devagar — Se importaria se atrasarmos a volta uma semana?

Rosalie respirou entrecortadamente e baixou os olhos para que ele não pudesse ver seu alívio. — *Outra semana* — pensou com júbilo — *Outra semana com Randall*. — Em troca, disse: — Isso depende. Porque quer atrasá-la?

Randall vacilou um segundo, sentindo uma fugaz pontada de culpabilidade. Tinha decidido não lhe falar do artigo do *Times* até que chegasse o momento oportuno. Necessitava tempo para que ela aceitasse sua proposta. Se mostrasse estar particularmente renitente, utilizaria o artigo do jornal para convencê-la de que necessitava do amparo de seu nome.

— Esta manhã estive falando com um arquiteto naval francês sobre o *Prinzessin Charlotte*, um barco a vapor de duplo casco. Transportava passageiros pelo Elba, na Alemanha.

— Um barco a vapor? Porque irá se interessar...?

— Agora mesmo só se utiliza como auxiliar de navios de passageiros como o *Charlotte*. E só para curtos trajetos fluviais. Mas quando as máquinas de vapor se aperfeiçoem, revolucionarão a indústria naval. Substituirão os navios convencionais e cortarão significativamente a duração das rotas comerciais.

— E quer falar mais a respeito com esse arquiteto naval?

— Quero falar mais disso com uma pessoa que vive em Paris, um antigo aprendiz de Robert Fulton. Quando Fulton vivia na capital, construiu um vapor que navegou pelo Sena e superou a uns quantos peritos na navegação a vapor.

Rosalie franziu o cenho. Não lhe interessava para nada Fulton, os barcos a vapor ou o comércio. O que a preocupava era Randall se propor deixá-la só outra semana enquanto ele ia a Paris.

— E quando pensa em partir? — conseguiu perguntar em voz baixa.

Randall sorriu.

— Isso depende de quanto demore a fazer a mala.

— Quanto eu...?

O sorriso dele se acentuou.

— A menos que não queira ir.

Rosalie se recuperou rapidamente e ocultou sua euforia simulando indecisão.

— Será muito aborrecido falar de navios com um velho?

Parecia-se tanto a uma francesinha coquete que Randall teve que dominar o impulso de estreitá-la e beijá-la até lhe fazer perder o sentido.

— Aborrecido? — repetiu pensativo — Navegaste alguma vez pelo Sena em um cargueiro equipado para passageiros? Visitaste alguma vez a *Maison d'Or* e sussurrado atrás de seu leque enquanto os dandis passeavam diante de ti? Viu uma peça de teatro na *Comédie Française*? Dançaste em Paris até o amanhecer?

— Não. — Seu olhar expressava ânsia e excitação.

— Então não te aborrecerás. Vai e faz as malas.

Randall sorriu ao vê-la correr para seu quarto. Começava a aprender a tratar Rosalie Belleau-Brummell. Era boa coisa que fosse tão fácil de tentar.

*

Paris era inimaginável para alguém como Rosalie, cuja vida tinha estado muito longe da classe de espetáculos e atividades que proliferavam ali. As ruas estreitas e mal pavimentadas apareciam invadidas de júbilo e energia, fantásticas cores e formas de arte, música dos teatros e ruidosas discussões dos intelectuais radicais que frequentavam os cafés. Para aqueles que desejavam atuar e falar sem entraves, Paris era a Cidade das Luzes. Por vinte e quatro francos, Randall tinha alugado um carro para que os transportasse à prefeitura, uma nobre estrutura erguida na margem direita do rio desde o século XVI.

Rosalie fez um esforço para não pendurar-se no guichê do carro de uma maneira imprópria enquanto Randall lhe assinalava as estranhas e deliciosas cenas pelas quais passavam: os restaurantes de verão ao ar livre, a enorme mole do incompleto Arco do Triunfo, os jardins das Tulherias, e o Palais Royal, onde pequenas e numerosas lojas atraíam aos passeantes. Do outro lado do Sena, na margem esquerda, achavam-se os palacetes da afastada aristocracia. Em todas as esquinas da cidade se respiravam os deliciosos aromas provenientes dos numerosos restaurantes, e qual o mais delicado.

A primeira noite em Paris, Randall cumpriu sua promessa e levou Rosalie a um baile público lotado de uma multidão do mais variado. Ali, jogadores, prostitutas, aristocratas e damas elegantes se misturavam entre si alheios às distinções de classe ou condição. Duas orquestras amenizavam a noite, uma em cada extremo da sala. A música do violino, o clarinete e o *cornet à piston* fluía através das enormes portas góticas para os pequenos atalhos do jardim, iluminados com lanternas de papel de cores.

— Cerveja de março temperada — comentou ela, e de repente Randall lhe ofereceu um copo de suco de ameixa — É um mago.

Disse-o em tom acusador, rindo dele, e logo bebeu metade do refresco com goles rápidos. Tomou cuidado para não deixar que o líquido rosa lhe manchasse as luvas compridas ou o imaculado vestido de corte alto e mangas em balão. À primeira vista, o vestido azul parecia recatado, mas seu pronunciado decote chamava a atenção. A frágil renda de Valenciennes não fazia nada para camuflar o sedutor vale que separava seus seios.

— Tome cuidado — comentou Randall, agarrando um pastelzinho de folhado e lhe dando para provar — poderia acabar te resultando indispensável.

— Esta noite sem dúvida — repôs Rosalie, e mordeu o canto do bolinho, permitindo que ele acabasse o resto — De todos os presentes é o melhor bailarino.

A Rosalie parecia que voavam juntos quando se moviam ao compasso da música. Havia sentido os olhares de muitas pessoas sobre eles enquanto Randall a fazia evoluir pela pista e, curiosamente, não lhe tinha importado que a vissem como sua mulher.

Randall sorriu, sem saber o que pensar de sua relaxada franqueza. Era uma atitude nova, e muito interessante. Produziram-se algumas mudanças em Rosalie desde que estavam na França.

— Um bailarino só é bom na medida que o seja seu par.

— Não é verdade — corrigiu ela, e deu outro gole ao refresco de frutas, açúcar e água — Conheço o limite de minhas capacidades. Você as melhoras muitíssimo.

— Falsa modéstia. Acaso quer escutar mais cumprimentos? — provocou-a Randall suavemente.

Seus olhares se encontraram, fundindo-se em uma arrebatadora totalidade, e então ambos perceberam de que as orquestras interpretavam os inconfundíveis compassos de uma valsa.

— A primeira valsa — disse ele, lhe arrebatando a limonada para deixá-la na mesa — É nossa obrigação voltar a dançar.

— Sêrio? — devolveu Rosalie, e se deixou levar até o centro da variada multidão antes que chegassem mais casais.

— Devo falar com madame Mirabeau sobre seus vestidos — comentou Randall, deslizando um braço por seu corpo com atitude possessiva.

— Meus vestidos? — Rosalie enrugou o nariz de uma maneira coquete, um gesto desconhecido nela.

— A este falta muito pouco para mostrar mais do que convém — respondeu pousando seu olhar no atrevido decote.

— Se te incomodasse em olhar ao redor, veria que sou a mulher que está mais tampada.

Randall lançou um grunhido evasivo, dando a entender que não lhe interessava olhar a nenhuma outra mulher. Observou-a com um sorriso malicioso e Rosalie se sentiu invadida por uma onda de sensações que ameaçou afogá-la. — *Porque essa noite não podia durar para sempre?* — pensou com dolorosa consciência de que nenhuma hora, nenhum minuto de sua vida voltaria nunca a ser tão perfeito como esse.

Parecia que tinham dançado toda a noite sem parar. Rosalie desfrutou de cada instante, aproveitando-o ao máximo, enquanto Randall a tratava com atenção com seu amplo repertório de encantos de hábil sedutor. Um momento a fazia rir a gargalhadas e no seguinte a olhava nos olhos com intensidade enigmática enquanto a conduzia pela pista com passos amplos e em círculo. As mãos entrelaçadas, a música, a promessa de um olhar íntimo, um doce e fugaz brilho de felicidade... Rosalie se sentiu apanhada entre a noite e o dia em um sonho etéreo, incapaz de fazer nada salvo seguir Randall onde ele quisesse.

— *Deixei que entrassem meu coração* — pensou, e sentiu um nó na garganta — *foi minha culpa*. — Apaixonou-se por ele, amava a um homem ao qual nunca poderia ter, um homem que talvez nunca fosse de ninguém. E o pior era a certeza de que, embora tivesse ocorrido apesar de seus esforços por evitá-lo, o florescente amor que sentia por lorde Randall Berkeley não se desvaneceria jamais.

Capítulo 7

*Vem para mim no silêncio da noite,
Vem no silêncio expressivo de um sonho,
Vem com tenras e redondas faces e olhos brilhantes,
Como a luz do sol em um riacho,
Retorna em pranto,
Só recordo, esperança, amor de anos acabados.*

Christina Rosetti

A brisa acariciou Rosalie ao abrir a porta do carro, um ténue sopro de ar fresco que lhe provocou um leve calafrio. A tímida lua apenas iluminava as feições de Randall, que a ajudou a descer do veículo. Seus olhos piscaram risonhos, mas sua boca tinha um traço inescrutável, suas feições quase impassíveis. Rosalie aceitou sua mão para desembarcar, e se perguntou por que ela tinha a mão fria enquanto a dele estava quente.

— Deve estar cansada — disse Randall, e ela assentiu, embora não se sentisse cansada em absoluto.

Não tinha nem idéia da hora que era, embora o céu estivesse tão escuro como o veludo e não se visse nem rastro da alvorada. Não encontrava motivo para a apreensão que albergava seu estômago, salvo que em seu interior ardia uma premonição de que algo ocorreria logo. O baile tinha acabado, a noite era fértil e jovem, o ar estava carregado de um embriagador aroma de romance.

Em silêncio, entraram no tranquilo e pouco iluminado hotel e percorreram as grandes escadarias e corredores. Rosalie cheirou uma estranha combinação de fragrâncias: tabaco, cera de velas, chá forte e colônia de mulheres. Finalmente chegaram a um corredor para o qual davam vários quartos.

— Que silêncio! — murmurou Rosalie — Todos os hóspedes devem estar dormindo.

— O mais provável é que estejam nas ruas, dançando — replicou Randall, entrando no quarto com estudado apurmo. Compartilhavam duas câmaras que se comunicavam através de uma porta de marco dourado, decoradas ligeiramente um pouco menos luxuoso que o Lothaire. Todas as

janelas, adornadas com cortinas douradas, davam para pequenos balcões. Rosalie se aproximou de uma delas para olhar através do fino vidro.

— Que vista tão maravilhosa! — admirou em voz baixa.

Randall franziu o cenho zombeteiramente. Vista maravilhosa? Ela apenas podia ver o contorno impreciso da rua. Sentia-se incômoda porque não confiava nele? Não podia culpá-la por isso; apenas confiava em si mesmo quando a tinha perto. Suspirando, foi até a porta que comunicava os cômodos e a abriu com cautela.

— Suas malas e seus baús estão junto à porta — disse — Me chame se tiver dificuldades.

Rosalie ficou olhando-o, sem intenção de partir. Enquanto pensava no que queria, no que estava em sua mão que acontecesse, seu coração começou a pulsar tão apressadamente que se perguntou se seu pulso seria visível. Com brutalidade, entrelaçou as mãos diante e ignorou o nervosismo que a sobressaltava por dentro. — *Quero que volte a me abraçar* — pensou, e lhe acenderam as faces — *Quero que precise de mim desesperadamente, que murmure meu nome, que me abrace com força.*

— Pois... precisamente tenho uma pequena dificuldade — murmurou, aproximando-se dele — Necessito de ajuda com meu vestido.

Por uma fração de segundo Randall permaneceu cravado ao chão. Essa noite não tinha a integridade necessária para resistir a seu veemente desejo. Assim, aproximou-se dela confuso, de repente desaparecia toda sua famosa habilidade para despir uma mulher. Tomou precauções especiais para que seus dedos não roçassem as costas enquanto desabotoava torpemente os botões, seus sentidos embebendo-se da proximidade dela, o perfume feminino, a elegância do cabelo recolhido em um coque. Uma vez acabada a tarefa, viu fugazmente sua pequena regata branca antes que ela se desse a volta.

— Obrigado — disse Rosalie, olhando-o com seus enormes olhos azuis.

— Boa noite — respondeu ele amavelmente, rogando que partisse antes que fosse muito tarde para refrear o raivoso impulso de agarrá-la nos braços, deitá-la na cama e desfrutá-la com gulodice.

Mas ela não se separou dele, e todos os músculos de Randall protestaram contra o excessivo controle a qual os submetia para manter-se quieto.

— Rose, será melhor que vá — disse, com voz mais áspera do que pretendia.

— Rand... — Mas não soube continuar. Não tinha experiência em seduzir a um homem. Como podia lhe agradar? E se o desiludia? Essa era uma idéia terrível, pensou, mas, no entanto ficou ali, muda, enquanto seu olhar se encontrava com o dele.

Randall respirou uma, duas, até três vezes enquanto tentava ler seus pensamentos.

— Está consciente do que está fazendo? — perguntou finalmente com voz rouca — Está consciente do que acontecerá se não for para seu quarto?

Ela se esforçou para assentir bruscamente.

Randall se lançou sobre ela contendo uma exclamação e a rodeou com seus braços, suas mãos deslizando pela abertura posterior do vestido. Sua boca procurou a dela, e a encontrou imediatamente, saboreando-a, devorando-a. Rosalie fechou os olhos, lhe abraçando sem apertar. Quando o beijo a obrigou a jogar a cabeça para trás, entreabriu os lábios sob a pressão dos dele, permitindo que seus músculos de aço a estreitassem. Sentiu o fresco e embriagador perfume de Randall, uma agradável fragrância masculina que exercia um efeito peculiarmente sedutor nela. Um estranho torpor a invadiu e de repente os joelhos lhe fraquejaram. Os dedos de Randall se entrelaçaram em sua cabeleira, imobilizando-a enquanto sua língua se emparelhava com a dela, e em seguida explorava os cantos mais profundos de sua boca.

Um desejo embriagador palpitava através dela, uma deliciosa excitação que enchia cada centímetro de seu corpo. Tinha sonhado com um amante tenro e delicado, mas Randall era impaciente, insistente, voraz, e a beijava como um faminto a quem se convida para saborear um prato suculento. Mas não a incomodava aquela brutalidade, já que a imperiosa e dominante masculinidade dele aliviava a sede de seu corpo excitado.

Ele afastou sua boca da dela e Rosalie escutou com assombro sua própria voz quando o ar frio lhe roubou a umidade dos lábios. — Não pare — parecia suplicar, e ele a estreitou ainda mais enquanto a abrasadora paixão de seus lábios percorria o frágil pescoço. Rosalie sentiu entre as pernas seu membro viril, a poderosa manifestação de sua masculinidade, ameaçadora e excitante, e tremeu em uma rápida tomada de consciência do que estava por chegar.

— Rose... — murmurou com voz áspera, enquanto suas mãos acariciavam com ardor a esbelta figura — Cada dia que passa te desejo mais.

Temerariamente, ela se apertou contra ele, sua mente nublada com uma névoa de excitação.

Passeando sua boca pela curva entre o pescoço e o ombro, Randall se entreteve um momento enquanto lutava por dominar-se. Seria muito fácil deixar ganhar a urgência de seu desejo, mas não queria que fosse assim. Queria que Rosalie se embriagasse de desejo tanto como ele, e isso requeria seu tempo. Lentamente, Randall lhe tirou as forquilha do cabelo, e os batimentos do coração pareceram triplicar quando a espessa e sedosa cabeleira caiu em cascata sobre suas costas. Aquela imagem o embriagou: era a mulher mais bonita que já tinha visto, era tudo o que desejava, e ali estava, em seus braços. Sentia como se agitava contra ele, sua crescente excitação, e por mais doloroso que fosse, Randall se obrigou a ir devagar.

As mangas do vestido chegavam quase até os cotovelos. Puxando o vestido para baixo, Randall lhe liberou os braços e lhe pediu que lhe rodeasse o pescoço. A respiração dela se tornou mais rápida e superficial, mesclando-se com a de Randall enquanto este lhe acariciava os peitos através da leve regata. Aturdida e presa de uma frouxidão incomum, Rosalie não protestou quando ele deslizou a roupa interior até a cintura. O ar noturno provocou um ligeiro estremecimento na carne nua, mas o calor de suas mãos se derramou por aquela pele suave. Uma estranha sensação a sacudiu ao encontrar-se meio nua ante ele e ver que ele continuava completamente vestido. Randall tomou um seio na mão e acariciou o suave mamilo com o polegar até pô-lo ereto. Surpreendida, enquanto o anseio esticava seu abdômen, ela experimentou o impulso de afastar-se.

— Amor, não te movas — lhe sussurrou ele, e deslizou o outro braço por suas costas enquanto, maravilhado, acariciava a delicada pele, excitando-a com o sensível roce de seus dedos — É perfeita...

Rosalie se agarrou a ele com amor e perplexo desejo, suas mãos subindo pelo pescoço para acariciar a sedosa e úmida cabeleira.

— Rand — gemeu finalmente, sentindo o alarme que a invadia por dentro.

Ele selou sua boca com a dele, procurando a plenitude de sua resposta até que ela apenas notou que o vestido e a regata caíam ao chão. Uma vez nua, Randall a tomou em seus braços e a conduziu até a cama, o sedoso corpo complacente em seus braços.

— Antes que cheguemos mais longe — disse ele enquanto tirava a casaca com um movimento ágil e eficiente — quero que entenda uma coisa. Esta

não será a última vez. E depois desta noite, não esperarei mais tímidas insinuações.

Sua voz estava carregada de desejo. Resultou-lhe difícil pronunciar essas palavras porque duvidava de que alguma vez voltaria a desejar nada tanto como, nesse momento, desejava possuí-la, apesar de não querer que houvesse surpresas no dia seguinte.

Rosalie jazia diante dele, tremendo ligeiramente, sua pálida figura assombrosamente adorável, o brilho de seus olhos visível inclusive na penumbra do quarto. Suas mãos se abriam e fechavam presas de uma agitação desconhecida, seu corpo parecia febril, e sua pele desejava o bálsamo das carícias.

— Por favor, vem — rogou, presa de uma ansiedade que só ele podia aliviar — Por favor.

O desejo de Randall disparou e soube que não poderia deixar de tomá-la como não poderia deter as marés. Com impaciência, acabou de despir-se e afastou a roupa de cama ao redor de Rosalie. Ela permaneceu quieta enquanto ele se aproximava, deslizava um braço debaixo do pescoço e depositava com delicadeza uma mão em seu estômago plano. Curiosamente em sintonia com ela, Randall sentiu o inocente acanhamento que a moça experimentou ao contato íntimo de suas mãos, e seu coração se contraiu em muda empatia. Obrigou-se a esperar até que ela depositou as mãos em suas costas com um gesto delicado, os dedos examinando o contorno de seus firmes músculos, a lisa suavidade de seus ombros, o masculino pelo peitoral.

— Rand? — perguntou fracamente, e ele a olhou.

— O quê? — murmurou, com a pele arrepiada enquanto ela ia se familiarizando com a firmeza de suas bem formada costas.

— Sentiu-se... nervoso na sua primeira vez?

Ele sorriu e respondeu com voz rouca: — Não. Nunca até agora.

E sua boca roçou a dela no mais tentador dos beijos. Os braços dela se curvaram com anseio ao redor de seu pescoço, mas ele resistiu ao entrelaçamento de suas pernas, optando em seu lugar por provocá-la e atormentá-la até que ela pensou que tentava deixá-la louca. Os dedos dela se afundaram na grossa cabeleira enquanto ele deslizava mais abaixo, da garganta até o delicado cavalete de sua clavícula. Seu corpo se arqueou quando a boca dele tomou posse da ponta de seu seio, e um suave gemido escapou de sua garganta. Dobrando-se ainda mais, Rosalie apertou a

morena cabeça contra seus seios com mãos trêmulas, procurando a maneira de lhe corresponder, mas incapaz de fazer nada salvo agarrar-se a ele e sentir o que lhe fazia. Ao final de certo tempo se dirigiu ao outro seio e o cortejou com a mesma atenção, enquanto com a mão acariciava a curva de sua cintura em uma tentativa de acalmar os fortes tremores que a sacudiam.

— Rand... Oh! É tão... — disse entrecortadamente, procurando as palavras para descrever o incrível arrebatamento que experimentava.

Devagar, ele procurou sua boca. A maré do desejo invadiu e formou redemoinhos sobre seu corpo como se fosse um rio eterno, e Rosalie se afundou debaixo dele com intumescida satisfação, seus lábios movendo-se debaixo dos dele, procurando um prazer ainda mais doce e mais completo. A crisão de seus nervos cessou, substituída por um anseio marcado por um ritmo crescente. A voz de Randall flutuava em seus ouvidos com imprecisos murmúrios, em fragmentos de louvores, desejo e conselhos. Obedecia-lhe sem fazer perguntas, movendo-se instintivamente da maneira que ele desejava, ansiosa de satisfazer seus caprichos enquanto ele não interrompesse o sedutor êxtase.

Nesse momento, ele era para ela um desconhecido, um homem terno e premente, companheiro e amante. Era um sonho, uma visão dourada, uma aparição erótica que se esfumaria com as primeiras luzes da alvorada. Um homem que respondia a seus murmúrios com meios sorrisos e beijos prolongados, criando um mundo de sensações cegas. Enquanto se apertava contra ele, sua mão lhe acariciou o estômago e desceu até sua suave entre perna. Moveu a cabeça para recolher com sua boca os trêmulos suspiros que ela emitia enquanto seus dedos se moviam suavemente, encontrando as carícias que lhe causavam mais prazer.

Sem pressa, procurou até encontrar a bem escondida entrada a seu corpo, e os olhos de Rosalie se abriram de par em par, assombrados, quando depois de um instante no qual se uniram a dor e o prazer os dedos se deslizaram dentro. Sem afastar os olhos do intenso olhar dele, seu corpo se apertou contra eles com um gesto de impotência em reação à desconhecida invasão. Então, as hábeis e sensíveis carícias mudaram ligeiramente. Randall flexionou os dedos de uma maneira que provocaram a Rosalie uma insuportável tensão em todo o corpo.

— Vou desfalecer — ofegou, mas ele não se deteve, mas sim incrementou as investidas internas.

Tremendo, Randall baixou sua boca até a cálida fragrância de seu pescoço e provou a suavidade de sua pele com o delicado roce de sua boca. Finalmente, aturdida pela agonia da excitação extrema, Rosalie lhe implorou que acabasse com o suplício. O rosto de Randall estava tenso e úmido quando a olhou. Separando seus paralisados membros, Randall se colocou entre suas pernas e a possuiu lentamente.

Rosalie gritou e ele parou, com o pênis ereto e avassalador dentro dela.

— Dói? — perguntou-lhe, roçando seus lábios, e ela rodeou com força seu robusto torso.

— Um pouco... — murmurou, e pressionou os quadris contra os dele, como se experimentasse a maravilha de saber que ele era parte dela — Não...

Randall sentiu que toda coerência, toda consciência lhe abandonava enquanto se afundava dentro dela. Para ele também era uma classe de paixão que desconhecia, mais do que alguma vez tinha experimentado. Converteram-se em um corpo, um ser indissociável. Um som grave vibrou na garganta de Rosalie, que se movia inconscientemente para fazer a posse mais completa, o instinto substituindo o que sua escassa experiência lhe tinha ensinado. Com gula, dava boas-vindas a seus arremessos enquanto seus quadris se arqueavam para receber os seus e seus braços rodeavam as poderosas e flexíveis costas. Desejava acariciar aquele corpo, apalpá-lo e explorá-lo, embora o ligeiro medo de fazer algo mal paralisasse suas mãos. Não se arriscaria a contrariá-lo, já que se ele parasse, não poderia suportá-lo.

De repente, Rosalie ficou suspensa em uma espécie de nuvem, excitante e confusa, incapaz de mover-se enquanto violentas contrações de prazer sacudiam seu corpo. Respirando fundo, rendeu-se à maré, à ressaca, à esplêndida e ininterrupta voragem de umas sensações inimagináveis. Agarrando-se aos ombros de Randall, assim que foi consciente do ligeiro deslizar de suas mãos pelas estilizadas curvas de seus quadris. Randall a possuiu ainda mais fundo, prolongando a doce agonia até que cessaram os últimos estremecimentos. Só então permitiu que as poderosas convulsões do êxtase nublassem todo o resto.

Recuperaram pouco a pouco os sentidos, seus membros ainda entrelaçados em plena harmonia. Esgotado e satisfeito, Randall levantou suas densas pestanas e olhou com gravidade a Rosalie. Pela primeira vez, sentia-se assombrado e sem palavras ante algo que antes tinha sido do mais

normal. Para um homem de sua experiência, o corpo de uma mulher era algo facilmente acessível, o ato do amor uma forma de entretenimento, e o coração não se via afetado por uma simples união física.

Que truque, que magia possuía Rosalie para que tudo isso fosse diferente? Era porque tinha esperado tanto tempo para tomá-la? Por sua inocência? Ou era uma coincidência de tempo e espaço?

Randall descartou esses inquietantes pensamentos ao ver que Rosalie tinha um calafrio. E enquanto o ar noturno esfriava a pele úmida dela, Randall cobriu ambos os corpos com as mantas.

Ela se sentia maravilhada, profundamente emocionada pelo que tinha acontecido. — *Tem mais poder sobre mim que eu mesma* — pensou. Duas lágrimas deslizaram pelo canto de seus olhos fechados, e Randall as secou com um beijo, sua boca entretendo-se sobre sua pele de seda e as delicadas pálpebras. Ela voltou o rosto para ele e Randall a beijou sem pressa, como se ainda estivesse cortejando-a. Pouco a pouco ela abriu os olhos e o olhou.

— Alguma queixa? — perguntou ele em voz baixa.

Ela negou com a cabeça e fechou os olhos, deixando-se levar pela calma que invadia seu corpo.

Uns minutos mais tarde, quando começava a dormir, Rosalie sentiu umas mãos que percorriam seu corpo intimamente, reavivando a tensão do desejo em seu abdômen e o tremor da excitação. Sonolenta, murmurou um protesto, tentando conciliar o sono, até que finalmente abriu os olhos.

— Quanto tempo — perguntou enquanto seu corpo começava a lhe desejar com a alarmante ansia de antes — por acaso pensa em me deixar dormir esta noite?

— Não muito — sussurrou ele, e acomodou seu corpo ao dela, enquanto Rosalie pronunciava ofegando seu nome e estremecia na agonia de um poderoso desejo.

Ao amanhecer, Rosalie abriu os olhos penosamente e olhou pela janela. A seu lado, Randall dormia profundamente de barriga para baixo, com a cabeça meio enterrada sob o travesseiro. Ao olhá-lo, sentiu-se estranhamente enternecida por quão jovem ele parecia ser enquanto dormia. Seu rosto estava sombreado de um dourado lustrado e sem rugas de preocupações ou pesares, sua boca distendida pela mansidão do sono. As pestanas, mais escuras que seus cabelos raiados de âmbar, frisavam-se ligeiramente nas pontas, um traço de vulnerabilidade, geralmente

impercetível quando estava acordado. Uma mecha do cabelo de Rosalie estava presa possessivamente entre seus dedos.

— *O que sou agora para ti?* — perguntou-lhe em silêncio, os lábios curvados em um sorriso, irônico e lânguido ao mesmo tempo. — *Sou sua mulher, sou seu novo brinquedo? Sou um hábito que se pode desprezar tão facilmente como se adquiriu?*

Não havia dúvida de que Randall Berkeley não era um moço a não ser um homem adulto, acostumado a cuidar de si mesmo. Mas nunca tinha assumido a responsabilidade de cuidar de ninguém mais e, portanto, era assunto dela proteger seu próprio bem-estar. Podia-lhe confiar seu coração? Tristemente, admitiu que não. Uma vez satisfeito seu desejo inicial, Randall a trataria sem a devida atenção. Além de seu corpo e seu rosto, agradáveis, mas nada espetaculares, Randall não necessitava de nada do que ela tinha a oferecer.

Devagar, liberou a mecha de cabelo de entre seus dedos e se levantou com sigilo. Doíam-lhe todos os músculos como se, se tivesse deslocado de uma ponta de Paris à outra. Estremecendo, agachou-se para recolher sua regata e a pôs antes de dirigir-se a seu quarto. Estava guarnecido em suaves tons verdes e brilhantes dourados. Os móveis de cedro e madeira da Índia eram muito elaborados, em particular o armário laqueado onde pendiam ordenadamente seus vestidos. Divisou-a brevemente quando passava por diante do espelho de parede vertical de cristal azougado, com filetes de cristal colorido. O desenho era uma grinalda de flores rosa e amarelas, uma nota de alegria que não acompanhava seu humor essa manhã.

Desejando um *café au lait*, Rosalie revolveu entre seus vestidos até encontrar um penhoar de seda cor melão, e o pôs agradecida. — *O que vou dizer ao Randall quando o vir?* — perguntou-se aturdida. Amava—o. Tinha-o amado inclusive antes que entrasse pelo esplêndido caminho da paixão. E a força desse amor vinha acompanhada de raiva, deleite, tortura, medo, e o reconhecimento de que antes de lhe dizer o que sentia por ele, se cortaria as veias. Ele só sentiria pena por ela, e essa mera idéia era horrível.

Justo então ouviu um som na porta. Ali estava Randall, com o cabelo alvoroçado sobre a testa e os olhos ligeiramente entreabertos, olhando-a ainda meio adormecido, e ela desejou correr a estreitar-se contra seu corpo.

— Bom dia — murmurou ele, e Rosalie apertou ainda mais o penhoar.

— Bom dia — respondeu, e se deu conta de que sua voz soava tão fria como um nevão invernal.

A expressão dele mudou da cautela a desconcerto, e Rosalie viu que se retirava para trás de uma familiar barreira. Poderiam ter passado por dois desconhecidos que, de pé, se observavam com amável curiosidade.

Capítulo 8

*Ah, esse funesto malefício!
antes que caísse a noite
Fugi para esconder meu rosto atemorizado,
Chorei por ter nascido,
E soluzei com amor e com desdém,
E na escuridão procurei um lugar mais sombrio
E me ruborizei e chorei, e não ousei me enfrentar à manhã.*

Sydney Dobell

Ao longo de sua vida, Randall tinha tido uma ilimitada experiência com a natureza inconstante das mulheres. Hélène, sua caprichosa mãe, tinha desenvolvido a arte de provocar a quem a queria, lhes dando só afeto esporádico. Randall tinha se protegido adotando uma fachada de indiferença, e agora foi incapaz de evitar que essa defesa inconsciente se erigisse ao topar-se com a frieza dos azuis olhos de Rosalie. Não compreendeu o que a tinha feito mudar dessa maneira, mas enquanto uma voz interior lhe apressava para abraçá-la com ternura e persuadi-la para que confiasse nele, não pôde fazer mais que olhá-la com uma espécie de distante cortesia.

— Está acordada há muito tempo? — perguntou rapidamente.

— Só uns minutos — respondeu, perguntando-se o que lhe ocorria.

Era arrepiante pensar que o que havia dito durante a noite tinha sido parte do jogo amoroso. Sussurrava rotineiramente aquelas coisas a todas as mulheres com as quais se deitava? — *lhe pergunte como se sente* — sussurrou a voz do coração misturando-se em seus acelerados pensamentos — *Conte-lhe como se sente.* — *Não me atreveria* — respondeu-se, e ficou olhando-o com uma súplica muda e mal dissimulada.

A expressão de Randall mostrava indícios da mesma inquietação. Não podia arriscar-se a dizer nada que provocasse seu desprezo e, certamente, não expressaria nenhuma declaração sem estar mais seguro da receção que receberia.

— Atrai-te a idéia de tomar o café da manhã? — perguntou.

Rosalie assentiu.

— Sim, eu... tenho um pouco de fome.

Os lábios de Randall esboçaram um leve sorriso e a tensão diminuiu ao ter encontrado um terreno relativamente normal onde encontrar-se.

— É compreensível — disse — Ganhaste um bom café da manhã.

— Não brinques — protestou Rosalie, franzindo o cenho.

Ele fez outro tanto, mas descobriu que por alguma estranha razão o tranquilizava sua brutalidade. Talvez, seu desejo de deitar-se juntos a noite anterior a tenha surpreendido tanto como a ele. Se for assim, certamente se sentia incômoda por haver-se aproximado de um homem com desejo pela primeira vez. Incômoda, mas não necessariamente arrependida.

— Peso na consciência? — perguntou brincando, e ela desmanchou a expressão que a traía.

— Não — replicou, sabendo que teria combinado mais com seu caráter sentir-se presa do remorso. Entretanto, teve que admitir à contra gosto que só não lamentava ter feito amor, mas também tinha escolhido o pior homem possível para apaixonar-se.

— Bem. — Randall a olhou outro longo momento e logo deu meia volta para retornar a seu quarto — Chamarei à donzela — acrescentou por cima do ombro.

— Muito bem — replicou ela, lutando contra um desejo terrível de chorar, gritar ou fazer algo que aliviasse seu crescente pesadelo.

O poder que ele tinha sobre ela a assustava, porque embora tivesse lutado para manter sua independência, seus esforços tinham sido inúteis. Não podia lhe negar nada porque agora ela só possuía a metade de si mesma. A outra metade era dele.

Rosalie não sabia o que propunha Randall. Depois de tomar o café da manhã em um pequeno café, levou-a as compras, derrotando todas as objeções que ela tinha enredado precipitadamente. De momento que parecia ter descartado todos seus assuntos de negócios, contratos, navios a vapor e comércio para lhe mostrar as vistas e as distrações de Paris. Aparentemente compreensivo que ela evitasse qualquer sinal de posse por parte dele, Randall optou por uma atitude pouco exigente. Suas maneiras eram relaxadas e consideradas, e sem poder evitá-lo ela sucumbiu à delícia de estar com ele, incapaz de resistir a seu sorriso, sua amabilidade. De vez em quando, ela via fugazmente a imagem de ambos refletida nas vitrines, e parecia que a imagem mudava constantemente, de tímidos desconhecidos a amantes e vice-versa. Lhe comprou diversos presentes, suaves fitas de seda

e veludo, um frasco de perfume, luvas com encaixe, um chapéu com cós de seda, adornado com plumas, e outros artigos, até que Rosalie deu risada de tanto exagero e lhe rogou que parasse.

À última hora da tarde, Randall a levou ao Teatro Italiano, a ópera de Paris. Rosalie ficou deslumbrada pelo enorme edifício de mármore, os dourados, os cristais, as luzes. Um pesado candelabro pendia do centro do teto, cuja luminosa massa parecia suspensa do ar. Quando tomaram assento em um camarote bem localizado, Rosalie se concentrou nas variadas e incessantes tensões de *Dom Juan* e de *Guillermo Tell*, e nos *danseurs de ballet* que interpretavam a história da bela adormecida com uma precisão tão mágica que prendia a respiração enquanto faziam suas piruetas pelo ar. Rosalie exaltou sua graça e suas qualidades inclusive depois que a dança havia terminado, até que Randall lhe informou laconicamente que essas mesmas criaturas etéreas se achavam nesse momento no salão Verde para saudar os ricos espectadores que desejassem desfrutar da noite em sua companhia.

Às vezes Rosalie lhe desconcertava, pois nunca tinha conhecido a uma mulher de sua idade tão direta, tão cheia de vida e tão prática... E que, entretanto, tivesse estado tão isolada do mundo para ignorar quase todas as coisas que formavam parte do saber popular. Sua falta de sofisticação resultava adorável e ao mesmo tempo lhe incomodava. Porque Amille Courtois tinha escolhido educa-la dessa maneira? É possível que ao saber que Rosalie não tinha nascido para ser uma criada, a tivesse animado a escapar da monotonia de sua vida através de sonhos, novelas e fantasias. Mas, tal como os fatos tinham demonstrado, tinha sido uma decisão desastrosa, já que não tinha havido ninguém para protegê-la dos perigos de um mundo ávido do qual ela não sabia nada. Randall franziu o cenho enquanto observava a concentração de Rosalie nas engenhosas representações no cenário. Ela era muito tentadora, muito vulnerável ante homens como ele.

No primeiro intervalo, Rosalie se voltou para falar com ele, seus formosos olhos cor safira refulgindo com uma estranha luz. Randall nunca chegou a saber o que ela queria lhe dizer, já que nesse momento duas mulheres se aproximaram de seu camarote, uma delas tão formosa que Rosalie a olhou assombrada. Aparentava a mesma idade de Randall, assim como uma confiança e domínio de si mesma notáveis. Levava os lábios contornados de um vermelho suave, e as faces brilhavam com o mesmo tom

vibrante. Sua cabeleira era de um loiro tão pálido que brilhava como um raio de lua, seus olhos de um azul suave. O mais chamativo eram seus magníficos seios, que quase escapavam do luminoso vestido branco, realçados por um colar cravado de diamantes.

— Colette, olhe quem temos aqui — disse a esplendorosa mulher a sua amiga, e ambas olharam Rosalie de tal maneira que esta se perguntou o que tinha de errado em seu aspecto.

Continuando, a mulher se voltou com expressão séria para Randall.

— Lorde Berkeley, que prazer voltar a vê-lo.

A maneira em que enfatizou *prazer*, notou Rosalie, implicava que ver Randall era um prazer muito maior do que podia admitir-se em público.

— Lady Ellesmere e madame Duprin — as saudou Randall, incorporando-se a contra gosto.

Lady Ellesmere, supôs Rosalie, era a formosa mulher de cabelos dourados. Sua amiga não era tão atrativa, mas a igualava em refinamento.

— Londres esteve adoecendo sem você — disse lady Ellesmere com tom cúmplice e um olhar penetrante quando seus olhos se encontraram.

Ambos de pé, a estatura dela lhes permitia olhar-se cara a cara. Enquanto a contemplava com familiaridade, passou um olhar acariciado pelo formoso cabelo, os traços bem esculpidos, a ampla e firme boca. Rosalie permaneceu em silêncio, puxando sem dar-se conta a fita dourada de seu vestido de damasco, com o coração encolhido enquanto os contemplava. Notou que parte de sua ingenuidade se desmoronava rapidamente ao compreender que existia uma maneira especial de se olhar duas pessoas que tinham mantido uma relação íntima. Resultava evidente, além da conversação banal e a fachada de boas maneiras, que Randall e lady Ellesmere tinham sido amantes.

Rosalie sabia que Randall era um homem experiente, mas contemplar o adorável rosto de uma mulher que o tinha conhecido como ela mesma o conhecia agora, causou-lhe um terrível abatimento. Pensar nele abraçando a essa mulher, beijando-a, entrelaçando-se com ela, era mais que desagradável. Resultava degradante, como se aquela sofisticada loira tivesse conseguido, de algum jeito, manchar tudo o que Rosalie tinha compartilhado com Randall. — *Tola!* — reprovou-se a si mesma — Chegaste a imaginar que foste à única mulher em sua vida. Mas, assim como esta mulher demonstra que não é a primeira, também prova que não

serás a última. Se seu desejo por lady Ellesmere havia finalmente se aplacado, não existia a menor duvida de que ele também se cansaria dela.

De repente, a mulher pronunciou umas palavras que puseram fim à tristeza da Rosalie, a enchendo de surpresa.

— Ah — disse lady Ellesmere, concentrando seus olhos azuis nela — de modo que esta é a famosa senhorita Belleau.

Rosalie ficou paralisada, com os olhos muito abertos. Randall lançou um olhar assassino à loira espantosa, que as mulheres ignoraram alegremente.

— Famosa? — repetiu Rosalie fracamente.

— É óbvio! O *Times* não fala de outra coisa, querida! Qualquer pessoa que viva no mundo civilizado sabe que você afirma ser a filha de Beau Brummell. — E se voltou para madame Duprin — Devo reconhecer que não me parece uma aventureira. Talvez seja certo.

Rosalie empalideceu. Não tinha coordenação nem forças para olhar a Randall, e concentrou todos seus esforços em dominar um ataque de pânico.

— Não é minha intenção nem meu desejo reclamar a George Brummell como meu pai — conseguiu murmurar, seu orgulho lhe permitindo olhar a mulher diretamente nos olhos.

— Não noto nenhuma semelhança — comentou lady Ellesmere pensativamente, olhando Rosalie como se inspecionasse a obra de um artista de pouca importância — Mas possivelmente compartilha mais de uma semelhança interna. Diria que é muito maníaca, como o dandi Beau? Ou irreverente? Ou...?

— Ou aficionada a esbanjar? — acrescentou madame Duprin, e riu de sua escassa acuidade.

— Quando descobriu pela primeira vez...?

As duas mulheres pareciam desfrutar, de forma falsa e desumana, assediando-a com perguntas mordazes. Rosalie lançou um olhar a Randall, e o que viu a obrigou a fazer um esforço para não deitar-se a chorar. Ele sabia, estava ciente da informação noticiada na imprensa londrina. Desde algum canto de seus profundos olhos cor avelã, lhe suplicou que não lhe retirasse sua confiança, mas ela se sentia muito ferida.

— Quando voltarão para Londres, lorde Berkeley? — perguntou lady Ellesmere, com os olhos ainda fixos no pálido rosto de Rosalie.

— Quando me cansar de Paris — respondeu Randall com os dentes apertados.

— Espero que leve a sua... a senhorita Belleau. Desfrutaria muito de nossos lugares de encontro.

Randall sorriu sombrio.

— Clara — disse com uma suavidade forçada — acompanharia a senhorita Belleau ao inferno antes de expo-la à tutela da alta sociedade inglesa.

Lady Ellesmere não pareceu alterar-se pela irreverência e sorriu com satisfação felina.

— Estão certamente cientes de que o inferno é mais divertido que Londres, milord?

— Só sei em qual dos dois se respira uma atmosfera mais saudável. Boa noite... Senhoras — pôs uma ligeira ênfase na última palavra e ofereceu seu braço a Rosalie — Acredito, senhorita Belleau, que a representação terminou.

A mão de Rosalie tremia quando a passou pelo braço de Randall, apesar do qual a jovem conseguiu fazer um gesto de despedida a aquelas odiosas mulheres antes de partir. Falou com voz surpreendentemente firme enquanto se dirigiam à caleche que os esperava na rua: — Não tinha direito de me ocultar isso.

— Rose, ira contar...

— Não se incomode em acabar a frase! — sussurrou com veemência — Sei quando iria dizer. Quando te calhasse bem, e quando o considerasse oportuno.

— Rose...

— Começo a me sentir como um peão em uma partida de xadrez! Não, não me olhe assim. Não quero que tente me pôr de bom humor. Não quero chorar nem discutir, e nem mesmo falar de nada. Só quero que me deixe em paz para pensar!

— E lhe dar voltas até tirar as coisas do lugar?

— Estou em meu direito. Como deveria ter sido informada de algo que me afeta diretamente! — queixou-se com crescente fúria — Mas ter que me inteirar através de uma de suas antigas... De uma coquete que nem sequer...

— Minha antiga o quê? — repôs ele — É uma coquete, de acordo, mas nunca foi nada minha.

— Vi como...

— Clara Ellesmere se comporta dessa maneira com qualquer um que use calções.

— E até que ponto está familiarizada com o conteúdo dos teus? — Rosalie surpreendeu inclusive a si mesma pela rudeza de sua réplica.

Houve um silêncio no cabriolé enquanto Randall a olhava fixamente e arqueava uma escura sobancelha. As faces de Rosalie se acenderam quando ele sorriu devagar.

— Não há motivo para ciúmes, Rose.

— Não estou com ciúmes! — gritou provocada por aquele sorriso vaidoso, tipicamente masculino.

— Para ser sincero, nos últimos anos não me faltaram convites ao leito de Clara. Por desgracia, parece que agora me tornei muito exigente.

Rosalie baixou a vista para suas mãos entrelaçadas, enquanto parte de sua raiva se transformava em vergonha, frustração e, sim, ciúmes. Randall prosseguiu com voz suave e séria enquanto ela mantinha a vista afastada.

— *Petite*, teremos que esclarecer algumas coisas. Não sou um homem sem experiência, por mais que anseie não posso dizer que você foi à única. Existe a probabilidade de que ouça rumores... Ou inclusive de que chegue a conhecer alguma mulher com quem mantive relações íntimas. Nenhuma delas significou nada para mim, exceto umas horas de prazer, é óbvio superficial. Mas agradeceria saber se tiver intenção de discutir comigo por cada uma delas.

— Não tenho intenção de discutir sobre mulheres às quais não tenho intenção de conhecer nunca — repôs Rosalie com frieza, ligeiramente mais calma porque tinha aludido a suas antigas amantes como «*elas*», como se, se tratasse de um grupo indefinido no qual ela não cabia. Mas se perguntou quanto demoraria em ser relegada à mesma categoria, e repetiu pela enésima vez quão tola tinha sido em apaixonar-se por ele.

— Não quero continuar falando — repôs friamente — Me permite ficar uns minutos em silêncio?

— Só até que cheguemos ao hotel — repôs ele, enrugando seu formoso rosto enquanto imaginava a satisfação que lhe produziria sacudir aquele pequeno corpo feminino até que os dentes lhe tocassem castanholas — E só porque este assunto não incumbe à curiosidade dos choferes.

— Sua descrição me assombra — murmurou Rosalie, e fechou com força os lábios enquanto cruzava os braços e se acomodava no assento.

O carro pôs-se em andamento, sacudindo-se sobre as ruas pavimentadas, e ela tratou de pôr em ordem suas alvoroçadas emoções.

Já mais calma, decidiu em um momento de absoluta sinceridade que não podia culpar Randall totalmente por manter em segredo o artigo do jornal. De forma silenciosa e inconsciente, ela o tinha animado a converter-se em seu protetor, e como tal se sentia responsável por tudo o que a afetasse. Em vários sentidos, quase lhe tinha dado o direito a comportar-se assim. Mas seu protecionismo não podia continuar, isso era óbvio. Não estaria sempre ali para protegê-la.

Sorrindo ligeiramente, arriscou-se a lhe lançar um rápido olhar. A tensão de sua postura traía sua impaciência. Rosalie se obrigou a reprimir um sorriso, ciente de que ele estava zangado com ela por se negar a falar. Mas necessitava de tempo para esclarecer o que ia dizer, a postura que iria tomar, e assim mudar tudo para adaptar a seus propósitos. Para Randall era muito fácil a convencer de algo que ele quisesse. Suspirando, Rosalie olhou as magras mãos que descansavam em seu regaço. E tudo seria mais horrível se lhe tivesse confessado seu amor. Randall era muito capaz de utilizá-lo para manipulá-la.

O entardecer estava em seu momento culminante quando entraram no quarto de Randall. Depois que ele a ajudou a tirar a capa, Rosalie se aproximou da janela e contemplou o céu.

— Sabia que gostaria de saber que a notícia se tornou pública — disse enquanto passeava o olhar pela rua.

— Pensava em contar-lhe logo.

— Não tem direito a me proteger desse tipo de coisas. Não sou uma menina — baixou a voz — embora tenha me comportado como se o fosse.

— Não é isso.

— Sim, o fiz — afirmou Rosalie, corando de vergonha e autocrítica — Pus toda a responsabilidade de meu bem-estar em suas mãos, quando você já tem suficientes coisas das que preocupar-se. Vim a França contigo para não ter que tomar decisões difíceis... Não deveria ter vindo. Sou perfeitamente capaz de encontrar trabalho por mim mesma. Não necessitava de sua ajuda nem seu amparo.

— Não teria deixado que partisse sozinha — interrompeu Randall — Culpe-se se quiser, mas é um mundo de homens.

— Rand? — disse Rosalie, que tinha ficado pensativa.

— O quê? — respondeu ele, sentindo que seu controle voltava a fraquejar.

— O que quis dizer no cabriolé... Com isso de que queria que eu tivesse sido a única?

Houve um longo silêncio durante o qual Rosalie brincou nervosa com a borla das cortinas da janela, expectante.

— Merece alguém com um passado perfeito — admitiu ele finalmente, cortante — Alguém... Sem mácula.

Os dedos deixaram de enroscar-se incansáveis no cordão da borla, à medida que a envolvia uma lenta e tenra sensação de carinho. Houve um tempo em que tinha sonhado com um cavalheiro cortês, um homem sem defeitos que lhe oferecesse um amor perfeito e a toda prova. E agora, o único que queria era a Randall, com seu passado manchado, seu encanto natural, suas desigualdades anímicas e seus arrebatamentos de paixão descarnada. Preferia-o a qualquer outro, sobretudo a um jovem imaturo.

— Um jovem imberbe, talvez — refletiu em voz alta, e sorriu — Inocente, tosco e imaturo. Talvez eu gostasse de suas carícias bruscas e seus torpes beijos, mas não é o caso.

Voltou-se para o olhar.

— E quanto a esse tema, duvido que esse jovem perfeito quisesse manchar-se unindo-se à filha ilegítima de...

—Basta!

O peito de Randall palpitava enquanto a olhava à luz do acaso. Os débeis raios de sol acariciavam fracamente seu brilhante cabelo azeviche, a doce curva de seus lábios, a vibrante beleza de um rosto que assaltaria sempre os sonhos de Rosalie, não importa que destino lhe proporcionasse o futuro.

— Qualquer homem te quereria — acrescentou ele com voz grave — qualquer homem são ou louco, jovem sem experiência ou gasto pela idade.

— Não continue... — Rosalie respirou fundo, os batimentos de seu coração dobrando-se ao ver seu olhar. Então sorriu com acanhamento e se esforçou por soar mais normal — Nem te ocorra tentar me acalmar. Continuo furiosa contigo. E... para que saiba, esta noite vou dormir em meu quarto. — Tinha que começar a minar o controle que exercia sobre ela.

— Pensa que pode fugir de mim?

— Não, não fujo — sacudiu a cabeça para recalcar as palavras — Já não. Vou averiguar se os rumores são certos, Rand. Tenho que saber quem sou, e

se ele é realmente meu pai. Deveria ter escrito a *maman* quando George Brummell começou tudo isto.

— Voltaremos logo para a Inglaterra. Te levarei a vê-la assim que chegemos.

— Vou encontrar trabalho assim que chegemos — lhe corrigiu Rosalie — E logo a irei ver. Sozinha.

Randall esticou a mandíbula quando seus olhares se cruzaram.

— Não tinha planejado ter esta conversa agora — disse com um tom ligeiramente inflexível — Mas duvido que encontremos um momento apropriado em qualquer caso.

— Uma conversa sobre o que?

— Rose, por que não se senta? Dada minha escassa experiência neste tipo de coisas, não tenho nem idéia do quanto que demorarei.

— Não quero me sentar.

Os olhos dela se abriram de par em par quando Randall avançou, agarrou suas frias mãos entre as suas e a atraiu para si. A fresca e masculina fragrância do sabão de sândalo acariciou seus sentidos enquanto o olhava com crescente inquietação.

— Rosalie — a olhou fixamente com seus translúcidos olhos verde-dourados e levantou uma mão para acariciar a lisa suavidade de sua bochecha com seus longos dedos — Sei que valoriza sua independência e que pouco desfrutaste com ela. Mas há outras necessidades, tanto para ti como para mim, que são mais importantes que a independência.

— O que tenta me dizer?

Randall respirou fundo, uma estranha expressão de avidez no rosto.

— Não posso permitir que vivas só em Londres.

Instintivamente, ela apoiou uma mão firme contra seu peito, contendo a musculosa superfície.

— Sei que agora que fui tua, sente mais que nunca a obrigação de me proteger — repôs suavemente — Mas sou capaz de cuidar de mim mesma. Tenho uma idéia bastante clara do que me espera...

— Não tem nem idéia! Por Deus, Rosalie! Deixando a um lado toda essa idiotice engendrada pelos rumores sobre o Brummell, sabe ao que enfrentarias? Imagina a classe de homens que lhe perseguiriam como cães famintos? Sabe...?

— A que vem tudo isto? — interrompeu-o Rosalie com as faces coradas.

— Pois a que... — disse Randall devagar — Quero que seja minha esposa.

Ela não deu crédito a seus ouvidos. Seu coração disparou e sua boca se secou de assombro. Desejava cair a seus pés e chorar pelo tortura de lhe querer mas não poder aceitar. Deixando escapar um agitado suspiro, baixou os olhos ao sentir que as lágrimas ameaçavam correr por suas faces. Não podia permitir-se contemplar a possibilidade de casar-se com um homem que podia desejá-la hoje e certamente desprezá-la amanhã. De momento a achava graciosa, mas o que garantia tinha que não se cansaria dela? Ante seu silêncio, Randall franziu o cenho e se sentiu impulsionado a mencionar mais razões pelas quais a união seria desejável, sem admitir sequer ante si mesmo a verdadeira razão pela que a queria.

— É óbvio que não somos incompatíveis. E decidi que esperei muito tempo para me casar. É hora de que tenha esposa e herdeiros... Você e eu teríamos filhos atrativos.

— Acordamos — repôs ela com voz trêmula pela emoção — que me ajudaria a encontrar emprego depois de acabar seus negócios na França.

— Isso foi faz uma eternidade. Eramos duas pessoas diferentes às de agora. Além disso, acabo de te oferecer um posto.

— Disse que me ajudaria a encontrar algo aceitável.

Ante a obstinação dela, a tensão transformou os músculos de Randall em molas a ponto de saltar. Deus, se tinha decidido lhe fazer frente com uma teimosia acérrima, não tinha nem idéia de até onde estava disposto a chegar para obrigá-la a casar-se com ele!

— O que resulta tão inaceitável se casar comigo? — espetou-lhe — Deus sabe quantas mulheres disputaram esse posto. Raio de sorte a minha, se a primeira a quem o ofereço o acha inaceitável.

— Não o acho inaceitável — repôs ela com o olhar baixo — Se continuar me desejando quando tivermos voltado, então... então possivelmente possamos arrumar nos vermos até que te canse... mas não serei sua esposa, nem deixarei que me mantenha.

— Oh, magnífico! — explodiu Randall, com vontade de estrangulá-la — Me oferece que nos vejamos às escondidas, certamente em seus dias livres ou, Deus me ajude! Os domingos. E que esperas que faça depois de que tenha encontrado trabalho como preceptora de algum menino mimado ou dama de companhia de uma mulher mais velha? Deixar uma nota na porta

traseira quando queira ver-te? Trocar brincadeiras com os lacaios no corredor de serviço enquanto te espero? Como se fosse uma donzela...

— Sou uma donzela — replicou Rosalie com fingida calma.

— Não o é. Não nasceste para sê-lo.

— Basta! — gritou ela, e soltou uma mão para cobrir os olhos com dedos trêmulos, sabendo que nunca voltaria a ser feliz.

O amor a tinha apanhado. Apenas podia suportar a idéia de viver sem ele, mas lhe seria igualmente impossível casar-se com ele e logo ver como seu interesse se evaporava. Qualquer que fosse o afeto que Randall sentia por ela, não se aproximava de seus sentimentos por ele, e uma situação tão desigual conduziria a que ele acabasse aborrecido dela. As imagens que originava este pensamento, ela alojada em uma solitária casa de campo enquanto Randall se divertia na cidade, horrorizavam-na. E ser sua amante era apenas preferível, dado que uma vez que se cansasse dela ficariam poucas opções salvo encontrar a outro homem que a mantivesse.

— Me solte — murmurou.

Não foi necessário mais que essa palavra para que Randall explodisse. Dentro dele, bateu as asas o feio pensamento de que estava rindo-se dele por sua necessidade dela. Quanto mais a tinha, mais a desejava... E quanto mais a desejava, menos estava ela disposta a dar. Rosalie se plantou diante dele, ao alcance de sua mão mas exasperadamente inalcançável, e Randall não pôde suportá-lo mais.

— Me olhe, maldita seja! — disse com voz rouca, agarrando suas mãos, as colocando ao longo de seu corpo e atraindo-a bruscamente até quase tocar-se. Olhou-lhe fixamente aos olhos avermelhados, como se pudesse lhe ler a alma, e espetou — Me dá igual que não queira ser minha esposa. Não importa, porque sabe muito bem que é minha, e por muito que o tente não poderá mudá-lo.

Suas grandes mãos apertavam seus pulsos, e ela sentiu como a raiva percorria o interior dele como um rio caudaloso.

— Rand, basta!

Pela primeira vez desde que se conheceram, Rosalie sentiu medo dele, já que parecia ter perdido o controle. Seu coração se desbocou presa do nervosismo.

— Não acredito que te importe realmente o dinheiro — prosseguiu ele com voz rouca — Nem sequer a segurança que poderia te dar... Mas sei uma coisa que quer de mim.

Suas mãos se deslizaram até suas nádegas e as empurraram firmemente contra seus quadris. Ela ofegou quando o duro e comprido membro masculino pressionou entre suas pernas.

— Ouvi-te gritar meu nome ontem à noite — disse ele com voz poderosa, e a calidez, a potência do desejo masculino a sacudiu com a força de uma descarga — Recordo cada som que emitiiu — acrescentou Randall com a mesma voz.

Fracamente, ela moveu a cabeça e ele se inclinou para beijá-la com aparente despreocupação, obrigando-a a separar os lábios para permitir as sensuais carícias de sua língua.

— Te casarás comigo embora tenha que te convencer, te seduzir ou te intimidar para isso. Não pode fingir que não me deseja, não quando suas necessidades são tão óbvias. Diga que é minha... Diga-o.

— Não entende — começou ela, e ele apagou suas palavras voltando a beijá-la, mais profunda e desesperadamente.

Rosalie começou a arder de desejo, mas tentou afastar-se. Inspirou para agarrar ar quando Randall elevou a cabeça e a olhou fixamente, o rosto moreno inescrutável exceto pelo desejo que brilhava intensamente em seus olhos topaz.

— Diga-o apressou com voz rouca, e baixou sua boca uma vez mais, ansiando a suavidade de seus lábios. Este beijo foi suave, sensível e de ardilosa persuasão.

O mundo ficou nublado e impreciso para Rosalie, tudo se desvanecia salvo a boca dele, as mãos, aquele corpo masculino e forte que lhe oferecia refúgio e todo o prazer que desejasse. Seu próprio corpo estava carregado de uma energia desconhecida, sua excitação ia em aumento, seu sistema nervoso arrepiado ao máximo. Literalmente se consumia de amor e paixão por ele. Oh, Senhor, quanto o desejava... Avidamente, a mão dele percorreu seu corpo para a abundância que coroava seu sutiã, e com um movimento rápido e brusco lhe arrancou a parte superior do vestido. O gemido de Rosalie foi calado por sua boca enquanto afastava a regata e sua mão se curvava ao redor de um seio, quente e nu, excitando-a além do imaginável. Seus dedos brincaram delicadamente com os tenros topos dos seios, incitando-os. A excitação dela era tão impossível de desviar como um raio, já que em seus braços não reconhecia a si mesma. De repente não lutava para afastar-se dele, a não ser para liberar suas mãos das ofensivas mangas de seu vestido.

Randall sentiu o crepitante impaciente de seu desejo e interrompeu o beijo, com a respiração acelerada, para ajudá-la a se desembaraçar da suave malha de veludo. Logo seus dedos percorreram o caminho até os ombros nus enquanto ela se apertava contra ele. Na crescente escuridão, o rosto de Randall parecia esculpido em bronze.

— Rand — murmurou ela, consciente de que não poderia resistir — sou tua... — Se ruborizou e, fazendo caso omisso dos ditados da razão, abraçou-se a ele, entregando-se ao império do desejo — Te desejo... Sou tua.

Randall pareceu relaxar ligeiramente.

— Será minha esposa? — perguntou vacilante, e seus olhos se encontraram.

Rosalie não podia responder. Não deixaria que a coagisse para que aceitasse, não importa a classe de tentação que lhe fizesse.

— Rose? — apressou-a com voz grave.

— Quero fazer amor contigo — respondeu ela, procurando desviar sua atenção a outros temas.

Fundiu seu olhar azul cristalino com o dele e começou a explorar timidamente aquele musculoso peito, a firme e afilada linha da cintura. Era magnífico, a classe de homem que todas as mulheres sonham em segredo que as possuía.

— Faz-me sentir coisas que nunca tinha imaginado — acrescentou com uma voz suave como a seda — Quero te dar o mesmo prazer — lhe sussurrou ao ouvido — Me Diga... É especial o que compartilhamos? É normal sentir assim? E se não o é, quanto tempo te manterá unido a mim?

Randall sentiu um nó no estômago enquanto permanecia cativo sob as mãos dela graças a seu autodomínio. — *Não, não é normal, é algo que jamais sonhei* — pensou. Entretanto, as palavras se dissolveram na boca de seu estômago. A dolorosa mescla de emoções, dor, desespero e agressão, começou a dissolver-se enquanto lhe tocava. A idéia de que uma pequena mulher exercesse semelhante poder sobre ele o fez resistir, entretanto, como sempre, o anseio de possuí-la se impôs.

Lentamente, a mão dela alcançou o ereto membro viril e o apalpou delicadamente, com um comichão nos dedos enquanto sucumbia à embriagadora experiência de o acariciar de uma forma tão íntima. As pontas dos dedos acariciaram ligeiramente o palpitante e crescente prepúcio e logo descansaram por um momento enquanto ela media a firmeza masculina e a

ardorosa febre que ardia através de seus calções. Maravilhada, Rosalie elevou a vista, vendo como os olhos verdes se obscureciam até um verde veludo, e a mandíbula se esticava como se lhe infligisse uma dor insuportável. Então, Randall não pôde resistir mais aquele martírio e lhe sujeitou a cabeça com um grunhido afogado, afastando-a enquanto entreabria os olhos.

— Senhor, esta noite não será suficiente — disse, sua voz salpicada de desejo e despeito — Nunca será suficiente.

Levantando-a nos braços, transportou-a à cama enquanto ela tratava torpemente de lhe tirar as roupas que o envolviam... O lenço, os botões, a casaca. Depois de depositá-la na cama, Randall lhe tirou o vestido e a regata e os jogou no chão. Todos os nervos de Rosalie se alvoroçaram com excitação quando lhe descalçou as finas sapatilhas e a despojou das delicadas meias, os quentes dedos atrasando-se nas suaves curva e ao longo de suas bem torneadas coxas. Ela murmurou seu nome com um trêmulo suspiro enquanto lhe desenredava o lenço masculino com torpe impaciência, e logo desabotoava, um por um, os botões da imaculada camisa branca. Randall deixou-a fazer, embora tivesse sido mais rápido se tivesse se despido sozinho. Nada importava salvo esse momento... A intimidade despir-se um ao outro, a espera e o medo da recusa no último instante.

Pouco a pouco, Rosalie separou a camisa e passou seus dedos pelo largo torso, deixando rastros de deliciosas sensações ali onde passavam. Intrigada pelo sedoso e frisado tufo de pelo que apareceu ao abrir a camisa, inclinou-se para diante e separou as mãos sobre o duro e esculpido contorno de seu peito, enquanto as Palmas absorviam o pulsar surdo do coração. Randall inspirou fundo e tirou a camisa com precipitação, seus bem proporcionados músculos flexionando-se harmoniosamente. Os olhos dela oscilaram sobre a figura meio nua quando ele se inclinou para desabotoar a perneira dos calções e tirar as botas. Era tão formoso, o cabelo tão dourado, o corpo tão varonil e perfeitamente proporcionado, que Rosalie experimentou um instante de incerteza. Advertindo seu pequeno movimento de juntar os joelhos e proteger seu corpo nu, Randall interrompeu o ato de desabotoar os calções e se inclinou sobre ela.

— Parece que passou um século desde ontem à noite — lhe sussurrou.

— Sim — assentiu ela, e ficou olhando o dourado brilho de seus olhos enquanto ele a empurrava contra os travesseiros.

Randall lhe rodeou a cabeça com seus sólidos antebraços. — *Como era possível que se conhecessem ha tão pouco tempo?* — perguntou-se ela, presa da vertigem. — *Como era possível que se apropriou de sua vida tão facilmente, que tinha saqueado suas emoções sem esforço?*

— Pensa que só te esperei umas semanas? — disse Randall como se lhe lesse o pensamento. Seus lábios roçaram os dela com a mais suave carícia, saboreando seu gosto — Te enganas. Faz anos que te espero.

Um breve suspiro escapou de seus lábios ao sentir a descarga elétrica daquele peito e a firmeza do diafragma pressionando contra a tenra nudez de seus seios. Ele podia esmagá-la facilmente, entretanto cuidou de não sobrecarregá-la com mais peso do que ela podia aguentar comodamente.

— Antes que esta noite termine, saberá exatamente o quanto te desejo — murmurou Randall, consciente de que seu pelo peitoral era o responsável pelos mamilos dela estarem endurecidos — E sentirá que me pertence, como eu sinto que te pertenço... — Rosalie fechou os olhos, flutuando em uma nuvem de sensações voluptuosas enquanto o suave e erótico arrulho de Randall continuava acariciando seus ouvidos — E cada vez que nossos olhares se encontrem, inclusive nas circunstâncias mais formais e recatadas, recordará as coisas que temos feito, as sensações que te proporcionei, e desesperará pensando nas horas que teremos que esperar até voltar a nos deitar.

Antes que ela pudesse responder, ele procurou seus lábios, urgindo sua boca para que se abrisse de maneira que qualquer pensamento de protesto ou temor se evaporasse. A maravilhosa sensação do beijo a arrastou em uma ruidosa onda, e lhe rodeou o pescoço com os braços, ansiosa da úmida paixão de sua boca, procurando sua proximidade como se fora sua única salvação.

Recordaria para sempre essa noite de amor como uma das experiências de prazer mais atormentadoras que experimentaria. Pouco a pouco ficou claro que ele não tinha intenção de satisfazer seu desejo rapidamente, mas sim de excitá-la até o ponto mais supremo, deixá-la suspensa em um estado de ansiosa frustração e logo aumentar seu desejo ainda mais. Enquanto ela sussurrava seu nome suplicante, sentiu o suave roce de seus dentes contra a tensão de seus seios, e embora a ligeira mordida parecesse accidental, todo seu corpo experimentou um estremecimento. Mais abaixo do diafragma, uma nova mordida — Oh, tão suavemente! — sua carne de novo, e desta vez suas mãos estavam ali para evitar o assustado tremor.

— O que pretende fazer comigo? — gemeu ela, e sua pergunta só encontrou silêncio enquanto a boca do Randall passeava à deriva por seu suave estômago.

A língua se afundou na depressão de seu umbigo, o que lhe fez juntar ligeiramente os joelhos em um gesto de autoproteção. De repente, suas mãos abandonaram os quadris, sua cálida e sedosa boca começou a viajar mais abaixo do umbigo... Quando Rosalie se deu conta do que pretendia, começou a rebelar-se com alarme, presa de uma estranha comoção que a sacudia.

— Rand, não! Não é possível que queira... Oh!, Rand...

Ele compreendeu a causa de sua angústia e, levantando a cabeça do abdômen, a tomou em seus braços para acalmá-la, sua boca esboçando um sorriso de terna diversão.

— Rosalie — murmurou docemente — é tão formosa... Não era minha intenção te assustar. *Petite fleur*, só quero te dar prazer. Me permite...

— Não — disse ela, meio entre soluços.

— Querida, não há nada mau em...

— Rand, não seria capaz de te olhar na cara depois de que... sabendo que... — Seu rosto flamejou de vergonha, e ele sorriu suavemente.

— Que inocente é, Rose! — Sua mão percorreu a suave linha do quadril até as nádegas, e vacilou antes de renunciar a contra gosto — Por hoje você ganhou... Mas um dia não haverá um centímetro de seu corpo que não tenha provado.

Sua voz soou suave enquanto lhe beijava a garganta, suas mãos passeando possessivamente pela pele. Rosalie se sentia ardorosa e levantou seus lábios para os dele, procurando até sentir, uma vez mais, a pressão de veludo de seu beijo. As bocas se moveram em uníssono de uma forma diferente de antes, em um suave ritmo.

— Feiticeira — murmurou Randall, a voz apagada contra seus lábios — Vejamos se é curiosa agora.

Agarrou-lhe a mão e a guiou até seus quadris, colocando os dedos contra seu musculoso abdômen em um convite a explorá-lo.

Tremendo, Rosalie aceitou o desafio e deixou que seus dedos escorregassem do plano e suave estômago até o turgente membro. Sentiu-se incômoda, torpe, e tímida, mas uma imperiosa curiosidade a empurrou a explorá-lo tão intimamente como ele a tinha explorado a ela. O enorme pênis estava ereto, quente e surpreendentemente sedoso. Pouco a pouco, a

vacilação de Rosalie desapareceu enquanto o acariciava e ouvia sua áspera respiração no peito.

— Rand? — murmurou, assombrada de que suas carícias pudessem lhe afetar tanto.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não continue. Desejo-te muito — grunhiu, e então os joelhos dela se separaram para receber o corpo masculino enquanto este se colocava entre suas pernas.

Uma vertiginosa e profunda satisfação a percorreu quando ele a possuiu devagar, seus musculosos braços flexionados. Rosalie experimentou uma tensão enquanto seu corpo se abria para recebê-lo, e estremeceu com a assustadora sensação de plenitude que compartilhavam. Ele se afundou nela com um leve grunhido de ânsia, com movimentos urgentes, ao ritmo de asas batendo na brisa quente, possuindo-a no ar até que a culminação de sua paixão se converteu em um resplandecente momento de perfeição, muito puro, muito intenso para durar mais de um momento. Então, quando ela relaxou, ali estavam os braços dele para recebê-la, seu corpo para protegê-la de tudo o que ousasse perturbar as fantasias sensuais que saturavam aquela noite negra como o ébano.

Randall já tinha saído quando ela despertou pela manhã. Rosalie encontrou a breve nota que lhe tinha deixado sobre a mesa enquanto ia chamar a donzela para que lhe subisse o café da manhã. A ausência de Randall se prolongaria até primeiras horas da tarde, ocupado em vários assuntos de negócios e confiando em que ela leria e se distrairia no quarto do hotel. Mas ao cabo de poucas horas, Rosalie começou a contemplar o luxuoso ambiente com desgosto, sentindo-se como um pássaro aprisionado em uma jaula bonita.

— *Minha vida começa a girar rapidamente em torno dele* — murmurou com tristeza, e se perguntou o que seria dela quando ele já não estivesse ali para adorá-la.

Randall retornou finalmente, cansado, e Rosalie esqueceu suas preocupações para interessar-se pelos assuntos de seu amado.

— Passei todo o dia negociando com idiotas — informou ele, deixando-se cair em uma cadeira — Cotas, embargos, restrições... Não me pergunte pelo futuro do comércio anglo-francês, porque se depender de homens da índole destes, a perspectiva é pessimista.

— É que os franceses não querem incentivar a economia comercializando com os ingleses?

— Açam-se em uma posição vulnerável devido às antigas políticas de Napoleão. Não querem estar em dívida com a Inglaterra e estão mal conosco pelo ocorrido durante a guerra, e se negam a contrair qualquer compromisso.

— Realmente os culpas por isso? — perguntou Rosalie, e ele sorriu preguiçosamente.

— Não. Sua atitude é compreensível, só que não é conveniente para mim. O que nos serviram?

— Carne fria, sanduíches, bolo, fruta e vinho. Dado que não tinha nada mais que fazer, pedi a comida.

— Lamento haver te deixado aqui, mas as zonas de Paris que visitei hoje não são adequadas para uma mulher.

— Entendo-o — disse ela, e se olharam compartilhando um silêncio íntimo.

Rosalie se ruborizou, sabendo que ele estava pensando na noite passada, e ela tinha uma idéia bastante aproximada dos momentos culminantes da mesma.

— Pão, vinho e Rose — comentou Randall, esboçando por fim um sorriso — Posso me atrever a esperar este tipo de boas-vindas inclusive depois de que tenhamos nos casado?

Não lhe devolveu o sorriso. Mordeu o lábio inferior, duvidando em abordar o assunto que lhe interessava.

— Rand — disse por fim, fazendo um esforço para justificar-se — Não concordei com nada ontem à noite.

— Salvo a que é minha — lhe recordou ele sem pestanejar.

— Isso o disse em um momento muito... Emocional. Mas, inclusive assim, não significa uma aceitação de sua idéia.

— Não era uma idéia — repôs Randall, a calidez de seu olhar substituída pela cautela — Era uma proposta. Não a aceitou imediatamente, certo. Mas o insinuou, e estou disposto a tomar isso como uma promessa de acordo.

— Por quê? — replicou ela, nervosa — Se for só uma questão de conveniência, asseguro-te que não demorará mais de quinze minutos em encontrar uma mulher desejosa de casar-se contigo, certamente de melhor berço e temperamento mais parecido ao teu.

— Deus me valha! Porque tem tantos desejos de fugir de mim? — redarguiu Randall com voz tensa — Não tem emprego, nem dinheiro, nem referências, nem família, nem noivo, nem amigos em posição de te ajudar. Passei a maior parte da noite te demonstrando alguns dos benefícios mais atrativos de um casamento entre nós, e ainda o recusa... Me recusas como se te tivesse feito a mais ignóbil das propostas.

— Não é isso! — Replicou Rosalie, os olhos tão brilhantes e de um azul tão escuro que cintilavam. Finalmente, as palavras saíram aos tropeções — Não nego nossa harmonia física, mas inclusive com minha falta de experiência, sei que os casamentos fracassam quando se levantam sobre alicerces tão instáveis e frágeis. Seriamente crê que um casamento entre você e eu traria alguma felicidade duradoura? Está preparado para manter seu voto de fidelidade? Não acredito. Até agora, seu compromisso comigo durou só umas semanas, mas não tenho nenhuma segurança de que amanhã não encontre outra mulher que te faça me esquecer. Não posso predizer que pai seria, sei os exemplos que teve, e duvido que...

Rosalie titubeou antes de voltar a falar. As palavras tinham que ser ditas, porque essa era a única maneira que o faria desanimar.

— Começou a assumir a responsabilidade de tuas ações, dos interesses de tua família, da companhia naval, das propriedades dos Berkeley. Começou bem, mas até quando continuará assim? O que acontecerá na manhã que desperte ao lado de sua esposa e decida que todas suas responsabilidades pesam muito e que preferiria ir a Londres jogar, perambular e se envolver com uma bonita atriz de teatro?

— De modo que pensa saber a espécie de homem que sou — disse Randall, e Rosalie sentiu gelar o sangue ao ver sua expressão. Parecia um estranho — Além de acreditar em minha eventual infidelidade, também insinua que sou um possível candidato a cometer abusos com meus filhos, e prediz que deixarei que minha herança e minha família irem para o inferno.

— Eu não disse isso.

— Nesse caso, o peso da prova parece descansar no passar do tempo, mas desgraçadamente, tempo é o elemento que nos falta, verdade? Quero-te agora ou nunca. Má sorte, suponho, que não me considere um risco que vale a pena correr.

— Não posso. É questão de sobrevivência — repôs ela em tom suplicante, e ele ficou em pé como se não suportasse estar a seu lado.

— Então, não há mais o que falar. Não terá que continuar suportando minhas propostas nem meu contato. Me ajustarei ao nosso trato inicial. Te recomendarei para um trabalho respeitável, e então poderá se alegrar de não ter que voltar a ver-me. Enquanto isso, vou sair um momento. — Foi até a porta e se deteve para olhar uma última vez à esbelta e rígida Rosalie — Algo me diz que se adaptarás bem à arte de sobreviver em Londres — disse suavemente, cada palavra afundando-se nela como flechas bicudas — Se descobrir que limpar o nariz dos meninos remelentos ou que ler em voz alta a velhas bruxas não é de seu gosto, possui um talento especial que te permitirá ganhar uma fortuna.

Ao fechar a porta, Rosalie apertou os punhos e os levou à boca. Durante vários minutos ficou paralisada, as idéias amontoando-se em sua cabeça, e o coração triste. Seu ardil tinha funcionado muito bem. Tinha ferido Randall, mas não podia voltar atrás.

Necessitada de algo que a acalmasse, aproximou-se da pequena mesa sobre a que descansava a comida intacta e um recipiente para o vinho. Desarrolhando a garrafa com uma torção do pulso, serviu-se uma porção em uma taça de cristal. Levantando o brilhante copo, fez um brinde zombador: — *Pelo futuro* — e terminou o vinho misturado com as lágrimas. Os soluços começaram a diminuir após vários goles, e o tremor de mãos se acalmou embora não acontecesse o mesmo com a dor no coração. Ao notar que lhe falhavam os joelhos, sentou-se em uma cadeira estofada e se serviu mais vinho. Oxalá o doce destilado a submergisse no esquecimento permanente, refletiu, agradecida pela paz temporária que lhe proporcionava.

Que feliz teria sido com seus nostálgicos sonhos de juventude. Em troca, agora teria que viver com as agridoces lembranças que a fariam morrer um pouco cada vez que as revivesse. O que era melhor? Não ter conhecido tudo aquilo que alguma vez poderia ter ou ter desfrutado de uns momentos maravilhosos? Lançando um suspiro, inclinou a cabeça e esvaziou a taça para enchê-la uma última vez. Cansadamente, afrouxou a diminuta gola de tule de seu pescoço e relaxou na cadeira com a aflita resignação de uma mulher condenada. Pensativamente, passeou o olhar pelo quarto enquanto o brilhante sol da tarde iluminava as paredes. Adorava a França... Tinha conhecido a maior felicidade de sua vida neste país, um lugar onde tudo era de uma só vez turbulento e aprazível, refinado e singelo. Nunca poderia esquecer as paradisíacas semanas no Lothaire. Aturdida, Rosalie deixou a taça meio vazia enquanto pensava em sua volta a Inglaterra. Como

suportaria ouvir rumores a respeito de Randall, perguntando-se como estava, desejando estar perto dele, recordando sua paixão, seus sorrisos, sua dor?

Estremeceu e se encaminhou para a janela, arrastando os pés pelo tapete. O dia se esfriava rapidamente, e uma suave e gelada corrente de ar envolveu seu corpo como uma serpentina. Vagamente surpreendida pela sensação de lassidão, fechou a janela e logo os olhos por um momento, toda sua energia esgotada depois dessa simples ação. Então levou uma mão ao diafragma, tomando consciência de que algo lhe tinha caído mal.

— *Rosalie... idiota* — se censurou, pensando com abatimento que dos três copos de vinho que tinha bebido dois tinham sido demasiado.

Cambaleando-se, foi em busca do urinol, guardado em um móvel, e apenas teve que esperar uns segundos antes de que as náuseas se apoderassem dela e seu corpo se purgasse do vil fluido. Nunca havia se sentido tão gelada, tão cansada e tão mal. A água da jarra de porcelana que descansava sobre o móvel lhe trouxe um alento, graças a Deus, limpa para enxaguar a boca, mas não lhe aliviou a sensação de que o sangue se tinha congelado nas veias. Em seguida ficou claro que não se tratava de um singelo caso de abuso de álcool. Algo muito grave ocorria. Tinha que pedir ajuda. Cambaleando conseguiu chegar à campainha para avisar o serviço, e puxou três vezes antes de ver-se obrigada a parar e segurar a cabeça. Foi uma sorte que, nesse momento, se encontrasse perto uma donzela muito jovem, pois não demorou para ouvir como chamavam suavemente à porta.

— Adiante — disse Rosalie fracamente, apoiando-se contra a parede coberta de damasco — Quero dizer, *entrez...*

Entrecerrando os olhos, olhou a donzela, a quem tão logo via com clareza como imprecisa.

— Escuta — disse com tom desesperado — Não me encontro bem. Sinto-me mal o vinho ou...

Meu deus, acaso não tinha lido história nos jornais sobre ladrões que envenenavam os clientes dos hotéis para logo roubá-los.

— O vinho... — voltou a murmurar, e então caiu na conta de que a pequena donzela não falava inglês — *Aidez-moi* — conseguiu dizer, e a moça de cabelos escuros começou a tagarelar nervosamente enquanto assinalava a cama e a agarrava pelo braço — Não me deixe — acrescentou Rosalie ofegando, temerosa de que, se a tinham drogado, houvesse alguém

esperando a que perdesse o conhecimento. Não sabia em que idioma o havia dito, mas tentou repeti-lo e não pôde.

Uma nuvem opaca a foi envolvendo; cada segundo que passava sua visão ia se escurecendo. Pensou em Randall e tentou pronunciar seu nome, mas, ao não consegui-lo, rendeu-se à sufocante nuvem. Enquanto a donzela a apressava a afastar-se da parede, Rosalie sentiu que o chão desaparecia sob seus pés, e com um gemido caiu inerte em um buraco negro. Seguiu afundando-se no negrume, o gelo que se acumulava nos braços e pernas servindo de peso extra para acelerar sua interminável descida. Só uma coisa ocupava sua mente enquanto a escuridão a engolia: a angustiosa pergunta de que se teria afundado tanto que nunca voltaria à superfície.

Capítulo 9

*Não renunciarei
A reterei pelo laço matrimonial;
Embora diga adeus, veja!
Terei sua mão
E não a deixarei partir.*

Robert Bridges

A donzela tentou inutilmente arrastar o corpo caído, mas lhe resultava quase impossível mover os membros inertes. Apesar que Rosalie não era nem muito menos uma mulher grande, a pequena donzela era realmente miúda, embora bem formada. Seus grandes olhos escuros, castanhos como as folhas de chá, piscaram quando foram de Rosalie à cama, e então correu para chamar a campainha.

Não demorou a se organizar um alvoroço no quarto, já que não só se reuniram no salão outras três donzelas e um pequeno grupo de hóspedes, mas sim também se apresentou o *maître d'hôtel*, fazendo confusas perguntas e repreendendo a donzela por não saber as respostas. Seu elegante bigode negro tremia de angustia à vista da moça inconsciente.

Depois de enviar alguém para procurar um médico, ocupou-se de expulsar os curiosos do quarto enquanto lhes assegurava que a jovem só sofria uma leve indisposição. Entretanto, ninguém parecia convencido disso. A pele de Rosalie tinha tomado à cor de um branco marmóreo, e sua esbelta figura parecia carecer de vida.

Vacilante, a donzela recolheu o espanador de tirar o pó e iniciou o caminho, lançando um olhar ansioso a mademoiselle, mas sabendo que ficaria sem trabalho se não voltava a suas tarefas.

— *Non!* — exclamou o *maître d'hôtel* bruscamente, agarrando-a pelo pescoço de seu gasto embora limpo vestido e arrastando-a de volta ao quarto. Falou-lhe em um francês rápido e alterado, as sílabas fundindo-se como crepitantes porções de manteiga em uma frigideira de fritar — Ficaré aqui para explicar o que aconteceu e como a encontrei! Isto cairá sobre sua cabeça! Eu não tive nada a ver com isso!

Em silêncio, a donzela assentia sem atrever-se a protestar, e uma vez que ficou livre, correu junto à mademoiselle desmaiada, presa do mais absoluto terror. No cômodo reinava um silêncio sepulcral, dado que o *maître d'hôtel* tinha se retirado para a porta de entrada e contemplava pensativo o corredor à espera do médico. A donzela olhava a figura estendida de barriga para baixo, entrelaçando nervosamente os dedos enquanto recordava como se esforçou para fazê-la chegar à cama. Logo, depois de lançar um olhar cauteloso ao *maître d'hôtel* e comprovar que tinha sua atenção fixa no corredor, atreveu-se a inclinar-se e retirar alguns cabelos que tinham ficado apanhados nos lábios de Rosalie.

À medida que passavam os minutos, a donzela começou a mostrar-se mais protetora com a jovem inconsciente, já que mademoiselle era tão encantadora que constituía um intrigante mistério.

— *Comment vous appelez-vous?* — perguntou com suavidade, a vivaz curiosidade de uma menina justapondo-se à cautela — Eu me chamo Mireille. Mireille Germain. A quem devemos avisar? A seu irmão? Seus pais? Seu mari...? — Não, olhando bem, viu que a mulher não levava anel — É você *anglaise*...?

Os escuros olhos de Mireille passearam pelo quarto em busca de pistas que explicassem o ocorrido. Tentou recordar algumas palavras estrangeiras que a mulher lhe tinha dito.

— Monsieur — perguntou elevando a voz para que seu patrão a ouvisse — *Qu'est-ce que c'est vinho?*

— *Vin* — repôs bruscamente, lhe dedicando um olhar de exasperação.

Ela olhou a garrafa meio vazia que havia em cima da mesa e se deu conta de que a isso se referiu mademoiselle. Tinha sido drogada, ou talvez inclusive envenenada.

— *Monsieur* — insistiu, a expressão de seu pequeno rosto mais ansiosa que antes — Acredito...

— *Tais-toi* — a interrompeu ele, e lançou um suspiro de alívio — Silêncio, acaba de chegar o médico.

Um ancião e corpulento cavaleiro entrou no quarto levando uma maleta de pele, seus grossos óculos brilhando enquanto se apresentava concisamente e se aproximava da cama. Deu um estalo com a língua enquanto agarrava o pulso de Rosalie para tomar o pulso. Estava muito fraco, apenas estável para assegurar que viveria muito mais. Depois de lhe

realizar um breve exame, sacudiu a cabeça com uma segurança que desafiava a que qualquer um contradisse seu diagnóstico.

— Tomou algum narcótico — disse — Uma overdose. Há alguma garrafa de láudano por aqui?

— Que diabos ocorre aqui?

Uma voz desconhecida, carregada de aborrecimento e exigência, obrigou os três ocupantes a voltar o olhar para a porta.

Randall mal deu crédito ao que via. Depois de um breve olhar aos três desconhecidos seus olhos se pousaram em Rosalie. Tinha a cabeça virada e o rosto escurecido por cachos soltos. Nunca esqueceria a visão de suas brancas e inertes mãos, semiabertas como flores a ponto de sair.

Mireille tremeu de medo quando Randall alcançou a cama dando três largas passadas. A moça se encolheu contra a parede de brocado, pois ele passou roçando, a ela e ao médico, e se inclinou sobre o corpo prostrado. Mireille raramente tinha visto um homem de porte aristocrático tão grande e de pele tão escura. Para alguém tão pequeno como ela, apresentava certo ar bárbaro. O homem sussurrou algo em voz muito baixa e logo girou a cabeça para os olhar um por um, seus luminosos olhos cor avelã contrastando vivamente com o tom brunido de sua pele. Perguntou algo em inglês, as palavras incompreensíveis, mas o tom baixo e ameaçador, inequívoco.

— O vin... — respondeu Mireille com voz trêmula, incapaz de guardar por mais tempo sua suposição — A encontrei eu, monsieur, tinha chamado à campainha... Segurava a cabeça com as mãos *comme ça*... e logo caiu ao chão. A bebida a pôs doente.

— Sugere que o vinho estava misturado com a droga? — perguntou o médico, e lançou um olhar ao *maître d'hôtel* com suspeita — Houve uma onda de delitos semelhantes recentemente em Paris... Um bando de ladrões... Embora as vítimas não costumam ser drogadas desta maneira. Em qualquer caso, nenhuma das tinturas de ópio está bem destilada, e administrada sem cuidado...

— Ópio — repetiu Randall, passando do inglês ao francês.

Uma dor peculiar, mais profunda e insidiosa que nenhuma outra que já tivesse experimentado escureceu seu olhar. De repente, rodeou com seus braços a inerte moça, como disposto a protegê-la com sua vida, e amaldiçoou entre dentes ao sopesar seu suave e indefeso corpo.

Os outros deram um ou dois passos para trás, enquanto observavam como aquele inglês tentava despertá-la. Ao fazer-se evidente que seus

esforços eram inúteis, Randall olhou o homem corpulento.

— Quem, em nome de Deus, é você? — inquiriu, e o médico endireitou um pouco sua corpulenta figura.

— *Je m'appelle monsieur André Goujon... Et vous?*

— Lorde Randall Berkeley — repôs cortante.

O medo que inspirava a Mireille não diminuiu enquanto contemplava sua intimidante envergadura, mas de repente sentiu uma pontada de pena ao ver aquela jovem nos braços do angustiado inglês como uma boneca quebrada.

— Quanto tempo necessitará para que desapareçam os efeitos? — perguntou Randall subitamente, estreitando Rosalie entre seus braços.

— Monsieur de Berkeley... — disse Goujon vacilando — é um caso clássico de envenenamento por ópio... Pupilas reduzidas, respiração superficial, pulso lento e débil... Mas é difícil averiguar a dimensão da overdose. Vi casos similares nos quais as vítimas morreram sem despertar, incapazes de tomar água ou alimentar-se, ou o coração poderia deixar repentinamente de pulsar.

Randall o interrompeu bruscamente, dirigindo-se ao *maître d'hôtel*.

— Consiga outro médico. Imediatamente.

— Monsieur! — repôs Goujon com ar ofendido — Lhe asseguro que qualquer médico lhe dirá o mesmo.

— Chame a outro médico — repetiu Randall com voz sombria, e o *maître d'hôtel* saiu disparado.

Goujon abandonou o quarto murmurando entre dentes, e Randall voltou a depositar suavemente Rosalie sobre a cama. Suas mãos emolduraram seu rosto enquanto os polegares acariciavam a redonda suavidade de suas maçãs do rosto.

— Rose — sussurrou, incapaz de acreditar o quanto pálida e fria que estava sua pele, e a raiva que bulia dentro dele se esgotou rapidamente, dando lugar a um medo desconhecido.

A moça parecia uma frágil casca de ovo que se sepultou dentro de si mesma, caindo mais à frente inclusive do reino dos sonhos.

— Rose, não faça isto comigo — disse com desespero, como se ela brincasse com ele, mas seu rosto estava absolutamente rígido.

— Rose? — repetiu uma vozinha atrás dele, e Randall se voltou com um sobressalto.

A pequena donzela continuava encolhida contra a parede. Ele não se lembrava de sua presença. Tinha pronunciado o nome como maravilhando-

se de seu som.

— Já pode ir — disse Randall, e ao olhar em seus olhos repetiu em francês.

A garota se alterou de horror e sacudiu ligeiramente a cabeça antes de o olhar com os olhos mais suplicantes que ele já tinha visto. Amaldiçoando silenciosamente, Randall retornou sua atenção a Rosalie. Quando ficou claro que não tinha intenção de brigar com a donzela, esta voltou a apoiar-se contra a parede. Permaneceu imóvel outra hora mais, observando solenemente a chegada de outro médico, este alto e magro. O que prescreveu foi um sangrado para drenar o veneno e permitir assim que o esgotado fluxo sanguíneo se renovasse por si mesmo. Imaginando os baldes de madeira, a lanceta que abriria suas veias, a horrível destilação do precioso líquido que fluiria do magro pescoço de mademoiselle, Mireille reuniu coragem para protestar, mas não houve necessidade. Randall recebeu a sugestão com fria indignação, e o expulsou do quarto com destempero.

— O perfeito exemplo — disse Randall para si enquanto o médico desaparecia apressadamente — de porque a maioria da gente teme aos médicos mais que à própria enfermidade. Ou seja, como a raça humana conseguiu sobreviver até agora!

Desgraçadamente, a maioria dos médicos confiava menos nos métodos científicos que na superstição e a tradição na hora de tratar aos pacientes.

— Monsieur de Berkeley — interveio o *maître d'hôtel*, aborrecido pelo sarcasmo e a expressão pessimista de Randall — O que pensa em fazer agora?

— Quero interrogar a pessoa que trouxe o vinho e a comida, aqueles que a prepararam, e a quem a subiu ao quarto. Quanto a tomar ações punitivas contra o hotel... Talvez o considere amanhã... — se deteve e seus olhos, piscando, pousaram-se na figura da pequena donzela, que tinha abandonado sua silenciosa guarda para arrumar o quarto — se liberar a garota de seus outros deveres para que cuide de mademoiselle até que desperte.

— Fará falta, mas... — repôs o *maître d'hôtel*, enquanto olhava cheio de dúvidas a Rosalie. Logo deu umas ordens a Mireille. Enquanto esta assentia vigorosamente, cachos inclusive mais escuros se uniram aos abundantes cabelos que já se haviam escapado de sua touca branca.

— Reúna aos empregados que mencionei no cômodo contíguo — disse Randall, afastando a vista da cama, o rosto convertido em uma máscara inescrutável. Falava em francês para que Mireille o entendesse assim como

o diretor do hotel — Não quero ninguém aqui exceto a donzela, e quero que me avise imediatamente se alguém tenta atravessar essa porta.

— Sim, monsieur — murmurou o *maître d'hôtel*, consciente de seus deveres — Só demorarei uns minutos em encontrar as pessoas com as quais deseja falar.

Randall observou como o pequeno e enxuto homem partia com presteza. Deixando escapar um longo e apertado suspiro, espalhou o cabelo, despenteando-o sem dar-se conta em densas ondas âmbar. Acossava-lhe uma vivida sensação de irreabilidade, como se, se tratasse de um pesadelo.

Descartou a hipótese de que os culpados fossem ladrões torpes, apesar de que se denunciaram recentemente casos semelhantes em que se produziram roubos menores. Era muita coincidência que isto tivesse ocorrido muito pouco depois de que se propagaram os rumores que relacionavam Brummell com Rosalie. Pretendiam sequestrá-la e pedir resgate por ela? Ou acaso a queria levar um dos credores mais vingativos de Brummell como pagamento de uma considerável dívida? Sem dúvida tinha a marca de uma tentativa de sequestro mal executado, desbaratado pelo aprumo de Rosalie em pedir ajuda e a afortunada coincidência de que respondesse a sua chamada uma pequena donzela. Randall torceu o rosto ao pensar que alguém tinha planejado lhes fazer perder a consciência, tanto a ele como a Rosalie, lhes fazendo beber vinho envenenado.

— Porque não muda sua roupa? — disse de repente à donzela, assinalando o armário com um gesto da cabeça — Aí estão suas camisolas.

Ruborizando-se ante a familiaridade com que ele revelava seu conhecimento de onde guardava Rosalie sua roupa interior, Mireille pôs mãos à obra, saltando como um coelho assustado enquanto ele abandonava o quarto.

Randall não demoraria muito em dar-se conta, com ligeira irritação, de que Mireille lhe tinha realmente medo. Era tão pequena e delicada que albergava a suspeita de que ele poderia esmagá-la como um inseto se o contrariava. Ele era amável com ela quando se lembrava de sê-lo, mas a maior parte do tempo Rosalie absorvia toda sua atenção. Retornou ao quarto para começar a triste vigília junto a sua cama, depois de fazer um infrutífero interrogatório de como tinha ocorrido o envenenamento. A informação que tinha obtido parecia indicar que o vinho poderia ter sido envenenado em numerosos pontos antes de chegar ao quarto, e não existia maneira de que pudesse assinalar os suspeitos, o método ou o motivo.

O estado de Rosalie não experimentou mudança alguma nas primeiras vinte e quatro horas. Embora Randall estivesse ao seu lado, dormitando em uma cadeira ou olhando-a, não deu nenhum sinal de recuperar a consciência e permaneceu em um arrepiante estado de coma. Com frequência lhe verificava o pulso e o fôlego, já que havia momentos em que parecia que a vida abandonava aquele corpo inerte. Inclusive depois de superar esses acessos de pânico, torturava-lhe a ansiedade, já que não sabia se o estado de sua amada daria, de repente, uma mudança para melhor ou para pior. Mireille revoava perto, seu pequeno rosto solene, os olhos discretamente ansiosos enquanto fingia não escutar as ordens de Randall para que fosse descansar e retornasse pela manhã.

Em certo momento, Randall abandonou a cabeceira para esticar as pernas, caminhar até a janela e olhar com inquietação a escura noite. A sensação de culpa lhe oprimia, fazendo quase impossível suportar a lacerante lembrança das coisas que Rosalie lhe havia dito, das coisas que ele havia dito antes de partir batendo a porta. Havia voltado para desculpar-se, para abraçá-la e beijá-la, para lhe dizer com sua arrogância habitual que não deixaria que se fosse. Maldita seja, ela sabia como lhe fazer perder o controle; não deveria deixar que ela o irritasse tão facilmente. Não quando sua segurança e seu bem-estar dependiam dele.

Pensou brevemente nos amigos londrinos que lhe tinham acompanhado nos últimos anos. Entenderia algum deles a situação em que se achava? Certamente não. Orgulhavam-se de não ter preocupações, não compreenderiam a necessidade, o sentido da responsabilidade, o remorso que o assaltavam. Até então se conduziu como eles, ocupando-se de suas obrigações com negligência. Mas agora estava pagando um preço por isso. De repente, todos os sermões e as recriminações de seu avô começaram a lhe afetar de um modo profundo.

Tinha tratado Rosalie como se fosse uma flor silvestre recolhida na beira do caminho, sem admitir o excepcional e frágil que era, necessitada de tanto amparo como a flor mais valiosa. Egoistamente tinha jogado com ela, jogos de desejo e indiferença, seduzindo-a com artifícios, quando deveria havê-la tratado de uma maneira muito mais natural. Sabendo a escuridão que reinava em alguns cantos de seu coração, como tinha ousado lhe pedir que se casasse com ele com semelhante prepotência? Randall sorriu amargamente antes de voltar para seu lado.

No dia seguinte, Randall se perguntou várias vezes pela fascinação que Rosalie exercia em Mireille, dado que, não se conheciam. A pequena donzela andava de um lado a outro enquanto lavava Rosalie com uma esponja, escovava-lhe o comprido cabelo negro e o trançava cuidadosamente, trocava os lençóis e se assegurava de que o quarto ficasse livre do pó e desordem.

Falava consigo mesma em voz alta, cantarolava canções populares e, ainda mais surpreendente, em seus bolsos levava de vez em quando um pequeno livro ou panfleto. Era óbvio que tinha recebido alguma espécie de educação, uma curiosa qualidade em uma donzela francesa. Parecia uma moça com uma imaginação fora do comum.

A devoção de Mireille por Rosalie não provinha de nenhum desejo de atrair Randall. Era evidente que se sentia incômoda em sua presença e que punha-se a correr ligeira como um cervo sempre que ele fazia o mais leve pedido. Para Randall era inconcebível que ela pudesse o lamentar, já que ignorava que a desolação brilhava em seus olhos com uma luz fria e inconfundível.

Enquanto caía a noite e Rosalie continuava entregue em seu interminável sono, Randall sentiu que a paciência o abandonava para sempre. Levantou-se da cadeira de espaldar de tecido situada junto à cabeceira para dobrar os doloridos músculos e foi até ao pequeno escritório. Escreveu uma carta muito detalhada a monsieur Bonchamps, o administrador que tinha nomeado em Havre, sobre as dívidas de um tal George Brummell. Do ponto de vista de Randall, a indiscrição de Brummell tinha contribuído fortemente às circunstâncias que tinham originado a presente situação, e não permitiria que o papel que Brummell tinha jogado em tudo aquilo ficasse sem castigo.

Randall ordenou a Bonchamps que viajasse a Calais e visitasse todos os que mantinham transações de qualquer tipo com Brummell, assegurando-se de maneira sistemática de que lhe cancelassem os créditos de todos os serviços salvo os mais essenciais. Brummell só receberia o carvão e a comida imprescindível para subsistir, por muitos esforços que fizesse para adular ou enrolar as pessoas. Acabaram-se os lenços recém-chegados da lavandaria ou champanha e cera de botas, não teria mais trajes à medida, óleo para o cabelo, bolachas de amêndoa ou rapé caro, sem mais jantares elegantes nem ociosos passeios pelo bulevar, já que Brummell ficaria reduzido a tal estado, que não admitiria ser visto pelo público. Sem piedade, Randall teria gostado de ser o bastante cruel para procurar a absoluta

inanição de Brummell, mas a remota possibilidade de que o dandi fosse o pai de Rosalie, lhe impedia de tomar uma decisão tão drástica. Rosalie teria se horrorizado e indignado se soubesse o que fazia Randall, mas era isso ou voltar-se louco de vingança insatisfeita. Randall prometeu, enquanto sucumbia a um estado cinza e taciturno, que se Rosalie morresse, se encarregaria pessoalmente de que Brummell sofresse um final mais doloroso.

Enquanto estava sentado diante do escritório e dava voltas ao assunto, Randall ignorou o jantar que Mireille tinha preparado na cozinha. Por razões óbvias não confiava em outra pessoa para lhe preparar a comida, e por isso tinha vigiado a seleção de charcutaria, fruta e pão com um grande ar de autoridade para uma moça de quinze anos. Ao ver que não provava a comida, lhe disse timidamente: — *Vous n'avez mangé rien, monsieur.*

Randall a olhou sem compreender e logo seu olhar se desviou à comida.

— Não tenho fome — disse, e dobrou a carta antes de agarrar o selo de cera — Coma você.

Não jogou nem uma olhada enquanto Mireille se aproximava da comida com um entusiasmo apenas contido, dado que não precisava receber muito ânimo para aceitar aqueles tentadores alimentos. A quantidade e qualidade dos mantimentos eram muito superiores ao menu a que estava acostumada. Uma vez que Randall voltou a ocupar a cadeira junto à cabeceira, ficou contemplando Rosalie. Com o canto do olho viu aparecer um prato delicadamente oferecido sobre um guardanapo. Mireille tinha introduzido uma fatia de assado de pimenta em um *échaudée*, um pãozinho redondo e estaladiço. A donzela lhe dirigiu um olhar suplicante quando ele levantou os olhos para ela.

— Não comestes nada — repetiu em francês com um ligeiro estremecimento na voz e, para seu alívio, Randall aceitou a comida com gesto irônico.

— Suponho que pensa que melhorará meu temperamento — disse, e seus olhos permaneceram nela enquanto seus fortes dentes brancos mordiam a estaladiça crosta.

— Sim, monsieur — repôs ela muito séria, e ele sorriu.

Depois de ela lhe trazer chá forte para ajudar a engolir a comida, olhou-a com mais doçura, enquanto se perguntava sobre a vida tão dura que parecia levar. Trabalhava arduamente sem queixar-se, e embora sua atitude fosse servil, parecia mais viva que uma criada normal.

— Seus pais trabalham no hotel, menina?

— Não tenho pais, monsieur.

Randall franziu o cenho. Era muito jovem para estar casada, mas possivelmente...

— Marido?

Ela sorriu ante a idéia, sacudindo a cabeça vigorosamente.

— Não, monsieur. Tenho um irmão que cuida de mim. Percorremos toda a França e quando encontramos trabalho ficamos até... até...

— Que lhe despedem? — aventurou Randall, e ela assentiu.

— Sempre há muitos trabalhos e ele sabe fazer de tudo — acrescentou prosaicamente. Recuperando seu acanhamento, baixou os olhos enquanto recolhia a bandeja para retirá-la do quarto — Monsieur... — pelo tom, Randall adivinhou que tinha curiosidade sobre Rosalie — É mademoiselle sua... Irmã?

Randall ficou em silêncio durante um instante. Seus olhos se pousaram em Rosalie, com um brilho sombrio.

— Não — disse com voz rouca — Não é minha irmã.

— Ah.

Mireille abaixou a cabeça com uma nervosa inclinação e saiu disparada enquanto ele continuava com o olhar fixo na cama.

O céu se obscureceu, caiu à noite e as horas transcorreram lentamente. Enquanto Mireille cochilava no cômodo contíguo, Randall procurava em vão qualquer sinal vital em Rosalie. O mundo inteiro parecia haver-se reduzido às proporções daquele pequeno quarto, e nada do que acontecia fora tinha importância. Durante longas horas segurou a mão dela entre as suas, dobrando e desdobrando os dedos relaxados, esquentando-os com as palmas, até que finalmente, o esgotamento o arrastou como uma onda implacável, e reclinou a cabeça sobre seus braços, as mãos enredadas nos lençóis.

— Rosalie — murmurou com voz rouca, o lençol de algodão secando a umidade de suas pestanas — volta para mim.

Pareceu-lhe um sonho quando muito mais tarde, no silêncio da noite, o despertou o quase impercetível som do fecho da porta. Piscando meio adormecido, Randall olhou e viu que alguém tinha introduzido um arame pela fresta da porta e o deslizava para cima para levantar o fecho. Randall se encostou agilmente contra a parede junto à porta, justo quando esta se abria suavemente. Uma escura e magra figura penetrou no quarto e Randall

tentou reconhecer a sombra na escuridão. O intruso se movia com negligência e com passo seguro; aproximou-se de Rosalie e ficou olhando antes de lhe procurar o pulso no pescoço.

Randall se viu assaltado por um feroz instinto protetor e cruzou a habitação com grandes e sigilosas passadas. Rodeou o pescoço do intruso com seu musculoso braço e o arrastou para trás, meio asfixiando-o.

— Acredito que é hora de nos apresentarmos — grunhiu.

Com um gemido afogado, o intruso reagiu com presteza, e Randall recebeu uma brutal cotovelada nas costelas. Lançando uma maldição, equilibrou-se sobre a robusta figura com intenção de moê-lo a golpes. A briga se compôs de movimentos fugazes como o raio, os dois competidores limitados pela escuridão. Para Randall era muito gratificante, em um nível instintivo, ter um inimigo tangível com que lutar. Finalmente encontrava uma saída para toda a frustração acumulada. Conseguiu agarrá-lo pela garganta e começou a estrangulá-lo sem misericórdia, os lábios esboçando uma careta sinistra.

— Por todos os diabos — rugiu enquanto apertava — se for o responsável por isto, te arrancarei a cabeça como se fosse à rolha de uma garrafa!

Entretanto, o homem conseguiu esgrimir uma faca curta e lhe atingir o flanco com um golpe com a mão esquerda. Enquanto Randall se via obrigado a esquivar de outra veloz navalhada, ficou encurralado contra a parede, e então o intruso lhe aplicou um terminante murro na mandíbula.

Segundos depois, Randall sacudiu a cabeça e descobriu que se achava sentado no chão com as costas contra a parede. O intruso partira, mas Rosalie continuava ali, intacta. Com uma careta de dor, Randall levou a mão ao flanco que lhe ardia e ficou em pé, sentindo a umidade do sangue em sua camisa. Justo nesse momento se abriu a porta que comunicava com o cômodo contíguo e Mireille apareceu segurando uma vela, a roupa enrugada pela pressa em vestir-se.

— Monsieur, chamastes...? — começou, e seus olhos aumentaram ao captar toda a cena. Rapidamente se aproximou dele, segurando a vela no alto, para examinar seu estado.

Randall sorriu forçadamente quando viu que seu rosto empalidecia a luz chispante da vela. Os grandes olhos castanhos ficaram quase negros.

— Recebemos uma visita não grata — murmurou, e cambaleou.

— Monsieur, por favor, sente-se — suplicou Mireille, e foi até o móvel onde havia uma bacia e depositou a vela em cima — Prepararei uma vendagem para a ferida e logo o médico...

— Nada de médicos — interrompeu Randall bruscamente, deixando-se cair em uma cadeira de espaldar de tecido. Qualquer notícia disto, além do ocorrido, desencadearia uma onda de rumores que tornaria mais precária a situação — Não é uma ferida profunda, só um arranhão.

— Mas deveria...

— Me prometa que manterá a boca fechada... — ordenou bruscamente enquanto sentia uma sensação de fogo da ferida a suas vísceras — ou encontrarei a maneira de...

— *Oui, monsieur* — se apressou a responder Mireille, indo procurar uma jarra de água e um pedaço de tecido de linho — Abra sua camisa, por favor.

Ele a olhou com receio, mas o fez, e ela franziu o cenho com uma severidade incomum em seu rosto tímido e moderado.

— Não desmaiarei, monsieur.

Os lábios de Randall se torceram em uma careta estranha, e logo encolheu os ombros para tirar a roupa manchada de sangue. Seu torso moreno brilhou a luz das velas.

— Não, mas morrerá de vergonha pelo que parece — murmurou, afogando uma maldição enquanto ela aplicava um pedaço de tecido frio e empapado sobre a carne rasgada pela faca. A ferida doía e ardia.

— Quer beber algo, monsieur? Há uísque em...

— Não.

Depois de uma pausa momentânea, Mireille perguntou: — Entrou alguém para roubar?

Enquanto Randall assentia, uma espessa mecha castanha se alvoroçou sobre sua testa formando uma tira úmida.

— A me roubar a minha mademoiselle — esclareceu, a voz tão seca como o deserto.

Embora as sobrancelhas de Mireille se juntassem com perplexidade, sabiamente se reprimiu de fazer mais pergunta e levantou o pedaço de tecido para olhar a ferida. Suas maneiras profissionais e práticas despertaram o interesse de Randall, por isso lhe ocorreu que não estava desacostumada à visão do sangue... Ou ao peito nu de um homem. Vieram-lhe várias perguntas à ponta da língua, mas dado que ela respeitava sua

intimidade, ele respeitaria a dela. Com uma piscada de gratidão, aceitou o grosso pedaço de tecido quadrado que apertou contra seu flanco.

— Antes de o enfaixar, irei procurar um pouco de unguento — disse Mireille, e ficou de pé.

— Se mencionar algo disto a alguém lá em baixo — lhe advertiu Randall com tom intimidante — Se arrependerás.

Seus olhos tinham um poder hipnótico, brilhando na escuridão como dois ímãs dourados em um rosto severamente marcado pela dor e o esgotamento.

— Prometo guardar silêncio — replicou Mireille gravemente, e sua pequena figura cobrou um ar fantasmagórico enquanto deslizava rapidamente para fora do quarto.

A ferida acabou por ser superficial e mostrou todos os sinais de cicatrização com uma rapidez assombrosa. Randall nem sequer voltou a pensar nela, ocupado na sua taciturna e exaustiva vigilância a Rosalie. Nos dois dias seguintes se convenceu de que alguém tinha levado em conta todos os seus pecados e que agora lhe cabia fazer penitência por eles. Não sabia se Rosalie sofria em seu estado inconsciente, mas ele sim sofria cada vez que a olhava, cada vez que se fixava nos secos e rachados lábios ou nos proeminentes que estavam ficando seus finos ossos. Não suportava olhá-la nesse estado e, entretanto, não podia afastar os olhos dela. Não era consciente de nada mais, salvo aquela figura miúda deitada, e era só graças à insistência de Mireille que ingeria algum alimento.

O sono se mostrava esquivo exceto pelos breves períodos em que era vencido pelo esgotamento. Durante a maior parte do tempo só podia olhar e esperar.

Ao entardecer do terceiro dia, Mireille se aproximou dele, seus nítidos olhos castanhos brilhando de compaixão e com menos nervosismo do habitual.

— Monsieur — sussurrou — quer que lhe peça algo para comer?

Randall levantou a cabeça. Tinha a pele pálida debaixo do bronzeado acobreado, o olhar frio.

— Cairá doente — prosseguiu ela, retorcendo as mãos. Não falavam de sua ferida, mas ambos pensavam nela — Não crê que lhe faria bem um passeio ao ar livre?... Ou prefere que peça que lhe preparem um banho?

— Um banho — disse Randall, esfregando os olhos e sorrindo ligeiramente, embora sem humor — Sem dúvida necessito de um. E café.

— Monsieur... Não gostaria de preocupar com seu aspecto a mademoiselle quando despertar, verdade? Deve dormir e comer.

— Quando despertar — repetiu, e seus lábios esboçaram outro assustador sorriso desprovido de humor — Despertará, Mireille?

Obviamente desejando dizer que sim, mas renitente a mentir, a donzela começou a gaguejar. Finalmente, ficou em silêncio, com as palmas para cima em gesto de impotência, e Randall suspirou sombrio.

— Deveria ver seus olhos... — murmurou ausente enquanto voltava seu olhar para Rosalie — O azul mais escuro que possa imaginar. De noite brilham como safiras. Não é capaz de ocultar uma só emoção com esses olhos... posso ler todos seus pensamentos.

— Isso é um inconveniente para ela? — perguntou Mireille, inclinando ligeiramente a cabeça. Começava a lhe perder o medo, já que um homem capaz de preocupar-se por outra pessoa com tanta ternura não podia ser tão perigoso como parecia por seu aspecto.

— É sim, mas terrivelmente conveniente para mim.

Ela sorriu pela primeira vez, e todo o seu rosto pareceu brilhar por um instante, antes de abandonar o quarto em busca do café.

Devagar, Randall experimentou sentar-se na beirada da cama, e sua mão foi descansar sobre o bem torneado quadril de Rosalie enquanto seu olhar repassava possessivamente seus traços.

— *Petite fleur* — disse e um peculiar e doloroso meio sorriso curvou sua boca — Nunca pensei que uma mulher tivesse o poder de me subjugar. Obviamente, foste minha perdição.

Inclinou a cabeça, e sua voz se tornou estrangulada e trêmula.

— Não me abandone... — murmurou.

Pensou que a tinha visto mover as pálpebras. Ainda paralisado, observou seu rosto, enquanto os batimentos regulares de seu coração alcançavam um ritmo mais acelerado. Milagrosamente, suas brilhantes e acetinadas pestanas tremeram e um pequeno suspiro escapou de seus lábios. Sem respiração, Randall se aproximou mais. Suavemente, murmurou-lhe algo, enquanto a acariciava com dedos trêmulos, e a imobilidade pétrea começou a desaparecer. A consciência retornou a ela como um suave bálsamo, esquentando suas veias e devolvendo a vida a seu entorpecido pulso. Como se o esforço lhe custasse um grande sofrimento, Rosalie gemeu e abriu os olhos, que se encheram de lágrimas para suavizar a secura. Desconcertada,

olhou a Randall entreabrindo os olhos, esforçando-se por umedecer seus ásperos lábios, tentando falar.

— Não se preocupe — disse ele, agarrando um travesseiro e colocando— o debaixo de sua cabeça. Sua mão lhe apoiava o pescoço, e seu tato era firme, terno, possessivo — Tudo vai ficar bem.

Ao fim de uns minutos, quando Mireille retornou com uma pequena bandeja e tentava girar o pomo da porta, esta se abriu de repente e ela se encontrou ante Randall com surpresa. A dureza de seu rosto se transformou em uma estranha tranquilidade, e o esgotamento parecia haver-se esfumado.

— Despertou — disse como se, se deleitasse com o som daquelas palavras, e seus lábios se separaram em um brilhante sorriso.

— Oh, quanto me alegro! Eu... — ficou muda procurando as palavras, e presa da excitação fez o movimento instintivo de aplaudir, mas se deteve confusa já que segurava a bandeja.

Randall sorriu de maneira exuberante, e de repente se inclinou sobre sua cabecinha e lhe plantou um sonoro e carinhoso beijo de agradecimento na bochecha.

— Devolve o café. Traz um pouco de caldo e água fresca. E rápido. — Depois disso, ele voltou para o quarto.

A Mireille quase lhe saíam os olhos das órbitas da surpresa enquanto se afastava correndo pelo corredor. O beijo tinha sido de gratidão, não de paixão, entretanto, ainda podia sentir o comichão de sua boca contra sua pele. Era um milagre que não tivesse caído morta ali mesmo. Embora Mireille não fosse nervosa, Randall lhe causava inquietação. Supunha-se que os aristocratas eram distantes e folgazões, entretanto, naquele havia algo físico e próximo, um impulso que contrastava com sua classe social e sua posição. Comparado com seu irmão, Guillaume, e com os outros homens que conhecia, era exótico e bastante impressionante, bonito em certa maneira, mas inquietantemente imprevisível... Um homem com o qual não gostaria de cruzar-se nem em um milhão de anos. Tinha sido por seu bem pelo qual ela queria que Rosalie se recuperasse, porque olhava a mademoiselle como se ela fosse a razão pela qual o sol saía a cada manhã. E Mireille sabia reconhecer o amor quando o via, já que era uma mercadoria escassa em seu mundo.

Sem vontade, Rosalie bebeu um sorvo de água e devolveu o copo a Mireille enquanto se recostava sobre o travesseiro.

— Parece-me que hoje não poderá se levantar — anunciou a donzela com um bom senso que ficava cômico saindo da boca de uma adolescente.

— Acredito que tem razão — respondeu Rosalie com um suspiro, e fechou os olhos. Tinha os membros pesados e flácidos, e se perguntava se voltaria a ter energia para levantar-se. Não parecia capaz de fazer nada a não ser dormir.

— Não relaxes ainda — disse Randall, e ela ouviu o tinido de pratos perto da cama — Precisa comer mais.

— Não posso — respondeu Rosalie, fraca, mas teimosa, enquanto tentava separar as pálpebras e o olhava com gesto de aversão. Acabaria vomitando se passasse por outra sessão em que ele, de forma tenaz e desapaixonada, obrigava-a a tragar o caldo, sem prestar atenção em sua falta de apetite — Não quero mais sucos, caldos nem sopas.

— Então o que tomará? — insistiu ele, impaciente. Como ela se negou a responder, doente só de pensar na comida, Randall se voltou para Mireille — Talvez um ovo e um pedaço de pão...

Rosalie o interrompeu irritada, levantando a cabeça com esforço.

— Não fale de mim como se não estivesse presente! Porque não come algo você? O Necessita mais que eu!

Mostrava-se mais autoritário que antes, ligeiramente mais magro do que ela recordava, a pele mais clara e o rosto, marcado. De repente, ele a olhou com o rosto franzido, sentindo-se enjaulado pelo pequeno quarto e o ambiente de doença que se respirava. Nos escassos dias transcorridos desde que Rosalie despertara, tinha estado curiosamente apática, sem perguntar sequer o que se tinha passado. Randall tinha saudades da outra Rosalie, queria abraçá-la, fazê-la rir e beijá-la com doçura nos lábios; em troca, tinha diante de si a sombra da mulher de que sentia falta. Randall, que no passado tinha sido um dos solteiros mais autossuficientes de Londres, descobriu pela primeira vez em sua vida de adulto que se sentia sozinho. Embora se esforçasse por manter a calma, sentia que algo dentro dele havia se quebrado.

— Preciso comer? — repetiu com um tom perigosamente baixo, e foi a grandes passadas até o móvel onde descansava a bacia e agarrou um pequeno espelho de mão laqueado — Eu ao menos não pareço um maldito esqueleto! Quer morrer de fome? Crê que assim conseguirá que me sinta mais culpado? Olhe para você!

Estendeu-lhe o espelho com brutalidade, e Rosalie ficou sem respiração quando se viu pela primeira vez desde sua doença. Estava branca como a cal, a pele cheia de manchas e profundas olheiras. O cabelo murcho e negro estava retirado do rosto para dar um ar de cuidado, sem os cachos vivazes e brilhantes que estava acostumada a ver. O único sinal de cor em seu rosto eram os olhos, e pareciam desmesuradamente grandes e azuis sobre as frágeis e curvas linhas de suas maçãs do rosto. Com o olhar impreciso, pareceu-lhe que era a imagem de uma anciã.

— Leve isso e me deixe tranquila — disse com voz rouca, enquanto o sofrimento ameaçava afligindo-a por completo — Já não suporto continuar com você ao meu lado... É autoritário e insensível e não posso... Não quero...

Sua voz se apagou. Olhou o rosto inescrutável de Randall e pôs-se a chorar, incapaz de fazer mais nada. Amaldiçoando em voz alta, Randall atirou o espelho ao chão e se sentou na cama, agarrando-a em seus braços e balançando-a. Enquanto a embalava suavemente, a exasperação de Randall se dissipou ao sentir como as lágrimas dela umedeciam sua camisa.

— Rose, se acalme. Não era minha intenção te fazer chorar — lhe murmurou ao ouvido — mas não vai destruir-se por ser tão teimosa. Tenho intenção de cuidar de ti, *petite*, e isso inclui evitar que morra de fome.

O pranto de Rosalie prosseguiu enquanto ele tentava tranquilizá-la com mimos e sentia um nó no coração ao ver sua terrível dor. De maneira inesperada, ele era todo encanto e ternura, uma transformação bastante surpreendente do homem duro e estranho de um minuto antes.

Ao parecer, a infelicidade era contagiosa. Assim que começou o alvoroço, Mireille olhou Rosalie com olhos de assombro, e levou as mãos ao rosto enquanto as lágrimas nublavam a visão. De pé, em um canto do quarto, como uma menina castigada e cansada, soluçava tanto como Rosalie. Ou a menina estava profundamente afetada pelo estado de Rosalie ou o pranto lhe tinha recordado alguma tragédia passada, mas em qualquer caso desatou uma tormenta que não mostrava sinais de amainar.

— Mireille, por que...? Oh, Deus! — murmurou Randall, a ponto do desespero enquanto enfrentava duas mulheres chorando em um quarto pequeno e cansativo. Quase lhe escapou um sorriso ao pensar na situação ridícula em que se encontrava, enquanto mentalmente tentava encontrar a melhor maneira de agir.

Era óbvio que não podiam continuar no hotel. Era perigoso por duas razões: uma, Rosalie era facilmente acessível a qualquer um que lhe quisesse fazer mal, e dois, qualquer pessoa debilitada era presa fácil para as febres que assolavam a cidade, febres que se originavam repentinamente e que podiam causar diversos danos às vítimas. Além de tudo isto, Randall começava a odiar aquele lugar. A cidade começava a lhe angustiar, com seus tijolos e edifícios que bloqueavam o ar e a luz, e os incessantes ruídos da rua que maltratavam os ouvidos com uma miríade de gritos e ruídos. De repente, possuiu—o um impulso básico de retirar-se, de encontrar o abrigo e as comodidades de uma casa resguardada, de um refúgio. Era o mesmo impulso que tinham experimentado seus antepassados depois de sobreviver aos estressantes conflitos com o mundo exterior, quando tinham encontrado finalmente alívio no *château* d'Angoux.

Uma parte dele protestou ante a idéia de voltar para o castelo, mas o rebateu pensando de maneira clara e racional. O castelo era uma antiga fortaleza, forte e protegida, rodeada de quilômetros de terras pelas quais seria difícil que viajassem intrusos sem ser detectados. Era limpo e luxuoso, embora não contasse com muito pessoal de serviço, e se achava situado no campo, o lugar ideal para que Rosalie se recuperasse. Havia comida fresca, jardins ensolarados por onde dar agradáveis e ociosos passeios, e um montão de agradecidos arrendatários que certamente estariam muito ocupados atendendo seus próprios assuntos durante o tempo da colheita.

— Parece que nos encontramos em uma situação insustentável — disse Randall secamente, e Rosalie assentiu enquanto sossegava o soluço em seu ombro.

Sentia-se fraca e inquieta, nada parecido com sua maneira de ser. Randall afundou ligeiramente os lábios em seus cabelos e a virou em seus braços. O contato com ele era reconfortante, sua tranquila e vigorosa fortaleza, um bendito alívio para ela.

— Mireille, saia do canto, *s'il vous plaît*. Há uns lenços na segunda gaveta do armário; vá e apanhe um para Rose e outro para si. — A garota vacilou ante a pouco ortodoxa ruptura do protocolo, e ele suspirou com paciência — Sim, pegue um para você também.

Rosalie sorriu entre lágrimas ao ouvir o tom exageradamente paciente, e Randall lhe pôs, sem cortesia, o branco e limpo lenço no nariz.

— Amanhã pela manhã partiremos para o castelo na Bretanha. Há tranquilidade e nos fará bem a mudança de cenário. Quero que esta noite

faça as malas com todos os pertences de mademoiselle, Mireille.

A donzela assentiu, secando as lágrimas solenemente com o lenço.

— E Mireille? — perguntou Rosalie em voz baixa — Vamos deixá-la aqui?

Randall olhou a menina, que o contemplava com seus escuros olhos, úmidos e esperançados.

— Quer ser a dama de companhia de mademoiselle? — perguntou — Ajudá-la a vestir-se, e fazer tudo o que ela queira sem perguntar?

Mireille assentiu com determinação.

— Sim, monsieur! Inclusive aprenderei a falar inglês!

— Um sacrifício que seria muito valorizado — repôs Randall, sorrindo.

— Então, pode nos acompanhar ao castelo? — perguntou Rosalie.

De repente o pulso do Randall se acelerou ao reconhecer uma nota de entusiasmo. Teria dado qualquer coisa para que não desaparecesse. Sorrindo, colocou-lhe uma mecha atrás da orelha e logo levantou a cabeça para dirigir um eloquente olhar a Mireille.

— Só se for da classe de pessoas que mantêm as promessas — respondeu com leve dureza na voz, e ele e Mireille trocaram um sombrio olhar que confundiu Rosalie. Para lhe economizar preocupações, Randall tinha decidido não lhe falar do intruso que tinha entrado em seu quarto nem da briga que tinha acontecido ali. Quanto ao assunto do vinho envenenado com ópio, havia-lhe dito de maneira concisa que tinha sido obra de ladrões ineptos que drogavam a suas vítimas para deixá-las inconscientes e lhes roubar. Era um ardil habitual dos ladrões e Rosalie não tinha feito mais perguntas a esse respeito.

— *Oui, monsieur* — respondeu a donzela diligentemente.

— Então, se prepare para sair amanhã.

Mireille deu um gritinho de felicidade e correu para fora do quarto.

— Obrigado — disse Rosalie, olhando Randall com uma mescla de agradecimento e curiosidade — Mas vais explicar-me a que te...?

— Será melhor que durma um pouco — interrompeu, voltando a aproximar o lenço da sua cara — Vai descansar e comer como uma camponesa até que caiba em sua roupa.

Rosalie sorriu ligeiramente.

— Você gosta das mulheres voluptuosas? — murmurou.

Ele acariciou o contorno da maçã do rosto muito marcado.

— Eu gostava do aspecto que tinha antes — respondeu, e lhe secou o rosto com o lenço outra vez.

Uma vez que derramou as últimas lágrimas, Rosalie se aninhou contra ele em busca de calor, a suave pele de seu rosto pressionando o forte e áspero queixo dele, mas para sua surpresa, ele relaxou seu abraço e a afastou delicadamente de seu colo.

Randall a repudiava porque estava zangado com ela? Rosalie lhe olhou com apreensão, mas a expressão dele era impassível. Foi então quando Rosalie refletiu sobre o fato de que seu comportamento com ela, desde que tinha despertado do sono induzido pela droga, tinha sido como o de um irmão, quer dizer, amável, mas platônico. Poderia ser que depois dos estragos da doença, a achasse pouco atrativa para beijá-la? Não podia lhe culpar se fosse assim. Ou possivelmente tinha perdido finalmente seu desejo por ela, possivelmente, depois de pensar tinha decidido que ela tinha deixado de ser uma novidade. Confusa, entreabriu os olhos e se deixou abrigar obedientemente.

— Está certo de que é uma boa idéia ir para o castelo? — perguntou — Sei que te incomoda.

— Não tanto como ficar aqui um dia mais — respondeu Randall, colocando habilmente os travesseiros debaixo de sua cabeça — Estou cansado de pousadas e hotéis. Esqueci o que é viver em mais de um ou dois cômodos de uma vez. E faz semanas que não monto a cavalo.

— E o que acontecerá com seus negócios?

— Nomeei um gestor eficiente para que se ocupe deles durante algum tempo, e poderei me pôr em contato com ele sem dificuldade.

— E as reuniões em Paris?

— Podem esperar.

— E Brum...

— Ele também pode esperar.

— Rand... quando voltaremos para Inglaterra? — sussurrou fechando os olhos, temerosa do que poderia ler em seu rosto.

— Quando eu o decida — respondeu com uma brutalidade que cortou qualquer pergunta posterior.

A perspectiva de voltar para Inglaterra estava carregada de dúvidas. Era previsível como mudaria sua relação quando chegassem a Londres. Na França, entretanto, as coisas estavam muito claras: ela era completamente dele e não havia nada que Rosalie pudesse fazer para mudar esse fato.

Capítulo 10

*Suplico-vos, falai ou calai
Se não desejardes ter-me, dizei-o
Não ficarei
Nem esperarei
Um sorriso nem um olhar
De desaprovação.
Se desejardes ter-me, dizei-o;
Serei seu, ou se não, serei só meu.*

Thomas Shipman

— Nunca tinha visto um rio tão calmo — disse Rosalie, contemplando pela janela do carro a grande extensão azul xistoso do Loire — Pelo que me lembro de minhas lições de geografia, esperava que fosse mais agitado, mais turbulento.

Por detrás de sua cabeça notou como o ombro de Randall se flexionava ao inclinar-se para olhar a cena.

— O Loire muda ao longo de seu percurso — disse, e seus olhos adquiriram uma brilhante tonalidade dourada enquanto um raio de sol iluminava seu rosto — Em Nantes se congestiona de tráfico tanto como o Sena... E em Orleans é uma dócil corrente de apenas uns pés de profundidade. Justo quando te convence de que o Loire é manso e tranquilo, se enfurece. — Franziu o rosto — É tão imprevisível como uma mulher.

— Quer dizer tão inconstante como um homem — replicou Rosalie, sem saber muito bem se ria dela.

Randall pôs-se a rir, contente com a aparição dos primeiros sinais de seu caráter. Ultimamente parecia desfrutar metendo-se com ela, provocando-a como se provoca a um gatinho para que tire as unhas fora e se defenda. Mireille, que ia sentada no assento diante deles, falou enquanto olhava pela janela. Sabiamente, tinha ignorado as inocentes provocações verbais que o casal não deixava de trocar desde a partida de Paris.

— *Vraiment* — disse Mireille — o Loire é imprevisível; às vezes alaga os vinhedos, os vales... Alguns camponeses ignorantes pensam que é um castigo de Deus. Mais perto do oceano, o rio fica mais largo e profundo, ali

eu não gosto tanto. Mas em Touraine é real, é aristocrático, *avec les châteaux*, e as árvores... Parece bastante seco para esta época do ano, não acham...?

As palavras da moça se foram perdendo ao dar-se conta de que Randall a olhava com curiosidade. Rosalie só parecia surpreendida.

— Mireille — disse Randall devagar — Parece que viajaste muito para ser uma donzela.

Ruborizada, a moça afastou o olhar da janela e a concentrou em suas mãos.

— Percorri toda a França com o Guillaume.

Rosalie sentiu uma mescla de compaixão e atitude protetora para a empregada, já que sabia exatamente o que era sentir-se sozinha. Mireille não tinha pais nem ninguém que cuidasse dela. Tudo o que tinha contado de seu irmão era que tinha encontrado um novo trabalho e se foi, e que lhe tinha deixado uma nota no hotel de Paris lhe contando seus planos. Quando tentavam lhe surripiar mais informação sobre ele, sua atitude ficava defensiva como se estivesse empenhada em esquecer-se dele. Mireille era, sem dúvida, um interessante enigma, dado que tinha talentos e capacidades muito superiores aos de uma juvenzinha de sua idade e posição. Não só sabia ler e escrever, mas também tinha uma mente viva e tinha reunido uma mescla pouco convencional de conhecimentos em sua curta existência.

— Mireille, de onde é? Onde nasceu? — perguntou Rosalie.

A moça sacudiu a cabeça.

— Não sei. E Guillaume diz que não o recorda. Embora um ano passamos muito tempo em Touraine, por isso suponho que poderia dizer que sou dali.

— E o que fazia ali? — continuou perguntando Rosalie, sorrindo enquanto a moça adotava uma atitude caprichosa e encolhia os ombros.

— Qualquer coisa, mademoiselle. Sei fazer qualquer coisa.

De repente Mireille sorriu aos dois, um amplo sorriso que indicava supremo prazer com o mundo em geral, e então voltou a olhar pela janela.

— Não tenho a menor duvida — disse Rosalie à parte a Randall, e este lhe deu a razão com um sorriso.

— Enquanto te agrada, amor.

Era uma expressão de carinho, dita mecanicamente, carente de sentido. Amor. A única vez que ele a tinha chamado assim tinha sido durante um momento de paixão, e a surpreendeu a intimidade que lhe recordou. A

palavra soava doce vindo de seus lábios, e deslizou por sua pele como se fosse uma carícia etérea. Em silêncio, Rosalie se acomodou no oco de seu braço, deixando-se envolver por sua proximidade enquanto o carro rodava pelas ribeiras do Loire.

Que simples teria sido sua vida se tivesse sido capaz de escolher quando e a quem amar. Teria escolhido um homem amável e pouco complicado, alguém que tivesse encaixado facilmente em sua vida, talvez um jovem empregado de banca, ou um padeiro ou um alfaiate. Alguém cujos beijos fossem agradáveis, não devastadores... Alguém que pedisse, em vez de intimidar... Alguém cujo olhar fosse agradável, em vez de sensualmente perturbador. Ela nunca tinha se incomodado em imaginar os problemas de amar alguém como Randall Berkeley. Teria sido mais fácil se apoiar em um homem que tivesse dado estabilidade a sua vida, em vez de torná-la confusa e dolorosa, selvagem e doce. Ela não teria escolhido a alguém que pusesse seu mundo de pernas para o ar. Ela tinha sonhado com alguém como Randall em algum momento, mas que grande engano tinha sido ter uns sonhos tão ambiciosos!

Lentamente, seus pensamentos voaram para o *château* d'Angoux ao se dar conta de que chegariam em uma hora ou duas. Em meio da confusão provocada pela sonolência e as preocupações sentia uma pontada de excitação ante a perspectiva de ver o castelo, pois poderia lhe revelar algumas coisas mais sobre o passado de Randall. Uma vez que recuperasse por completo a saúde, Rosalie estava decidida a descobrir mais coisas sobre Hélène d'Angoux e a herança de Randall, sobre as histórias mais longínquas e mais recentes das pessoas que tinham vivido nele. Não sabia como estavam as coisas com Randall nesse momento, dado que o antigo padrão da relação parecia haver-se dissolvido nos últimos dois dias. Até então não se reatou. É possível que no castelo descobrisse o que ainda restava e o que tinha desaparecido, e como continuariam dali em diante.

Conforme foram se aproximando das propriedades d'Angoux, as férteis e verdes terras tornaram-se ligeiramente pendentes e o caminho se desviou de seu curso paralelo ao Loire. Languidamente, uma escura forma se foi recortando no horizonte, o que fez com que Randall ficasse ligeiramente tenso.

— Aí está — disse, e Mireille deu um salto para a janela, seus pequenos dedos curvando-se sobre a beirada.

Enormes muros e torres cilíndricas rodeavam o castelo, assim como um fosso não muito profundo, parcialmente cheio, sobre o qual havia uma ponte com uma função ornamental mais que útil. Copas de árvores, hera em floração e pálidas rosas se balançavam preguiçosamente sobre as bordas dos muros.

— *Sang*, quantas torres há? — perguntou Rosalie, incapaz de ver todas claramente através da porta de ferro meio aberta.

— Oito — respondeu Randall, enquanto colocava um braço sobre o marco da janela para impedir que caísse para frente quando o carro freasse de repente diante do portal.

A sacudida jogou Mireille contra o assento estofado de veludo. Imperturbável, voltou a segurar-se uma vez mais à janela.

— Mademoiselle, olhe a porta! — exclamou, e Rosalie se inclinou para fente.

Ao retirar o braço, Randall roçou acidentalmente seu seio. Os dois ficaram gelados e a urgência do desejo invadiu Randall sem piedade. O jovem aspirou o ar bruscamente, preso por um desejo incontrollável, enquanto sua mente se enchia de imagens: a flexível firmeza daquele corpo feminino em suas mãos, em sua boca, em qualquer parte, em todas as partes. A baforada de ar secou a umidade de seus lábios.

Rosalie sentiu que seu mamilo endurecia de repente e doía, estremecendo com uma insaciável excitação. Todos os seus nervos foram pegos em uma confusão instantânea, e o pulso ficou rápido e pesado como se o sangue se tornasse tão grosso como a prata fundida. Sabia que seu vestido de cambraia não ocultaria a reação de seu corpo ante ele. Com as faces coradas de vergonha, Rosalie concentrou a vista fora do carro.

— O que olha, Mireille? — murmurou.

— O brasão d'Angoux — replicou a moça com fascinação — Está gravado no portal: um homem com um escudo... e uma rosa.

— Uma rosa? — repetiu Rosalie, tragando com dificuldade ao dar-se conta de que Randall a olhava com ardor — Mas... isso não é um signo de realeza?

— Os Angoux tiveram certos vínculos com a realeza — respondeu ele fingindo despreocupação — embora em um passado distante. No século XII, Geoffrey d'Anjou se casou com a filha de Henrique I de Inglaterra, e mais tarde seu filho se converteria no Henrique II. No início do século XV, a filha de Rene d'Anjou contraiu matrimônio com Henrique VI...

Agradecida, Rosalie se agarrou ao tema, desejosa de pensar em algo que não fosse ele.

— Continuo sem entender por que casar-se com os rebentos de vários Henriques deu direito aos d'Angoux a pôr uma rosa em seu escudo.

Enquanto seu olhar ia do azul vivido de seus olhos à curva de sua boca, Randall esqueceu de repente tudo o que estava dizendo. Nunca tinha imaginado sentir-se tão ávido, tão faminto de saciar-se no corpo de uma mulher, tão necessitado de suas carícias e sua doçura. Custou-lhe um enorme esforço pensar um momento e continuar.

— Ganhou a rosa em uma batalha. No século XV, Felipe d'Anjou derrotou duas poderosas famílias em luta pelo direito de governar a Bretanha. E se por acaso apenas isso não lhe desse direito a adotar a rosa como símbolo da realeza, desposou uma donzela de dezesseis anos pouco depois da batalha. A noiva era inglesa e seu nome era Rosemonde. Chamavam-na a rosa inglesa e diziam que ele a apreciava mais do que tudo.

Rosalie afastou rapidamente o olhar dele enquanto o carro cruzava a porta e entrava no comprido caminho que conduzia até o castelo.

— Qual é o brasão dos Berkeley? — perguntou ela.

— Um escudo, um lobo e um abedul. Razão pela qual Randall é um nome tão comum entre os primogênitos varões da família Berkeley. Significa escudo-lobo... Um escudo que torna invencível o guerreiro que o leva em uma batalha. — Embora Rosalie tivesse a cabeça voltada em outra direção, sentiu os olhos dele pousados nela quando acrescentou suavemente — Daí porque os Berkeley costumam estar certos de conseguirem aquilo pelo qual lutam.

— Até que o excesso de confiança os conduz à derrota — insistiu Rosalie. A penugem de sua nuca se arrepiou quando ele soltou uma gargalhada deliciosa, masculina e cálida.

— Faz séculos que isso não ocorre.

O *château* d'Angoux era um dos edifícios mais belos que ela já tinha visto. A parte mais antiga era uma fortaleza, rematada com volumosas torres e sólidos muros. Logo, elevando-se sobre a pedra e a estabilidade da fortificação, levantava-se a parte mais moderna do castelo, desenhada em um estilo gótico de deliciosa elegância, adornado com frestas, torres de telhado cônico e arcos ogivais. Todo o conjunto sobressaía em meio de quilômetros de jardins, bosques de pinheiro, pequenos lagos e uma profusão de rosas, azáleas, rododendros e crisântemos.

— Oh! É tão bonito! — exclamou Rosalie, e a boca de Randall se torceu ironicamente.

— O único monumento ao qual a família Angoux pode oferecer seu sobrenome. Não há mais homens para transmitir a linhagem.

— É tão cheio de... — harmonia? Romantismo? Rosalie procurou com olhos sonhadores as palavras exatas.

— Afetada grandeza — propôs Randall, e lhe lançou um olhar fulminante antes de voltar sua atenção ao magnífico espetáculo.

O caminho de cascalho atravessava duas grades mais, para logo serpentear delicadamente entre pequenos lagos e arvoredos antes de empreender uma rota mais direta para o castelo. Todas as terras que rodeavam o edifício se achavam muito bem cuidadas, e o equilíbrio e a harmonia entre as árvores e as flores plantadas revelavam uma história de meticolosos desenhos e reformas. Rosalie começou a entender o que Randall tinha querido dizer ao descrever a propriedade como afetada, dado que realmente parecia consciente de sua própria magnificência. Debaixo das frondosas folhas e da cuidadosa ornamentação, era evidente que o castelo tinha sido uma fortaleza, um gigante pétreo e impenetrável, e sua resplandecente força continuava viva, embora a caprichosa decoração tivesse suavizado seus cantos.

A entrada era senhorial e magnífica, emoldurada por meias colunas que bordejavam um amplo pórtico. Quatro alas se separavam do edifício central. Era estranho como o estilo românico combinava com o tom gótico do resto do edifício. Poderia ter sido facilmente uma discordante combinação de estilos, entretanto, havia algo, talvez sua simplicidade, que mesclava as partes em um tudo harmonioso. O carro se deteve e Rosalie sentiu que o nervosismo importunava sua curiosidade. Quantos lugares novos, quantas coisas novas tinha visto desde que conheceu Randall, antes sua vida tinha sido monótona ano após ano. Mireille aceitava tudo com aparente tranquilidade, já que sua vida não tinha sido outra coisa se não uma mudança constante.

— Parece muito tranquilo para ser um castelo tão grande — comentou a donzela.

Randall assentiu brevemente antes de retirar o braço que rodeava Rosalie.

— Neste momento temos um reduzido número de criados — replicou, abrindo a porta do carro antes que o laçao tivesse tempo de chegar — Mas

no povoado há uma série de pessoas que conhecem o funcionamento da casa... Forças de reserva, para chamá-los de algum jeito. Necessitaremos de alguns enquanto estejamos aqui.

Então lhe sorriu, e acrescentou: — Salvo que prefira ajudar a cozinhar e tirar o pó...

— Se meus pratos lhes agradarem a você e mademoiselle, então, que assim seja — respondeu Mireille com um encolher de ombros que dava a entender quão remota era a possibilidade de que sua comida lhes agradasse. Rosalie sorriu, com os olhos brilhantes enquanto olhava aos dois.

— Não se burle dela, Rand — lhe repreendeu, e ele fechou a boca em obediente silêncio, seus olhos resplandecendo com uma luz peculiar enquanto lhe lançava um último olhar. Logo, saltou agilmente do veículo para falar com o chofer.

— Seu humor está melhorando — observou Rosalie com um murmúrio.

— Está feliz de vê-la melhor — repôs Mireille sabiamente.

— Acredita de verdade? Às vezes não parece como se... — Rosalie não concluiu a frase, perguntando o que entendia a moça.

Certamente, meus sentimentos por ele devem ser tão óbvios como a luz — Pensou. Era Mireille, com sua pouca idade, alguém em quem ela podia confiar? Teve que interromper seus pensamentos quando um laçao de meia idade e aspecto afável ajudou a ambas a descer do carro, a mão do homem firme quando ela se apoiou fracamente nele. A viagem a tinha esgotado e Rosalie se sentiu irritada ao dar-se conta de que suas forças se esgotavam muito rapidamente depois da doença.

Com a sensação de achar-se vagamente afastada da cena enquanto descia do veículo, Rosalie ficou imóvel, piscando com cansaço. Embora Mireille olhasse ao redor com viva curiosidade, não se afastava de seu lado. A Randall recordou um cachorrinho mulherengo.

— Nossa chegada os apanhou despreparados — disse, enquanto oferecia seu braço a Rosalie e a guiava até os amplos degraus da entrada — Levará uns minutos para que preparem os quartos.

Ao abrir as portas principais, Rosalie deixou escapar um suspiro de admiração, e se esqueceu de tudo enquanto admirava a magnificência do interior do castelo. Galerias com balaustradas rodeavam o segundo piso, cheio de tapeçarias e obras de arte, enquanto gárgulas de criaturas fantásticas sobressaíam sobre arcos e portas. As cores eram pálidas e delicadas, azul céu, creme, azul lavanda, verde, enquanto grossas

incrustações de ouro refulgiam em paredes e tetos com faustosidade e em abundância.

— Costumava ser muito elegante — disse Randall secamente — Singelo, sóbrio, com gosto. Mas, durante uma de suas últimas visitas, minha mãe decidiu... redecorá-lo.

Rosalie assentiu sem fala, enquanto se perguntava como se podia estar cômodo em semelhante resplendor. O castelo tinha menos de lar que de maravilhosa obra de arte. A vista era esplêndida, mas como podia alguém viver ali?

— Não se preocupe — disse Randall, agarrando-a pelo cotovelo a modo de consolo — A maioria dos quartos são menos entristecedores. Oh!... A mulher que se aproxima com seu marido é a governanta do castelo. Dado que ambos gozam de muito respeito no povoado, espero que a considere uma acompanhante aceitável para ti... Ah, madame Alvin?

Randall se virou para falar com uma mulher volumosa, de rosto agradável, que se aproximou deles falando em francês com excessivo entusiasmo. Sua expressão era extremamente amável embora de ligeira preocupação, seu cabelo castanho prateado cuidadosamente penteado, seu vestido e avental com aroma de roupa recém-engomada, quer dizer, uma fragrância a limpo, agradável e maternal que resultava imediatamente acolhedora. Cada vez mais esgotada, Rosalie não pôde acompanhar a maior parte da conversa que mantiveram, e só compreendeu algumas palavras que disse Randall. Pareceu-lhe que a descrevia como sua «*prima caçula da Inglaterra*», e que explicava que tinha estado visitando uns parentes em Paris quando padeceu com febres e tinham ido ao castelo para que se recuperasse. Acabou com uma breve apresentação: — Rose, apresento a madame Alvin... Madame Alvin, a senhorita Rosalie Berkeley.

— Berk... — começou Rosalie, assombrada.

Randall lhe sorriu suavemente, com uma expressão fraternal enquanto lhe dava uma leve cotovelada.

— Sim, já sei que está muito cansada, *petite cousine*... uns minutos mais e estou certo de que madame Alvin te preparará um quarto.

A prima Rosalie Berkeley. Não lhe seria fácil representar esse papel.

— Já temos um! — respondeu madame Alvin, enquanto sua simpatia e preocupação se transformava em um torvelinho de atividade.

— Elazar, vá procurar a bagagem e não arraste esses teus grandes pés! Ninette, acompanhe a mademoiselle e *su compagne* aos quartos de acima, e

logo vá ao povoado para procurar a sua irmã para que ajude na cozinha. E Jérème, os baús que estão lá fora são... Onde está esse moço? Eleazar, o encontre e lhe diga que necessitamos do seu tio para que trabalhe de mordomo...

Rosalie contemplou a grande escada que conduzia ao segundo piso. Ninette, uma moça loira e fornida de sua mesma idade, indicou-lhe que levava aos dormitórios, e Rosalie deu um passo à frente tropeçando, com os pés como se fossem de chumbo, mas decidida a manter um pingo de sua independência de Randall.

— Bobinha teimosa — disse ele perto de seu ouvido — Sem dúvida tenta subir as escadas sem pedir ajuda. Acaso também planeja subir você mesma os baús?

Rosalie não respondeu, o rosto branco como a cera em consequência da longa viagem. Randall pegou-a com facilidade, agarrando-a pelas costas e as curvas.

— Ah, *pauvre mademoiselle*... — exclamou madame Alvin.

E tudo passou como uma exalação sobre sua cabeça enquanto descansava a face no ombro de Randall, que a transportou escada acima seguindo a donzela, seu fôlego lhe roçando a face enquanto baixava a vista para ela.

Que estranho, refletiu Rosalie, que o destino a tivesse obrigado a depender de Randall tanto e tão frequentemente... Ela que tanto tinha ansiado a liberdade e a independência... Ele, um homem no qual poucos confiavam, e que tinha fama de odiar as responsabilidades. O que o empurrava a cuidar dela e protegê-la?

Randall a levou para um quarto decorado em tons pastel e ouro, com uma pequena cama com dossel de um rosa pálido. Rosalie não necessitou mais que passear um olhar cansado pelo delicioso quarto para reparar nos detalhes: a penteadeira dourada, os espelhos ornamentados, as paredes pintadas com caprichosos desenhos de nuvens, querubins e delicadas plantas.

— Aonde vai? — perguntou-lhe quando se encontrou entre os confortáveis lençóis.

— Meu quarto está ao outro lado do corredor — respondeu ele cobrindo-a com a colcha — Mireille ocupará o quarto do lado. Se sentirá melhor depois de dormir um momento, amor.

Aturdida por sua ternura, Rosalie se deu conta de que ainda lhe rodeava o pescoço com os braços. Devagar, soltou-o e deslizou as mãos sob os

lençóis, enquanto fechava os olhos. Parecia tão absurdamente indefesa sobre aqueles grandes travesseiros rematados com renda, que Randall não pôde resistir a ficar um minuto mais a seu lado; o colchão cedeu ligeiramente quando ele se sentou.

— Você também vai descansar? — perguntou ela.

— Tenho que me ocupar de algumas coisas.

— Que coisas?

Randall sorriu.

— Não se preocupe. Não irei muito longe.

Enquanto falava, acariciou alguns fios de seda de seu cabelo afastando-os com delicadeza, deixando que se enroscassem em seus dedos, e logo os colocou atrás das orelhas.

— O que pensa fazer? — perguntou Rosalie meio adormecida, relaxando com as carícias de seus dedos.

— Esperar que desperte, é obvio. E tomar algumas decisões.

— Sobre mim? — sussurrou, enquanto ele desenhava com seus dedos a delicada linha de sua mandíbula, o vulnerável contorno de seu pescoço.

— Nenhuma decisão sobre ti — replicou Randall, sua voz com inflexões graves e sutis que sua mente estava muito cansada para analisar — Como poderia?

Seu polegar roçou o pulso de seu pescoço e logo foi à deriva até seu ombro e o massageou até que os músculos ficaram suaves e relaxados.

— Meu dilema é o do mineiro que encontra um diamante entre um montão de rochas. Não tendo estado nunca em posse de um, tem medo de perdê-lo. Afligem-lhe as perguntas: que classe de montada necessita? Como deveria guardá-lo? E o que faz para evitar converter-se em um avaro?

Rosalie apenas ouviu essas palavras, já quase adormecida. Muito depois se perguntaria se havia sentido o suave roce de seus lábios na bochecha, a carícia de seu fôlego na pele, a suavidade do sussurro de um amante entre seus cabelos. Ou só tinha sido um sonho que a tinha alagado como o pôr-do-sol alaga renitente o horizonte no verão?

Rosalie dormiu com absoluta paz e tranquilidade durante algumas horas, até o final da tarde. Ao abrir os olhos, viu Mireille entrar no quarto com uma bandeja carregada com uma atrativa seleção de manjares.

— Mademoiselle, gostaria de jantar? — suplicou. Enquanto Rosalie sorria e esfregava os olhos, a moça depositou a bandeja em uma mesa dourada — Monsieur de Berkeley disse que esta noite jantaria aqui —

informou enquanto ajeitava os travesseiros e arrumava os lençóis — Está tão ocupado organizando o castelo... Chegou gente nova do povoado, um mordomo, um homem para limpar as facas e as botas, uma garota para ajudar a cozinheira, e outra para ajudar a abrir mais quartos.

— Assim estiveste investigando tudo? — perguntou Rosalie enquanto recebia a bandeja com prazer — O que é isto?

— *Blanc manger d'un chapón*, muito bom para os doentes. Peito de capão enfeitado com amêndoas moídas, e essas coisinhas que se vê em cima são sementes de granolas.

Rosalie deu uma pequena mordida provando e lhe pareceu o prato mais delicado que já tinha provado. Servido em outro prato de borda dourada próximo ao do capão havia um punhado de cogumelos salteados com nata e cebolinhas, e mais à frente dois pãezinhos para untar com manteiga.

— De sobremesa lhe trarei sorvete de morango — anunciou Mireille, e Rosalie riu.

— Duvido que seja capaz de comer sobremesa depois disto.

— Monsieur disse que deve comer tudo.

— Tudo? — repetiu Rosalie duvidosa — Suponho que não quer...

— Monsieur disse que não devo comer nada por você — negou Mireille virtuosamente.

— Monsieur é muito afeiçoado a dar ordens — resmungou Rosalie, pensando que Randall precisava comer tanto como ela — Espero que tenha feito um jantar bem copioso.

A moça assentiu e se sentou na borda da cama enquanto Rosalie agarrava um garfo de três dentes.

— *Vraiment* assim foi, depois de ir ao estábulo ver os cavalos. O estábulo está preparado para quarenta cavalos, disseme Ninette, e em seus bons tempos estava cheio.

— Quantos há agora? — perguntou Rosalie depois de uma saborosa mordida.

Mireille inclinou a cabeça pensativamente.

— Ah, me deixe pensar... Só cinco. Monsieur de Berkeley disse a monsieur Alvin, o guarda e jardineiro, que, além disso, é o marido de madame Alvin, que precisamos de outro moço de estábulo, porque quer comprar mais cavalos... Os que há no estábulo não são o bastante rápidos ou briosos para seu gosto.

— Muito próprio dele — comentou Rosalie, e bebeu um pequeno gole de vinho — Certamente a idéia que tem Rand de montar a cavalo é jogar-se correndo contra o vento e saltando por cima de todos os matagais e cercas à vista.

— Se deseja cavalgar quando se encontrar melhor, a acompanharei — se ofereceu Mireille, e sua voz revelou tão nitidamente sua vontade que Rosalie não pôde menos que sorrir.

— Se estiver segura de que não se importaria...

— Oh! Não, não me importaria absolutamente. E, além disso, — prosseguiu Mireille, animada pela aprovação de Rosalie — há uns jardins maravilhosos ao redor do castelo, e inclusive um labirinto que monsieur Alvin mantém em bom estado. Se o desejar lhe acompanharei em seus passeios vespertinos.

— Uma agradável sugestão.

— E lhe acompanharei à feira que se celebra na aldeia este mês, conforme me contou Ninette. Depois de pedir permissão a monsieur de Berkeley, é obvio.

— Monsieur não é meu dono — repôs Rosalie, de repente molesta com a hipótese de Mireille de que ele tinha direito a aprovar ou desaprovar suas atividades — Não necessitamos de sua permissão.

— Mas é seu primo, seu guardião, não? Devemos-lhe comunicar essa classe de coisas... Ou se zangará comigo — assinalou Mireille.

A expressão de Rosalie se suavizou. A última coisa que desejaria a ninguém, e em particular a Mireille, seria ser objeto da fúria de Randall. Um franzimento do cenho de Randall era suficiente para dar um susto de morte a qualquer.

— Além disso, não acredito negaria nada que você quisesse.

— Não? — perguntou Rosalie, a voz seca — Desgraçadamente tem umas idéias muito particulares sobre o que acredita que eu deveria fazer.

E até agora suas tentativas de manipular Randall tinham tido diferentes graus de êxito. Não era um homem fácil.

— *Je suis d'accord* — disse Mireille, afirmando vigorosamente — Tem razão, é um homem tenaz. — De repente, baixou a voz até um sussurro de cumplicidade — Mas quando lhe sorri, mademoiselle — disse levantando o mindinho e movendo-o — Sua vontade não é mais forte que este dedo!

Rosalie sorriu e partiu um pãozinho, sacudindo a cabeça.

— Pergunto-me se Randall fez uma sábia escolha te escolhendo como minha acompanhante — disse, rindo baixo antes de cravar um diminuto cogumelo com o garfo.

—No estábulo há quatro cavalos, dois castrados, um velho, uma égua, e outro exemplar baio.

Randall estava sentado com descuido em uma cadeira ornamentada mas débil, suas pernas largas e robustas estiradas a todo o comprimento. Tinha ido ao quarto de Rosalie depois de seu passeio matinal a cavalo, e a tinha encontrado no princípio de um café da manhã saboreado sem pressa. Era uma visão encantadora, a palidez apagada pela boa cor depois de um sonho reparador e um agradável despertar.

— O potro corre a uma velocidade respeitável, mas os outros são muito velhos e estão muito gordos para serem úteis. — De repente sorriu, seus dourados olhos concentrados em uma lembrança distante — Quase não recordo nenhum detalhe sobre o velho marquês salvo seu amor pelos cavalos. Pergunto-me se saberá, de algum jeito, que seu estábulo para quarenta cavalos é ocupado habitualmente por cinco pangarés gordos cujo único exercício consiste em espantar moscas.

Rosalie se pôs a rir, partindo um croissant e barrando um pedacinho com mel fresco.

— Tem intenção de melhorar a categoria dos estábulos d'Angoux?

— Hoje visitarei um dos latifundiários locais mais importantes. É possível que ali encontre alguns bons exemplares. Em qualquer caso, aqui é costume que os novos residentes do distrito visitem seus vizinhos.

— Seriamente? Não são eles os que têm que dar o primeiro passo e nos visitar? E eu que pensava que os franceses eram tão hospitaleiros. Tem mais sentido o que fazemos na Inglaterra, justo ao contrário.

— Preferiria que ninguém viesse nos visitar? — perguntou Randall, acariciando sua magra face com ar ausente. A barba crescente o fazia parecer mais moreno e inescrupuloso do que habitual — Estamos aqui para desfrutar de um pouco de tranquilidade, não para sermos anfitriões de vizinhos curiosos.

— Oh!... — Rosalie deixou de mastigar e enrugou o cenho — Crê que todo mundo ouviu os rumores?

— Os rumores sobre a filha de Brummell? — Randall sacudiu a cabeça — Logo descobrirá que esta pequena província é todo um mundo, tão

isolado de Paris como do Japão. Aqui só preocupam os assuntos locais, quer dizer, as fofocas locais. Na Inglaterra a fofoca está na boca de todos, mas aqui... Enfim, ainda demorará algum tempo para chegar ao circuito local.

— Obrigado — respondeu Rosalie secamente. Enquanto molhava o croissant no café com leite, os olhos brilharam com a agradável ideia — Então, isso significa que posso te acompanhar quando visitar...

— Pode relaxar e descansar na cama um momento mais — repôs Randall, sua voz com essa nota autocrática que a tentava a lhe desobedecer — e quando se sentir mais forte, pode dizer a Mireille que te acompanhe a dar um passeio pelo castelo. Há pinturas, esculturas e distrações suficientes para te manter ocupada durante algum tempo.

Reprimindo uma reação indignada ao tom autoritário, Rosalie se recompôs para que sua resposta soasse apropriadamente suave. Antes venceria a Randall com doçura que com teimosia.

— Te verei na hora do almoço? — perguntou, e pareceu mais esperançosa do que queria. Não obstante, sua voz soou mais suave que antes.

— Hoje não, mas voltarei a tempo para jantar esta noite.

Enquanto Randall ficava de pé, suas botas de montar brilharam com um brilho de ébano à luz da manhã, rodeando suas pernas e realçando sua figura de uma maneira que qualquer mulher decente certamente evitaria olhar. Mas Rosalie não pôde deixar de notar quão magnífico estava com sua roupa de montar, o inquietante e masculino que parecia com sua juba dourada despenteada e o rosto sem barbear.

— Se necessitar de algo, diga a Mireille ou a madame Alvin — acrescentou, e Rosalie sorriu.

— Nunca havia sonhado que teria minha própria dama de companhia — disse, lambendo uma pequena gota de mel de seu indicador — Em lugar de estar em casa, correndo para servir Elaine seu chá da manhã, estou aqui, vadiando em um ostentoso castelo francês, tentando decidir como desfrutar melhor de meu tempo livre.

A grossa trança negra caía por cima de seu ombro até a cintura, e seus intensos olhos azuis brilhavam com satisfação felina. Randall ficou olhando a atrativa imagem que oferecia. Ainda tão inocente, tão serena. Desejava estreitar seu esbelto e sedoso corpo e não soltá-lo durante dias, aspirando seu perfume, escutando sua respiração e os batimentos de seu coração.

— Deveria estar a salvo na casa de sua mãe — disse com voz rouca, e Rosalie o olhou ao notar a mudança de tom — decidindo com que fita de cor adornar seu cabelo, com que jovem dançar e paquerar no próximo baile.

— Eu... — repôs, confusa por sua mudança de humor, mas então decidiu voltar a sorrir — Que tenha um bom dia — disse, e seu sorriso fraquejou quando Randall a ignorou e se foi repentinamente, suas espessas e retas sobranceiras franzidas enquanto fechava a porta suavemente.

Tão logo o trinco da porta se fechou, Randall se apoiou contra a parede no vestíbulo, fechando os olhos e respirando fundo e regularmente.

— *Não posso continuar assim* — murmurou com as mãos crispadas e os punhos fechados — *Que Deus me ajude, não posso ler sua mente, Rosalie, nem sei o que quer. Estou apanhado por esses pequenos dedos, desejando saltar cada vez que me faz um gesto para que vá... Maldita seja, é difícil para o orgulho de um homem.*

Em algumas ocasiões era uma mulher forte, de espírito fogoso, em outras era frágil e necessitava sua força; suas mudanças eram parte do que fascinava Randall, mas também o tornava cauteloso. Durante algum tempo teria que estabelecer uma distância segura de Rosalie, porque era muito vulnerável a seus humores caprichosos e era evidente que necessitava tempo para pensar.

— *I think* — disse Mireille, seus miúdos e delicados traços enrugados pela concentração — *we think... you think, they think... hei think...*

— *He thinks* — corrigiu Rosalie, passando as páginas do livro de inglês em busca de outro verbo. Achavam-se sentadas no pequeno e ensolarado jardim posterior do castelo, perto das portas envidraçadas que comunicavam com o magnífico salão. Monsieur Alvin tinha disposto cadeiras e almofadas para que pudessem estudar fora com absoluta comodidade. A brisa era cálida e agradável, impregnada da fragrância floral, a erva, o sol, o verão — Mireille, é prodigiosa. Nunca conheci a alguém com uma memória como a tua. Experimenta este, o verbo to be. *I am, you are, we are...*

—... *they are, eis are...* — acrescentou Mireille triunfante, e Rosalie reprimiu a risada.

— Não.

— *He am?*

— *He is* — coeeigiu Rosalie, sua voz cheia de simpatia. O inglês não era nem muito menos tão fácil de aprender como o francês. Mireille suspirou com aborrecimento, seus olhos castanhos brilhando com animação.

— O idioma inglês... é como os ingleses: *n'est pas raisonnable*.

— Não, não tem muito sentido — lhe deu razão Rosalie, fechando o livro enquanto sorria a sua pequena acompanhante — Acredito que é suficiente por hoje.

— Posso continuar — disse Mireille — Como se diz isto? — E agarrou o objeto mais perto de seu alcance.

— *Book*.

— E isto?

— *Stone*. E isso é *door*, e isso *tree*...

— E isto?

— *Flower* — repôs Rosalie, agarrando a flor da mão de Mireille e examinando-a com reverência. Nunca tinha visto uma rosa tão espetacular: tinha pétalas formosas e abundantes, frágeis e pálidas, sombreadas de amarelo perto do centro; o caule e as folhas, verde escuro, tinham brilho e emanavam um aroma doce, suave, embriagador — Uma flor muito formosa.

— Uma rosa *Gloire de Dijon*. — Uma nova voz se uniu à conversa e as duas mulheres se voltaram para ver a figura corpulenta de monsieur Alvin, que retornava de podar e cortar a florescente hera. Não era tão gordo como madame Alvin, mas seu sorriso era igualmente agradável, e seus olhos brilhavam com a satisfação de um homem em paz com sua vida e seu trabalho. Era o encarregado geral do castelo na ausência de seu proprietário, mas sua paixão e talento principal era a jardinagem — Mais à frente do labirinto há outro maciço de rosas, de cores mais rosadas que amarelas, e igualmente grandes. Não têm o amparo de uma parede como estas. As rosas *Gloire de Dijon* necessitam amparo... São fortes e resistentes na base, mas suas pétalas são delicadas. E precisam estar ao abrigo do vento e dos elementos para crescerem grandes e formosas.

— Sim, compreendo-o — disse Mireille, e seu sorriso teve um ar pícaro quando olhou Rosalie — Acaso não necessitam amparo todas as flores de monsieur Berkeley?

— Mireille — disse Rosalie — é uma pequena bruxa.

E embora o dissesse em inglês, Rosalie soube pelo sorriso de Mireille, que tinha captado o essencial do comentário.

Infelizmente, conforme passavam os dias e as semanas, a donzela tinha cada vez menos razões que antes para brincar sobre Randall com Rosalie. A verdade era que raramente estava com elas. Passava fora a maior parte do tempo, atendendo assuntos relacionados com a administração e a

manutenção do castelo. Havia muitas preocupações que foram se adiando ano após ano: reparações, faturas e obrigações que se acumularam e que os Alvin não foram capazes de dirigir. Parecia desfrutar das provocações que representavam para ele, mas Rosalie intuía que algo não o deixava de incomodar. Às vezes retornava depois de duros e grandes passeios a cavalo, empapado de suor e o rosto tenso de frustração. A maior parte do tempo se negava a olhá-la nos olhos, e mais, sua conversa e seus sorrisos eram fáceis, simplistas e automáticos. Sua atitude para Rosalie foi ficando a cada dia menos de amante, e mais a de um primo fictício. Parecia concentrado em apagar qualquer rastro de intimidade entre eles, não a vendo nunca a sós salvo pelas manhãs, durante poucos minutos, quando ia vê-la depois de seu passeio a cavalo para inteirar-se diligentemente por sua saúde.

Todas as noites, Mireille, Rosalie, Randall e os Alvin se sentavam juntos à mesa, já que em muitos aspetos o castelo funcionava com notável informalidade. Mas, inclusive então, Rosalie não podia falar com Randall de nada salvo de coisas banais, porque uma vez concluído o último prato, os residentes do castelo se retiravam a seus quartos às nove em ponto. Nunca tinha a oportunidade de compartilhar um momento de intimidade com ele. Para sua surpresa e desgosto, Rosalie acabou por dar-se conta de que ele preferia assim. Ela oscilava entre o ressentimento e o desejo da intimidade que tinham compartilhado, mas tudo parecia indicar que Randall não parecia sentir falta daquela estreita relação. Ao princípio ficou desconcertada, logo desesperada por conseguir sua atenção, e finalmente resignada ao fato de que não o obteria.

Apesar de sua insatisfação com os assuntos pessoais, a saúde de Rosalie melhorou rapidamente. Em um milagroso curto espaço de tempo, voltou a estar cheia de vigor, um estado que ela atribuía quase exclusivamente aos pratos de madame Alvin. Nunca antes tinha comido tão bem. Tudo era fresco e estava cuidadosamente preparado, condimentado e adornado com verduras, ervas e especiarias do jardim circundante. Havia salmão defumado misturado com sal, cravinho, anis, peru recheado de framboesa, linguado frito, carnes assadas de todas as classes. Cada refeição era precedida de uma sopa deliciosa, como a *potaje à la Monglas*, preparada com trufas e cogumelos, ou *à la Crécy*, com batata-doce... ou sopa de abóbora, a favorita de Rosalie porque se servia em uma abóbora oca e lustrada. Depois chegavam os *entremets*, que se serviam entre os pratos, pelo geral criações ligeiras como trufas assadas na brasa, creme de abacaxi

ou pequenos suflés. As sobremesas eram sempre variadas e abundantes: bolo de Orleans, suaves mingaus mesclados com bolachas trituradas, pastéis redondos de pêssego e tortas de maçã decoradas em forma de corações, toucinhos de céu feitos, camada a camada, com folhado cheio de delicadas frutas e natas.

Rosalie notou que Mireille também melhorava graças à comida e as muitas horas de sono. Era cada vez menos uma moça com uma postura forçada, e mais uma moça bagunceira e sã, cujos pés mal tocavam o chão quando corria pelo castelo e os arredores. Juntas passeavam pelos jardins e sempre tinham tema para conversar. Mas nunca falavam de Randall ou do fato óbvio de seu distanciamento. Um dia, finalmente Rosalie abordou o tema com tristeza, enquanto Mireille lhe recolhia o cabelo com forquilhas diante de sua penteadeira.

— Mireille, não vai funcionar — suspirou enquanto seus desconsolados olhos azuis se encontravam com os da moça — É inútil tentar atrair sua atenção. Daria igual se não me penteasse e me escolhesse um vestido de sarapilheira. Os sentimentos que tinha por mim em Paris desapareceram. A maneira de falar comigo e de me olhar... É absolutamente diferente de antes. *Dieu!* É tão condenadamente amável e fraternal que poderia lhe estrangular!

— Oh! Pobre mademoiselle — disse Mireille com um sorriso irônico enquanto deixava a escova e apoiava um quadril contra a mesa — Como é possível que tendo eu quinze anos e você vinte, eu seja mais adulta que você? Como não vê o que resulta tão óbvio para mim e para o resto dos que estamos aqui?

— E o que é exatamente o que vê?

— Talvez seja certo que o amor é cego... Se for assim, espero não me apaixonar nunca, porque *vraiment*, torna estúpidos os homens e as mulheres! É óbvio que monsieur vos deseja! Nem muito menos pensa em você como uma irmã... Nunca se virou rápido e surpreendeu seu olhar? Quando não o está olhando, *ma foie*, como vos devora com os olhos. — Mireille baixou a voz e foi fechar a porta. Ao retornar, Rosalie tinha a cabeça agachada.

— Que mais posso fazer? — perguntou, presa da expectativa — Escuto cada palavra que diz, sorrio e lhe toco, mas ele se afasta tão amavelmente... Deve saber como me sinto porque é perspicaz e lhe sobra experiência!

— Mademoiselle, não sei o que passou entre você e ele. Conheçoos pouco, e praticamente não sei nada dele. Mas posso dizer sem duvidá-lo que está esperando.

— Esperando? Que eu faça o quê?

— Que decida o que quer dele, e o que significa para você. Só se aproximará de você quando o tiver decidido. *C'est ça*. É muito simples.

Houve um silêncio e Rosalie levantou devagar o olhar até Mireille. A moça leu a dúvida nos olhos azuis de Rosalie, lançou um suspiro e se golpeou a cabeça com a palma da mão.

— *Voilà!* — exclamou — Já falei muito.

— Não — repôs Rosalie — nada disso. Preciso alguém que me ajude a pensar com clareza. Custa-me acreditar que Randall ainda me deseje tanto como antes.

— Vio em Paris — disse Mireille em voz baixa — quando pensava que talvez não voltaria a despertar. Ficou *fou*, e não exagero.

— *Fou?* — repetiu Rosalie, franzindo o cenho com curiosidade. Era uma palavra que não conhecia.

— Hummm...! — Mireille mordeu o lábio enquanto pensava como explicá-lo — Sim, *fou*, quando algo falha na cabeça ou o coração. Quando algo vai mal na cabeça.

— Louco! — disse Rosalie, abrindo muito os olhos enquanto olhava a pequena donzela —. Rand estava...?

— Sim. Completamente.

— Bem, eu estou *fou* agora mesmo. Porque meu coração sabe o que quero dele, e minha cabeça me dá todas as razões pelas quais estou equivocada. Desde que o conheci, meu pensamento e meus sentimentos não coincidiram, me empurrando para ele, me afastando dele.

— E lhe surpreende que seja frio com você? — assinalou Mireille.

— Sugere que me evitou para proteger-se?

— *Mais oui*.

— Então, como vou...?

— Não sou a pessoa adequada para dar conselhos — disse Mireille, enquanto ficava de pé e limpava um pó imaginário das saias.

Rosalie gemeu e apoiou a fronte nas mãos.

— O problema parece muito complicado mas é ridiculamente simples. Meu coração o quer para estar sempre com ele, mas minha cabeça me diz

que não o posso ter tanto tempo e que, portanto, seria melhor não o ter absolutamente. Por acaso não é a solução óbvia?

— Sim — respondeu Mireille, e de repente pareceu angustiada. Era uma expressão estranha em um rosto de duendezinho. Seus olhos se escureceram com lembranças de um passado breve, mas complicado, que ela se negava a confiar a alguém — Sim, não me custaria escolher a resposta, mademoiselle. A felicidade se desvanece com a mesma facilidade que o vento arrasta a folhagem. Não é sólida nem completa... Vem em pequenas doses. Saboreie enquanto possa. Não vale a pena desprezar as pequenas doses porque não poderá ter tudo.

— Sinto-o — sussurrou Rosalie — Devo parecer muito egoísta.

— Não. — De repente, o brilho desapareceu dos olhos de Mireille, que voltou a agarrar a escova para continuar arrumando à longa e brilhante cabeleira. Repentinamente mudou de tema — Esta manhã ouvi na cozinha que Jérème selou um dos cavalos para que monsieur de Berkeley fosse visitar monsieur Lefèvre, o coletor local de impostos. Deveria estar de volta ao meio dia. Se o desejar, pode vê-lo então.

— Um coletor de impostos? Acreditava que Rand se ocupara dos impostos sem pagar faz semanas, quando pôs o castelo a venda.

— Dizem que monsieur Lefèvre é um homem muito mau, um homem avaro. Depois de que monsieur de Berkeley vendeu a terra d'Angoux aos arrendatários que trabalhavam, monsieur Lefèvre subiu os impostos da terra. Mas os camponeses não podem lhe pagar mais.

— Porque faria isso Lefèvre? — perguntou-se Rosalie, franzindo o cenho — Randall me disse que os impostos sobre a terra já são mais onerosos para os camponeses do que para os ricos fazendeiros. Não se pode espremer as pedras.

— Os camponeses não têm voz. A esta distância de Paris, os homens poderosos podem fazer o que quiserem. Os povoados são seus feudos. Ontem à noite, um grupo de camponeses veio ao castelo pedir a monsieur de Berkeley que falasse com o Lefèvre em sua defesa, dado que agora ele é o homem de categoria mais alta na região e recordam sua generosidade ao lhes vender as terras a um preço tão baixo.

— Não ouvi nada.

— Já tínhamos nos retirado — disse Mireille, e sorriu com petulância — Mas eu sei tudo o que se passa aqui porque madame Alvin é uma mulher faladora. E o que não conta, Ninette ou Eleazar me dizem.

—Rand não me disse nada — comentou Rosalie, cruzando os braços e olhando-se contrariada ao espelho — Embora claro, certamente prefere que centre minha atenção em outros assuntos que adiei durante muito tempo.

Sentiu um tremor de apreensão e o sufocou em seguida.

— Mireille... Quando acabar de me pentear, preciso estar um momento a sós. Tenho que escrever uma carta e não sei quanto demorarei.

O chão estava cheio de vãs tentativas, as folhas enrugadas cada uma mais difícil de começar que a anterior. Rosalie se negou a abandonar o escritório até que o trabalho estivesse concluído. Nunca se imaginou em uma posição tão ridícula. Como poderia escrever uma carta para sua mãe perguntando se ela realmente é sua mãe? Feriria Amille com suas perguntas? Se zangaria por elas? E o que pensaria ao saber que Rosalie estava vivendo sob o amparo de um homem na França? — *Maman... Não é que tenha abandonado as regras de moralidade que tentou me ensinar* — escreveu Rosalie, desejando poder falar com Amille cara a cara em vez de lhe enviar uma mensagem forçada — *Mas, maman, nunca me disse o que fazer quando outra coisa parece mais importante. Não me deixei enganar pelo amor ou pela paixão... É que comecei a me dar conta de que a felicidade não se encontra na segurança. Tenho que me arriscar.*

Quando a carta estava acabada, dobrou e selou, a introduzindo em uma bolsa de ponto de meia que atou à cintura de seu vestido verde jade. De repente notou que dadas às horas passadas no ensolarado jardim, um leve tom rosa tinha substituído a habitual brancura de sua pele.

— Meu Deus! — disse, examinando o rosto, os braços e o peito no adornado espelho — Se não tomar cuidado, acabarei tão morena como Rand.

O sol também tinha iluminado suas faces com umas brilhantes e rosadas luas crescentes.

— A filha de Brummell — resmungou enquanto examinava o nariz para ver se também se avermelhara com o sol — Se isso for o que sou, herdei seus defeitos e nenhuma de suas virtudes.

Devagar, levou uma magra mão ao pescoço, e tocou o lugar onde o pingente dourado tinha pendido de uma fita. Sentiu um estranho calafrio ao pensar que o pai que um dia amaldiçoou por não estar vivo, poderia encontrar-se em Calais nesse mesmo momento. George Brummell, George Belleau... Se eram a mesma pessoa, como pôde ocultar-lhe Amille? —

Maman — pensou Rosalie, introduzindo os dedos na bolsa para sentir o canto da carta — *como pôde ser a preceptora de minha verdadeira mãe?* — Com um calafrio, soltou a carta e foi chamar Mireille.

Rosalie seguiu com cautela o passo rápido de Mireille para os estábulos, pois pisava em um terreno desconhecido. O estábulo cheirava a feno, cavalos, pele curtida e forragem, e observou com curiosidade o interior. Nunca tinha visto tantos compartimentos para cavalos. Inclusive com as compras recentes de Randall, só uma pequena parte deles estava ocupada. Jérème, um ruivo de dezoito anos, estava sentado em um pequeno tamborete gravando placas para as novas aquisições. Ao ver entrar as duas mulheres, ficou de pé de um salto e tirou a boina.

— Mademoiselle Berkeley — murmurou, inclinando a cabeça com respeito, e logo seus pálidos olhos castanhos se voltaram para sua acompanhante com muita familiaridade — Mireille.

— Olá — respondeu Rosalie com um meio sorriso vagamente interrogador. Era óbvio que algo tinha ocorrido entre a donzela e Jérème, posto que ela ignorou deliberadamente o moço, o narizinho altivo quando passou ao seu lado.

— Estes são os cavalos que monsieur de Berkeley comprou — informou a moça a Rosalie — São muito formosos, verdade? Este é Whisper e esta é Linnette. O compartimento vazio o ocupa Diamond, um cavalo negro que monsieur escolheu para ir visitar monsieur Lefèvre.

— Lefèvre... — Jérème se uniu à conversação com entusiasmo, fingindo que cuspiu ao chão depois do nome sair de seus lábios — Todo o povoado odeia monsieur Lefèvre. Não acredito que chegue a nenhum acordo ou trato com monsieur de Berkeley ou com ninguém mais. Lefèvre é muito...

— Monsieur de Berkeley goza de uma grande experiência em negociar com funcionários desagradáveis — disse Rosalie de modo tranquilizador, enquanto estendia o braço para acariciar o suave focinho de Whisper.

— Com todo respeito, mademoiselle, não com homens desalmados que desfrutavam roubando até o último franco de uma aldeia para encher os bolsos.

— Dirige uma grande empresa naval e negociou assiduamente com agentes de alfândegas teimosos que detestam os importadores ingleses — replicou Rosalie — Não acredito que monsieur Lefèvre represente alguma dificuldade para ele.

— Espero que tenham razão — murmurou Jérème.

Mireille tamborilou seu pequeno pé no chão com típica impaciência.

— É obvio que tem razão, idiota! Qualquer um que tenha saído deste povoado sabe que é dez vezes mais difícil negociar com um agente de alfândegas do que com um coletor de impostos falso!

Rosalie sorriu ante o ar de superioridade de sua donzela e procurou a maneira de mudar de assunto, dado que Jérème começava a mostrar sinais de sentir-se ofendido. Estalou ligeiramente a língua ao cavalo baio, mais velho, que estava ao lado de Whisper, incapaz de ler as letras imprecisas da placa.

— *Revenant* — disse Jérème.

Rosalie sorriu.

— Que significa *Fantasma*, Mireille. Eu não tentaria montá-lo até que descobramos como ganhou esse nome.

Quando Mireille se dispunha a responder, chamou-lhe a atenção um leve movimento no canto de um compartimento e saiu disparada para ele com uma exclamação de júbilo.

— Mademoiselle! Oh, venham aqui e olhem!

No compartimento, quatro gatinhos se derrubavam uns em cima dos outros, travessas bolas cinzas que davam patadas e saltavam sem cessar. De repente olhavam atentamente as visitas com olhos brilhantes e redondos.

— Que bonitos! — exclamou Rosalie, os olhos brilhando de prazer. Sem vacilar, agachou-se ao lado de Mireille, as saias infladas sobre o solo salpicado de feno e, agarrando um dos corpinhos brincalhões, acariciou a sedosa pele e descobriu as tenazes vibrações de um ronronar contra as suas palmas. De repente lhe ocorreu que seu comportamento denotava uma notável falta de aprumo. Nenhuma dama se agacharia em um estábulo nem se embeveceria com uns gatinhos, mas... Que suave era o pequeno! Que frágil e crédulo! Colocou a palma da mão sobre a sua diminuta cabeça, sorrindo ante as orelhas em miniatura e os ralos bigodes. Enquanto o segurava contra o seu pescoço, agarrando suavemente o pequeno animal, este procurou com desespero uma posição mais segura e, sem querer, arranhou-a com sua diminuta garra. Apesar disso, Rosalie não soltou o ronronante gatinho, o colocou sobre o ombro e ficou de pé ao ouvir cascos aproximando-se.

Ao chegar diante da ampla entrada do celeiro, Randall desmontou de seu enorme cavalo negro brilhante como o ébano. Os grandes e sensíveis orifícios nasais do animal tremiam em consequência da galopada, seus

flancos contraindo-se e expandindo-se com respirações profundas, enquanto os grandes e brilhantes cascos entrechocavam nervosamente contra o chão.

— Acalme-o, Jérème — disse Randall, com sua voz de barítono embora falasse suavemente.

Rosalie o olhou absorta. Quantas vezes o tinha visto com suas roupas mais caras, frio, sereno e perfeitamente bonito; entretanto, ninguém podia comparar-se com ele nesse instante, transpirando pura masculinidade por cada poro.

Tinha a sua singela camisa branca arregaçada por cima dos cotovelos, revelando pulsos e antebraços de escultura grega. A roupa se grudava ao seu corpo em zonas úmidas pelo suor, sobretudo em seu estômago plano e suas largas e sólidas costas. Enquanto Randall entregava as rédeas a Jérème, Rosalie continuou admirando sua alta figura de ombros largos, detectando as sutis mudanças operadas desde sua chegada ao castelo. Tinha recuperado o peso perdido enquanto ela esteve doente em Paris, recuperando a solidez muscular que lhe dava aquele ar de invulnerabilidade. O suor colava as calças de montar a sua pele, marcando as linhas de suas coxas, quadris e as enxutas nádegas.

O sol tinha renovado o tom de sua pele, que agora luzia um brilhante bronzeado. Porém ocorreu o inverso com seu cabelo que clareou bastante, raiado generosamente com mechas de tonalidade dourada. Caminhou com passo flexível até um poço próximo, onde se inclinou para refrescar os braços, o rosto e o pescoço. Muitos homens não gozavam de uma sã vitalidade como a sua, disse Rosalie estava certa. Teria que ter sido muda, surda e cega para não desejar-lo.

O gatinho miou em protesto porque o apertava muito, e Rosalie se apressou a soltá-lo.

Randall entrou no estábulo então, salpicando gotas em todas as direções enquanto sacudia a cabeça para se livrar do excesso de água no cabelo. Deteve-se com brutalidade ao ver Rosalie diante dele.

— Pensei ter visto alguém aqui — disse enquanto seus olhos cor avelã a percorriam devagar.

— Queria falar contigo... — começou ela, mas perdeu a voz ao ver que Randall franzia o cenho e avançava para ela.

— Tem um arranhão — disse, olhando a magra linha vermelha que danificava a suavidade nacarada de seu ombro.

— Oh! Não é nada. Agora nem o sinto — disse, estremecendo quando a mão dele passou perigosamente perto de seus seios — É de...

Mas ficou sem fala quando lhe pôs a mão na cintura. Randall se inclinou uns centímetros para ouvi-la melhor.

— O quê? — perguntou, seu fôlego frio e úmido pela água do poço.

A proximidade era tão angustiadora que Rosalie só pôde levantar a cabeça e o olhar em silêncio. Ambos ficaram tensos e quietos, enquanto uma deliciosa excitação crescia no silêncio que reinava.

— Não... não é nada — sussurrou Rose finalmente, enquanto seus olhos redondos e azuis como safiras procuravam o que se ocultava nas profundidades daquele olhar dourado.

Ele nunca a tinha desejado com tanta ânsia. Randall lhe apertou a cintura, respirou entrecortadamente e começou a dizer algo, mas nesse preciso instante ouviu passos em um compartimento próximo.

— A onipresente Mireille — exclamou irônico, e Rosalie levou a mão à face, já que tinha se esquecido completamente de sua dama de companhia e dos gatinhos — Vejo que assumiste novas cargas com as quais se ocupar — comentou Randall, de repente risonho.

Com os gatinhos carregados no avental, Mireille lhe fez uma reverência.

— *Bonjour*, monsieur. Como foi com monsieur Lefèvre?

— Muito bem. De vez em quando é possível lhe fazer encontrar a razão.

Mireille lhe dedicou um sorriso luminoso.

— Essa não é a fama que tem, monsieur. Deve ser um notável competidor para o fazer mudar de opinião em assuntos relacionados com o bolso.

— Não me surpreende — disse Rosalie com naturalidade — Nunca é agradável lutar com monsieur de Berkeley.

Randall sorriu. A contragosto retirou a mão da sua cintura e se afastou para pôr a distância necessária entre eles.

— Queria falar comigo? — perguntou.

Rosalie assentiu, apalpando a parte superior de sua bolsa.

— Sim. — Devagar, tirou a carta e a entregou — Queria te dar isto. Poderia... Te importaria enviá-la o mais rápido possível?

Houve um longo silencio enquanto Randall lia o endereço do destinatário. Logo seus olhos pousaram nela pensativos, entreabrindo-se ligeiramente enquanto decifrava a combinação de emoções que buliam atrás

de suas delicadas feições. Os olhos de Rosalie brilhavam de desejo frustrado, seus lábios sorrindo tremulamente.

— É hora de ser mais honesta — sussurrou — Eu gostaria de começar com esta carta. E gostaria de ser mais franca contigo.

Queria dizer mais coisas, mas não se atrevia com Mireille ali.

— Mireille — disse Randall, ainda olhando Rosalie — porque não vais procurar a mãe dos gatinhos? — Sua voz soou rouca ao acrescentar — Demore o quanto precisar. E se voltar Jérème com *Diamond*, lhe diga que passeie com o cavalo outros dez minutos.

— *Oui, monsieur* — murmurou Mireille obediente, e partiu apressada com um sorriso mal dissimulado.

Randall sorriu, relaxando-se enquanto olhava Rosalie.

— Não é necessário que se vá — disse Rosalie, experimentando um leve desconforto ao dar-se conta de que se achava sozinha com ele pela primeira vez no que pareciam semanas — Disse tudo o que queria dizer.

— Para o que tenho em mente — disse Randall, obrigando-a a retroceder até um canto do estábulo — suponho que preferiria um pouco de intimidade.

Ela começou a gaguejar, ruborizada enquanto ele a tomava em seus braços e se inclinava para beijá-la na boca. Seus braços a rodearam para protegê-la das duras vigas da parede. Ela sentiu a força daquele corpo masculino contra o seu... Um grande corpo que poderia esmagá-la facilmente, todo seu poder estava controlado. Abriu a boca para o receber, ansiando saboreá-lo, ébria de repente ao sentir o contato de sua língua. Lançando um pequeno gemido de protesto quando ele elevou a cabeça, Rosalie lhe rodeou o pescoço com os braços, ficando nas pontas dos pés para afundar a cabeça em seu quente pescoço. Amava-o. Não podia resistir a seu contato nem a seu irrefreável desejo de agrada-lo, de acariciá-lo meigamente.

— Minha doce Rose — sussurrou Randall, e riu entrecortadamente ao sentir a boca ofegante dela contra sua pele — Espera um momento... Não faça isso. Deus, é tão pequena...

Encaixou o pé em um tamborete e o arrastou até o canto, pondo-a em cima com um fácil movimento. Agora tinham os olhos ao mesmo nível. Rosalie o abraçou quando sentiu cambalear o diminuto tamborete.

— Cairei — murmurou, e ele sacudiu a cabeça ligeiramente enquanto lhe segurava as costas.

— Não, se te abraçares a mim.

Ela permaneceu quieta, apoiando-se nele enquanto aceitava o jogo amoroso de sua boca. Ele se apoderou de seu lábio superior com suavidade, logo do inferior, provando as comissuras, afundando neles de uma maneira suave e conhecedora que fez tremer os joelhos dela. Beijou-a uma e outra vez, beijos leves e escrutinadores, os dedos revolvendo em seus cabelos e segurando a nuca para colocar a cabeça em posição. Ela adorava estar em seus braços. Deleitou-se com o sabor de sua pele, deixou que os dedos percorressem seu cabelo úmido, sentiu o ruído surdo dos batimentos de seu coração contra seus peitos e pensou que daria a vida em troca de que ele a possuísse embora só uma vez mais. Randall deslizou uma mão sob o sutiã do vestido, abrangendo seu seio. Enquanto o suave mamilo respondia ao contato contraindo-se, Rosalie aspirou uma baforada de ar, mais que necessário, enquanto sua mente era arrastada por uma onda de prazer.

De repente, consciente de que era possível que alguém entrasse e os visse, Rosalie afastou a boca e lutou por tirar aquela mão de seu peito.

— Rand — disse ofegando — e se entrar alguém e te vê fazendo amor com sua pequena prima da Inglaterra?

— Não é tão estranho que os primos mantenham relações amorosas — respondeu Randall, ignorando a revoadada de suas mãos enquanto monopolizava seu seio mais possessivamente — um pouco escandaloso, talvez.

— Mas se fosse de verdade sua prima — ofegou Rosalie — mostraria mais consideração por mim e não faria isto comigo em um estábulo?

Enquanto tentava pela última vez retirar a mão de seu seio, a banqueta se cambaleou perigosamente e ela se abraçou mais fortemente a ele.

— Rand, vou quebrar o pescoço! Rand...! — Seus protestos começaram a apagar-se quando os lábios dele tocaram os seus com delicadeza, a ligeira pressão muito mais erótica do que poderia ter sido um beijo apaixonado — E se alguém nos vir. — Murmurou em vão, fechando os olhos. A boca dele era cálida e doce e, enquanto a beijava uma vez mais, Rosalie se esqueceu de tudo salvo dos movimentos daqueles lábios embriagadores.

— Deixou-me louco por te olhar estas últimas semanas — disse Randall, sua boca descendo para o diminuto arranhão em seu ombro. A carícia, leve como uma pena, suavizou sua pele, deixando o comichão de uma linha úmida enquanto ele se aproximava da base da garganta — Tão impecável, tão imaculada, com o cabelo tão bem penteado... Te desejei muito...

Sua mão levantou sua fina saia, e deslizou por baixo para encontrar os suaves contornos de seu quadril, a tersa redondez de suas nádegas. A delicada roupa interior não foi nenhuma barreira à mão invasora. Impaciente, Randall a afastou a um lado, resolvido a alcançar a carne nua e trêmula que palpitava debaixo.

— Rand! — ofegou ela, abrindo os olhos para lançar um olhar vigilante ao estábulo. Toda a cena parecia um pouco torcida, ligeiramente imprecisa — E se alguém...?

Ele afundou sua boca entre seus seios, e seu quente fôlego acariciou a pele. Ela suspirou, jogando a cabeça para trás enquanto sentia como os sensíveis dedos se deslizavam entre suas coxas em uma lenta e sedosa carícia. Sentia o corpo leve e sem peso, seguro por aqueles braços possessivos. Ele a acariciou suavemente, calibrando sua resposta e concentrando-se nos diminutos nervos que se relaxavam e expandiam com o prazer.

— Rose, preciso de você... — murmurou, e ao tocar a suave umidade de sua delicada pele, Randall gemeu como se sentisse dor.

Rosalie se arqueou contra ele, o rosto ruborizado enquanto o pulso se acelerava.

— Não sabia... se ainda me desejava — murmurou ela, os lábios separados enquanto lhe roubava outro apaixonado beijo; sensações deliciosas a envolveram, tão ardorosas que encheram seu ávido desejo.

— Não te desejar? — repetiu Randall suavemente, e seus lábios acariciaram a incrível suavidade de seu queixo — Tontinha... Já te disse uma vez que é minha. Sim, desejo-te... Quero-te sentir muito perto de mim, quero que me receba, que seus braços me rodeiem o pescoço. Quero que quando me olhar seus olhos tenham uma expressão diferente de quando olhar a outros... Quero que venha para mim para tudo o que necessite, consolo, ajuda, prazer...

— Já o faço — sussurrou, e os travessos movimentos de seus dedos se detiveram enquanto inspirava e os olhos verdes dourados se fundiam com os seus — Por favor... Não pare — gemeu enquanto se sentia como uma corda tensa que finalmente começa a afrouxar-se.

Randall a aproximou ainda mais.

— Não o farei, amor... Sei exatamente do que necessita.

De repente, um grito feminino interrompeu o apaixonado encontro.

— Mireille! — exclamou Rosalie, repentinamente assustada.

O desejo se apagou e rapidamente Randall lhe colocou a roupa no lugar e a desceu do tamborete. Uma atitude alerta substituiu o brilho de seus olhos e lhe lançou um olhar de advertência.

— Fique aqui — disse, e saiu do estábulo com passo rápido.

Capítulo 11

*O amor me deu as boas-vindas,
Mas minha alma retrocedeu,
Culpado de pó e pecado.
Mas o amor irrefletido, contemplando minha crescente debilidade,
Desde meu primeiro encantamento
aproximou-se mais de mim, inquirindo docemente
Se carecia de algo.*

George Herbert

Mireille tinha a mão apoiada no coração, as infantis curvas de seus seios agitando-se acima e abaixo enquanto se esforçava por recuperar o fôlego. De pé, diante dela, achava-se um jovem alto e magro de uns vinte e tantos anos, com roupa muito desgastada, que transportava um saco ao ombro. Mireille deu uma sacudida ao aproximar-se Randall, e um pequeno sorriso se desenhou em seus lábios.

— Sinto muito, monsieur, não é nada... Este é Guillaume Germain, meu irmão. Deu-me um susto, nada mais...

Randall observou o jovem com receio, dado que era óbvio que algo não estava bem. Os olhos de Mireille estavam arrasados em lágrimas e respirava entrecortadamente, não de surpresa, mas sim de ansiedade. O jovem sorriu como se não acontecesse nada, estendendo a mão a modo de saudação.

— Encantado por conhecê-lo, monsieur de Berkeley. Vejo que minha irmã mais nova continua tão parva como de costume, assustando-se com as sombras.

— O que faz aqui? — perguntou Randall com secura, ignorando a mão estendida.

— Vim à procura de Mira. Retornei ao hotel de Paris depois de procurar trabalho, e só encontrei uma nota explicando onde tinha ido. *Naturellement*, tinha que comprovar se, se encontrava bem... Um pequeno doce como Mira é um alvo excelente para homens sem escrúpulos.

— E sabendo isso, porque a deixou sozinha e desapareceu durante semanas? — repôs Randall.

— Um homem deve trabalhar para comer — assinalou Guillaume, encolhendo ligeiramente os ombros. Então seus olhos se fixaram em uma figura que passou por detrás de Randall, e guardou silêncio.

Ao virar-se, Randall viu que Rosalie tinha desobedecido suas ordens e o tinha seguido para fora do estábulo para ver o que ocorria. Inclusive apesar de sua exasperação interna, Randall teve que admitir que estava extraordinariamente deliciosa nesse momento, os olhos azuis cheios de curiosidade, os lábios inflamados por seus beijos, alguns cachos escapando do meticuloso penteado roçando sua pele perfeita.

— Mademoiselle — disse Mireille — este é Guillaume.

— Olá — disse Rosalie, aproximando-se ao lado de Randall enquanto observava o desconhecido com interesse. Pareceu-lhe estranho que Mireille não contemplasse o recém-chegado com mero afeto fraternal. As bochechas da moça estavam pálidas, e os olhos, tão escuros que pareciam quase negros.

O olhar de Guillaume se cruzou com o de Rosalie e esboçou um sorriso encantador e contagioso, os dentes brancos e os olhos brilhantes. Guillaume Germain era um homem muito atraente e parecia absolutamente consciente disso.

Seu rosto parecia esculpido com deliciosa atenção aos detalhes, às curvas da boca, os filamentos das sobrancelhas em perfeita ordem. Tal como Mireille, tinha olhos castanho escuros e aveludados, e o cabelo tão negro como asa de corvo. Era alto, tinha uma pose de lânguida graça, o corpo enxuto e magro. Também parecia possuir o encanto despreocupado de Mireille, e o brilho de seus olhos e a luminosidade de seu sorriso eram tremendamente atrativos. Porque, então, só podia olhar aquele jovem atrativo de uma forma objetiva e desinteressada? Porque seu aspecto não exercia nela o poderoso afeto que exercia o de Randall?

Sucumbindo a uma básica curiosidade feminina, Rosalie comparou em silêncio os dois homens. Embora medissem quase o mesmo, diferenciavam-se como o dia e a noite. A forma e rosto agradáveis de Guillaume não tinham comparação frente à potência física de Randall. Nada se podia comparar com seu corpo ágil e magro, os ombros quadrados, os cabelos dourado escuro, a pele brunida, os olhos cor amêndoa que podiam dançar de regozijo ou brilhar de mau humor. Era-lhe frustrante e excitante, e necessitaria toda uma vida para o compreender completamente... Além disso, só com Randall dançar uma valsa se convertia em pura magia, só ele

sabia como deixá-la louca de paixão, só ele se atrevia a controlá-la em um momento, e a provocá-la e mimá-la com descaramento no seguinte. Sempre preferiria Randall, deu-se conta, não importa com quem o comparasse.

Seus olhares se cruzaram e Rosalie viu que ele se precaveu de sua inspeção a Guillaume. Um brilho de ciúmes dançou em seu olhar, que escondeu habilmente.

— Esta não é a classe de boas-vindas que tinha imaginado — comentou Guillaume a Rosalie — Eu só queria...

— Tem por costume vagar pelas terras de outro homem sem ter sido convidado? — perguntou Randall sem rodeios — Se for assim, não esperaria boas-vindas muito entusiastas.

Olhou Rosalie uma vez mais, e quando percebeu que ela não sentia nenhum interesse por Guillaume, sua expressão se tornou menos cautelosa.

— Raramente embarco em uma situação sem havê-la analisado antes — replicou o jovem, o olhar direto e franco — Não sabia com que classe de gente estava Mira, nem em que situação se encontrava.

— Como pode ver, está contente — disse Randall, e Mireille assentiu com ansiedade.

Se a situação tivesse sido menos séria, Rosalie teria soltado uma gargalhada, já que naquele momento Mireille parecia tudo menos contente.

— Agora que aclaraste tua preocupação — prosseguiu Randall — há algo mais que queira perguntar?

— Pois sim. Vejo-me obrigado a lhe pedir um favor.

— Imaginava.

— Gastei todo meu dinheiro para vir aqui em busca de Mira. Não tenho nada que comer nem lugar onde dormir.

— Umas circunstâncias pouco invejáveis.

— É que um irmão deveria padecer por seus sentimentos por sua irmã? Certamente não julgariam com severidade um homem por isso. E parece que há vários usos para outro par de mãos neste castelo. Sua propriedade é impressionante, mas seu estado poderia melhorar — disse Guillaume com cuidado, e seu sorriso se apagou ao compreender que tentar despertar a simpatia de Randall era como tentar derrubar um muro de pedra com uma colher.

— Agradeço sua opinião — respondeu Randall, enquanto seu translúcido olhar se voltava para Mireille para avaliar sua reação ante o giro da

conversa. A moça parecia conter a respiração, e tinha uma expressão inquieta — No entanto, recebo toda a ajuda que necessito da aldeia.

— Da aldeia? — repetiu Guillaume — Uma excelente fonte de mão de obra não qualificada, sem dúvida. Mas para algumas das tarefas a realizar aqui, meu talento seria mais eficaz. Como diria um espadachim, por que utilizar os punhos quando tem à sua disposição a precisão do florete?

— Sabe manejar a espada? — perguntou Randall.

— Sei manejar muitas coisas.

— Incluídos os cavalos?

— Posso fazer qualquer coisa, monsieur.

De repente, os olhos de Randall brilharam com leves faíscas de regozijo e seus lábios se franziram em um meio sorriso.

— Conforme parece, uma habilidade comum entre os membros de sua família, Germain. — Olhou Rosalie com ar malicioso — Qual é sua opinião sobre este assunto, minha pequena e desobediente amiga?

Por seu tom, Rosalie deduziu que ganhara sua desaprovação lhe haver seguido para fora do estábulo. Escolheu cuidadosamente as palavras, desejando ter ficado onde lhe havia dito.

— A julgar por seu presente humor, fará o oposto do que eu diga — respondeu — Penso que ficarei em silêncio.

— Mireille? — perguntou Randall, oferecendo à moça uma oportunidade de dar sua opinião, mas ela encolheu os ombros sem deixar de olhar o chão.

— O que você diga, monsieur — murmurou.

— Então, Guillaume, dado que não tem aversão a trabalhar nos estábulos, pode ficar. Mireille o acompanhará aos jardins para ver monsieur Alvin... Discute com ele à questão de suas responsabilidades e seu soldo. Dado que está envelhecendo, imagino que te pedirá de vez em quando ajuda nos trabalhos de jardinagem.

— Obrigado. Agradeço-lhe sua bondade, monsieur — disse Guillaume com um sorriso de alívio.

Mireille lhe indicou o caminho para os jardins, sua cabeça ainda agachada em atitude de dúvida.

Quando o casal se achava a uma boa distância, Rosalie se voltou para Randall com expressão de ligeira perplexidade.

— Não é estranho como...?

— Quando — a interrompeu ele, agarrando-a pelo braço mais forte do que era devido — vais começar a escutar o que te digo?

— Sempre te escuto — replicou Rosalie, dando um leve empurrão e fazendo um pequeno esforço por soltar-se.

— Mas raramente obedece.

— Não sou uma criada — respondeu à defensiva — que tenha que saltar cada vez que...

— Minha doce Rose — aduziu ele com uma mescla de cansaço e desagrado, soltando-a —. Não te disse que ficasse nos estábulos para satisfazer uma pequena fantasia de déspota. Costuma haver uma razão por trás do que faço e digo, neste caso, sua segurança.

Em um instante se extinguiu a faísca de rebelião em Rosalie. A frieza de Randall a envolveu sutilmente, lhe provocando um súbito pesar.

— Não ignorei sua petição por maldade — esclareceu com fria naturalidade — Te segui impulsivamente.

Colocou-se diante dele com a cabeça encurvada, e os olhos de Randall a acariciaram afetuosamente. De repente, desejou tomá-la em seus braços e lhe dizer que não tinha feito nada errado, que compreendia sua impulsividade e que podia fazer o que quisesse quando quisesse. Mas se reprimiu, reprovando-se que as emoções governassem sua mente em tudo o relacionado com ela. Era necessário fazê-la compreender quão importante era o assunto. Os acontecimentos de Paris ainda lhe davam voltas na cabeça, e estava decidido a não permitir que ninguém voltasse a lhe fazer mal.

— Preferiria te dar absoluta liberdade — disse amavelmente — Mas se for preciso, te a encerrarei até que decidas confiar em mim.

— Confio em ti — sussurrou ela.

Olhou seus olhos e percebeu como podia ver sua alma, e se sentiu atraída para ele de uma maneira além das palavras.

— Bem. — Randall abandonou o tema e, tragando com dificuldade, voltou-se para retornar ao castelo — Te acompanharei. É quase a hora do *déjeuner*, e tenho fome.

Rosalie assentiu e se agarrou ao seu braço obedientemente, com os lábios bem apertados enquanto algumas perguntas, poucas, mas importantes, iam até à sua mente. E tudo o que tinha ocorrido no estábulo antes que os tivessem interrompido? Randall parecia havê-lo esquecido, mas ela certamente não. Sentia o corpo vazio e sensível de desejo insatisfeito. Tinha Randall à intenção de continuar de onde tinham parado? Se ainda a

desejava, porque não faziam o amor? Não havia nada no mundo que o impedisse de ir a seu leito essa noite, ela menos que ninguém.

— O notário e o vigário desejam lhe fazer uma visita esta tarde à última hora, monsieur de Berkeley — informou Ninette diligentemente, lhe entregando os cartões de visita em uma bandeja de prata — Amanhã há também outras pessoas que desejam lhes expressar sua gratidão e lhe agradecer.

— Expressar sua gratidão? — repetiu Guillaume, que tinha entrado no salão para beber outro copo de limonada.

Tinha trabalhado com diligência toda a manhã nos jardins franceses e chineses, cavando e cobrindo a terra com húmus, lavando figuras de porcelana e limpando os arreates de areia colorida que bordejavam os atalhos do jardim. Seus cabelos negros se colavam, úmidos, à sua cabeça, os olhos castanhos rodeados por largas pestanas úmidas. Um ligeiro indício de cor devida ao sol iluminava suas bochechas e a ponte do nariz, aumentando seu atrativo.

Enquanto Rosalie sorria e lhe oferecia um refresco em um copo alto, o sorriso de Guillaume se desvaneceu.

— Obrigado — disse, seu vigoroso encanto substituído por uma delicadeza incomum.

Rosalie parecia exercer esse efeito em todo mundo, comentaria depois a Mireille. Não só o sentia ele, pois também tinha notado que o temperamento furioso de Randall se acalmava com umas quantas palavras amáveis dela e com seu sorriso. Ninguém deixava passar a oportunidade de lhe fazer o menor favor. E se tornou cada vez mais óbvio que a pequena comunidade do castelo revoava ao seu redor. Talvez tivesse a ver com sua intrínseca doçura, ou com sua beleza e aqueles extraordinários olhos azuis que brilhavam quase com um tom violeta. Inclusive Jean-David, o velho mal-humorado que tinha começado a trabalhar como mordomo, parecia ter caído sob seu encanto. — *Essa — dizia quando a via — é uma sereia. Uma criatura que podia rir como uma criança, cantar como um anjo e amar como uma mulher.*

Rosalie se achava sentada graciosamente em uma poltrona estofada, quando recebeu um punhado de cartões de visita. Depois de dedicar um amável sorriso a Ninette, olhou—os um por um.

— Não só o notário e o vigário — disse olhando os cartões de bordas douradas — mas também dois banqueiros, um médico, uma vintena de pequenos latifundiários, e alguns membros da *noblesse*. E uma coleção de esposas e filhas, que desejam felicitar a monsieur de Berkeley por sua contribuição à manutenção do bem-estar público.

— Seriamente? — disse Guillaume, olhando Randall com interesse — Diga, como conseguiu semelhante popularidade?

— Falou em defesa dos aldeãos — explicou Rosalie, adiantando-se a Randall — com monsieur Lefèvre, um safado que tentou subir os impostos aos pequenos latifundiários, privar aos famintos de comida e exaurir dinheiro de quem mais o necessita...

— Para abreviar — atalhou Randall ironicamente, sorrindo a contra gosto ante o entusiástico resumo de Rosalie — fui canonizado por haver me reunido dez minutos com um coletor de impostos desavergonhado.

— O frustrante — continuou explicando Rosalie — é que não contou a ninguém o que disse exatamente a Lefèvre.

— Não vale a pena repeti-lo quando há pessoas de ambos os sexos presente — murmurou Randall.

— No entanto te tornaste extremamente popular — insistiu Rosalie com picardia — e tenho intenção de me aproveitar disso desfrutando da companhia de nossas visitas.

— Não sei se está recuperada para receber visitas — disse Randall pensativamente. Por um instante, Rosalie não soube se brincava.

— Recuperada? Você mais que ninguém... — começou, mas se deteve ao dar-se conta do que ia dizer: — *Você mais que ninguém sabe quão bem estou* — Suas lembranças voaram a aqueles momentos de paixão no estábulo, ela com as saias levantadas até a cintura, sacudida pela excitação e o medo de serem descobertos, uma euforia crescente que não podia frear: a absoluta felicidade que tinha embargado suas vísceras depois do primeiro desespero febril, a pesada frouxidão que tinha invadido seu corpo, as línguas medindo e explorando, a calidez da mão de Randall em seu quadril, o polegar que estimulava sua sensibilidade até... — *Basta!* — repreendeu-se, assombrada de seus despudorados pensamentos. As faces coraram ao encontrar seus olhares.

Randall a olhou fixamente, enquanto esboçava um lento sorriso, como se soubesse exatamente o que ela estava pensando. — *É perverso* — pensou

incômoda, e tratou de ocultar sua agitação bebendo um gole apressado de limonada, enquanto Guillaume observava tudo com interesse.

— Não acredito que a mademoiselle cansem algumas visitas — replicou Mireille no meio do silêncio, e Randall liberou Rosalie de seu penetrante olhar para dirigi-lor à moça.

— Então, nos guiando por sua opinião, deixaremos que Rosalie desfrute de sua companhia esta noite — cedeu — Não obstante, minha predição é que Rosalie se aborrecerá mortalmente.

Ela franziu ligeiramente o cenho, perguntando-se o que teria querido dizer.

Mireille se apressou a interrompê-los para evitar o nascimento de uma discussão, dado que começava a conhecê-lo o suficiente.

— Ouvi que correm alguns rumores a respeito de mademoiselle na comunidade. Lhes desperta muita curiosidade.

— Provavelmente — disse Rosalie, de repente com uma risada contagiosa que fez sorrir inclusive a Randall — acreditarão que monsieur de Berkeley tem uma mulher, uma velha bruxa louca, trancada no sótão.

— Ou um tesouro — observou Randall — que deseja guardar ciumentamente.

As faces dela se coloriram ainda mais enquanto dirigia o olhar ao copo de limonada.

Como Randall havia predito, a ronda de visitas perdeu rapidamente seu atrativo para Rosalie. Apresentada às visitas como a prima mais jovem e de bom berço de monsieur de Berkeley, viu-se obrigada segundo o costume a entreter as esposas, filhas e demais mulheres enquanto Randall recebia os homens em um cômodo, separado, mas adjacente, para falar de política e assuntos de interesse variado.

— Acredito — disse Rosalie depois da terceira repetição do serão — que deveríamos quebrar a tradição e conversar todos juntos, homens e mulheres, tal como fazem em Paris.

Achavam-se sozinhos no salão das visitas. Mireille tinha desaparecido convenientemente depois de partir o último convidado.

— Isto não é Paris, *petite* — disse Randall, entre divertido e compreensivo — Nos achamos em uma pequena região do país, onde os costumes demoraram centenas de anos em desenvolver-se. Devo entender, pois, que não desfruta com a separação dos sexos?

— Não quando o meu é tão aborrecido!

Randall lançou uma gargalhada. Os olhos lhe brilhavam.

— Nunca tinha pensado nisso, *petite*.

— Que o céu me ajude — acrescentou Rosalie — depois do que aconteceu em Paris, nunca pensei que desejaria voltar, mas se isto não mudar, voltarei ainda que seja caminhando. Aqui as mulheres têm a cabeça tão oca, que só sabem falar de como levar a casa, como obter que os criados trabalhem mais, o que se deve tomar no café da manhã em um dia particularmente caloroso... E as que sabem ler, pensam que perderiam o tempo olhando o jornal semanal ou inclusive algo escrito por Molière? Não; leem as páginas da moda para poder animar a conversação com informação sobre o novo estilo de chapéus ou penteados.

— *Pauvre* Rose — disse ele — te convidaria encantado a nossas reuniões, mas acredito que sua presença os coibiria. A mim não, é obvio...

— Sei — disse ela, cruzando os braços e caminhando de um lado a outro enquanto Randall se apoiava no suporte da chaminé e a observava indolente — Ao menos não te incomoda que tome a liberdade de dizer o que penso. Mas se essas mulheres são tão parvas que têm que estar em uma sala separada com sua insossa conversação, duvido que se atrevam a contradizer aos homens em nada do que digam!

— Se esperas que te convide ao salão dos homens quando receber os Huraults amanhã pela tarde — a informou Randall sem rodeios — suas esperanças são em vão. Abandonaremos a França antes do outono, de modo que nossa estadia aqui não será o bastante longa para justificar a ruptura de uma tradição de duzentos anos. Portanto, enquanto avança o verão, pode esperar te converter em uma perita em chapéus femininos.

— E você pode esperar — repôs ela sem alterar-se — que para o final do verão, minha conversação seja a de uma menina.

Randall tratou de manter-se sério, sem consegui-lo.

— A maioria dos homens prefere a suas mulheres assim — assinalou.

— Mas você não — contra-atacou ela, esboçando um sorriso malicioso que evocou ligeiramente o dele — Você não, Rand... tem muito pouca paciência com os simples.

— Conhece-me muito bem — disse ele com tom ligeiramente zombador.

Em vez de perder tempo tentando decifrar o que tinha querido dizer, Rosalie suspirou e se encaminhou para as escadas.

— Boa noite, Rand.

— Boa noite — respondeu ele, apoiando seu largo ombro mais firmemente contra a parede e sorrindo de uma maneira estranha e sutilmente mordaz enquanto a via afastar-se.

Nos dias que se seguiram, Rosalie aguentou as visitas que receberam e as visitas que devolveram, e foi descobrindo pouco a pouco que, embora não fossem intelectualmente estimulantes, era-lhe possível desfrutar da companhia de outras pessoas. Ela e Randall com Mireille e madame Alvin fielmente atrás, assistiram a cafés da manhã e pequenas veladas, amenizadas ocasionalmente com músicos competentes. Às vezes havia deliciosos cantores aos que escutar, e todos participavam da criação musical, elevando suas vozes ao céu com uma variedade de resultados. Randall ainda se fez mais querido na comunidade ao caçar um javali em uma montaria com vários cavalheiros do campo, e as enormes e sangrentas presas do animal foram admiradas como se fossem de ouro. Ele riu quando Rosalie estremeceu ante a vivida descrição da caçada feita por Guillaume. Este o tinha acompanhado com entusiasmo, e não exagerou um ápice ao contar a história.

A princípio, a Rosalie surpreendeu-se um pouco que Randall decidisse levar Guillaume à caçada. Entretanto, depois de pensar nisso, decidiu que não seria inesperado que nascesse uma amizade entre os dois homens. Afinal, Randall gostava de qualquer um que não se deixasse intimidar facilmente e, nesse sentido, Guillaume destacava notavelmente. Preparado para participar de qualquer empreitada ou aventura, por mais insensata que fosse, Guillaume gostava das fanfarronadas e fazer honra a elas. Sua vida tinha sido tão variada como podia sê-lo a vida de um homem, arrastando Mireille em mais da metade de suas correrias. Não estava acostumado a dar mais que informação superficial sobre as coisas que tinha feito ou visto, nem permitia que Mireille falasse muito do passado. Para não cair em recriminações contra si mesmo, explicava, e embora o dissesse com tom pícaro, havia algo mais atrás de suas palavras. Guillaume gostava de viver de seu engenho, e se isso falhava, de sua espada, que guardava bem polida e flexível graças à prática frequente. Todos os dias se exercitava no jardim de madrugada, quando as sombras meio envolviam o chão e o dia ainda não tinha começado. E, por acaso, esse era também o momento em que ao Randall gostava de montar a cavalo.

Uma manhã, Randall divisou com interesse as resplandecentes sombras de uma espada cortando o ar, refreou *Diamond* e permaneceu em sua sela

observando com os olhos entrecerrados e em silêncio. Guillaume manjava a espada com a destreza de um bom espadachim, com escasso treinamento clássico, mas muita experiência prática. Seus joelhos eram flexíveis e seus movimentos, rápidos como o raio, uma combinação que certamente o tinha ajudado a sobreviver em numerosas ocasiões apesar do incorreto da postura. Uma e outra vez praticava cutiladas e estocadas, enquanto o aço refulgia à crescente luz do amanhecer. Pouco a pouco, seus movimentos se tornaram um pouco mais lentos ao dar-se conta de que o observavam. Virou-se para encontrar-se com os olhos de Randall.

— Espero por seu próprio bem que seus combates sejam sempre tão desiguais como este — disse Randall sorrindo.

Guillaume sorriu de orelha a orelha, agitando no ar a ponta protegida de sua espada.

— Desiguais é como os prefiro, monsieur.

— Posso te fazer uma sugestão, com respeito por suas consideráveis habilidades?

— Monsieur de Berkeley — respondeu Guillaume gravemente, seus olhos brilhando — houve e seguirá havendo ocasiões nas quais minha vida dependerá de minha habilidade com a espada. Todas as sugestões são bem-vindas e aceitas com a maior das gratidões. Eu não gosto de brincar com minha vida... Não é uma posse valiosa para mim, mas sim para outros.

— Apresenta um alvo desnecessariamente amplo para seu opositor — disse Randall, desmontando e atando as rédeas de *Diamond* a um frágil ramo — Na última combinação, sua guarda era tão ampla que o poderiam ter trespassado sem dificuldade depois de fazer uma dupla finta. Se torcer o corpo um pouco mais a este lado... Te ferir será não só difícil mas também quase impossível.

— Diabos! — exclamou Guillaume agradecido, olhando Randall de forma especulativo — Só tenho uma espada para praticar, monsieur. Mas se pudesse conseguir uma e não lhe importasse manter um assalto...

— Soa como uma interessante possibilidade — admitiu Randall.

Em Londres, tinha fama de excelente atirador, mas sobressaía também como espadachim, dado que se tinha adestrado em sua adolescência e juventude até aprender a defender-se e sair de forma graciosa de uma situação difícil.

— Confio em que o considere — replicou o jovem com sinceridade — Como lhe disse, tenho uma grande necessidade de aprender.

— Me diga — perguntou Randall, o cenho ligeiramente franzido — Se viu Mireille exposta frequentemente a situações nas quais você...?

— Só duas ou três vezes em sua vida — respondeu Guillaume — Só quando foi absolutamente necessário. Eu não gosto de deixá-la exposta à brutalidade nem à violência. — E acrescentou — Já se viu obrigada a ver muito quando era uma menina pequena. Nossa mãe era uma prostituta.

Disse-o com total naturalidade, da mesma maneira que poderia haver dito — *nossa mãe era ruiva* — ou — *a nossa mãe gostava da aveia açucarada*. Randall sorriu interiormente, já que ele tinha razões para dizer o mesmo de Hélène Marguerite em muitos sentidos. Havia diferentes classes de prostitutas, só que algumas eram mais hipócritas que outras.

— Os dois, Mira e eu — prosseguiu Guillaume — parecemo-nos com ela, apesar de que não tivemos o mesmo pai. Agora está morta... A pegaram prestando seus serviços em um esconderijo cheio de soldados inimigos em 1812. Foi então quando tomei Mira sob minha proteção... Por mais duvidosa que esta possa ser. Nunca a abandonei por completo, embora Deus saiba que teve que aprender a cuidar de si mesma. — Guillaume sorriu com suas lembranças — A vi pela primeira vez quando ainda não tinha completado doze anos, feito uma fúria em um canto porque lhe haviam dito que teria que começar a atender as necessidades dos clientes para saldar a dívida que minha mãe tinha deixado.

Randall tentou imaginar Mireille aos doze anos. Se era pequenina e delicada aos quinze, como é possível que alguém tivesse sugerido que podia tomar a um homem feito entre seus quadris e sobreviver à primeira noite? Guillaume leu a reflexão em seus olhos e voltou a sorrir, embora esta vez com menos gosto.

— Clientes femininas — esclareceu — Ao menos essa era a intenção... Mas a Mira não lhe atraía nada.

— Exteriormente não parece que o passado a tivesse afetado — disse Randall, enquanto agarrava a espada de Guillaume e a brandia distraidamente.

— Não pense que não recorda até o último detalhe. Tem uma mente como uma esponja, recorda tudo, em particular as coisas que não quer que saiba. É como uma gatinha que aparece nos cantos para ver o que há. E o pior é que quanto mais velha se faz, piores são os arranhões.

— Não o duvido — disse Randall, movendo a cabeça — Não o duvido absolutamente.

Rosalie e Mireille tinham passado a manhã modificando um fino vestido de cambraia de Rosalie. O tempo tinha sido consistentemente quente e seco nos últimos dias e prometia continuar da mesma maneira. Isso, e o fato de que Randall viajou a Havre tinham sido a causa de que Rosalie dormisse mal. Saber que essa noite dormiria no Lothaire, tão longe do castelo... Tão longe de ... Lhe causava uma leve depressão que se abatia sobre ela como uma nuvem. No momento de partir, depois de lhe dar um beijo superficial na fronte, criou-se um grande vazio em seu mundo que não se encheria até a volta dele. Durante os dias que Randall esteve fora, Rosalie se esforçou por manter a mente ocupada. Depois de interessar-se pelo estado da roupa de verão de Mireille, dado que parecia que não tinha nada mais vaporoso que um vestido com mangas até os cotovelos, horrorizou-se ao descobrir o limitado guarda-roupa da donzela. Não dispunha de nada adequado para um clima quente, exceto um vestido castanho velho e remendado.

Desgraçadamente, uma vez finalizada a árdua tarefa de conseguir que Mireille aceitasse o presente, a transformação do vestido se converteu em outra tarefa enorme. Não se limitava a uma questão de subir a prega e colocar o corpete. Foi necessário refazer toda a peça para que se adaptasse às pequenas dimensões da moça. Após horas de costurar e cortar conscientemente, cuidadosas provas e muitas exclamações frustradas, ficou pronto.

Decidiram dar um passeio para estirar os membros contraídos. Rosalie não sentiu satisfação consigo mesma ao ver como Mireille passeava com cuidado pelo jardim, recolhendo a prega do vestido de renda e cambraia cada vez que um grão de areia se cruzava em seu caminho. Perguntou-se quanto tempo fazia que a jovem não tinha um vestido novo, mas se absteve de mencioná-lo por respeito a Mireille. Ao aproximar-se de um maciço de rosas *Gloire de Dijon*, chegou a seus ouvidos o som de tesouras podando e cortando. Ao outro lado do maciço encontraram Guillaume, que as saudou com um leve sorriso e logo aceitou encantado ao convite de reunir-se com elas à sombra de um pessegueiro e fazer uma pequena pausa no início da tarde. As primeiras dúvidas e inquietações de Rosalie sobre a tensa relação que havia entre Mireille e Guillaume tinham desaparecido fazia muito tempo. Os irmãos tinham adquirido rapidamente uma naturalidade em seu trato que denotava uma grande familiaridade. Talvez o sobressalto de Mireille ante a inesperada aparição de seu irmão no *château* podia explicar-

se pela mera surpresa. Em qualquer caso, comportavam-se de uma maneira muito mais amigável que ao princípio.

— Olhe-a... *Mon Dieu*, que moça tão bonita! — exclamou Guillaume, fazendo corar sua irmã de satisfação — Ah, espera, Mira, sente-se com cuidado, não irá querer que a erva te manche o vestido.

Enquanto Mireille se sentava devagar no chão, ele se dirigiu a Rosalie com afeto.

— Obrigado, é um anjo. Agradeço qualquer amostra de amabilidade que tenham com Mira, como se a tivessem comigo.

— Oh, por favor, não me agradeça — disse Rosalie, sorrindo ao o olhar — Oxalá tivesse mais que lhe dar! Não sabe tudo o que tem feito por mim.

Ao cruzar seus olhares, ela se sentiu confusa. Nos olhos dele brilhou um relâmpago de ânsia, adoração... E pesar, tudo misturado de uma maneira desconcertante, que desapareceu quando voltou à cara como se tivesse medo do que pudesse ler nos olhos dela.

— Às vezes não acredito que seja real — murmurou Guillaume, como se sorrisse para si mesmo — Deixei de acreditar nos anjos faz muito tempo, Rosalie... Berkeley.

Ela franziu o cenho ante a pausa deliberada, a sutil ênfase posta no sobrenome. Obrigando-se a suavizar a expressão, foi sentar-se ao lado de Mireille. Guillaume não demorou em entretê-la com histórias de uma companhia teatral ambulante a que ele e Mireille se uniram uma vez, e Rosalie começou a rir dos ridículos fragmentos de verso e diálogo que recitava. Mireille se juntou em seguida, acrescentando com desenvoltura as partes esquecidas por seu irmão. Logo, as duas mulheres não paravam de rir, divertidas.

— Mira e eu tínhamos que entreter ao público enquanto trocavam de cena — disse Guillaume, agarrando três pêssegos do chão e fazendo jogos malabarismos enquanto prosseguia — Mira levava um saboroso traje, laranja se não me recordo mal, que chegava aos joelhos; é óbvio, tendo em conta o tamanho de Mira, não era muito longe do chão.

O monólogo foi interrompido quando Mira lhe atirou um pêssego mole que ele evitou enquanto continuava com seus malabarismos.

— Esse movimento revela muita experiência em evitar projéteis — disse uma nova voz que se uniu à conversação.

Guillaume sorriu ao recém-chegado.

— Muito certo, monsieur.

Rosalie se virou com deleite ao reconhecer a voz de Randall, aliviada ao ver que tinha retornado. Dedicou-lhe um convidativo sorriso enquanto dava tapinhas no chão, a seu lado.

— Estamos sendo decadentes, milord. Não vejo nenhuma razão pela qual não possa se unir a nós.

Recém-chegado de sua exaustiva viagem a Havre, Randall apagou de sua mente todos os pensamentos relacionados com o dinheiro e as operações mercantis, e se sentou ao seu lado com um ágil movimento. Rosalie se maravilhou do aspecto tão fresco e sereno que tinha depois de uma viagem tão longa. Notava o aroma de sabão de sândalo em sua pele e a frescura do algodão branco de sua camisa, as longas pernas cobertas por calções claros e botas com dobra.

— Chega tarde. Acreditava que voltaria esta manhã — lhe murmurou, enquanto Mireille ficava de pé para ajudar Guillaume com seus malabarismos.

Randall lhe sorriu, o dourado de seus olhos misturado com brilhos de jade. Inclinou-se como se fosse lhe murmurar a resposta ao ouvido. Ao inclinar-se para o ouvir melhor, Rosalie sentiu que lhe mordida suavemente o lóbulo da orelha, enquanto deslizava a língua até a ponta. A diáfana carícia de uma brisa excitou a zona umedecida, inclusive depois de que ele se retirou, e ela estremeceu.

Lentamente, voltou a centrar sua atenção no casal de cômicos, olhando como Mireille posava com graça, enquanto sorria e dava outro pêssego a Guillaume. Logo atirou habilmente dois pêssegos mais ao ar enquanto Guillaume fazia jogos de malabarismo, com o qual tinha que lançar e recolher seis peças de fruta. Rosalie riu e aplaudiu quando todos os pêssegos caíram ao chão.

Satisfeitos, os artistas tombaram na erva de forma desajeitada, Mireille fazendo caso omisso de seu vestido. Rosalie se permitiu apoiar-se em Randall, a cabeça recostada sobre seu ombro, enquanto ele se reclinava contra o tronco de uma árvore.

— Estou pensando em uma rima — disse Mireille com voz adormecida.

— Adoro as rimas — replicou Rosalie, pensando que se os irmãos não tivessem estado presentes, teria afundado seu nariz no pescoço de Randall, e acariciado sua temperada pele com ânsia... Ou talvez o tivesse tentado para que a beijasse.

— É em francês, e não a direi a menos que a traduzam ao inglês — declarou a moça.

— Levo dias traduzindo todas as palavras que sei — disse Rosalie, aninhando—se contra Randall como se procurasse uma pausa — É que não aprendeste inglês ainda?

Era uma brincadeira, mas Mireille tomou a sério.

— Quase, mademoiselle... Mas a rima ainda me escapa. Necessito mais...

Um movimento de ombros delatou o silencioso regozijo de Randall. Rapidamente as arrumou para recuperar a compostura e falar com a moça com admirável seriedade.

— Mireille, por que não deixa que Guillaume te acompanhe ao castelo? Não quero pensar que não saia essa mancha de pêssgo que leva na cprega do vestido. Talvez madame Alvin deveria dar uma olhada...

— Mancha de pêssgo! — exclamou Mireille alarmada, e pôs-se a correr pelo caminho, tagarelando em francês.

Guillaume lançou um olhar irônico a Randall antes de segui-la a passo mais lento.

Rosalie afundou o rosto no ombro de Randall, rindo em silêncio até que esteve certa de que o casal se foi. Então levantou a cabeça e o olhou com olhos brilhantes.

— Não foste muito sutil — disse, ainda com restos de risada.

— Cada vez é mais difícil ser sutil quando te tenho perto — respondeu suavemente, baixando as pestanas de pontas douradas.

— E a mim — sussurrou ela.

Ele sorriu preguiçosamente e moveu a cabeça justo o necessário para que unissem seus lábios, e Rosalie sentiu que a risada se dissolvia como açúcar na água, diluindo-se com uma fresca doçura por suas veias até que se encheu de uma consciência dele tão transparente como o cristal e se desprende da sensação de vazio e separação que lhe pesava como uma mortalha. Deslizou uma mão ao redor de seu pescoço, tratando de capturar as sensações que se derrubavam sobre ela em uma cascata etérea e grácil. A língua dele se afundou brincalhona em sua boca, explorando e excitando, até que Rosalie se abandonou a ele, trêmula.

Como vítima de um delicado feitiço, Randall percebeu como seus sentidos, seus pensamentos e sua consciência se centravam nela e o resto do mundo desaparecia. Suas mãos percorriam as esbeltas formas com uma

sensação de descobrimento, cada carícia íntima, amorosa, de assombro. Procurou os segredos de seu corpo, memorizando as maneiras de lhe dar paixão e prazer com os dedos. Respondia-lhe com um ardor que o fazia tremer. Suas tímidas carícias, o roce de sua língua contra a dele, o entusiasmo com que suas mãos o procuravam, levaram Randall a um estado de ofuscação apaixonada sem comparação.

Rosalie gemeu quando a mão dele escorregou por debaixo de seu sutiã, seu coração pulsando não de medo, mas sim de excitação. Ofegando, apoiou a cabeça em seu ombro enquanto ele a colocava em cima de seus joelhos e logo, suavemente, com sua mão liberava o suave peso de um seio. Um ligeiro gemido ficou apanhado em sua garganta quando Randall inclinou a cabeça para tomar o sedoso mamilo com sua boca. O corpo dela se esticou, arqueando-se ao sentir o tato suavemente áspero e os ardilosos círculos de sua língua. Lentamente, a mão do Rosalie revooou até seu ombro, onde ele a agarrou com força, entrelaçando seus dedos com os dela, enquanto saboreava o sensível mamilo. Confusa pelo anseio, descobriu que fazia o amor de forma diferente ao que tinha esperado, diferente do que ela recordava. Randall tinha sido seu amante só por duas noites em Paris. Durante a primeira, tinha conservado um escrupuloso controle, consciente de sua inocência e fazendo concessões. A segunda, impelido a reclamá-la, mostrou-se possessivo e dominante. Agora não havia nada que demonstrar, nada do que ser consciente... Só eram eles dois e o desejo que chispava entre ambos.

Randall levantou a cabeça quando uma repentina rajada de ar sacudiu as folhas, e seus olhos esquadrinharam rapidamente o jardim. A Rosalie assaltou a lembrança do estábulo, quando os tinham interrompido em metade de um abraço íntimo parecido. Sabia que não poderia suportar se a deixasse agora. Randall baixou a vista e lhe sorriu ligeiramente, cobrindo o peito nu com o vestido. Seus olhos tinham cobrado uma tonalidade mais escura e a pele acentuava suas maçãs do rosto, sua ampla boca relaxada, o lábio superior mais grosso do que o habitual. Temerosa de que ele tivesse que partir e a deixasse frustrada uma vez mais, Rosalie o segurou pela suave camisa.

— Desta vez não me deixe — sussurrou, e uma lágrima escorregou por sua face — Não quando te necessito assim... Por favor, nunca te necessitei tanto.

— Amor — sussurrou Randall com voz grave e, não obstante, trêmula — algo que queira de mim, é teu. Acaso não sabia?

Permaneceram imóveis nesse deslumbrante momento até que Randall ficou de pé e a levantou nos braços sem esforço. A princípio, Rosalie não foi consciente de aonde a levava, pois lhe olhava fixamente o rosto. Então, o caminho se tornou serpenteado e retorcido. Percebeu de que a levava ao labirinto, um desenho de sebes que lhe chegavam ao ombro, onde era impossível que outros olhos os vissem ou descobrissem.

Depositou-a no chão com suavidade e começou a desabotoar os punhos da camisa, seus olhos cor avelã cravados nos dela. Ela se viu diante daquele torso nu quando ele deixou cair ao chão a camisa branca. A boca dela se secou. Era tão bonito... Certamente, nenhum homem de carne e osso podia estar tão perfeitamente feito... Mas ele era real, e naquele momento era seu, devagar, Rosalie adiantou as mãos até o peito de Randall e estremeceu ao sentir seu calor corporal. A ponta de seus dedos e o delicado arranhar de suas unhas vagaram pela sedosa e encrespada pelagem do peito, apalpando a sólida musculatura. Apalpou as saliências, firmes e simétricas de sua clavícula, e logo abriu as mãos e as posou na zona das costelas. O desejo de Randall se avivou enquanto recebia aquelas delicadas e improvisadas carícias, seus braços rodeando-a possessivamente. Então, ela ficou nas pontas dos pés, pressionando a boca contra a base de sua garganta, e a língua acariciou o pulsar que brandia pesadamente.

— Rose — grunhiu ele respirando com dificuldade enquanto a rodeava com os braços, as mãos apenas tocando à altura dos largos e quadrados ombros. Suas pélvis se roçaram, a dele, dura e dolorida, a dela, tenra e flexível — Ah!... Deus, Rosalie...

Randall a deitou no chão em cima da camisa branca. Ela voltou o rosto para tocar a suave malha e inalar o fresco e masculino aroma que perdurava nele. Então, Randall se posou sobre Rosalie, que tremeu de excitação ao sentir o rígido membro que pressionou com urgência contra seu estômago. Os lábios de Randall sulcaram a frágil superfície de seu pescoço com sensual delicadeza, descobrindo as diminutas fossas situadas atrás dos lóbulos, e a vulnerável pele ao longo de sua garganta. Uma de suas mãos estava ocupada em subir o vestido, e Rosalie dobrou ligeiramente às pernas ao sentir o roce da erva nas curvas. Ele se afastou um pouco para deslizar a saia pelas coxas até em cima de seus quadris.

— Está certo de que isto é...? — murmurou Rosalie tremendo, enquanto uma dúvida repentina apagava sua voz. Um ligeiro calafrio de vacilação percorreu seu corpo ao dar-se conta do que estavam fazendo ao ar livre. A maioria das pessoas, disso estava segura, não faziam amor sobre a erva como se fossem selvagens... Não era civilizado. O que pensaria Randall dela depois de lhe permitir fazer isso quando...?

— Chsss...! Não tenha medo — lhe dizia ele, seus ardorosos lábios percorrendo-a, sua voz rouca de desejo — Nada entre nós pode dar errado — lhe sussurrou enquanto lhe afrouxava a regata — nunca te faria mal... Oh, meu amor, não pense mais, deixa que te ame...

Suas palavras e suas mãos exerciam um efeito hipnótico sobre ela, afastando tudo salvo sua consciência dele. Seus dedos roçaram o pelo encaracolado e acariciaram o interior das coxas, instando-a a separá-las. Então, ele deslizou o corpo lentamente para baixo e ela tratou de afastar-se.

— Não, amor — murmurou Randall, segurando seus quadris com firmeza — não resista... Confia em mim.

Ele acariciou a dura e tensa longitude de suas pernas e então as colocou sobre seus ombros. A virilidade de Randall pulsou com força, e sua paixão flamejou enquanto olhava fixamente a delicada carne feminina.

— Me permita — disse com voz grave, e ela relaxou ligeiramente, embora tivesse os punhos apertados de inquietação. Ele inclinou sua dourada cabeça.

Ao primeiro contato de sua boca suave e úmida, ela gritou, reagindo bruscamente ao estremecedor prazer que invadiu todo seu corpo. Os lábios dele se abriram um pouco mais, sua boca procurando a frágil e inchada nudez. Era um beijo, e entretanto, não era mesmo um beijo. Randall gemeu, e a vibração do ar enviou uma vibração correspondente através do corpo dela. Os sentidos de Rosalie reagiram violentamente. Seus olhos se abriram um instante, e a imagem daquela cabeça dourada entre suas coxas ficou gravada em sua mente para sempre. Devagar, a boca dele se moveu e acariciou, centrando-se em um ponto que aumentou a excitação de Rosalie até o inexprimível. Ofegando, ela pronunciou seu nome, arrastada por um doloroso êxtase. E quando alcançava o alge do prazer, as mãos dele, que a seguravam pelas nádegas, aproximaram-na ainda mais da sua boca. Os lábios não a abandonaram até que do último tremor não ficou nada salvo as brasas, e só então Randall voltou a nivelar seu corpo com o dela.

Tinha o rosto úmido e a pele ruborizada. Rosalie levantou suas espessas pestanas para o olhar com olhos extraviados. Ele a beijou, sua boca com um leve gosto a almíscar. Ela respondeu sem a menor vacilação, a cabeça inclinada para que os lábios encaixassem mais intimamente. Com frouxidão, os dedos dela se moveram até o fecho de seus calções, tirando os botões de suas casas até que a roupa ficou aberta. Randall estremeceu, separou as pernas dela com os joelhos e conteve o fôlego enquanto a possuía lentamente, sentindo como a vagina, tensa e inflamada, o absorvia para dentro. Por um momento ficou imóvel e silencioso, tratando de reter um último pinga de controle. Possuir Rosalie era uma experiência indescritível. A emoção se sobrepunha à sensação física, e o sexo se convertia em uma questão de instinto, de sentimentos mais que de técnica. Inclusive com toda sua experiência, nunca tinha sido assim. Segurando sua cabeça com a mão, afundou-se nela, vendo como seus olhos se dilatavam de prazer. Então voltou a investi-la, desta vez muito mais forte, e enquanto a beijava sentiu como os lábios dela tremiam sob os seus.

— Dobra mais os joelhos — lhe sussurrou.

Rosalie obedeceu, e ofegou enquanto sentia como ele a possuía ainda mais fundo. Então, moveu-se sem deter-se, com brutalidade e urgência. Ela levantou a vista, seus olhos resplandecendo como safiras enquanto contemplava o rosto de seu amado, que a paixão havia tornado mais anguloso. Com os quadris levantados e os dedos dos pés contraídos, Rosalie foi sacudida uma sensação deliciosa que se derramou meigamente por todo o seu corpo, como uma pedra roçando a superfície da água. Randall apertou os dentes, seu corpo tenso e imóvel momentos antes de alcançar o clímax, expulsando o ar retido pouco a pouco.

Logo, enquanto o prazer da união se desvanecia gradualmente, relaxaram entrelaçados em um úmido abraço, acariciando-se preguiçosamente, mimando-se, recuperando momentos tão delicadamente doces como a paixão precedente. Randall se apoiou sobre um cotovelo e a olhou com sonolentos olhos esverdeados.

— Vale a pena partir e desfrutar de semelhante acolhimento — disse com voz rouca.

Ela deixou transcorrer um longo momento antes de falar.

— Randall... o que vai acontecer entre nós a partir de agora? — perguntou suavemente, enrugando a fronte.

Ele suavizou as rugas com os lábios, e tranquilizou-a com um beijo na têmpora.

— Já discutimos esse assunto antes — disse cansadamente — e como recordará, não acabou muito bem. Dado que ambos parecemos ter idéias opostas sobre o status a longo prazo de nossa relação, teremos que vivê-la dia a dia.

— Mas cedo ou tarde teremos que...

— Não há pressa. Antes de tomar alguma decisão, há outras pontas soltas que devemos atar.

— Sim, estou de acordo — disse Rosalie.

Ela sabia por experiência própria o quão rapidamente que podia mudar a vida de uma pessoa, a rapidez com que o destino podia dar a volta ao mundo e sacudi-lo vigorosamente. A única coisa da qual podia estar certa era de que sua vida nunca voltaria a ser como antes... E talvez deveria sentir-se agradecida por isso.

— Mas, de todas as maneiras, temos um problema iminente — assinalou.

— E qual é? — perguntou ele com um sorriso de curiosidade.

Ela olhou as manchas de erva em suas enrugadas roupas, no joelho direito de seus calções, a terra aderida à malha de seu vestido e da camisa dele.

— Como vais levar-me de volta ao castelo assim?

Ele sorriu enquanto lhe afastava o cabelo do rosto.

— Às escondidas, amor.

Capítulo 12

*Minha vida passada já não é minha;
Os momentos efêmeros ficaram para trás
Quantos sonhos passageiros rendidos
Cujas imagens se guardam armazenadas
Só na lembrança.*

John Wilmont,
Conde de Rochester

Fiel a sua palavra, Randall conseguiu devolvê-la ao seu quarto sem que ninguém a visse, e lhe dar um último e longo beijo antes de partir. Perguntando-se se as provas do que tinha acontecido eram tão transparentes para os outros como ela temia, Rosalie esteve muito calada naquela noite. Só levantou os olhos do prato algumas vezes, sem se atrever a cruzar-se com o irônico olhar de Randall com medo de derramar algo ou engasgar-se com a comida.

Como a tirava do sério! Essa noite, não a procurou. Rosalie passou um longo tempo olhando a porta fechada enquanto hesitava entre ir ou não ao seu quarto. Finalmente, impôs-se a precaução e, embora a contra gosto, apagou a vela antes de adormecer.

Pela manhã encontrou uma pálida rosa amarela junto a seu travesseiro, sem espinhos. Aproximando a delicada flor do rosto, inalou seu aroma, que por um momento a transportou ao jardim onde o perfume a rosas tinha flutuado enquanto ele a tinha feito sua uma vez mais. Com a mente cheia de fantasias, Rosalie passou a primeira parte do dia com Guillaume, cuja companhia era tudo menos aborrecida.

— É aqui mesmo — sussurrou Mireille, olhando furtivamente à direita e à esquerda do corredor.

Rosalie tentou rodar o pomo dourado com forma de golfinho, mas a porta não se abriu.

— Tem razão — disse com crescente desilusão — Está fechada com chave. Mas por que está fechada com chave uma galeria de retratos?

— Acha que é uma galeria?

— Deve ser. Os cômodos de ambos os lados estão cheios de pinturas e bustos dos antepassados d'Angoux.

Rosalie olhou a porta especulativamente, quase devorada pela curiosidade. Era o único cômodo de todo o castelo que ela e Mireille não tinham explorado. Ao olhar a moça, viu que a desenfreada imaginação desta estava procurando uma possível explicação por que a porta estava fechada com chave.

— Talvez assassinaram alguém aí dentro — sussurrou, e Rosalie soltou uma risada.

— Certamente está fechada com chave por acaso.

— Acha que deveríamos pedir a chave a madame Alvin?

Rosalie negou com a cabeça.

— Se estiver fechada de propósito, encontrará uma desculpa para não nos dar. Mas se nos descobrem espreitando, podemos alegar ignorância.

Ambas se olharam e sorriram, compartilhando a mesma excitação ante uma possível aventura.

— Mademoiselle, tem...

— Uma forquilha? Acha que poderia abrir a fechadura se...?

— *Oui...* Mas me avise se vier alguém.

Com destreza, Mireille forçou a fechadura com uma fina agulha, o que fez Rosalie pensar em um esquilo pinçando em busca de frutos secos.

— Não há dúvida de que tem muitos dotes, Mira — acrescentou, e a moça riu.

— Vivendo com o Guillaume, aprendem-se muitas coisas para sobreviver, mademoiselle. Foi ele quem me ensinou a fazer isto.

Era a primeira vez que ela mencionava seu passado. Rosalie inclinou a cabeça e observou a sua companheira, seu rosto suavizado pela compaixão. Ignorava que classe de experiências tinha vivido Mireille, mas sem dúvida ter que ir de um lugar a outro resultaria muito duro para a maioria das pessoas. Como as tinha arrumado aquela moça para conservar-se tão doce e virginal? Revelava uma vontade extraordinariamente forte, ou talvez Guillaume tinha preservado sua inocência. A fechadura fez um ruído seco, e Mireille lhe devolveu a forquilha com um sorriso triunfante. As duas deslizaram para dentro como dois fantasmas, e fecharam a porta sem fazer ruído.

Na verdade se tratava de uma galeria de retratos, escuras pinturas que cobriam as paredes como observadores cheios de desconhecidos

embelezados de formas estranhas. No entanto, havia um retrato que destacava do resto. Estava colocado entre dois espelhos emoldurados e enquanto Rosalie o olhava, duvidou que fosse necessário o destacar dessa maneira, dado que teria chamado a atenção em qualquer lugar. Devagar, aproximou-se da janela e abriu as cortinas para deixar entrar mais luz na habitação.

— Hélène Marguerite d'Angoux — leu Mireille na placa gravada do marco, aproximando-se mais para examinar o retrato.

Rosalie permaneceu no outro lado do cômodo, seus olhos redondos e inexplicavelmente úmidos. Sabia, sem dúvida, que esse retrato era a razão pela qual o cômodo estava fechado com chave, embora não estivesse claro por que Randall não o tirava simplesmente. Quais lembranças íntimas estavam encerradas nesse cômodo com a imagem daquela mulher?

— É formosa — disse Mireille — Quem...?

— É sua mãe — respondeu Rosalie — Não é tão formosa, Mira.

É possível que fossem seus sentimentos por Randall os responsáveis pelas suas impressões quanto ao retrato. No resto, Mireille tinha razão, Hélène d'Angoux era fisicamente atraente. Tinha um rosto perfeitamente proporcionado, lábios delicados e curvados com uma delicadeza que a Rosalie recordou Randall. A expressão ligeiramente zombeteira ao redor dos olhos era algo que também lhe era familiar. Os olhos não eram iguais mas sim parecidos. Os de Hélène eram perfeitamente verdes, enquanto que os do Randall tinham uma tonalidade amendoada, às vezes verdes, às vezes dourados. A forma era similar, ligeiramente mais estreitos nas comissuras interiores. Era quase comovedor ver os traços de Randall no rosto daquela mulher. Mas havia muito de sua beleza clássica que Randall não tinha herdado, possuindo em seu lugar os traços fortes e teimosos que Rosalie atribuía aos Berkeley da família.

Havia muitas coisas que Hélène Marguerite parecia não compartilhar com seu filho mais velho. Não tinha a sua boca grande e expressiva, nem parecia capaz de esboçar o seu sorriso, irônico e brilhante. Não havia rugas de expressão ao redor de seus olhos nem a brilhante mistura de sol e âmbar em seu cabelo loiro. Sua expressão carecia de doçura. Hélène Marguerite parecia capaz de sentir paixão, gozo e inclusive raiva, mas não amor. — *Fez-lhe mal quando ele era mais vulnerável* — pensou Rosalie. Não podia encontrar simpatia em seu coração para uma mulher que, descuidadamente,

feria aqueles que a amavam. Virou-se, lançando um olhar de desgosto ao retrato.

— Interessante — disse Rosalie com voz seca — Pena que a semelhança provavelmente não seja apenas física.

— Mademoiselle?

— Vamos. Há centenas de coisas mais que eu gostaria de ver.

— Poderíamos ir à cozinha e visitar madame Alvin — sugeriu Mireille, feliz por abandonar seu posto diante do retrato para abrir a porta com cuidado.

— Para quê? — perguntou Rosalie enquanto a moça inspecionava ambos os lados do corredor.

— Talvez — disse Mireille, voltando a colocar a cabeça no cômodo — gostaria de lhe pedir que hoje prepare chá inglês.

— Chá inglês? por que... — Rosalie se deteve, perguntando-se como teria ocorrido isso à moça. Na França só se servia chá na circunstância extrema de que não houvesse café. Então compreendeu e sorriu — É pela descrição que há no livro que começamos a estudar hoje? Não me diga que nunca o provou.

— Não, mas se diz a madame Alvin que sente falta do costume de tomar o chá, estaria encantada de acompanhar...

— É obvio que o farei — replicou Rosalie, que nunca deixava de divertir-se e surpreender-se com as muitas coisas que despertavam a curiosidade de Mireille — Vamos, então, à cozinha.

Abandonaram a sala furtivamente, fechando a porta ao retrato de Hélène d'Angoux.

Na cozinha reinava uma tranquilidade pouco habitual, sendo a única ocupante a grande figura de madame Alvin. Depois de passar a manhã organizando os criados para a limpeza do castelo, sentou-se com uma xícara de café, mexendo o açúcar e lamentando a falta de leite.

— A empregada que nos traz o leite todas as manhãs chega tarde — informou às duas visitas, enquanto dava um sorvo e suspirava — A estou esperando. Que lenta que é! Fala com todos os homens que encontra pelo caminho, e espera para paquerar com o Jérème depois de que acabe de limpar os estábulos.

— O tal Jérème não necessita que o encorajem — disse Mireille, pondo os olhos em branco — Um pequeno sorriso, embora seja apenas amistoso, e cola-se como as moscas ao mel.

Enquanto madame Alvin lhe dava razão rindo a gargalhadas e aplaudindo seus bojudos joelhos, Rosalie lançou um olhar de nova compreensão a Mireille.

— De modo que é por isso que é tão fria com ele — murmurou.

— Sim — replicou a moça com desgosto — mas igual a todos os homens, isso lhe faz colar-se ainda mais. Ah, acha-se adulto, mas só é mais velho do que eu um ano ou dois. É um presunçoso... Tentou me beijar a primeira vez que visitei o estábulo, como se fosse fazer uma coisa assim com todos os cavalos olhando! Imaginam?

— Terrível — disse Rosalie, e se ruborizou levemente.

Justo nesse instante, alguém bateu na porta da cozinha e madame Alvin se levantou do tamborete, certa de que era a desventurada leiteira. Depois de repreender a moça por sua demora maior que o habitual e de a enviar de volta para casa, madame Alvin desnatou um pouco de leite para seu café e deixou o resto sobre um mostrador.

No transcurso da relaxada e agradável conversa que se seguiu, sugeriu-se preparar um chá inglês, o que aceitou sem hesitações. Madame Alvin pensou que seria bom prepará-lo, dado que nunca o tinha tentado. O menu foi discutido com crescente entusiasmo.

— No livro — apontou Mireille — havia uns pequenos... Umas coisinhas...

— Sandwichs — ajudou Rosalie — De pepino e agrião e talvez de queijo seria bom.

— E eram feitos com pão de gengibre — acrescentou Mireille, tão excitada que parecia ainda mais jovem — e pasteis, e bolinhos, e...

— Madame — interrompeu Rosalie — não complique. Conformamo-nos com o que possa preparar. Só se trata de que Mira tenha uma idéia do que é tomar o chá, tal como se faz na Inglaterra.

— Como as grandes damas — acrescentou Mireille, sorrindo com picardia — Serei a *comtesse*, e madame Alvin a *duchesse*, e você... O que seria se casasse com monsieur de Berkeley?

— Se eu o quê? — perguntou Rosalie fracamente.

— Mira! — exclamou madame Alvin, e a repreendeu por ter feito uma pergunta tão indiscreta, inclusive sendo só uma brincadeira.

Rosalie se ruborizou, enquanto refletia sobre o fato de que casar com Randall se tornava rapidamente atraente não importava quais fossem as

desvantagens. Se ele voltasse a lhe pedir que fosse sua esposa, o mais provável era que aceitasse antes de que terminasse a frase.

— Seria lady Berkeley — disse com voz grave.

— Igual a Hélène Marguerite — murmurou Mireille.

— *Non!* — disse madame Alvin bruscamente, negando com sua cabeça de cabelo castanho prateado para mais ênfase — Não como Hélène, absolutamente.

Mireille e Rosalie esperaram sem respirar que continuasse, mas madame Alvin parecia ter concluído com o tema.

— Vejamos, Mira — perguntou — o que mais dizia esse livro sobre o chá inglês?

— O que quis dizer com o de não como Hélène Marguerite? — insistiu Mireille.

Lançando um suspiro, madame Alvin apertou os lábios e logo disse: — É preferível que não diga nada.

— Estamos sozinhas — insistiu Mireille persuasivamente — Que mal faria explicar a mademoiselle algo sobre o que sente curiosidade?

— Não há nada que explicar — respondeu madame Alvin, seus olhos fixos na expressão absorta de Rosalie — Você, madame, não é a classe de mulher que era Hélène.

— Passou aqui sua adolescência? — perguntou Rosalie, seu tom sério em agudo contraste com o tom lisonjeador de Mireille.

— Desde que nasceu. Estive aqui quando monsieur Robert de Berkeley veio à França cortejá-la e quando se casaram, e também quando trouxe seu primeiro filho para apresentar ao marquês. Estive todas as vezes que voltou aqui de visita. Não gostava da Inglaterra, salvo Londres. Quanto mais tempo passava ali, mais mudava. Frequentemente pensei que Londres deve ser um lugar muito diabólico.

— Não acredito — disse Rosalie pensativamente — Não mais que Paris. Tem coisas más, suponho... sobretudo para uma pessoa impressionável. É uma cidade com um ritmo vertiginoso e cheia de gente que não tem nada que fazer exceto divertir-se.

— Aqui Hélène cresceu em um ambiente muito sóbrio — disse madame Alvin — ao estilo da antiga *noblesse* francesa. Estava muito protegida, uma boa menina... mas ansiava diversões e queria afastar-se da tranquilidade da vida campestre. Casou-se tão logo foi possível com o primeiro homem que pediu sua mão, monsieur Robert de Berkeley.

Rosalie assentiu, experimentando a contra gosto uma pontada de compreensão por Hélène. Sabia o que era sentir-se afogada pela monotonia e sonhar com mudanças e diversões.

— Mas certamente um marido e os filhos, e todas as atividades relacionadas com a posição que ocupava, lhe causariam satisfação — observou Rosalie — Devia desfrutar de uma vida muito cheia e intensa, não só teria responsabilidades familiares e sociais, mas também celebrações, *fêtes*, bailes...

— Não gostava das responsabilidades — disse madame Alvin, sorrindo com irônica tristeza — Mas sim gostava das festas. Dizem que em Londres participou de muitos escândalos; não repetirei as histórias porque não sei se eram certas ou não. Mas quase cada dois anos ou mais, vinha aqui com seu marido e os meninos, e acredito que era para deixar que as falações e os problemas se extinguissem.

— E notou durante essas visitas que tinha mudado? — Rosalie a induziu a prosseguir, fascinada.

— *Ah, oui...* Ela começou a não pensar em ninguém, salvo em si mesma. Fez redecorar o castelo à última moda e ajardinar os campos muitas vezes, gastando enormes quantidades de dinheiro, e o que é pior, executando o *corvée* para fazê-lo.

Mireille estalou a língua com surpresa e horror.

— Como? O que é o *corvée*? — perguntou Rosalie — É a primeira vez que ouço essa palavra.

— Isso é porque já não existe esse desventurado costume — replicou Mireille, seu pequeno rosto enrugado de nojo — O *corvée* era o direito da nobreza francesa de obrigar os camponeses de todas as povoações dos arredores a trabalhar para eles sem cobrar. Sempre que desejavam construir uma estrada, desenhar o jardim, ou ampliar o castelo, os nobres obrigavam os camponeses a abandonar os campos, mesmo sendo no meio da colheita. A comida e o grão apodreciam nos campos enquanto os camponeses trabalhavam os belos jardins do lorde e a lady.

— Que terrível! — murmurou Rosalie.

— Sim — disse madame Alvin, baixando a voz com um pingo de vergonha — Muitas pessoas passaram fome nos invernos pelos caprichos de Hélène. Não era uma figura popular aqui. Mas o marquês, seu pai, não lhe negava nada.

A anciã suspirou profundamente.

— Quanto mais infeliz era Hélène Marguerite, mais cruel se tornou. Finalmente abandonou seus filhos e seu marido, e só voltou aqui para dar a luz um filho. Morreu durante o parto, e o bebê com ela. Meu marido e eu nos perguntamos durante anos como estariam seus filhos. Alegra-me ver que monsieur não foi gravemente afetado por tudo aquilo.

Rosalie ficou em silêncio. — *Não gravemente afetado por tudo aquilo* — pensou com amarga angústia, imaginando o que madame Alvin diria se soubesse o tipo de abusos aos quais Hélène tinha exposto seus filhos. O que diria se soubesse que Randall tinha sido um alcoólico quando ainda era criança, e que ele e seu irmão tinham sobrevivido a uma penosa infância? Randall tinha crescido e se converteu em um demônio irresponsável, enquanto que Colin, pelo pouco que lhe tinham explicado, tornou-se um dandi maníaco com o figurino.

— Acredito que muitas mulheres não são boas mães — disse finalmente Mireille, apoiando o queixo em uma mão e olhando as caçarolas e frigideiras de cobre penduradas da parede.

— A minha foi muito boa — replicou Rosalie, pensando em Amille e sentindo uma dor no peito — É uma mulher muito boa... a quem sempre tirou do sério o fato de que não me contento facilmente com o que tenho. Dizia que isso me traria problemas e acredito que tinha razão.

De repente madame Alvin pôs-se a rir, rompendo a tensão que parecia haver-se apoderado delas.

— Às mães sempre gostam de pensar que têm razão — disse.

— Sim — assentiu Rosalie com um breve sorriso.

Randall entrou no salão, e parou diante das portas envidraçadas para observar a cena com interesse. Eram quatro e meia, e Rosalie e Mireille se achavam sentadas diante de uma mesa coberta com uma toalha de renda, tomando o chá. Pausadamente, Rosalie servia a bebida recém-preparada em umas xícaras de porcelana, enquanto Mireille comia um bolinho quente com creme batido. A imagem que ofereciam era pitoresca e adorável enquanto iniciavam uma aula de língua, que fez Randall sorrir lentamente. Seu olhar percorreu Rosalie de forma apreciativa. Usava um vestido longo e solto de um azul pálido, que ressaltava o azul de seus olhos a tal ponto que quase causava dor olhá-los. Levava o cabelo recolhido no alto da cabeça em um estilo deliciosamente recatado que o tentou a afundar suas mãos na brilhante e suave cabeleira e deixá-la solta. Parecia uma dama perfeita, e

havia poucos sinais em sua aparência que traíssem seu caráter cheio de vida e sua paixão... poucos sinais, a menos que se soubesse onde olhar. Gradualmente, seu olhar abandonou seu rosto para pousar nas esbeltas e nítidas curvas da sua figura e na turgidez de seus seios. Teria problemas para manter os homens longe dela em Londres, já que a sua era o tipo de beleza fresca e apaixonada que ninguém pode resistir.

— Quer mais açúcar? — perguntou Rosalie em um inglês claro e lento, e Mireille enrugou a testa antes de responder na mesma língua.

— Não, só gostaria de mais açúcar... Também gostaria mais sandwicks.

A resposta de Mireille fez Randall rir.

— Tal como o teria dito uma verdadeira inglesa — disse, e Rosalie o olhou com um deslumbrante sorriso.

— Recentemente lemos sobre a hora do chá em uma novela de Jane Austen — lhe informou — Naturalmente, era uma experiência que Mireille queria experimentar.

— Naturalmente.

Randall se dispunha a dizer algo mais quando os interrompeu um pequeno alvoroço. Ouviam-se maldições e ruído de bulha, procedentes do jardim. Os olhos de Randall se entreabriram quando Guillaume apareceu arrastando um homem seco e robusto, de meia idade, a quem torcia um braço nas costas. Embora Guillaume fosse mais alto, tinha dificuldades para arrastar o seu cativo para o castelo, já que o homem estava rígido de fúria. Randall abriu as portas de par em par.

— Guillaume, que diabos aconteceu? — perguntou, e o prisioneiro ficou paralisado ao vê-lo.

— Sinto muito, monsieur — respondeu Guillaume, agarrando o homem pela gola da camisa para evitar que se pusesse a correr. Vestia pouca roupa e parecia humilde, um camponês arruinado e com o rosto sulcado de rugas — Apanhei-o roubando um saco de pêsegos e outros artigos do jardim, e estava certo de que teria algo que dizer a respeito.

— Certamente — repôs Randall enquanto saía juntando-se a eles. Mireille e Rosalie abandonaram a mesa de chá para aproximar-se e olhar os homens através das portas meio abertas.

— Também levava uma réstia de peixes — acrescentou Guillaume, seus olhos castanhos chispando com exasperação enquanto o homem resistia brevemente — tirados da propriedade d'Angoux, estou certo.

— Deve saber que a caça furtiva é contra a lei — disse Randall ao desconhecido, a quem o ódio crispava sua cara ossuda — Não sou um homem mesquinho... Teria permitido pescar ou caçar em minhas terras se tivesse pedido permissão. No entanto, sou intransigente quando me roubam.

— Não sou idiota — respondeu o homem com aspereza — e tampouco um mendigo. Pensam que um homem como eu pediria alguma coisa a um d'Angoux?

O homem se interrompeu quando Guillaume lhe agarrou mais forte pelo pescoço.

— *Tiens* — exclamou Guillaume — Mostra mais respeito a monsieur!

— Não sou um d'Angoux — repôs Randall.

O homem riu com amargura, olhando-o com olhos febris.

— Não pode mentir nisso. A minha família e eu fomos arruinados pelos d'Angoux. Os reconheceria em qualquer parte, têm-no escrito nos olhos, na cara, e em sua negra alma! São filhos do diabo, você e os outros!

— Um pouco melodramático, não lhe parece? — comentou Guillaume, mas Randall o ignorou enquanto contemplava o homem pensativamente.

— Como te arruinaste?

— Eu tinha uma casa cômoda e uma família numerosa com muitos filhos varões que me ajudavam a lavrar, inclusive um pouco de dinheiro economizado. Perdemos tudo por culpa de Hélène d'Angoux e o marquês. Ele despojou o povo de tudo para pagar as faturas de... Tirou o grão dos camponeses e nos fez pagar por armazená-lo em seus celeiros; Tínhamos que assar o pão em seus fornos e lhe pagar por isso, tínhamos que pagar impostos por tudo, salvo por respirar. Minha esposa morreu de fome por culpa dos d'Angoux, esse é o legado que herdastes, monsieur, e não tem direito de me julgar por pegar um punhado de comida.

Rosalie conteve o fôlego enquanto via empalidecer o rosto de Randall. Sentia-se responsável pelos pecados que tinha cometido sua família, e as palavras daquele homem se somavam à carga invisível de culpa que transportava em seus ombros. Ela queria dizer a Randall que não era culpa dele, mas mordeu a língua com medo de ferir seu orgulho.

— Não deveria culpar-se — sussurrou Mireille.

— Já o faz — respondeu Rosalie suavemente, seu coração dolorido por empatia.

Frio e impassível, Randall olhou a Guillaume.

— Solte-o — disse.

Enquanto o moço obedecia, o magro camponês olhou Randall com olhos brilhantes, e a seguir fugiu como a alma que leva o diabo.

Ao voltar-se e ver a silhueta de Rosalie através dos vidros, a expressão de Randall ficou ainda mais distante.

— Milord, eu gostaria de falar com você — disse Rosalie, tentando soar calma.

— Depois, talvez — respondeu com tom indiferente — Vou dar um passeio a cavalo.

Guillaume falou então com tom abatido: — Selarei Diamond.

Mireille levou suavemente Rosalie para a mesa para tomar o chá.

— Tenho que falar com ele — murmurou Rosalie, agitada.

— Não acredito que a escute neste momento.

— Maldição! — Rosalie respirou fundo, cruzando os braços e olhando ausente o prato de bolinhos — Maldito seja tudo isto! De todas as maneiras, não estou certa do que vou lhe dizer. Oh, oxalá lhe tivesse perguntado quando pensa voltar.

— Quer uma taça de vinho, mademoiselle?

— Sim. E sem água — acrescentou Rosalie, sentada na cadeira estofada, com o cenho franzido.

Randall não voltou para o jantar. O silêncio no castelo tornou-se tão carregado e tenso que Guillaume partiu finalmente para o povoado, montado no cavalo baio. Retornou por volta das onze, cheirando a cerveja e tabaco, com uma relaxada expressão que traía uma hora ou duas passadas em agradável companhia.

— Faz uma noite maravilhosa — anunciou, entrando no salão com passos relaxados — quente e...

— Guillaume! — exclamou Mireille — como pudeste beber e paquerar, sabendo que mademoiselle está preocupada com monsieur?

— Encontra-se bem. Sugiro que todos vamos dormir — disse Guillaume, sorrindo enquanto Rosalie deixava de passear pelo cômodo.

— Encontrei-o? — perguntou com tom aflito.

— Vio por acaso e brevemente. Está em um dos melhores botequins do povoado.

— Jogando?

— E bebendo — disse Guillaume. Rosalie ficou paralisada.

— Oh, nada mais do que beberia um homem normal em uma noite de Verão no botequim de uma aldeia — se apressou a dizer Guillaume — Nem

eu posso resistir a tomar uma taça de vez em quando, têm um tipo de cerveja que nunca tinha provado...

Enquanto falava, a preocupação acentuou o cenho de Rosalie. Guillaume não conhecia Randall o bastante para dar-se conta de que não bebia, de que a Randall desagradava perder o controle. O incidente com o caçador furtivo tinha-o afetado profundamente, tal como ela tinha temido. Mas não deveria ter-se visto empurrado a fazer algo tão fora do comum.

— Não falaste com ele? — perguntou sem alterar-se, e Guillaume negou com a cabeça — Então não sabemos quando voltará. Acho que vou me retirar, Mireille.

— *Oui* — replicou a moça em voz baixa, e a seguiu escada acima quase lhe pisando os calcanhares.

Rosalie se despiu e vestiu uma singela camisola branca.

Enquanto a vela ardia, passava as folhas de um livro e se concentrava nas palavras sem as ler. O silêncio se estendia, envolvendo-a insidiosamente, até que renunciou a toda pretensão de ler.

— Rand — sussurrou, olhando a chama da vela até que as bordas pareceram tornar-se violeta — é tão orgulhoso, tão independente que quase não sei como te tratar. Demonstraste-me que sou importante para ti até certo ponto, e, entretanto hoje me abandonaste sem pedir nenhum tipo de ajuda. Disse que me quer... para esquentar sua cama, para fazer amor contigo... Disse-me que quer que dependa de ti. Posso te dar tudo isso, mas quero te dar muito mais! E a menos que me considere o bastante mulher para te oferecer consolo, não te terei. Quero ser algo mais que um brinquedo para ti e o conseguirei. — Fechou o punho enquanto fazia a promessa e seus dedos se tornaram brancos.

Pareceu-lhe que transcorreram horas enquanto esperava até que finalmente ouviu um vago chiado. Rosalie se levantou da cama e caminhou com sigilo, descalça, até à porta. Uma luz piscava pelas frestas de uma porta, não a do quarto de Randall, mas a de outro, situado ao final do corredor. A da galeria de retratos.

A porta se abriu facilmente. Randall se achava sentado em uma cadeira diante do retrato de Hélène, as pernas estiradas em uma indolente postura masculina. Ele virou a cabeça, o cabelo brilhando fracamente à luz do candeeiro. Em silêncio, contemplou-a quase como se fosse uma desconhecida. De modo que era assim Randall quando bebia muito, nem

atraente nem juvenil, mas taciturno e calado. Tinha os olhos ligeiramente vidrados, a voz baixa e áspera.

— Sai daqui.

Rosalie sentiu-se ridícula e estúpida, oferecendo uma ajuda que não necessitava nem lhe tinha pedido. A Rosalie Belleau de uns meses atrás teria fugido dali mais veloz que um coelho assustado. O olhar indiferente de seus olhos obscurecidos a assustou, mas, de algum jeito, aprumou o corpo para ficar direita e permanecer onde estava.

— Ficar aí sentado, se amargurando, não mudará nada. E beber, certamente, também não.

Randall falou com a paciência de um adulto dirigindo-se a um menino obtuso.

— Ajuda-me a me sentir melhor, por isso...

— Sim, já vejo maravilhosamente bem o que te faz — o interrompeu Rosalie com acidez.

— Não entende nada, e muito menos para vir aqui e me julgar.

— Entendo algumas coisas sobre ti. Entre outras, que faz muito tempo que foge do sentimento de culpa — respondeu ela — E que agora fizeste uma mudança e preferes desfrutar dela. — Sua voz se suavizou enquanto olhava seu perfil — Porque não tentar esquecer?

— Os pecados de um pai — citou Randall, encolhendo os ombros tristemente —... Estão no sangue.

— A única coisa que agora leva no sangue, além de uma consciência enganada, é muito álcool. — Rosalie se aproximou com cuidado enquanto falava — Nada disto é tua culpa, Rand. Não é responsável pelo que sua mãe ou seu pai fizeram.

— Sei — disse cortante — mas vejo ambos nas coisas que tenho feito — murmurou, e lançou um breve olhar ao retrato de sua mãe — Imagina o que significa saber que a metade dela sou eu? Era desleal e incapaz de dizer a verdade, tal como você é incapaz de mentir. Era cruel, além do que possa imaginar. Deus, alguém como você nunca poderia compreender. E o meu pai, um bêbado desprezível com...

— Basta! — soltou Rosalie, dividida entre a raiva e a compaixão — Não diga mais nada...! Não o pense! Não a vejo em ti. Não vejo seu pai em ti.

Ela se sentou no braço da poltrona e lhe rodeou o rosto com as mãos, seus olhos encontrando-se com os dele em um olhar eletrizante.

— Confiei em ti para que cuide de mim, e o tem feito. Há outras pessoas que o necessitam, que dependem de ti. Não fique aqui sentado, consumido pela autocompaixão. Não é próprio de ti.

Agarrou-lhe os pulsos tentando afastá-la, mas Rosalie o agarrou com determinação. Na resistência, ela deslizou sobre seu colo e ele deixou de mover-se quando o quente corpo envolto em seda se apertou contra ele.

— Ela é só uma lembrança que tem que esquecer. Como pode exercer alguma influência em ti agora? Este é um lar encantador, um lugar maravilhoso, e com toda a luz do sol que entra, não procure nos cantos sombras que nem sequer existem lá. Desfaz-te dela, deixa que parta.

Deu a impressão de que as últimas palavras tocavam uma parte sensível nele, já que Randall a olhou como se a visse pela primeira vez. Tentou falar, mas negou ligeiramente com a cabeça e ficou olhando seus brilhantes olhos.

— Porque insiste em te culpar? — perguntou Rosalie em um sussurro — O que há em seu passado que te faz sentir tão culpado?

— Rose — disse ele com voz rouca — esta noite não quero falar. Não do passado. Volta para seu quarto.

Seu olhar procurou o dele e seus braços lhe rodearam o pescoço confiantemente.

— Talvez esteja muito enganada com esta suposição — disse ela com suavidade — mas acredito que não quer me perder revelando coisas que não gostaria de saber de ti. Mas sem dúvida me perderá se ficar em silêncio. E não deixarei que me exclua. Diga-me as coisas que fez... Oh, Rand, não podem ser tão terríveis.

O álcool e o esgotamento se filtravam através dele como um veneno, deixando-o aturdido e vulnerável de um modo como não se sentira durante anos. Também se sentia muito sujo e manchado para estar no mesmo quarto que Rosalie, para abraçá-la tão estreitamente; no entanto, teria sido necessária a força combinada de cem homens para obrigá-lo a soltá-la.

— Por favor, Rand — sussurrou ela, suas mãos acariciando suavemente a linha definida de sua mandíbula.

Os braços que lhe rodeavam a cintura a apertaram mais, e logo mais ainda, até que Rosalie caiu contra os largos ombros com um grito afogado, permitindo que a abraçasse tão forte que quase não podia respirar. Ela sentiu como ele afundava a cabeça em sua solta e espessa cabeleira. Ouviu —o começar a falar, murmurando palavras apenas inteligíveis, dizendo coisas que ela não entendia, enquanto suas mãos se crispavam nas dobras de

sua camisola e em seu cabelo, enquanto murmurava com voz rouca. Uma vez que começou a falar, já não pôde parar. A carga de guardar tudo, as faltas do passado, as vergonhosas proezas em Londres, tornaram-se muito pesadas, e despiu sua alma sem piedade ante ela.

Não o teria acreditado capaz das coisas horríveis que se atribuía. Se as palavras tivessem saído dos lábios de outra pessoa, teria pensado que eram mentiras. Contou-lhe coisas que não tinha compartilhado com ninguém, segredos e admissões, fragmentos de histórias que roçavam a incoerência. Alguém a quem tinha matado em um duelo, um círculo de amigos que tinha sido uma conspiração de desonra, um casamento que tinha contribuído para destruir. Mencionou os nomes de pessoas sobre as quais ela tinha lido nos jornais londrinos, e os nomes de seus pais e seu irmão. Parecia que o rosário não acabaria nunca.

Acariciando-lhe a parte posterior da cabeça e o pescoço, Rosalie o consolou com frases incoerentes. Tinha as faces quentes e avermelhadas de vergonha pelo que ouvia, coisas tão íntimas que nunca as teria mencionado nem sequer a Amille, confissões despudoradas e indecorosas, expressas com linguagem grosseira, que degradavam os ouvidos. O abraço tornou-se ainda mais desesperado, uma espécie de doloroso torniquete que ela aceitou de bom grado. A maioria das mulheres teria fugido dali correndo horrorizadas, já que nenhuma dama teria suportado semelhante cena. Rosalie o escutou sem afastar-se dele, sem soltá-lo, como se procurasse absorver o despeito dele com o vigor de seu abraço. Tinha ouvido que os jovens herdeiros londrinos costumavam levar uma vida sórdida, procurando a aventura e incentivando-se mutuamente a cometer atos de crueldade. Ela não pensava que fosse pior que aqueles que o acompanhavam, mas o remorso e a repulsa de Randall por si mesmo causavam-lhe uma profunda pena.

— Não é nada... O compreendo — murmurava uma e outra vez, e Randall movia a cabeça com cansaço, seus olhos cintilando de angústia.

— Deus! Como pode entendê-lo! É tão inocente...

Enquanto suas confissões foram se apagando em severos e amargos sussurros, a noite foi avançando até cobrar o tom azul lavanda que precede o amanhecer. Rosalie jazia imóvel entre seus braços, embalada contra os músculos de seu peito, a cabeça apoiada entre o pescoço e o ombro, os dedos introduzidos entre os botões da camisa para o acariciar. Agora o peito

de Randall se movia regular enquanto ele suspirava, sentindo-se como se tivesse sido derrotado por uma tempestade.

— É o único que recorda — sussurrou ela, encontrando seus batimentos do coração com os dedos e deixando-os descansar nesse ponto vital — A maioria das pessoas não se pode permitir pensar no passado. Não lhes importa o passado. Não me importa o que tenha feito antes de me conhecer... Entende? Continuo aqui.

Randall permaneceu imóvel longos minutos, e ela sabia que seus olhos estavam cravados no retrato. Logo, levantou-se da poltrona. A Rosalie surpreendeu a suavidade de seus movimentos, já que devia ter os músculos intumescidos. Ela o abraçou em silêncio enquanto ele a levava pelo corredor até seu quarto, incapaz de olhar em seu rosto. Pronunciou seu nome com doçura, mas ele não respondeu e se limitou a depositá-la na cama. Randall a olhou fixamente uns segundos, seus olhos cor avelã captando os detalhes do rosto, que acusava os estragos da falta de sono. Ela já não sabia o que mais lhe dizer e por isso ficou em silêncio, mas sem o soltar.

Randall agarrou uma de suas esbeltas mãos entre as suas e a levou à boca, segurando-a contra os quentes lábios enquanto baixava o olhar para ela. A Rosalie lhe cortou a respiração, seus dedos firmes e tensos ao redor dos dele. Então, ele partiu, sem que suas suaves botas fizessem o mínimo ruído no chão.

A última coisa que Rosalie esperava que a despertasse era o tängido distante do sino do povoado. Tentou ignorar o persistente ruído e colocou a cabeça sob o travesseiro. Protestando, incorporou-se finalmente e olhou a luz que entrava entre as cortinas meio abertas. A julgar pelo entusiasmo com que soava o sino, algo significativo ocorria na aldeia.

— *Vá* — pensou, retirando as alvoroçadas mechas de cabelo de seu rosto e segurando uma mão na cabeça — *ou ocorreu um desastre ou está a passar o rei da França.*

Lançando um suspiro, levantou-se com dificuldade e se aproximou cambaleante da janela. A luz brilhante e encadeadora do sol aclarava o verdor do campo, lhe dando um tom pálido e esbranquiçado. À distância, em direção ao povoado, o intenso céu azul parecia turvado por uma leve bruma. Finas nuvens? Fumaça? Rosalie franziu o cenho e abandonou o

quarto sem pensar, dirigindo-se instintivamente ao quarto de Randall. Ele não se encontrava ali.

— Mireille? — chamou, descendo as escadas de camisola.

Um pequeno revoo agitava o piso de baixo. Gente que entrava e saía pela porta principal, os golpes da aldraba ao bater contra o portal, vozes que subiam de tom falando com tenacidade. Rosalie se deteve a meio caminho da escada de caracol ao ver Mireille no patamar.

— O que ocorre? Ouvi o sino.

— Mademoiselle, há um incêndio no povoado. Propaga-se muito rapidamente e avança para as lojas, a praça principal, a igreja... pediram que todos os homens fossem ajudar.

Rosalie teve uma premonição que não augurava nada bom. Rapidamente, a dúvida e a inquietação a embargaram.

— Como vão lutar contra o fogo com este calor? — perguntou, seus olhos percorrendo o enorme vestíbulo em busca de Randall — Ouvi que o leito do Loira está mais baixo do que é habitual, apenas há água para beber, não para apagar um...

— Rose, o que faz aqui?

Randall, que nesse momento cruzava o vestíbulo, passou roçando por Mireille rumo às escadas, carrancudo. Rosalie ficou imóvel enquanto ele se aproximava. A brancura de sua camisa, e o tom café de seus calções presos com uma correia ressaltavam os tons dourados de sua pele e seu cabelo. O olhou com apreensão.

— Não irá ao povoado, verdade? — perguntou, e ele a rodeou pela cintura com um braço tenso e a levou escada acima.

— Como te ocorre descer até aqui em camisola? — reprovou-lhe, e ela tentou não tropeçar enquanto ele a arrastava sem mais para o seu quarto — Maldita seja! Aparece com uma roupa transparente para que te veja todo mundo!

— Não me dava conta — protestou Rosalie, acelerando o passo para acompanhar o dele.

— Como de costume.

Preocupada com ele, ela deixou passar o comentário sem rebatê-lo. Ao chegar ao quarto, Randall fechou a porta atrás dele. Rosalie ficou olhando com crescente preocupação, o estômago apertado ao vê-lo tão grande, tão são, tão perfeito. Queria que se mantivesse assim, queria impedir que

desafiasse o destino ficando em perigo. A idéia de que sofresse queimaduras ou se derrubasse uma parede em cima dele a assustava muito.

— Por favor, por favor, não vá — disse, disposta a lhe suplicar se negasse — Há centenas de pessoas que podem combater o fogo.

— Não vai me acontecer nada — respondeu Randall com voz firme e tranquilizadora — Não correrei riscos... mas não posso ficar aqui sabendo que posso ajudar. Sou um homem, Rose, e só um covarde ficaria em casa quando ouve soar o sino.

— Nem sequer é seu povo — insistiu ela, e ao topar-se com seu implacável olhar, sentiu que uma nuvem de pranto rabiscava sua visão — Realmente não vive aqui. Por favor, fique.

— *Petite* — disse Randall, atraindo-a para si e estreitando-a entre os braços — E se fosse o sino do castelo a repicar? — murmurou-lhe ao ouvido. Por seu tom, ela adivinhou que estava sorrindo — Não acredito que gostaria que todos os homens decidissem deixar que fosse seu vizinho quem viesse em nossa ajuda.

— Isso não tem graça! — replicou Rosalie em voz baixa — Disse... Disse que qualquer coisa que quisesse de ti, seria minha. Quero que fique aqui.

De repente, ele ficou imóvel.

— Isso não é justo, Rose — disse enquanto o humor abandonava sua voz.

Em seu coração, ela sabia que tinha razão, mas isso não aplacou seu medo.

— Por favor — suplicou.

— Não — repôs ele suavemente, com um estranho brilho no olhar.

O gênio dela disparou.

— Então vá! Esquece tudo o que disse! Deveria ter mordido a língua antes de falar!

Tentou afastar-se, mas ele a reteve com mais força. Era muito fácil para ele imobilizá-la, por isso ela deixou de resistir.

— Não vire o rosto e me olhe — ordenou Randall.

— Me deixe em paz!

Ele baixou a boca até seu rosto, acariciando a suave bochecha com os lábios até topar-se com uma lágrima furtiva.

— Parta — disse ela com voz afogada, mas a sensação de sua boca lhe roçando a pele era mais do que podia suportar, ficou quieta e dócil. Enquanto o silêncio ficava mais denso, voltou o rosto com um soluço para

encontrar seus lábios. O quarto pareceu desvanecer-se enquanto se beijavam. A escuridão envolveu Rosalie, consumindo-a até que ele se converteu na única realidade que podia imaginar. Consciente de que suas bocas se fundiam, ela ergueu os braços, rodeou-lhe o pescoço e se agarrou a ele. Nunca tinha se sentido tão viva, tão humana e vulnerável. Invadiu-a uma deliciosa e sensual escuridão, uma embriagadora espiral que a fez tremer. Ela murmurou seu nome enquanto ele depositava ténues beijos em seu pescoço, e pareceu como se a voz dela viesse de algum remoto lugar. Então, ele afrouxou seu abraço e Rosalie se sentiu desamparada.

— Me abrace mais — sussurrou, enquanto a escuridão formava redemoinhos ao seu redor em uma neblina exótica, o aroma masculino enchendo seu olfato — Não me deixe, Rand... Me ame.

Ele estremeceu e abriu os olhos, perguntando-se no momento seguinte se tinha querido dizer a última palavra em um sentido físico ou, em troca, emocional. A resposta que desejava dar ficou bloqueada em sua garganta. Randall nunca tinha falado de amor a ninguém em sua vida, e agora não parecia o momento nem o lugar adequado. — *Covarde* — recriminou-se, e se obrigou a afastar os braços do esbelto corpo de Rosalie.

— Voltarei logo — disse com voz rouca. Suas pestanas se elevaram revelando uns olhos tão azuis e tão escuros como o mar tormentoso, deslumbrantes na implacável intensidade de sua cor — Não abandone o castelo — lhe ordenou enquanto a sacudia levemente para assegurar-se de que o entendia bem — Não tente pôr um pé fora do castelo, Rose, entendeste?

— Entendi — murmurou, tremendo um pouco quando as fortes mãos a soltaram.

— *Rand, me ame.* — Soluços intensos oprimiam seu peito, mas ela os conteve. Não choraria diante dele, não lhe suplicaria seu amor nem sua piedade, não lhe deixaria adivinhar a magnitude de seu medo ou as razões que havia atrás dele. Deu meia volta quando ele saiu do quarto, e manteve as costas bem firmes.

O céu foi-se obscurecendo à medida que passavam as horas, e enquanto Rosalie e sua donzela olhavam pela janela do salão em silêncio, ambas viram uma fascinante miragem. O fogo do povoado tornou-se visível à medida que o sol ficava sobre as chamas bailarinas, descendo mais e mais até que pareceu que o astro se desabava no fogo para alimentá-lo com nova força. Hora atrás de hora, as mulheres do castelo aguardaram todos os

homens, inclusive Guillaume, Jérème, Eleazar e monsieur Alvin tinham ido ajudar. Por volta das dez, a maioria das mulheres decidiu retirar-se, mas Rosalie continuou diante da janela, sem pestanejar, os olhos fixos no brilho que rasgava a linha do horizonte. Certamente que por aquela altura o povoado se queimara. Misturado com a pena por aqueles que tinham perdido seus lares e, certamente, algum ser querido, estava o medo de que Randall tivesse ficado ferido. Já não lhe parecia tão temerário como o tinha considerado antes, mas sabia que era muito provável que se oferecesse como voluntário para as tarefas mais arriscadas. E se nesse mesmo instante se encontrava apanhado em alguma parte, asfixiando-se pela fumaça e a falta de ar? E se o abrasavam as chamas que nesse instante eram tão intensas que as podia ver à distância?

Corajosamente, Rosalie tentou tranquilizar-se, despedindo-se das mulheres que foram para a cama e repetindo o que Randall lhe havia dito. Se enfureceria muitíssimo se abandonasse o castelo. Podia imaginar a sua raiva inclusive se descobria que pensou em lhe desobedecer. Mas, se tinha que esperar muito mais tempo, então Randall teria que interná-la em Bedlam, o manicômio situado ao norte de Londres. Não suportava a febril ansiedade que a acossava, nem o enxame de moscas que a rondavam.

— Por favor, me perdoe — sussurrou, fechando os olhos, agitada. Já sentia receios sobre suas próximas ações — Não me aproximarei de ninguém, não me aproximarei do fogo... Nem sequer desmontarei. Só irei me assegurar de que está bem, e voltarei em seguida. Se Deus quiser, nem sequer me verá. E nunca mais voltarei a fazer algo assim, prometo.

Aliviada depois de ter tomado uma decisão, soprou a vela que tinha junto à sua poltrona, e apagou todos os candeeiros. Em silêncio, Rosalie abriu as portas envidraçadas do salão e deslizou para fora. O ar fresco da noite esfriou seu pescoço, e cobriu um pouco mais os braços nus com o xale. Usava um vestido sem mangas, amarelo pálido, um de seus vestidos mais simples. Enquanto se dirigia ao estábulo e ouvia os relinchos dos cavalos, sentiu-se terrivelmente agradecida pelos ensinamentos que tinha recebido em Robin's Threshold, a residência campestre dos Winthrop. O barão Winthrop tinha insistido em que ela e Elaine aprendessem a montar quando eram jovens, e agora Rosalie lhe agradeceu em silêncio.

— Olá, Fantasma — disse suavemente, dando tapinhas no focinho do cavalo — Não te ofenda... Mas esta noite vou experimentar com o Linnette.

A lua iluminava o escuro estábulo o suficiente para mover-se e selar a égua. Talvez o tenha feito de forma inexperiente, mas ao menos a cilha estava apertada e era um animal dócil. Rosalie o conduziu para fora, subiu com agilidade à sua garupa e enganchou o joelho ao redor da cilha antes de esporear Linnette em direção ao povoado. À medida que se aproximavam do pequeno povoado, o ar noturno cheirava a fogo e madeira queimada. Rosalie viu que a égua movia nervosamente as orelhas com os sons dos gritos que provinham do povoado, e quando se aproximaram o bastante para ouvir o crepitar das chamas, Linnette começou a saltar nervosamente.

— Tranquila, bonita... — lhe disse Rosalie, desmontando e atando as rédeas ao ramo de um arvorezinha. Encontravam-se o bastante longe do cenário para que a égua não estivesse ameaçada por homens nem pelo fogo. Rosalie percorreria o resto do caminho a pé.

As chamas produziam um fragor peculiarmente voraz, que trovejava como o rumor de uma cascata. Os olhos de Rosalie foram de um lado ao outro, encontrando-se com os restos fumegantes e enegrecidos de lares e lojas. Pulverizados pelas ruas havia partes de madeira dos móveis e tiras em chamas do recheio de almofadas e colchões. O fogo tinha passado por essa parte do povoado, mas estava controlado mais ou menos, embora parecesse ganhar força em outras partes do povoado. Com cautela, caminhou entre os edifícios fumegantes, compadecendo-se dos feridos estendidos nas ruas. Como tinha começado tudo? Perguntou-se enquanto se dirigia para as zonas onde o céu tinha tonalidades cinza e púrpura devido ao resplendor das chamas.

De repente, por uma ruela apareceu uma mulher correndo e gritando, e Rosalie viu que as chamas tinham ateado nas saias daquela desventurada. Arrancando o xale, correu atrás da mulher.

— Pare! A ajudarei! — gritou, mas a mulher não a escutou.

Foi uma mera questão de sorte que tropeçasse com uma pedra e caísse ao chão. Rosalie se precipitou sobre ela, apagando as roupas em chamas com seu xale. A mulher permaneceu imóvel inclusive depois de que se extinguisse o fogo. Não parecia que se tivesse queimado, já que, embora as chamas lhe tivessem consumido as saias, não tinham tido tempo de alcançar a pele.

— Está ferida? — perguntou Rosalie, virando-a, e a mulher a olhou interrogadora. Rosalie se deu conta de que lhe tinha perguntado em inglês

— Maldita seja...! — murmurou, incapaz de recordar uma só palavra de francês em situações de ameaça — Está... *êtes vous*...?

A mulher pôs-se a chorar e, cambaleando, dirigiu-se a um lado da rua. Vacilante, Rosalie recolheu o xale antes de seguir adiante.

As insaciáveis chama recortavam a silhueta do sino da igreja. O fogo não tinha chegado ainda à igreja, mas se aproximava invencível. Rosalie murmurou algo sem fôlego, rogando que não destruísse o edifício. Era o centro da comunidade, da maioria das atividades sociais e familiares do povoado. Os danos ocasionados depois do incêndio já eram de desastrosas proporções, mas a destruição da igreja seria ainda pior.

Tratou de sair do meio para deixar espaço aos homens que corriam de um lado ao outro, transportando baldes de água da fonte e dos riachos que provinham do Loir. Outros apagavam o fogo com tapetes e mantas. Um homem caiu, derramando um balde de água preciosa que se evaporou no chão quente. Tinha o braço gravemente queimado e não parecia que o tivessem socorrido. Duas ou três mulheres correram a afastá-lo do caminho dos homens que continuavam lutando contra o fogo. Rosalie o agarrou de um braço para ajudar a levantá-lo. Levaram-no a uma área onde descansavam outros feridos, e uma mulher deu uns tapinhas no braço de Rosalie, em silenciosa gratidão, antes de virar-se para enfaixar outra ensanguentada queimadura. Rosalie olhou ao redor, mas não conseguiu distinguir nem rastro de Randall, e tragou saliva antes de continuar com a busca em outra parte.

As moradias situadas perto da igreja começavam a ser evacuadas, os gemidos dos meninos mesclando-se com o praguejar dos homens e o rugido do fogo. Rosalie não divisava ninguém que se parecesse com Randall. Os olhos começaram a lacrimejar e arder da fumaça e tossiu para limpar um ardor agudo e seco na garganta.

Secou as faces com o dorso da mão e, imediatamente, se enfrentou à lastimosa imagem de uma criança de dois ou três anos gritando. Tratava-se de uma menina pequena, de cabelo castanho e encaracolado, a boca tão grande como a cara, e que chorava chamando a sua mãe.

— Chsss...! Pequenina, não chore — murmurou Rosalie, agarrando-a em braços e lançando um olhar à rua. Ao não ver seus pais nem a nenhum parente perto, perguntou-se o que fazer enquanto a menina se pendurava dela como uma macaquinha.

Dando-lhe tapinhas nas costas, Rosalie virou-se indecisa e correu para o que parecia uma sólida parede de pedra. A menina voltou a gritar, esta vez diretamente ao ouvido de Rosalie, entrechando os olhos cada vez que via uma coisa nova.

— Mademoiselle Rosalie? É você?

Alguém lhe agarrou a menina dos braços e a depositou no chão. Rosalie lançou um suspiro de alívio ao reconhecer o formoso rosto manchado de fuligem que tinha diante.

— Guillaume — disse, e lacrimejou quando os envolveu uma baforada de fumaça.

A expressão de assombro do jovem desapareceu quando lhe sorriu.

— Pensei que fosse você — disse, enquanto a menina se abraçava a seu joelho — E logo pensei: não, não pode ser... A menos que tenha perdido toda a sensatez que previamente lhe atribuía... *Mon Dieu*, Mira não a acompanha, verdade?

— Não.

— Menos mal. Agora a questão é o que fazemos com esta menina.

— Não sei. Provavelmente há algum lugar onde ficam com os meninos extraviados até que aparecem os pais.

— Há. Liberte-a — olhou a pequena, que se agarrava à sua perna — deste adorável fardo. Mas, embora o pior já tenha passado, não é seguro para que ande sozinha por aí.

— O que quer dizer com que o pior passou? A igreja...

— O fogo não a alcançará. Conseguirão que só afete as casas.

— Não podia esperar no castelo. Tinha um horrível pressentimento.

— Carinha de anjo, não deveria estar aqui — disse, enquanto seus olhos brilhavam com sutis tons de diversão.

— Estou procurando a Randall. Não o vi por nenhuma parte. Encontra-se bem? Viu-o? Quando e onde pensa que...?

— Mais devagar, *jolie ange*... Não se preocupe. A última vez que o vi, ajudava a transladar os meninos da casa do pároco. Está bem.

— Não o vejo. Que casa? A que arde?

— Ah, *zut* — disse Guillaume, seguindo a direção do trémulo dedo — Oh, diabos... Sim, essa. Assim que o fogo a alcançou. Espero que tenham saído todos.

Rosalie saiu disparada, recolhendo as saias para correr mais depressa para a estrutura em chamas. Estas tinham alcançado as janelas do segundo

andar, dando à casa o aspecto de um demônio com uma multidão de olhos. Se Randall se achava dentro, estava apanhado em um inferno sem escapatória. Ficou paralisada à luz das chamas, massageando o pescoço. Com o som de um trovão, o telhado se derrubou, propagando uma chuva de faíscas que dançaram no ar como milhares de vaga-lumes. Rosalie deu um salto, com um nó no estômago e respirando com muita dificuldade. Seus lábios pronunciaram uma oração muda, e as pernas lhe falharam.

— Havia alguém dentro? — perguntou a um velho que se encontrava por ali, os olhos fixos na montanha de escombros em chamas — Havia alguém dentro? — repetiu Rosalie, lhe puxando da manga.

O homem se voltou para ela com olhos vazios. Ela retrocedeu assustada, pensando que tudo era um sonho terrível, e nesse preciso instante, sobreveio-lhe uma sucessão de imagens. Algo a golpeou na cintura, com tanta força que não pôde emitir som algum... Ao mesmo tempo, uma série de grosseiras maldições flutuou sobre sua cabeça, e girou como um peão quando alguém começou a puxar do seu vestido e lhe dar tapas. Aturdida, Rosalie começou a entender que seu vestido tinha começado a arder, que uma faísca tinha feito arder o frágil material, e que se seu salvador tivesse demorado um segundo mais, teria sido devorada por uma fugaz e mortal labareda.

Estava erguida, segura firmemente por um corpo sólido e musculoso, o mesmo que a tinha feito girar para apagar as chamas de seu vestido. Uma mão masculina lhe rodeou a cintura e a atraiu para si. O rosto de Rosalie chocou contra a garganta do homem, e quando reconheceu seu familiar perfume, suspirou de alívio e relaxou confiante. Seus braços se elevaram para abraçar os largos ombros, apertando-se contra o poderoso peito enquanto escutava sua rápida respiração.

— Rand — disse, o terror decrescendo à medida que a inesgotável força dele a envolvia protetoramente.

Superada a sensação de pesadelo, Rosalie se sentiu jubilosa, e afastou a cabeça para trás para lhe olhar no rosto, que estava manchado de fuligem ao redor dos olhos, lhe dando a surpreendente aparência de um leão. O resplendor das chamas piscava sobre sua cabeça e iluminava as pontas chamuscadas de seu cabelo raiado de ouro. — *Está ileso* — pensou Rosalie, e seus olhos brilharam como diamantes enquanto o olhava.

Não demorou em dar-se conta de que ele não estava nada contente de vê-la.

Capítulo 13

*Em todo meu ser não há sinal de desgosto
Porque tenho aberto a ti
As vastas portas de meu ser
E, como uma maré, arrastaste-me.*

Anônimo

— Maldição! — grunhiu Randall, afastando-a dele para lhe fazer um exame rápido e exaustivo — Se esse vestido não estivesse já meio queimado, te levantaria as saias e te açoitaria durante uma hora!

Antes que ela pudesse replicar, sacudiu-a com violência. Rosalie apertou os dentes para evitar que chocassem entre si. Ao fim, Randall sossegou um pouco, segurando-a tão perto que quase se tocavam.

— Disseste que ficasse no castelo! É perigoso estar aqui! Maldita seja!

Outra vigorosa sacudida, e Rosalie pensou que seus ossos começariam a desconjuntar-se se não parava logo. Decidiu dizer algo em sua defesa.

— Não era minha intenção me aproximar tanto ao fogo — alegou.

— Ao diabo com suas intenções! Olho ao redor em um momento de descanso, e te encontro convertida em uma tocha!

Rosalie ia replicar, mas se viu sacudida uma vez mais. Desgraçadamente, parecia que Randall planejava continuar assim por um bom momento. Rodeou-lhe o pescoço com os braços para fazê-lo parar.

— Por quê? Porque tornaste a me desobedecer? — espetou, e ela abriu caminho entre a ligeira confusão que acompanhava sua raiva com umas suaves palavras.

— Porque te amo.

Randall ficou paralisado, olhando-a como se não desse crédito a seus ouvidos. Seu apertão se suavizou quando seus dedos ficaram lassos da surpresa.

— Você... — balbuciou, e todo seu aborrecimento desapareceu no ato.

Era quase mais do que um homem podia suportar: temer por ela e estar enfurecido com ela ao mesmo tempo, e de repente ver-se assaltado por uma onda de amor tão intensa. Não podia falar. Assim optou por beijá-la com ardor, sua mão emoldurando um lado de seu rosto e empurrando a cabeça

para seu ombro. Rosalie separou os lábios para receber sua língua, subitamente excitada. Parecia que a beijava durante horas. Quando por fim ele levantou a cabeça, lhe pareceu estar flutuando.

— Mesmo assim vou te dar uma palmadas — sussurrou Randall, lhe roçando os lábios ao falar.

Tudo que os rodeava, o fogo, as pessoas, a fumaça, ficou esquecido na maravilha daquele momento.

— Amo-te — repetiu Rosalie, descobrindo com deleite que a frase despertava um novo broto de ternura no Randall.

Ele franziu a boca ironicamente enquanto contemplava o pequeno rosto de sua amada.

— Pensa ter encontrado a palavra mágica para acalmar o monstro resmungão, né? — disse com voz rouca — Admito que o consiga... Mas tenho a intenção de manter minha palavra, e não escapará sem castigo por ter ignorado minhas ordens.

— Tinha medo de que tivesse acontecido algo com você — se desculpou ela — Quando vi que se derrubava o telhado da casa, pensei que poderia estar dentro e quis morrer.

Ele, melhor que ninguém, podia entender como se sentia ela. Acariciou-lhe ligeiramente a nuca, tranquilizando-a.

Rosalie apoiou a cabeça em seu ombro e Randall murmurou com ternura: — Sei, amor. Mas pensaste que tudo isto, inclusive o dano causado a seu vestido, se poderia ter evitado se me tivesse escutado antes? Esta noite me tem feito envelhecer outros dez anos, *fleur*, e a este ritmo não vou durar muito.

— Por favor, me leve para casa — sussurrou ela, deixando-se balançar no delicioso prazer que lhe proporcionava o sensível contato de suas mãos — Quero fazer o amor contigo.

A boca de Randall se curvou em um sorriso.

— Deus! Tem uma maneira muito especial de acabar com as reprimendas, meu amor.

Rosalie encontrava-se sentada diante da lareira do seu quarto, concentrada em seus pensamentos mais íntimos, os pés recolhidos debaixo da camisola de seda que cobria sua figura. Segurava uma escova laqueada que passava por sua cabeleira recém-lavada, uma e outra vez de cima abaixo, até que se converteu em uma lustrosa cortina ao redor de seus

ombros e suas costas. A luz vacilante e o movimento rítmico da escova a ajudavam a acalmar seus nervos, já que tinha sido uma noite agitada. Depois de voltar para casa cavalcando junto a Randall e Guillaume, tinha sido objeto de uma acesa reprimenda de madame Alvin e olhares de recriminação de Mireille. Tinha—se seguido um banho muito quente, assim como uma boa esfregadela para eliminar a fuligem e a fumaça de seu cabelo e sua pele. Randall não lhe tinha desejado boa noite, o que era um bom sinal, porque Rosalie supunha que quando todos se retirassem, ele iria ao seu quarto. Com nostalgia, escovou os negros e ondulados cabelos sobre um ombro, preparando-os para trançá-los.

— Deixa-os soltos.

A suave petição provinha da porta, e Rosalie voltou o rosto para olhar o seu visitante enquanto a porta se fechava com um suave som. De pé, com um robe de seda bordeaux, apoiado na porta, Randall a contemplava fixamente. Tinha o cabelo úmido e recém-cortado, sem as pontas chamuscadas que apagavam o brilho do âmbar puro. Um tronco da lareira se moveu com um rangido, emitindo um ligeiro brilho que brincou sobre seu rosto com uma luminescência peculiar. Rosalie conteve o fôlego enquanto o olhava, intuindo algo diferente nele. Durante um instante, pareceu-lhe um esbelto e bonito desconhecido, e ela permaneceu imóvel enquanto ele a percorria com seu olhar cor de avelã. Então, ele sorriu devagar e ela se aproximou dele emitindo um som repleto de amor. Randall a rodeou com os braços, sorrindo entre seus cabelos enquanto ela ficava nas pontas dos pés para acomodar-se à sua estatura.

— Esperava encontra-la adormecida — disse baixinho, entrelaçando os dedos em seu sedoso cabelo, fonte constante de tentação para ele.

— Não estou nada cansada.

— Alegra-me sabê-lo — respondeu ele com um sorriso ligeiramente irônico, e inclinou a cabeça para beijá-la.

Suas bocas se uniram apaixonadamente, e a coisa seguinte de que Rosalie foi consciente era de se encontrava na cama junto a ele, sem recordar como tinham chegado ali. Ele não fez nenhum movimento para despi-la, mas suas mãos a percorreram com desejo e excitação.

— Amo-te — lhe sussurrou, e Rosalie corou de alegria.

— Eu te amei desde a primeira noite em Paris. Estávamos dançando e me rodeou com seus braços... E de repente me dava conta de que não queria que o baile acabasse nunca.

Seus olhos se encontraram, e Randall respondeu à sua tácita pergunta.

— A primeira vez que me separei de ti — disse com suavidade — quando vim aqui para me desfazer das propriedades d'Angoux, não podia deixar de pensar em tudo o que te tinha dito pela manhã. Não tinha idéia do que me tinha impulsionado a te contar tanto sobre meu passado. Irritava-me continuar pensando em ti, e mais ainda estar impaciente por retornar ao Lothaire. Tinha a cabeça cheia de incontáveis maneiras de te seduzir, mas tanto como queria despertar teu desejo, desejava tua confiança, teu afeto... Coisas que nunca antes tinha pedido a alguém. Sentia como se me pertencesse, e ficava louco cada vez que me afastava.

O resplendor do fogo brilhou em sua dourada pele, as espessas pestanas criando uma sombra nos contornos de suas maçãs do rosto.

— Tem as mãos tão pequenas — acrescentou, levantando uma delas e examinando a delicada palma antes de beijá-la — Me deixou assombrado ao me dar conta de que todo meu mundo se apoiava nelas. — Olhou-a nos olhos, apagando o sorriso amável, e lhe perguntou — por que me afastou quando pedi que te casasses comigo?

Rosalie franziu o cenho, virando a cabeça para um lado. Em silêncio, esforçou-se por encontrar as palavras exatas para expressar-se.

— Às vezes sinto que me angustia — sussurrou — É tudo o que poderia desejar. Mas... somos muito diferentes. Minha vida foi tranquila, protegida... e conheço meu próprio coração.

— E pensa que eu não conheço o meu? — Randall se apoiou sobre um braço e a olhou atentamente.

— Está acostumado à diversão e à variedade. Tinha medo de ser só uma novidade para ti... interessante, mas temporária.

— Maldita seja, Rose — repôs com um matiz de despeito — uma novidade? Pedi-te que te casasses comigo. Se isso não for uma declaração de intenções a longo prazo, não sei o que é.

— Sabe tão bem como eu o que o casamento significa para um membro da aristocracia — disse ela desapaixonadamente — Sobretudo alguém com tanta linhagem como você. Depois de te dar um herdeiro adequado, não teria garantias de que não me instalasse no campo e procedesse a se esquecer de minha existência. Considerando a disparidade de nossos caracteres, pensava que havia muitas probabilidades de que te cansasses de mim e da vida tranquila que...

— Uma vida tranquila — disse Randall em tom grave — é algo que receberia com os braços abertos, mas não o considero muito provável. Não quando não tive um momento de paz desde que te vi pela primeira vez. Não sei por que, mas não posso imaginar nossa vida matrimonial descendo do nível de *tumultuosa* até que ambos tenhamos setenta anos. Sobretudo — acrescentou de maneira significativa — se persistir em se lançar em cada situação perigosa da qual tento te preservar.

— Não tem nada que ver com a confiança — disse Rosalie, esforçando-se por acalmá-lo — Especialmente, não o que fiz esta noite. Confio em ti completamente. Para falar a verdade, eu gostaria de poder seguir seus desejos ao pé da letra.

— Oxalá — disse Randall dirigindo-se a uma hipotética audiência — o desejo estivesse reforçado pelos fatos tal como pelos sentimentos.

— Mas não pude continuar mais tempo aqui sentada. Verdade que não ficaria aqui sentado, sem fazer nada, se tivesse medo de que eu corresse perigo?

Era um bom raciocínio. Randall ficou olhando, franzindo a boca.

— Irá continuar aplicando seu critério quando decide que é necessário — afirmou, arqueando uma sobrancelha em interrogação.

— Eu... não posso me comportar de outra maneira — admitiu Rosalie, passeando uma unha pelo pesponto de seu robe e afastando o olhar dele.

— O que faria no caso extremo de que te pedisse que fizesse algo sem perguntar o por quê?

Olhou-lhe diretamente, sua voz firme e segura.

— Confiaria em ti o suficiente para fazer algo que me pedisse — prometeu — Pode contar com isso. Mas seria igual o contrário? Se alguma vez te pedir que faças algo por mim sem questioná-lo, o faria?

Randall sorriu pela metade, um brilho de admiração iluminando seus olhos.

— É obvio, *mon coeur*.

Fizeram um pacto. A resposta de Randall foi alentadora para Rosalie, porque começou a ver que estava disposto a tratá-la como a uma companheira, alguém em quem confiava tanto como amava. A maioria das mulheres não era tão afortunadas, dado que quase nenhum homem teria tolerado a classe de debates e discussões que ela mantinha com Randall. Após um momento de agradável reflexão, atreveu-se a perguntar uma coisa mais.

— Sempre tive por certo que meu marido me amaria só a mim... A nenhuma outra mulher.

— Te amarei até que as pedras e os tijolos deste castelo se convertam em pó. Estava destinada a ser minha, e não desejo nenhuma outra mulher.

Randall a atraiu para si, suas grandes mãos abrangendo seus glúteos e pressionando-os contra seu membro, duro e ereto.

— Isto — murmurou com voz rouca — é por ti, e ultimamente prometeu converter-se em uma condição permanente. Amor, podemos passar o resto da noite decidindo as condições e disposições de nosso casamento, mas dado que temos o resto da vida para fazê-lo, tenho uma alternativa a sugerir.

A temperatura de Rosalie pareceu aumentar vários graus enquanto ele aproximava os quadris dos seus. Sua pele se tornou hipersensível e ávida do mais ligeiro contato. Queria se desfazer do suave e leve material de sua camisola, que era uma barreira não desejada entre sua pele e as mãos dele. Queria sentir a lisa e nua carne contra a sua, porque nada no mundo lhe parecia tão maravilhoso como a multidão de diferenças entre seus corpos, um duro, o outro suave; um agressivo, o outro complacente; um forte, o outro flexível.

— Sim — disse ela, apanhada na brilhante cor de seus olhos, a indescritível mescla de tons que se misturavam em uma escuridão revestida de luz — Algo que sugira, estarei de acordo.

— Ah... espera — disse com um repentino sorriso — Será melhor que me aproveite de seu humor, dado que não sei quando voltará a se mostrar tão dócil. Tranquiliza meu coração, *petite fleur*... e me diga que aceitará ser minha esposa.

— Sim, aceitarei — respondeu sem fôlego, sua boca procurando a dele — Sim...

Com um gemido a beijou, seu desejo crescendo incontrolável. Ela suspirou com ânsia, enquanto retirava o grosso robe de Randall até que apareceram as musculosas linhas de seus ombros, e suas mãos posaram, abertas e amorosas, na poderosa compleição de suas costas. O cabelo de sua nuca estava muito mais curto que antes, mas os cachos pareciam espessos faixos de seda entre seus dedos.

Desejando-o com ferocidade, Rosalie o rodeou com seus braços e se arqueou contra o esbelto corpo. O robe se abriu, e a única barreira que ficou entre os dois foi a vaporosa camisola. Impaciente, procurou os nós da camisola, mas o desejo a tornava torpe. Gemendo de frustração, Rosalie

começou a puxar o transparente tecido até subi-lo por cima de seus quadris, ajudada pelas mãos de Randall. Ele aspirou profundamente quando tocou seus quadris nus e se deu conta de que ela não levava nada debaixo da camisola. As belas pernas de Rosalie se separaram enquanto elevava os quadris, e um gemido escapou de sua garganta no momento em que seu baixo ventre, nu, roçou o dele. A abrasadora contundência do membro ereto pressionou contra o delicado berço de suas pernas como se fosse um ferro ardente, e ela sentiu seu desejo e sua potência, a ligeira vibração que a deixava louca de desejo de senti-lo dentro. Entretanto, ele se continha, atrasando a penetração.

— O que esperas? — perguntou-lhe, enquanto sua voz soava estranhamente grave e gutural a seus próprios ouvidos. Sabia que Randall a desejava tanto como ela a ele, porque ele ofegava e estava ruborizado, e seu pênis ereto e palpitante se esfregava sem pausa.

— Não como da última vez... — murmurou — não com as saias amontoadas em sua cintura, como se não tivéssemos tempo...

— Por favor, não me importa — suplicou ela, seu cabelo enredado sobre o rosto e o pescoço enquanto se retorcia debaixo dele — Só quero que...

— Shsss...! Temos toda a noite — repôs acalmando-a, afastando-se ligeiramente para que seus dedos chegassem aos nós da camisola.

Rosalie tragou ar compulsivamente e fechou os olhos, obrigando-se a ser paciente, enquanto ele trabalhava nas diminutas tiras de seda. Os estrondosos batimentos de seu coração amainaram um pouco enquanto esperava, embora experimentasse um intenso alívio quando sentiu que desfazia o último laço e a camisola se abria. O robe e a camisola voaram para o chão, suas barras revoando como asas de borboleta.

Randall olhou Rosalie, enquanto afastava o cabelo de seu rosto e o estendia cuidadosamente sobre o travesseiro. As mechas azeviche formaram uma cascata, abundante e formosa, que brilhava com reflexos que pareciam arder dentro de cada mecha. A tenra palidez de seus seios refulgiu com um reflexo perolado que fez com que a respiração de Randall se cortasse consideravelmente. Elevou sua mão até às perfeitas curvas, acomodando a carne jovem e doce, acariciando os bicos de seus seios com o dedo indicador até que responderam a sua carícia, contraindo-se.

— É tão incrivelmente bonita — disse com voz grave — Quando tento te recordar tal como é agora, meu desejo por ti fica desesperado... Entretanto,

as lembranças são uma pobre imitação da realidade. Nenhum sonho, nenhum pensamento, nenhuma lembrança poderia te fazer justiça.

Sua mão deslizou por seu peito com outra carícia mais, esquisitamente harmoniosa, antes de deslizar até à suave linha de sua cintura.

— Tão pequena, tão feminina — sussurrou, aproximando os lábios do seu seio — tão doce...

Ela proferiu um gritinho quando a ávida boca cobriu seu mamilo e a língua se moveu astutamente, propagando faíscas através de seu corpo como se fosse uma violenta cascata. Ela separou as pernas ao contato de suas mãos, lutando febrilmente para atraí-lo para mais perto.

— É este seu castigo pelo que fiz esta noite? — perguntou atropeladamente, percorrendo com as mãos os duros e largos músculos de seu braço e agarrando seus ombros — Me fazer esperar até que morra de desejo por ti?

— Já sei como me recompensará por tudo o que me tem feito sofrer — disse, sua voz um ronronar preguiçoso enquanto saboreava o suave vale que separava seus seios — renunciando a dormir esta noite. E embora amanhã os dois estejamos exaustos, prometo que também estaremos muitos saciados para que nos importe.

Seus dedos pareciam sentir-se atraídos pelas partes mais sensíveis do corpo dela, vagando de nervo em nervo e lhe provocando indescritíveis sensações de prazer. Uma atrás de outra se interromperam as conexões entre seus pensamentos, deixando-a só com a capacidade de responder a ele como uma criatura mecânica. Randall sabia exatamente como lhe agradar, com carícias firmes em alguns lugares, tão ligeiras como o roce dos bigodes de um gato em outros, sossegando seus gritinhos de súplica com seus beijos e em troca lhe ensinando como lhe agradar. Aproximaram-se juntos a um exaustivo precipício, seus corpos flexionando-se, moldando-se um ao outro. Em várias ocasiões, Rosalie aguardou com confusão e antecipação que ele a possuísse, já que era óbvio que estava pronta para recebê-lo. No entanto, ele se reprimiu, optando por atormentá-la com sinuosas carícias. Depois de longos minutos de refinada tortura, Rosalie alcançou o limite de sua resistência.

— Basta — ofegou, esgotada e dolorida de tanto desejo reprimido — Não o suporte mais, e não sei como você pode.

Em resposta, suas mãos a agarraram firmemente pelos quadris e, para surpresa de Rosalie, voltaram-na de barriga para baixo. Seus seios se

esmagaram contra o colchão, a cabeça virada para um lado tentando olhar Randall. Um estranho calafrio de excitação percorreu sua pele enquanto ele beijava sua nuca e mordiscava ligeiramente as delicadas depressões de sua coluna. Embora nunca o tivesse imaginado, instintivamente Rosalie pressentiu o que estava a ponto de acontecer, e estremeceu com nervosa espera. A aveludada voz de Randall acariciou seus ouvidos, sussurros escuros e eróticos que lhe evocavam imagens vividas e carnavais. Com suavidade, seus dedos deslizaram entre ela e o colchão, separando-se sob os quadris e erguendo-a para cima. Ela flexionou os joelhos e foi vagamente consciente da fricção do vigoroso peito masculino contra suas costas.

— Rand? — perguntou aturdida, ouvindo a tensa respiração dele.

E então deu um gritinho quando Randall a penetrou de uma investida com seu comprido e potente membro, uma sensação imperiosa e contundente arrasando todos os cantos de seu corpo. Os braços dele rodeavam os seus e Rosalie se agarrou aos pulsos com força, cheia com aquele torrencial impulso até que ambos os corpos ficaram encaixados. Embora a paixão dele fosse violenta, também era amorosa, já que a satisfação de seu desejo era primitiva para ele, e cada movimento procurava aumentar o êxtase. As sensações emanaram em seu interior até que se rendeu a elas sem poder conter-se, arqueando-se contra ele enquanto se sentia alagada por uma sorte absoluta. A mão dele procurou a vulva para acariciá-la, aumentando o prazer tanto como fora possível. Randall tomava com veemência, segurando com força seus quadris enquanto estremeceu com profunda satisfação.

Rosalie demorou bastante a recuperar, sua mente e seu corpo drogados com a agradável lassidão que a envolvia como um casaco de veludo. Voltando o rosto para Randall, apoiou-o em seu ombro e ficou aprisionada em seu abraço, o refúgio mais seguro que alguma vez conheceria. Não teve consciência de adormecer, mas, quando voltou a abrir os olhos, soube que tinham passado horas. Espreguiçando-se e bocejando, extasiou-se no carinhoso entrelaçamento de seus corpos e se aninhou contra Randall. Quando o olhou, viu que ele estava acordado e, por sua expressão, tinha-a estado observando longamente.

— Está amanhecendo — disse ele, acariciando seu suave rosto com o polegar. Fascinava—o sua alvoroçada beleza, o rosto tingido do mais delicado tom nacarado, os lábios macios e inflamados, e os olhos de um azul intenso e escuro. Sorriu-lhe com um olhar de tantas profundidades

misteriosas que detiveram por um instante os batimentos de seu coração. Rosalie parecia desfrutar de algum secreto conhecimento que a agradava enormemente, e Randall se perguntou que pensamentos buliam em sua mente.

Rosalie lhe roçou o peito com os lábios, procurando e encontrando o pulso regular e constante. Acariciou-o com a língua até que sentiu que seus batimentos cardíacos incrementavam o ritmo. Apoando-se sobre os cotovelos, levantou-se sobre o comprido corpo dele com a graciosa precisão de um gato, as mãos delicadamente situadas para segurar-se e a cabeça inclinada para sua garganta.

— Rose... — disse ele com um sorriso brincalhão de advertência, mas sua diversão desapareceu rapidamente quando ela começou a chupar e lhe morder a base do pescoço. Seu peso, embora ligeiro, pressionava os largos ombros dele contra o colchão, enquanto os suaves bicos dos seios roçavam seu peito. Em questão de segundos a excitação de Randall alcançou um nível insuportável. Seus olhos se entrecerraram enquanto um insistente de urgente desespero o arrastava em uma maré difícil de controlar. Preparado para penetrá-la de novo, aproximou as mãos dos cotovelos dela enquanto se preparava para pô-la debaixo dele.

— Não — disse ela, e ele a soltou, surpreso pela firmeza de sua voz.

Que jogo lhe tinha preparado? Perguntou-se, e entreabriu os olhos para olhá-la fixamente. Obsequiando-o com um prometedora meio sorriso, Rosalie puxou o sedoso almofadão sobre o qual descansava a cabeça dele e o jogou no chão. Completamente estirado, Randall lhe lançou um olhar de curiosidade, desejo e talvez um toque de frustração. Cruzou as mãos atrás da cabeça e continuou olhando-a esperando, procurando descobrir o que ela planejava. Rosalie reatou seus mimosos cuidados, os lábios passeando-se por sua orelha para voltar a descer pelo pescoço. Ela sentiu aumentar sua própria excitação, dado que sentir o poderoso corpo de Randall tão quieto recebendo seus cuidados era toda uma novidade, toda sua força e impulsos masculinos mantidos ao limite, deixando-a livre para explorá-lo sem entraves. Beijando seus lábios, Rosalie acariciou com a língua a comissura de sua boca, sorrindo ao sentir como seu peito subia e baixava com profundos ofegos. As mãos dele rodearam seu rosto e a beijou avidamente, com um suave ronrono quando deslizou a boca por sua garganta. Começou a dizer algo, mas sua voz se apagou abruptamente quando sentiu os dedos femininos avançar pelo bem esculpido flanco de sua cintura e acariciar seu

abdômen. A língua de Rosalie deixou um rastro úmido e quente em um dos mamilos masculinos, logo no outro, e de repente Randall não pôde recordar ter sentido tanta excitação em sua vida.

— Tenho que te possuir agora — bramou com impaciência, mas Rosalie se afastou antes que pudesse alcançá-la.

Era uma visão esplêndida, esbelto e perfeitamente formado, cada parte de seu corpo cinzelado com graça, e vitalidade masculina. Inclinando-se sobre ele, Rosalie pousou a boca em seu tenso estômago e desceu deixando um atalho de beijos sobre sua pele, sentindo-o estremecer quando apertava os dentes contra seu abdômen de forma gradual, enquanto arrastava o cabelo suavemente por sua pele, tão doce e deliciosa como as gotas do orvalho.

O brilho da paixão iluminou as maçãs do rosto de Randall. Tinha os olhos fechados, a pele tensa sobre as linhas fortes e elegantes de seu rosto. De repente, Rosalie alcançou o objeto de sua busca, e enquanto sua boca e sua língua acariciavam tentadoramente o palpitante membro, ele experimentou um grau de prazer inimaginável. Mordendo o lábio, apertou as mãos trêmulas e proferiu um gemido ao sentir a sussurrante carícia do fascinado suspiro de Rosalie ao lhe tocar. A mente de Randall ficou em branco, e tanto foi o desejo que experimentou que apenas recordou o que aconteceu depois. Estreitou-a com seus braços tensos como barras de ferro. Rosalie lançou um grito afogado ante a inesperada reação, seu suave sonho interrompido bruscamente enquanto a colocava de costas sobre a cama, com tal força que apenas podia respirar. Ele ignorou seus protestos e a possuiu sem mais, investindo uma e outra vez. Rosalie gemia, recuando insaciável enquanto ele a montava depressa e com ímpeto. Sem poder conter-se, ela alcançou o clímax justo antes que um grunhido de êxtase vibrasse em seus ouvidos.

Vestida com um recatado vestido de litras brancas e salmão, Rosalie bebeu os últimos restos de café que ficavam em sua xícara. Sentia-se agradecida de que Randall tivesse devorado seu café da manhã rapidamente e partido para o seu passeio a cavalo, dado que essa manhã lhe tinha sido difícil o olhar na cara sem ruborizar-se.

Embora todo mundo se comportasse como se fosse um dia normal, sentia-se objeto de vários olhares especulativos. Não tinha a menor dúvida de que Guillaume e outros tinham visto e informado de seu extraordinário comportamento no cenário do incêndio, incluindo o significativo beijo que tinha compartilhado com Randall. Mireille, inesperadamente calada, não

fazia perguntas, mas parecia muito contente. E madame Alvin parecia flutuar entre um tom aprovador e outro de receio. Todos sabiam que a relação entre Rosalie e Randall era muito mais profunda do que parecia, mas ninguém estava certo de até que ponto estavam comprometidos nem de que maneira. A atitude de Randall oscilava entre o divertido e o exasperante. Na última hora, depois de descer as escadas e de fazer um comentário mundano sobre quão bem tinha dormido, tinha tratado Rosalie com a mesma indiferença que a uma conhecida. Não obstante, de vez em quando deixava cair algum comentário de duplo sentido, escolhendo aqueles momentos que a faziam engasgar-se com o café e o croissant.

Uma vez que se foi, Rosalie e Mireille acabaram seu café da manhã barrando os últimos pães-doces com manteiga e comendo-os com gosto. Mireille se desculpou e partiu uns minutos, e Rosalie aproveitou para levantar-se da mesa e aproximar-se da janela, de onde divisou Guillaume, carregado de ramos cortados das roseiras, assobiando de maneira relaxada, os olhos sorridentes, igual a Mireille quando estava feliz. Rosalie reparou com preocupação na pesada vendagem que envolvia seu braço, e foi até às portas do salão para encontrar-se com ele quando passasse por ali.

— Carinha de anjo — a saudou o moço com um sorriso radiante.

— Ontem à noite não me dei conta de que estava ferido.

— Estava ocupada com outros pensamentos, todos mais urgentes que minha pequena queimadura.

Ela se negou a lhe seguir a atitude zombadora, mantendo um toque de seriedade em sua expressão.

— As queimaduras são perigosas se não se curarem bem, Guillaume. Foi adequadamente...?

— Mira a viu — disse encolhendo os ombros, com o cuidado de não deixar cair os ramos que sustentava nos braços — É muito hábil nestes misteres. Muitas vezes jurei que tem um toque mágico. Viu o pequeno fardo que guarda em seu quarto? Toda classe de ervas asquerosas, óleo e bálsamos acres.

— Não, isso não sabia.

— Então, monsieur de Berkeley não lhe mencionou nada a respeito?

— Não, nada — replicou Rosalie, perguntando-se por que Guillaume parecia tão interessado em sua resposta — Porque ele ira saber algo do talento curativo de Mireille?

— Não há nenhuma razão para isso — repôs Guillaume rapidamente, sorrindo-lhe com os olhos — Estou falando por falar, mademoiselle.

— Guillaume, por favor, não trabalhe muito hoje. E tenha muito cuidado com seu braço. Se começar a te incomodar, vem aqui imediatamente.

— Mas e se monsieur...?

— É possível que monsieur tenha estado muito preocupado esta manhã para lembrar-se de seu braço, mas não gostaria que te excedesses.

— É muito amável, mademoiselle — respondeu o moço, e seu amplo sorriso titubeou enquanto contemplava os inocentes olhos de Rosalie — A dama mais generosa que já conheci — acrescentou, olhando-a de uma maneira que fez Rosalie se sentir adulada, coibida e ligeiramente inquieta.

— Tenho muitos defeitos — disse suavemente — Estou muito longe de ser um anjo, Guillaume.

Ele, geralmente de palavra fácil, ficou mudo ante a doce compaixão da moça. Não merecia sequer um sorriso dela, muito menos sua preocupação, e sabia, mas isso não o impediu de levar a sua mão aos lábios e lhe dar um beijo reverente na ponta dos dedos.

— Não tem defeitos — disse soltando sua mão com suavidade — salvo que é confiante demais, *jolie angel*.

Dito isso partiu, o cabelo brilhando como asa de corvo por efeito do sol. Pensativa, Rosalie retornou ao salão, movendo a cabeça enquanto se perguntava se o moço tinha tentado lhe dizer algo.

As espadas cintilavam à luz do sol, chocando e separando-se. O rosto de Guillaume transpirava concentração enquanto refutava o suave ataque de Randall, o braço ferido servindo para equilibrar os movimentos enquanto o bom empunhava a espada com eficiência. Guillaume lançou um juramento em voz baixa quando Randall bloqueou sua tripla finta, ao reparar que, através de uma série de sutis manobras, Randall o fazia saltar com a facilidade de um dançarino.

— O que disse? — perguntou Randall, esboçando um repentino sorriso enquanto procurava a maneira de enganar a débil defesa de seu competidor.

— Um comentário sobre sua habilidade, monsieur. Ou talvez sobre a minha, não estou seguro.

Randall sorriu. Gostava de bater-se com Guillaume porque representava um desafio incomum. Guillaume não era sempre um espadachim limpo, e fosse pela falta de treinamento ou por uma astúcia consumada, pulava

ligeiramente as regras. Requeria uma elevada concentração formar uma adequada defesa para uns movimentos tão pouco ortodoxos, o que obrigava Randall a mudar de uma técnica provada e confiável a outra igualmente engenhosa.

O combate se interrompeu com a aparição de Rosalie. Com a extremidade do olho, Randall advertiu que estava tensa pela forma como retorcia com suas mãos as dobras da saia. Randall elevou a mão esquerda com um gesto autoritário, imobilizando sua espada depois do último lance e olhando o pálido rosto de sua amada.

— Chegou o correio — disse ela, olhando-o com olhos ensombrados — O trouxe um homem do povoado. Tem alguns francos para lhe dar?

— Sim — disse Randall com calma. Sabia por que estava tão agitada: a resposta a sua carta devia ter chegado de Londres. Também sabia que não queria abrir a carta de Amille sozinha — Guillaume continuaremos mais tarde.

— *Certainement* — disse Guillaume, seu olhar indo de um ao outro com ligeira curiosidade. Agarrou a espada de Randall e lhe colocou o botão com ar ausente, enquanto observava como seu patrão se dirigia ao castelo.

Rosalie aguardou em seu quarto, sentada na beirada da cama, as mãos entrelaçadas em no colo, até que Randall fechou a porta.

— É de Amille — disse bruscamente, lhe entregando uma das duas cartas na mão e reservando a outra — Quer que fique enquanto a lê?

— Por favor — murmurou, as mãos tremendo enquanto rompia o selo de cera — Você... você também recebeu uma. Quem... quem a envia?

— Meu irmão Colin.

— Oh!

Rosalie fez uma pausa, respirando fundo e fechando os olhos enquanto reunia coragem. O papel que tinha nas mãos encerrava os segredos de seu passado, seu nascimento, sua herança, e a informação que continha era tão importante que quase sentia medo de lê-la. Por um momento pensou em Amille escrevendo-a, e de repente sentiu tanta saudade que experimentou uma dor no peito.

— Rose — a voz de Randall a sobressaltou — o que esteja escrito nessa carta não mudará nada. Continuará sendo a mesma mulher, com os mesmos dotes e as mesmas fortalezas, e estou muito agradecido a quem quer que sejam seus progenitores. E tanto se for a filha de Beau Brummell, George Belleau ou Santa Claus, te amarei da mesma maneira.

Ela assentiu em silêncio, inclinando a cabeça sobre o pergaminho dobrado e abrindo-o cuidadosamente. Estendeu-o sobre seu colo enquanto lia, os olhos umedecidos assim que viu a caligrafia familiar de sua mãe.

— *Minha queridíssima Rosalie...* — Afastou-se de Randall enquanto lia a carta devagar, só detendo-se para agarrar o lenço que lhe ofereceu em silêncio. Randall, recostado na parede, observava-a. Seus olhos descansavam no centro de seus estreitos ombros, e reprimiu o impulso de aproximar-se dela outra vez, sabendo que devia enfrentar-se ao conteúdo da carta de Amille sozinha, sem intermediários. Dando-lhe tempo para assimilar quantos segredos sua mãe pudesse ter tirado à luz, Randall abriu a carta de Colin, lendo-a por alto e voltando a lê-la com uma estranha expressão.

Rosalie tocou o nariz ruidosamente, olhando com a visão imprecisa.

— E então? — perguntou ele suavemente.

— Ela diz... — Rosalie aclarou a voz e secou as lágrimas que tinha sob os olhos com os dedos — diz que não é minha mãe. — Meio sorriu ante o som com que lhe saíram estas palavras, uma espécie de grasnido, e levantou a vista para conter as lágrimas de emoção. Enrugou a testa e o olhou com olhos brilhantes — Era a perceptora de Lucy Doncaster. Lucy era minha verdadeira... e eu sou a filha de Lucy.

Randall assentiu ligeiramente, voltando a apoiar a cabeça na parede. Seu olhar continuava fixo nela.

— E quem é seu pai? — perguntou.

Rosalie suspirou com alguma incredulidade.

— Brummell. Tudo era verdade. A história de Amille coincide exatamente com a sua. Mas não consigo assumir que Beau Brummell seja meu pai. Brummell — repetiu, como se quisesse se convencer — O favorito do regente, o centro da sociedade londrino, o dandi excêntrico...

— É um homem — observou Randall em voz baixa — um homem como outro qualquer.

— Segundo a carta — repôs Rosalie, secando os olhos antes de localizar o parágrafo — era o homem mais bonito, superficial e encantador que Lucy jamais conhecera. Amille escreve que amava muito Lucy, mas que não tinha a capacidade de amar de verdade. Diz que era muito egocêntrico.

— Não me surpreende — repôs Randall ironicamente.

— E logo a história se torna um pouco confusa — prosseguiu Rosalie, e tocou o nariz uma vez mais — Há um parágrafo sobre o conde de

Rotherham. O...?

— Não. Não o conheço nem ouvi falar muito dele. É um homem reservado.

— Lucy estava comprometida com ele, mas inclusive depois de ter terminado sua aventura com Brummell, não mostrou nenhuma inclinação a casar-se com o conde. Diz que — *a assustava a obsessão que Rotherham sentia por ela* — Me pergunto o que era exatamente o que a assustava. Em qualquer caso, ela concebeu uma filha com Brummell. Que estranho me parece... Tanto que não posso pensar que essa criatura seja eu — comentou, fazendo uma pausa de assombro — Suponho que me acostumarei.

— Sua existência se manteve em segredo ante os estranhos?

— Sim... Nasci na França, para onde Amille e Lucy fugiram para escapar dos rumores e falatórios, e também de Rotherham, cuja obsessão por Lucy aparentemente não tinha decrescido.

— Não sabia do bebê de Lucy?

— Não acredito. — Uma vez mais, Rosalie examinou atentamente a carta — Amille não o explica. Diz que Lucy era muito frágil emocionalmente e que sucumbiu à depressão depois de sua aventura com Brummell. Nunca se recuperou de perder o seu amor e se suicidou um mês ou dois depois de eu nascer. Pergunto-me... pergunto-me como teria sido minha vida se ela tivesse vivido.

— É possível que mesmo assim a maior parte da responsabilidade de seus cuidados e educação tivesse recaído em Amille.

— Não era mais que uma menina — declarou, assentindo pragmaticamente — Sinto... sinto pena por ela. — Rosalie lançou um suspiro, dobrando um dos cantos do pergaminho com dois dedos e soltando-o — Depois da morte de Lucy, Amille decidiu manter o bebê em segredo. Disse aos Doncaster que o bebê também tinha morrido e então adotou um novo nome e um novo trabalho, inventando um marido fictício para que sua posição parecesse mais respeitável. E assim é como cresci sendo a filha da preceptora dos Winthrop. — Olhou Randall com os olhos arregalados — Que estranho é o destino — acrescentou — Se não se tivesse acontecido um incêndio no teatro aquela noite e não lhe tivesse conhecido, certamente teria continuado vivendo com os Winthrop e nunca teria descoberto nada disto.

— Não pensa que Amille teria acabado lhe contando?

— Diz aqui: não via que houvesse nenhuma razão. Pensa que só trará problemas o fato de que se saiba que sou a filha de Brummell, e para o final

acrescenta que... Oh, Meu Deus.

— O quê?

— Não tinha lido bem esta parte antes. Que estranho que ela diga isto. Ouviu rumores de que estou contigo e insiste para que fique sob seu amparo o maior tempo possível.

— Posso ver a carta? — pediu Randall.

Ela a deu e ele releu os últimos parágrafos. Relaxou ligeiramente, mas continuou com o cenho franzido. Amille não tinha escrito nada que explicasse o envenenamento em Paris, entretanto o intranquilizava que parecesse tão preocupada com que alguém protegesse Rosalie.

— Me alegrarei quando voltarmos à Inglaterra. Eu gostaria de falar com Amille... Há algumas coisas mais que ela poderá nos explicar.

— Voltar para Inglaterra — repetiu Rosalie como um eco.

De repente, ela advertiu algo estranho em sua expressão, e sua preocupação pela carta e seu conteúdo passaram a um segundo plano. Levantando-se da cama, aproximou-se dele muito devagar.

— O que aconteceu? Más notícias?

— Sim — replicou Randall, e a angustiou ver a amargura que refletiam os olhos cor avelã.

— Quando temos que partir? — perguntou estendendo a mão para lhe acariciar o braço.

— Dentro de dois dias o mais tardar.

— Rand — perguntou suavemente, intuindo de algum jeito a resposta — o que diz a carta? O que te escreveu Colin?

Dirigiu-lhe um olhar estranho. Seu rosto estava pálido debaixo da pele bronzeada.

— Meu avô morreu — disse Randall por fim.

Ela apoiou a cabeça em seu peito e o rodeou com os braços, lhe oferecendo consolo em silêncio. Randall não deixou escapar nenhuma lágrima, mas a estreitou com força, e algo no desespero de seu abraço traiu seu sentido de perda. Permaneceram abraçados durante longos minutos, balançando-se ligeiramente. Finalmente, Rosalie sentiu que a dor dele diminuía e foi então quando falou com um suspiro aquoso, sua voz quebradiça.

— Isso significa que é o conde de Berkeley... *Dieu!* Realmente prometi-me casar contigo?

— É muito tarde para voltar atrás.

— Onde pus meu lenço? Senhor, foi um dia de notícias surpreendentes.

A contra gosto, Randall se separou dela, descobrindo que o que mais aliviara sua dor fora ela ter estado ali para lhe oferecer todo o consolo que necessitava. Voltou a apoiar-se contra a parede, recreando-se em sua contemplação enquanto ela enxugava as últimas lágrimas com o lenço.

— Meu avô insistia para que abandonasse meu celibato — murmurou Randall — Só lamento que não esteja vivo para ver a mulher tão perfeita que encontrei para casar.

Rosalie emitiu uma risada.

— A mulher perfeita? — perguntou — Com a colheita de aspirantes para escolher este ano e montões de mulheres da boa sociedade, ricas e bons partidos, escolhe uma com a linhagem mais insólita que caiba imaginar.

— Silêncio — advertiu Randall com um sorriso — Esse é um tema em que não permito que questione meu gosto.

Ela sorriu e voltou para junto dele, com um repentino desejo de abraçá-lo outra vez.

Mais tarde, Rosalie deixou a carta em cima do escritório e foi informar Mireille da iminente partida. Terei que organizar muitas coisas e preparar as malas. Para sua surpresa, essa noite ao voltar para seu quarto descobriu que a carta de Amille tinha desaparecido. depois de revistar minuciosamente o quarto, Rosalie foi à biblioteca em busca de Randall. Encontrou-o sentado a uma mesa de ébano, escrevendo cartas.

— Estive pensando... — disse Randall, secando uma carta com habilidade — que não há ninguém em particular a quem eu gostaria de vender o castelo. Recebi algumas ofertas, mas nenhuma satisfatória.

— É necessário vendê-lo imediatamente? — perguntou Rosalie, agradada ao dar-se conta de que ele se sentia tão apegado à propriedade d'Angoux como ela mesma. Randall sacudiu a cabeça, e a comissura de sua boca esboçou um meio sorriso indolente — Seria agradável voltar aqui de vez em quando para desfrutar de privacidade.

Os dois trocaram um olhar íntimo, até que Randall perguntou: — Quando entrou, pareceu-me que queria me perguntar algo.

— Oh, sim, por certo. Não consigo encontrar a carta de *maman*. Pensei que talvez a tivesse você.

— Não, não a tenho. — Randall franziu o cenho, ficou de pé e se desentorpeceu estirando seus largos ombros e flexionando os dedos — Te ajudarei a procurá-la.

Juntos subiram as escadas e foram ao quarto de Rosalie. Uma corrente de ar empurrou a porta fechando-a suavemente atrás deles. Enquanto Rosalie abria a boca assombrada, Randall localizou a carta debaixo da escrivaninha e a recolheu.

— Deve ter caído da mesa para o chão — disse.

— É muito estranho — replicou ela, a testa franzida pela perplexidade — Procurei debaixo da escrivaninha e em todas as partes, e não estava aqui.

Ela agarrou a carta e a olhou com suspeita.

— Acredito — disse Randall, observando-a com expressão divertida — que queria me trazer para o seu quarto.

— Não é certo! Eu — repôs ela, e de repente sua boca foi tomada pela dele.

— Não é? — murmurou apenas, separando os lábios.

Logo a beijou com ardor, e Rosalie se esqueceu por completo da carta.

Capítulo 14

*Porquê tanta urgência?
Não renunciarei a você,
Por muito rápido que corra,
O adiantarei;
Por vales e colinas,
Através de prados verdes,
Por campos e cidades
Até a tênue penumbra.*

Anônimo

— Monsieur, desejava falar comigo?

Randall levantou a vista da mesa da biblioteca quando Mireille se deteve diante dele. Seu rosto não expressava emoção alguma. Randall ficou de pé e lhe indicou que se sentasse.

— Sente-se, por favor — lhe disse, lançando um suspiro enquanto ela obedecia timidamente.

Parecia inquieta, os olhos castanhos piscando. Apoiado no beirada da mesa, Randall a observou fixamente.

— Tudo aconteceu muito rapidamente. Teria levado este assunto de forma muito diferente se tivesse disposto de mais tempo para prepará-lo. Teria preferido falar contigo antes que se disparassem os rumores.

— Isso não teria mudado nada, monsieur — disse Mireille olhando o chão, e a longa cabeleira negra ocultou seu rosto.

— Possivelmente assim te teria economizado o desgosto. Queria te perguntar...

— Não estou desgostosa — replicou Mireille — Absolutamente. Você e mademoiselle são felizes, *oui*?

— Muito — repôs Randall, e sorriu, seu rosto surpreendentemente atraente, como sempre que sorria — aceitou casar-se comigo.

— Já o suspeitava, monsieur.

— Estou certo disso.

— Parecem feitos um para o outro. Vê-se à distância.

— Mireille — disse Randall com um suave sorriso — estou de acordo contigo, mas eu gostaria de retomar nossa conversa antes que volte a me desviar dela. Parece ter a falsa impressão de que Rosalie e eu não a incluimos em nossos planos. Mas falamos do assunto e gostaríamos de que viesse a Inglaterra conosco, como dama de companhia de Rosalie.

Por uma vez, Mireille ficou muda. Devagar, ficou em pé.

— Rosalie te estima — prosseguiu Randall, olhando-a de maneira pensativa antes que seu tom se tornasse mais persuasivo — Nós dois a estimamos, e sei que você gostaria da Inglaterra.

— Estão certos de que me querem ali?

— Minha primeira preocupação é Rosalie. Espera— a uma nova vida, um novo lar, pessoas às quais não conhece e novas responsabilidades. Desgraçadamente, haverá momentos nos quais estarei muito ocupado, e não quero deixá-la só em uma mansão sem saber que há alguém em quem confia e por quem sente afeto. Virá conosco?

Ela assentiu com um sorriso.

— Sim, irei encantadíssima.

— Se Guillaume também deseja vir, lhe procuramos alguma ocupação — acrescentou Randall.

— Não sei — disse Rosalie e soltou um pequeno suspiro — Nunca gostou de ficar muito tempo no mesmo lugar, nem é feliz fazendo o mesmo trabalho mais de um mês ou dois. Por favor, deixem que fale primeiro com ele.

— Então, o faça em seguida. Devo partir amanhã pela manhã para Havre para solucionar uns assuntos de última hora. Precisarei ter uma resposta antes de partir.

— Muito bem. Obrigado, monsieur.

— Rosalie adorará saber que nos acompanhará.

— Estou muito contente de que me tenha ensinado um pouco de inglês.

Ele sorriu.

— Agora poderá praticá-lo para gozo de seu coração.

— Meu coração já não cabe em si de felicidade — respondeu Mireille, e abandonou o cômodo tão silenciosa como um espectro.

— Por favor — disse Rosalie com tom lisonjeiro, deslizando os braços ao redor da cintura de Randall e subindo com os dedos por suas costas, o lábio

inferior franzido em uma sedutora careta enquanto o olhava — Diz que sim ou farei algo drástico.

— Drástico? — Randall sorriu preguiçosamente e enroscou um dos cachos soltos dela ao redor de seu dedo — Essa palavra é muito comprometedora.

— Me sentirei tão só quando não estiver... — suspirou, apoiando a fronte em seu peito.

— A estas alturas já deveria saber o muito que odeio te deixar — respondeu, beijando-a na cabeça. Permaneceram assim por um longo e delicioso momento, bem abraçados, sentindo-se profundamente compenetrados.

— Só serão uns dias — murmurou Randall — Enquanto faz as malas, eu estarei no Havre comprando os bilhetes para Inglaterra e me assegurando de que deixo o negócio em boas mãos. Voltarei o antes possível e partiremos para sempre com Mireille e Guillaume atrás.

— Mireille e eu quase terminamos que fazer as malas e morrerei de aborrecimento sem ti aqui. Por favor, diz que sim.

— Amor, não entendo porque tem tanto interesse em ir à feira de um povoado...

— Isso é porque é um homem. Quero ver como é, e se as feiras daqui são diferentes das da Inglaterra... Além disso, todos vão, incluindo madame Alvin e Ninette, e Guillaume diz que não se separará de Mireille e de mim nem um instante.

— Passou tão pouco tempo do incêndio, que duvido que vá ser espetacular.

— Irá gente de outros povoados. É por uma boa causa. Sabia que os comerciantes vão dar uma pequena parte de seus benefícios para reconstruir a casa do pároco? Haverá tantas coisas que ver e ouvir...

— E comprar — precisou Randall, começando a abrandar pese a sua oposição inicial.

Rosalie afastou o rosto de seu peito e lhe sorriu de um modo encantador.

— Que diabos! — murmurou — se Guillaume prometer as acompanhar e não separar-se de vocês nem um instante, o considerarei.

— Só o considerará? — As mãos de Rosalie rodearam suas costas enquanto ficava nas pontas dos pés para aproximar-se ainda mais a ele.

— Antes de dizer que sim — sussurrou Randall — quero saber que medidas drásticas tem preparadas para me persuadir.

O sorriso de Rosalie se alargou.

— No pior dos casos — sussurrou, lhe roçando tentadoramente os lábios — tentaria trocar meus favores por seu consentimento.

— Então deveria te advertir — respondeu ele, excitando-se ao sentir que o corpo dela se apertava suavemente contra o seu — que esta manhã não estou de muito bom humor.

— De quanto tempo disponho para ganhar seu consentimento e melhorar o humor?

— De aproximadamente uma hora — replicou.

Ela sorriu sedutoramente e o fez baixar a cabeça. Enquanto se beijavam, lhe acariciou o suave cabelo, o polegar atrasando-se para rascar o contorno de sua orelha.

— Embora a este ritmo — acrescentou, já totalmente inflamado — não necessitará muito tempo para me persuadir...

Teria sido mais apropriado qualificar de romaria à feira da aldeia. Por toda parte havia sinais de celebração e de ação de agradecimento. A praça do povoado estava adornada com lanternas, leques, excelentes edredons e outros artigos oferecidos para venda, e os postos dos comerciantes se esforçavam em dissimular a destruição ocasionada pelo incêndio. Uma cacofonia de sons saudou os ouvidos de Rosalie, aos que chegavam melodias de diferentes fontes, acompanhadas frequentemente de danças e canções. O estômago de Rosalie reagiu agradecido às aromáticas fragrâncias de uma extensa variedade de manjares. *Rissoles* e pedaços de pão cheios de saborosas misturas e fritos em gordura, competiam com bolos cheios de maçãs, figos ou pêras açucaradas. As mesas transbordavam de grandes pães de gengibre de Reims, pães cheios de chocolate ou de cremes de café, amêndoas açucaradas, massapães e *petits méstiers*, assim como bolachas de obreia com açúcar e mel que se derretiam na boca depois de cada rangente dentada. Mireille tinha predileção pelas laranjas caramelizadas, e comeu tantas que Rosalie e Guillaume temeram que ficasse doente.

Rosalie desfrutava enormemente, embora fossem muitas as vezes que parou para pensar em Randall e na sua partida do dia anterior pela manhã. Teria gostado de lhe mencionar os aspetos mais pitorescos da feira. Teria-lhe encantado o ver rir da gulodice de Mireille, dos corpulentos malabaristas e também dos esqueléticos músicos que rivalizavam para

superar-se em seu entusiasmo. Por essa altura, Randall já teria chegado ao Havre, um pensamento que a alegrou porque quanto antes chegasse ali, mais cedo voltaria. Enquanto isso, conversava e ria com Guillaume e Mireille enquanto passeavam pela praça.

Ao meio dia, Guillaume olhou o céu, notando que o sol estava em seu zénite.

— Reparou na carreta dos ciganos? — perguntou, e Rosalie seguiu a direção de seu olhar — Aí há uma adivinha. Alguma vez lhe leram a mão, *jolie angel*?

— Não — respondeu com expressão fascinada.

Que lhe adivinhassem o futuro despertou o antigo desejo de Rosalie de mistério e fantasia, engendrado pela leitura de incontáveis novelas. As adivinhas frequentemente jogavam um papel significativo naquelas histórias, vaticinando o futuro e predizendo segredos obscuros, terríveis e maravilhosos que sempre produziam calafrios de prazer a Rosalie.

— Guillaume, acha que seria seguro... acha que poderíamos?

— O que vocês desejarem — disse ele, sorrindo ante seu entusiasmo.

Uma refrescante brisa despenteou seu brilhante cabelo negro enquanto ele a olhava. Rosalie lhe sorriu, seus olhos brilhando. Inexplicavelmente, Guillaume titubeou antes de lhe oferecer seu braço. Mireille adaptou seu passo ao deles enquanto avançavam com dificuldade pela congestionada praça e entre a multidão que os rodeava.

— Monsieur de Berkeley insistiu em que mademoiselle não devia ficar só nem um minuto — disse Mireille, subindo a voz para fazer-se ouvir entre o ruído.

— E não estará sozinha — replicou Guillaume — Você e eu, Mira, a acompanharemos para presenciar como lhe leem o destino.

Rosalie se pôs a rir com desenvoltura.

— Já sei parte do que me dirá: que vou fazer uma longa viagem de navio rumo a terras longínquas...

— Que se casará com um homem bonito e rico — acrescentou Mireille rindo — e que ensinará mais coisas de sua língua a uma garota de cabelo escuro...

— E a seu irmão de cabelo escuro — acrescentou Rosalie, lançando um olhar travesso ao jovem — Agora terá que aprender inglês, Guillaume.

— Sempre me tenho desenvencilhado bem com o francês, *merci* — respondeu.

— Estou certa de que seu francês encantará muitas inglesas — replicou Rosalie — mas não entenderão nada.

— Aaah...! Então, pelas mulheres da Inglaterra, talvez aprenda algo.

A concessão de Guillaume soou tão majestosa que Rosalie e Mireille não puderam reprimir uma gargalhada.

Aproximaram-se da carreta pintada de forma vulgar, mas ao pôr o pé no degrau que conduzia à porta, Guillaume se deteve e franziu o cenho.

— Mira, lembra-te onde vendiam as laranjas de caramelo?

— *Assurement*. Porque o...?

— Acho que deixei a bolsa com o dinheiro ali. *Zut*, ao pagar as últimas laranjas que comeste, devo tê-la perdido. Você tem uns pezinhos velozes, poderia voltar e procurá-la pelo chão?

— Sim, sim, mas e a adivinha...

— Acompanharei mademoiselle enquanto lê o futuro e a esperaremos aqui até que volte. Parece-lhe bem, mademoiselle?

— Sim, mas se preferir que esperemos por Mireille...

— Não, não esperem — repôs Mireille, movendo a cabeça e suspirando com falsa impaciência — Guillaume, isto não é próprio de ti. — E lhe sorriu com afeto — Suponho que está excitado porque amanhã partimos para a Inglaterra.

— Isso é muito certo — admitiu — mas apressa-te antes que algum camponês local se beneficie com o meu descuido.

Mireille pôs-se a correr e Rosalie a seguiu com o olhar.

— Espero que a encontre.

— Se alguém puder, é ela — replicou Guillaume, e a ajudou a subir os descuidados degraus da carreta dos ciganos.

Rosalie entrou no interior escuro do veículo com cuidado, piscando na escuridão até que os efeitos do sol se desvaneceram de seus olhos. Uma pequena mesa coberta por um xale destacava no centro do matizado espaço. Aguentava o peso de gráficos e mapas, uma bola de cristal e uma vela apagada. Outros móveis se amontoavam nas paredes e cantos da carreta, mas eram só sombras imprecisas. Uma mulher aguardava sentada em um canto, o cabelo coberto por um lenço, os lábios franzidos em um débil sorriso.

— Bem-vinda.

A escuridão era excessiva, o ar, carregado e sufocante. A feira e a luz do sol pareciam achar-se a milhas de distância. Rosalie sentiu uma comichão

ao olhar a mulher, agitação que cresceu até afogá-la. Retrocedeu um passo e sentiu o peito de Guillaume contra o ombro. Seu instinto lhe gritou que se achava em presença de um perigo, e o único que desejou foi abandonar a carreta.

— Guillaume, me tire daqui — sussurrou.

As mãos dele se moveram de seus estreitos ombros a seus cotovelos com uma suave carícia, e logo, de repente, segurou-lhe os pulsos com força. Confusa, Rosalie tratou de soltar-se, pedindo auxílio enquanto Guillaume lhe punha os braços nas costas e lhe atava os pulsos com uma corda robusta.

— Basta! O que está fazendo?

Como resistia, ele a golpeou ligeiramente no queixo, surpreendendo-a o suficiente para imobilizá-la e amordaçá-la com um lenço fortemente atado, antes de lhe atar os pés. Rosalie ficou presa como uma mosca indefesa em uma teia-de-aranha. Guillaume a levantou em braços com facilidade, sorrindo enquanto sentia o corpo dela tenso de raiva e medo, o pulso pulsando desmedido.

— Não tema, carinha de anjo — a tranquilizou, depositando-a em um fino colchão no chão.

Rosalie era consciente dos movimentos da mulher, que estava ocupada retirando os objetos da mesa.

— Não lhe faremos mal. Escute-me bem, ninguém te fará nenhum mal. — Ele não olhou seu turbulento olhar enquanto lhe secava as lágrimas que corriam por suas bochechas — O mundo não é um bom lugar para as pessoas como você, verdade? Mas os anjos não pertencem à terra, já que aqui há muitos pobres pecadores como eu, e Mira e seu amado Randall, todos escavando o que precisamos para sobreviver. Tinha que fazer isto por Mira e por mim. Agora somos ricos, e poderei cuidar de Mira, muito melhor do que a teriam cuidado na Inglaterra.

Ela emitiu um leve som e logo fechou os olhos, negando-se a o continuar olhando.

— Está pensando em minha irmã — acrescentou ele — Sei que lhe tem afeto, mas foi cruel com ela, meu anjo, ao deixa-la acreditar que poderia ser mais do que é. Ensinando-lhe inglês, lhe mostrando como tinha que dobrar o dedinho enquanto tomava o chá, lhe dando de presente um bonito vestido... Começou a sonhar com seus sonhos, mas embora se possam cumprir de alguma maneira no seu caso, nunca o farão no dela. Pensa que

algum homem a quereria alguma vez para algo mais que uma noite de prazer?

Mais lágrimas deslizaram por debaixo de suas pestanas, mas Rosalie assentiu com atitude desafiante.

— Nesse caso, mantém os olhos fechados, *jolie angel*, porque está cega.

Ficou em pé e se afastou dela, detendo-se para murmurar algo à cigana antes de abrir a diminuta porta. Rosalie tentou gritar ao ver que a porta se voltava a fechar, mas não pôde emitir nenhum som. Voltou à cabeça e se viu envolta uma vez mais na escuridão, para enfrentar-se com uns pensamentos turbulentos e um coração acelerado.

No seu regresso da infrutífera procura da bolsa de dinheiro, os passos de Mireille se tornaram mais lentos. Sabia exatamente onde tinha estado a carreta dos ciganos, mas agora se havia ido. Tinha desaparecido. Seus brilhantes olhos castanhos se entreabriram com repentina confusão e voltou para o lugar onde tinha estado à carreta. Na terra havia rastros frescos deixadas pelas rodas com o aro de metal.

— Mademoiselle? — chamou vacilando — Guillaume?

Para seu alívio, Guillaume apareceu de repente como materializado do ar. Parecia cansado e um pouco zangado.

— Não consegui encontrar o dinheiro — lhe disse — O sinto... Espero que não houvesse muito... — Sua voz se apagou em um perplexo silêncio enquanto lançava um rápido olhar ao redor — Onde está mademoiselle? — perguntou. Ele não respondeu, o rosto inexpressivo — Aonde foi? — exigiu Mireille enquanto o pânico a invadia.

— Está bem. Mira, te acalme se não quer que perca a paciência.

— Eu já perdi a minha! Me leve até ela!

— Não é possível. Vem comigo e te explicarei o que aconteceu. Mira, pus em prática certos planos, e vamos receber muito dinheiro, dinheiro suficiente para que tenha tudo o que queira...

— Não quero dinheiro. Quero ver mademoiselle. Fez-lhe alguma coisa, verdade? — Olhou-o fixamente, com o rosto desconjuntado — Oh não, Guillaume! Por quê?

Ela se pôs a chorar e ele olhou à direita e esquerda para assegurar-se de que ninguém os observava.

— Mira, feche o bico e vem comigo, ou te prometo por Deus que nunca voltará a ver-me.

— Que valor têm suas promessas? — soluçou Mireille, mas o seguiu até estarem a considerável distância da praça da aldeia.

Então, ele se deteve para falar com ela, amaldiçoando ao ver como tinha os olhos avermelhados e inchados.

— *Merde*, não chore mais, Mira! Não vale a pena chorar por isso, a menos que sejam lágrimas de felicidade. Somos ricos, não o entende?

— Onde está? Fez-lhe mal?

— Não — respondeu indignado — Não se preocupe por ela.

Mireille não parecia capaz de deixar de chorar, embora tenha levado uma mão à boca e tentasse conter as lágrimas. Nunca antes tinha sentido medo do irmão. Algo dentro de seu coração morreu ao dar-se conta do que ele tinha feito, mas uma parte dela ainda o amava, e outra parte chorava por ele, por ela, e sobre tudo por Rosalie.

— Foi você quem entrou no quarto de monsieur no hotel — sussurrou — você quem o feriu com uma adaga. Não me atrevi a pensar nisso até agora, mas em meu coração, temia que tivesse sido você.

— Só utilizei a adaga quando tentou me matar.

— O fez para impedir que sequestrasse Rosalie! — gritou à donzela — Por quê?

— Estabeleci uns contatos importantes — admitiu Guillaume — Muito importantes, Mira... Contatos que têm influências do outro lado do Canal. Foram por mim porque sabiam que tinha trabalhado naquele hotel e que monsieur de Berkeley se alojava ali.

— Porque sequestraram Rosalie? Para fazer mal a monsieur?

— Não, não, não... O que não entende, Mira, é que os dois a enganaram desde o começo. Seu nome não é Rosalie Berkeley, a não ser Rosalie Belleau. Eu mesmo vi a prova disso em uma carta de sua mãe...

Assombrada, Mireille sacudiu a cabeça.

— Não é a prima de monsieur?

— É a filha ilegítima de Beau Brummell. Circulavam rumores por toda Paris e a maior parte provinha de Inglaterra. Não estou certo porque a querem, mas ofereceram uma assombrosa soma de dinheiro, e agora uma boa parte dela é para nós.

— Não quero nada! — repôs Mireille com ferocidade.

— Merece—a quase toda. Não tinha idéia de que tinha conseguido estar perto dela... ou de monsieur de Berkeley, que para o caso é o mesmo. É uma jóia, Mira.

— Como pudeste fazê-lo? — espetou-lhe — Como pudeste fazê-lo com o bons que foram conosco?

— Bons conosco? — disse Guillaume com desdém — Não sabe o que diz. Ofereceram-nos umas migalhas de benevolência e compaixão. Entretanto, o dinheiro... o dinheiro nos dará de comer e nos manterá muito melhor que as esmolas que eles nos ofereciam.

— Vou voltar para o castelo d'Angoux — disse Mireille com voz trémula.

— Não tem porque fazê-lo. Comprarei-te roupa nova, tudo o que necessite.

— Vou voltar — repetiu ela com súbita firmeza — e esperarei monsieur. E quando retornar, encontraremos mademoiselle e iremos para Inglaterra.

— Não seja idiota! — saltou Guillaume, exasperado — Não seja boba! Acabou-se, compreende? Nunca irá a Inglaterra, nunca encontrará Rosalie...

— O farei — gritou Mireille, e caiu ao chão chorando desconsoladamente. Uns minutos depois, repetiu as palavras, com voz cansada e derrotada — O farei...

— Mira, é tudo o que tenho e eu sou tudo o que tem — repôs Guillaume docemente — Assim é como foi sempre e nunca mudará. Inclusive se conseguir impedir que monsieur de Berkeley a mate antes de lhe explicar que não foi culpa tua... Inclusive se por um milagre encontrasse Rosalie... Nunca perdoariam. Agora Rosalie te culpa... Estendida no chão dessa carreta, atada de pés e mãos, amaldiçoa os dois pelo que lhe aconteceu. E lhe seguirá dando voltas todo o caminho, seu ódio aumentando enquanto cruza o Canal. E conhece monsieur o bastante para saber que nunca perdoará a ninguém que tenha contribuído para lhe arrebatat essa mulher.

— Sim — repôs Mireille fracamente, levantando a cabeça do chão e vendo as lágrimas que absorvia a terra molhada. Tinha a voz quieta e firme por causa de alguma negra emoção — Guillaume, pode deter isto? Pode?

— É muito tarde.

— Então não quero voltar a ver-te — sussurrou.

— Mira... minha pequena Mira — respondeu ele, rindo um pouco ao princípio e logo com dúvidas, ao dar-se conta de que o dizia a sério — Não pode falar a sério... É minha irmã, a única pessoa que amo. Tudo isto o fiz por nós! Não quer se separar de mim. Ficaria sozinha.

— Rosalie está sozinha — disse ela, levantando do chão — Eu, ao menos, não tenho as mãos atadas.

Ele começou a segui-la enquanto ela se afastava. Mireille se deteve e deu a volta para lhe lançar um olhar de ódio, tão direto e agudo que o deixou paralisado de incredulidade e o fez repetir, suplicante, seu nome. E então, ela se afastou da aldeia, dele, e de tudo o que ela tinha sido.

Os Alvin aflitos receberam Randall na porta. Madame Alvin, consumida pela angústia, olhou Randall, cujo cabelo se obscurecera pela garoa, tinha a expressão tensa com um mau pressentimento.

— O que aconteceu? — perguntou cortante, e madame Alvin torceu as mãos.

— Monsieur de Berkeley, não voltaram da feira. Desapareceram, os três. Voltei com meu marido pela tarde, e quando me dei conta de que ainda não tinham retornado, enviei Jérème e os outros moços para procurá-los. Jérème encontrou Mireille, que lhe deu uma nota para você.

— Onde está Mireille agora? — insistiu Randall, lançando um olhar ao grande vestíbulo como se suspeitasse que não estivesse longe.

— Esse estúpido moço, Jérème... — disse monsieur Alvin, aclarando a voz com abatimento — Disse que Mireille não tinha querido retornar com ele, e que ele não a obrigou. Enviei—o outra vez a procurá-la, mas então ele também se foi.

Randall sussurrou uma maldição e agarrou o pedaço de papel da mão trêmula de madame Alvin.

Monsieur, não sabia nada disto até que foi muito tarde. Choro pelo papel que desempenhei nisso; sou culpada de meus atos, embora não de minhas intenções. Oxalá pudesse ajudar, mas o único que sei é que Guillaume foi quem o feriu em Paris, e que alguém pagou uma grande soma de dinheiro pela filha de Beau Brummell. Guillaume disse que levariam mademoiselle a Inglaterra. Rezo para que a encontre e para que o Senhor me perdoe.

— Deus, Mireille... — murmurou Randall — Porque fugiste? Por quê?

Randall inclinou a cabeça e se afastou dos Alvin, esmagando a nota. Lançou uma breve e áspera gargalhada ante a ironia da situação, já que tinha dado alojamento e teto ao mesmo homem que tinha conspirado para

lhe arrebatou Rosalie. O som se afogou em sua garganta. Perguntou-se se Rosalie estaria ferida ou aterrorizada.

— Juro que te matarei por isso, Guillaume! — resmungou — Te caçarei como a repulsiva raposa que é.

Não era a primeira vez que Randall experimentava um acesso de raiva absoluta, uma cega emoção que corria por suas veias como uma mecha. Mas nesta ocasião foi mais à frente, transformando-se em um estado de insensibilidade que lhe permitia pensar com absoluta frieza e clareza. De forma rápida e metódica, sua mente considerou uma dúzia de possibilidades e decidiu os passos a seguir. Monsieur Alvin o observava intranquilo, balançando-se de um pé ao outro. Randall prosseguiu pensativo um momento mais e depois levantou a cabeça.

— Diga ao Jérôme que prepare os cavalos — ordenou, e monsieur Alvin estremeceu ante o estranho e frio olhar de seus olhos — Vou a Calais.

Ninguém se atreveu a lhe sugerir que dormisse um pouco. O casal se sentiu quase aliviado quando partiu, dado que suas frias maneiras e seu aspecto os tinha perturbado em grau supremo.

Randall chegou a Calais e se dirigiu à casa de Brummell, onde esmurrou a porta sem obter resposta. Então gritou que a atiraria abaixo se não o deixavam entrar imediatamente. De dentro lhe chegaram sons bruscos de passos e ferrolhos, até que a porta apenas se abriu. Selegue apareceu, vestido precipitadamente, sua enxuta e robusta figura tensa da surpresa.

— Lorde Berkeley? Entre... Acontece algo?

— Sequestraram a filha do Brummell — disse Randall sem rodeios, entrando com grandes passadas — Por culpa da língua solta de seu amo. E depois de que me diga o que preciso saber, me assegurarei de que não volte a falar nunca mais.

Ditas por outro homem em outra situação, Selegue teria considerado aquelas palavras um exagero. Entretanto, Randall Berkeley parecia falar absolutamente a sério, fato que despertou um alarme considerável no criado de Brummell.

— Não era sua intenção revelar o segredo — espetou Selegue com voz trêmula — Conhecendo um pouco Brummell, senhor, entenderá o que significou para ele descobrir que tinha engendrado uma filha. Uma filha que se parece tanto com a única mulher que amou...

— Amor — repetiu Randall, fazendo com que a palavra soasse como uma blasfêmia — Comparar seu amor com esse sentimento é como comparar um copo de água com o oceano. Pequeno, diluído, inútil. Não lhe reprovo que abandonasse a mulher que amava, já que isso pouco tem que a ver comigo. Mas pôr em perigo a segurança de sua filha em troca de um alarde de vaidade masculina, isso sim o reprovo, dado que sua despreocupação serviu para que me arrebatem a única coisa que estimo. Onde está?

— Encontra-se indisposto, senhor. Descansa no cômodo contíguo, esgotado e quase delirando.

Randall lançou uma risada irônica.

— Uma indisposição repentina? — perguntou — Talvez tenha começado faz cinco minutos?

— Senhor, lhe rogo... Está verdadeiramente doente. Jogue uma olhada ao que nos rodeia. Temos que confiar na amabilidade de estrangeiros benevolentes para satisfazer as necessidades básicas. Não temos suficiente carvão para o fogo, nem suficiente comida, muito menos os artigos necessários para conservar a dignidade humana, como sabão e roupa de cama limpa. — Selegue fez uma pausa antes de acrescentar suavemente — E tudo começou depois de revelar o segredo sobre Rosalie Belleau.

Pelo tom de Selegue, Randall soube que o criado estava consciente de que tudo aquilo tinha sido culpa de seu patrão.

— O adverti — repôs Randall, encolhendo os ombros com indiferença.

— Encolheu até converter-se em uma sombra do que era — se lamentou Selegue.

— Esperemos, pois, que seu orgulho e sua estúpida vaidade se tenham encolhido também.

As frias palavras de Randall espantaram o criado.

— Tinha-o por um homem mais magnânimo — conseguiu dizer — Não pode sentir pena ou generosidade? Nenhuma compaixão?

— Pena, generosidade e compaixão — replicou Randall devagar — são as virtudes mais nobres da natureza humana. Ajudam a manter o equilíbrio com a outra parte, a maldade, a crueldade e a indiferença... É uma pena — de repente seu sorriso adquiriu um ar feroz — que me tenham roubado minha melhor parte, porque agora não encontro nada que rebata a parte malvada de minha natureza.

— O que quer? — sussurrou Selegue, inclinando a cabeça e entrelaçando seus trêmulos dedos.

Esta imagem teria comovido Randall, mas não foi assim. Algo tinha morrido dentro dele e não renasceria até que tivesse recuperado Rosalie.

— Quero duas listas — disse — Uma, de todos os homens e mulheres a quem seu amo tenha podido falar de Rosalie Belleau da última vez que estive aqui. Duas, uma nota de todos os credores de Brummell em Londres, tanto se os débitos são uma pequena fortuna ou uma caixinha de rapé.

— Sim, senhor.

— E quero as listas amanhã pela manhã as sete em ponto, porque volto à Inglaterra. Será melhor que acorde agora e trabalhem juntos. É-me igual se, se encontrar no leito de morte. Se for preciso, o seguirei até ao inferno e o arrastarei até aqui.

— Sim, senhor.

Randall deu meia volta e partiu sem dizer adeus, a boca firmemente apertada.

Colin Berkeley passou despreocupadamente as páginas do livro de contabilidade, marcando as dívidas com uma pena de ganso. Estava sentado na biblioteca, em uma cadeira menos cômoda que a de seu avô, mas mais preferível. Não invejava as tarefas que aguardavam seu irmão Randall, pois embora o dinheiro e o poder fossem muito atrativos, as responsabilidades que os acompanhavam não o eram. Colin suspirou fechando o livro com suavidade. Uma proveitosa noite de jogo tinha acabado sua rajada de má sorte, lhe permitindo saldar as dívidas mais importantes, mas não encontrava a satisfação que tinha antecipado ante a idéia de reiniciar uma vez mais o hábito adquirido. Estava cansado de contrair dívidas e livrar-se delas na sorte. Pela primeira vez considerava seriamente as alternativas. Não existia outra maneira de viver? Havia algum laivo de responsabilidade nele que lhe permitisse levar uma vida menos censurável?

— Uma nervura de responsabilidade — murmurou, puxando distraidamente o cabelo, um gesto bastante incomum para um jovem obcecado com seu aspecto — De que lado da família teria vindo, pergunto-me.

Os olhos verdes esmeralda delatavam cansaço, o rosto marcado pela dor. Não esperara que a morte do conde o afetasse tanto. Um gesto zombador se desenhara em seus lábios enquanto pensava em seu avô, aquele velho

pecador... uma versão mais velha e mais resmungonha de Colin e Randall, com um pouco mais de bom senso.

— Colin — a voz rouca que provinha da porta o sobressaltou ligeiramente.

— O quê? Oh, Deus! Randall, é você... voltou! Vá! Não me importa dizer que estou contente de ver-te, mas não volte a me assustar dessa maneira... pensei que me falava minha consciência.

— Depois de vinte e quatro anos de silêncio?

Colin sorriu e se levantou quando Randall entrou na sala.

— Caramba! Minha consciência não disse mais de uma ou duas palavras, mas que eu saiba, a tua também não se destacou por sua loquacidade.

Randall sorriu ligeiramente enquanto estreitavam as mãos, e logo sua expressão se tornou grave.

— Queria ter voltado antes que nos deixasse.

Olharam-se com intensidade.

— Prolongou-se durante várias semanas — replicou Colin, sentando-se de novo e soltando um suspiro. Randall se aproximou da lareira e apoiou um cotovelo no suporte — Embora haja de reconhecer que o manteve entretido até o final, Randall... Se viu envolto em um pequeno e bonito escândalo, não é assim?

— O contrariou?

— Causou-lhe muita risada, era uma raposa, e já sabe o que lhe custava rir.

— O que era exatamente que achava tão divertido?

— Conforme parece, pensava que te parecias com ele no que concerne às mulheres... Diga-me, porque acham tão atrativo um libertino bruto e de pele escura como você? E ainda por cima, como fez para te enredar com a filha do Brummell? — Fez uma pausa quando Randall se afastou uns passos — Já vai?

— Só até o bar — respondeu Randall secamente, enquanto abria a licoreira de conhaque — Apesar de suas indiscretas perguntas, acho-te menos aborrecido que de costume, por isso prolongaremos nossa conversa.

— Bebe — constatou Colin, boquiaberto — Você nunca bebe a menos que te encontres em uma situação desesperada.

— Certo — admitiu Randall, tomando um gole para sentir calor e fechando os olhos brevemente.

— Quer algo de mim?

Randall piscou e olhou pela janela com expressão sombria, antes de responder.

— Sequestraram Rosalie Belleau.

— Diabos! E por que me diz isso? Eu não a tenho!

— Sequestraram-na porque é a filha de Brummell — explicou Randall, endurecendo sua voz — mas vou recupera-la.

— Não sei o que pensa que eu poderia...

— Brummell era membro do Watier's. Era lá onde mais costumava apostar, no clube dos dandis. Você o frequenta, e, portanto, pode me ajudar a conseguir informação.

— Não entendo porque deveria te ajudar, Randall.

Ignorando o mau humor de seu irmão mais novo, Randall lhe pôs diante um pedaço de papel e Colin o agarrou.

— Os nomes da primeira lista já estão sendo comprovados. Repare na segunda, são os principais credores de Brummell. Qual deles é mais provável que tenha a filha do Brummell?

Colin o olhou com uma repentina compreensão, seguida de repugnância.

— Oh, já vejo... Quer que seja eu quem levante um dedo acusador? — soprou divertido — Não conte com isso, Randall. Ainda estou com a corda ao pescoço com alguns deles, tanto como para não...

— Qual deles — repetiu Randall, o rosto frio e duro.

— Porque deveria...?

— Porque se não o faz, não receberá nem um real da herança. Estou certo de que sabe que suas rendas dependem de minha boa vontade.

Colin o olhou com amargura.

— Oh, isto é muito... Essa ameaça penderá sobre minha cabeça o resto de minha vida! Não penso dançar ao som de sua vontade, querido irmão.

— Se me ajuda — disse Randall com suavidade — nunca mais voltarei a te ameaçar.

— Nunca pensei que te veria tão encarrapichado com seu novo brinquedo — comentou Colin, o olhando com surpresa — Deve ser muito bela ou notavelmente boa na...

— Qual deles — o cortou Randall, e Colin examinou o papel.

— Poderia ser Edgehill. Ainda amaldiçoa Brummell bastante frequentemente, furioso porque abandonou o país. Edgehill tem umas curiosas idéias sobre a justiça, e demais... Apostaria que poderia havê-la sequestrado e o considerar um pagamento justo... Ou Mountford, embora

este seja um personagem curioso. Está endividado até o pescoço. Vai e vem pelo clube, perdeu o senso de humor e parece bastante desesperado. Talvez tenha se tornado irritável e tenha ido atrás dela por vingança. Ou cabe a possibilidade de que...

— Então, em marcha. Pode me contar o resto a caminho do Watier's — disse Randall bruscamente, quase arrastando o seu presumido irmão mais novo pelo pescoço.

Não acompanhou Colin ao interior do clube por duas razões. A mais importante era que não queria correr o risco de que sua presença inibisse as confidências que poderiam fazer a seu irmão. A segunda era que se algum membro do White's, seu clube privado, suspeitava que tinha estado embora só fosse perto de seu perene rival, o Watier's, poderia manchar sua honra, despertar dúvidas sobre sua lealdade e acabar com o desterro do White's. — *Maldita situação* — pensou Randall tenebrosamente, ansioso por descer do carro, entrar no Watier's e sacudir uns quantos membros até que alguém lhe revelasse algo sobre o paradeiro de Rosalie. Desagradava-lhe o clube dos dandis e tinha poucas dúvidas de que um deles poderia ter raptado a filha de Brummell, para vingar-se do Beau e da forma tão covarde como tinha fugido de seus credores. Eram uma camarilha rancorosa, pior que um grupo de mulheres invejosas, falando de modas e pondo à prova o limitado engenho de suas mentes, vangloriando-se e admirando-se mutuamente, para logo se apunhalarem pelas costas. Aos olhos de Randall, nada significava muito para eles salvo o dinheiro e os cosméticos. Preferia sua camarilha, que ao menos não era hipócrita. Se pensavam dar uma punhalada a alguém pelas costas, ao menos avisavam.

Colin saiu do Watier's uma hora depois, luzindo um sorriso indolente. Aproximou-se do carro devagar, subiu, sentou-se com as pernas cruzadas em ângulo e inspecionou o brilho de suas botas.

— Eu apostaria em Mountford — disse com calma — Estava há três dias sem aparecer e, de repente, apresentou-se ontem à noite com um grosso maço de notas, atuando como se fosse o próprio regente. Alguém me disse que Mountford não sorriu nem uma vez, mas apostou uma e outra vez até ficar sem um real. Peterson brincou a respeito, disse que imaginava que Mountford se arruinou, e quer saber qual foi a resposta? Mountford disse: — *Meu consolo me está esperando em casa* — e partiu como se não tivesse nenhuma preocupação. Agora bem, a mim isso soa como se tivesse uma mulher o esperando, e sei com segurança que não está casado.

— Então, cala e vamos — sugeriu Randall lacônico.

— Vá! Fala com os mesmos ares de superioridade que falava o conde.

— Estou começando a entendê-lo muito mais do que alguma vez imaginei — replicou Randall antes de aparecer pelo guichê e consultar com os condutores do carro.

Mountford não vivia longe de Londres, apenas a meia hora de caminho. Durante o trajeto, Randall reclinou a cabeça no respaldo, o silêncio quebrado só pelo estalo continuo do carro, o fragor dos cascos e o ruído áspero e vagamente aborrecido de Colin polindo as unhas. Randall aspirou o ar que entrava pelo guichê, uma brisa gélida que enchia seus pulmões. Nada podia comparar-se a uma noite nebulosa em Londres. À medida que se afastavam da cidade, a atmosfera se tornava mais delicada, impregnada de uma fragrância única a colinas verdes e urze fresca. O ar de Inglaterra o ajudava a recuperar a sensação de realidade, a lhe recordar quem era e a lhe transmitir um grato sentimento de familiaridade. Entretanto, ao mesmo tempo lhe causava uma sensação de pânico, porque se sentia tão longe de Rosalie e do que tinham vivido na França, que começava a perguntar-se se tinha sido real. Ela não tinha sido sua no perfume da Inglaterra ou no negrume da névoa, mas entre a fragrância das rosas *Gloire de Dijon*, sob os céus azuis da Bretanha, na placidez de um caloroso dia de verão. Olhou sem ver pela janela, enquanto recordava e desejava.

Finalmente, as rodas do carro chiaram pelo caminho de cascalho que conduzia à propriedade de Mountford. Quando o carro se deteve, Colin olhou pelo guichê e lançou um assobio baixo.

— Caramba! As coisas vão pior do que imaginava — comentou.

Randall levantou uma sobrancelha inquisitivamente e saltou do veículo com estilizada agilidade. Certamente, a propriedade tinha um aspecto ruinoso, um ar gasto e descuidado que revelava meses de abandono. O pórtico necessitava algumas reparações e uma boa mão de pintura. Não havia sinais de atividade na casa ou nos arredores.

— Ouvi que despediu a maioria dos criados — sussurrou Colin — exceto um criado pessoal e um cozinheiro.

Randall assentiu, foi até a entrada principal e bateu na porta com impaciência. Tinha um nó de temor no estômago. Ao não receber resposta, experimentaram mover o trinco e a porta se abriu facilmente.

— Aqui não há ninguém — resmungou Colin — Voltemos amanhã.

— Não. É o primeiro da lista.

Randall entrou na casa e olhou ao redor. Havia uma evidente escassez de mobiliário e ornamentos na mansão, uma circunstância curiosa considerando a antiguidade do edifício e a notória riqueza da família no passado. Lorde Mountford devia ter vendido as relíquias e diversas posses, pouco a pouco, para cobrir as dívidas de jogo.

— Agora compreendo que fosse tão popular no Watier's — comentou Randall com cinismo — Não tinha que incomodar-se em apostar. *Dieu*, simplesmente teria dado igual que o desse de presente.

Colin lançou um olhar malicioso, que indicava que entendia perfeitamente o que Randall insinuava.

— Eu não passo no clube a metade do tempo que ele passa ... — disse.

De repente, Randall ouviu um leve ruído atrás de uma porta fechada. Em cima do marco tinha gravado um livro, para indicar que se tratava da biblioteca. Randall irrompeu na mesma abruptamente, fazendo oscilar a porta, e se encontrou com lorde Mountford, de pé diante da janela, apontando um revólver à cabeça. Uns atormentados olhos castanhos se cruzaram com outros verdes dourado.

Nesse mesmo instante, Mountford apertou o gatilho.

A explosão retumbou com a contundência de um trovão. Randall virou a cabeça quando viu o desastre sanguinolento que salpicou toda a biblioteca. O detalhe mais atroz do suicídio de lorde Mountford que conservaria Randall na memória foi o vazio interior que sentiu, uma sensação de frieza que lhe permitiu ver a cena com a mesma imparcialidade com que contemplaria a ilustração de um livro. Então pôs-se a correr para as escadas, abrindo e fechando portas com brutalidade em busca de alguma sinal de Rosalie. No último cômodo, plantou-se em meio dos desgastados móveis, com os pés separados e as mãos em jarra, meneando a cabeça. Tinha sido uma pista falsa. Mountford nunca tinha tido Rosalie, era um pobre infeliz que não tinha sido capaz de suportar a ruína em que se converteu sua vida.

— Rose, onde está? — sussurrou, a dor caindo sobre ele como uma sombria geada. Respirou fundo e devagar até recuperar o autodomínio. Baixando as escadas sem pressas, observou impávido como Colin saía da biblioteca caminhando torpemente para trás.

— Oh, Deus... — exclamou Colin, com uma expressão de repugnância — Em minha vida nunca tinha visto algo tão asqueroso. — Agarrou um lenço e secou a testa suada, enquanto seu rosto adquiria uma ligeira

tonalidade esverdeada — Randall, já não quero fazer mais visitas a ninguém contigo.

— Como queira.

Randall se dirigiu à porta. Colin o seguiu com presteza.

— Mas o que vais fazer com respeito ao Mountford?

— O tirar da lista — replicou Randall com um tom impassível que sobressaltou o seu irmão enquanto abandonavam a propriedade de Mountford.

Cada minuto que passava, Randall sentia decrescer as possibilidades de encontrar Rosalie. Sabia que passaria o resto de sua vida procurando-a se fosse necessário, mas agora era importante que se movesse com rapidez, pensasse com clareza e encontrasse as respostas adequadas... agora que o ferro estava quente e os carvões acesos.

Só retornou à mansão dos Berkeley quando se achou à beira do esgotamento, para cair na cama em um estado mais parecido à inconsciência que ao sono.

Na tarde seguinte acudiu ao White's e descobriu que já não era o lugar de tranquilidade e comodidade que tinha sido para ele. Tinha apagado do rosto os sinais mais evidentes de tensão com um barbeado, um bom banho e várias taças de café. Imaculadamente vestido com uma casaca castanho escuro, colete nata, calções ocre e umas reluzentes botas modelo Hesse, Randall entrou no clube aparentando um ânimo tranquilo. Saudou os velhos amigos e conversou com dois membros recém-aceitos no White's. Quando tiraram o sarro com rumores a respeito de sua relação com a filha do Brummell, Randall decidiu sorrir enigmaticamente enquanto, em seu interior, desprezava aqueles que se atreviam a mencionar seu nome. Mais importante em sua mente era a lista que Brummell e Selegue lhe tinham dado, a lista das pessoas que tinham visitado o dandi em Calais e que se inteiraram da existência de Rosalie. Alguns nomes que figuravam nessa lista se achavam presentes nesse momento, assim que se propôs falar com todos eles sem exceção, lhes fazendo perguntas sutis e medindo suas reações. Em meio de uma conversação enganosamente superficial, um garçom com peruca se aproximou dele com uma mensagem singela.

— Perdoe, senhor. Uma dama o espera na porta.

— Jovem? — perguntou Randall, entreabrindo os olhos.

— Não acredito, senhor.

— Então não me interessa — respondeu Randall, provocando uma ruidosa gargalhada entre seus companheiros.

George Selwyn lhe deu uma palmada nas costas com cordial afeto.

— Por Deus! Não mudará nunca, Berkeley!

Randall sorriu ligeiramente e olhou o desconcertado garçom, que perguntou: — Senhor?

— Um momento — acrescentou Randall, suspirando e levantando os olhos ao céu — A atenderei um instante.

— Oh! E ainda por cima é tão sofrido... — murmurou George, sorrindo enquanto Randall abandonava o jovial grupo.

O sorriso de Randall desapareceu quando se separou deles, aborrecido pela interrupção daquela desconhecida. Certamente se travava de Clara Ellesmere jogando algum jogo estúpido ou silenciosa curiosidade, e entregou uma generosa gorjeta ao garçom que o acompanhou até à entrada do clube. Fora lhe aguardava uma mulher miúda, com o rosto escondido sob o capuz de sua capa cinza. Uma mecha escura, comprida e encaracolada, sobressaía do capuz, e ao vê-lo, o coração de Randall começou a pulsar aloucadamente enquanto abandonava o clube com ela. A porta do White's se fechou, e o ruído, as luzes e as risadas se apagaram.

— Quem...? — perguntou Randall com um sussurro curiosamente apagado.

Ela baixou o capuz e levantou o rosto para o olhar. Uma dolorosa decepção se apoderou de Randall ao comprovar que era uma desconhecida. Aparentava uns quarenta e tantos anos. Quase não tinha rugas na pele, e seus olhos eram escuros e doces. Era muito agradável para pertencer à aristocracia, já que não havia rastros de orgulho ou altivez em seu rosto, mas se tratava de uma mulher de certa posição, dado que seu elaborado penteado e o bom corte de seu vestido sugeriam um desembolso de dinheiro.

— Lamento por have-lhe incomodado. Sois lorde Randall Berkeley? — perguntou.

Sua voz soou compassiva e maternal, e exerceu um curioso efeito em Randall. Nunca se havia sentido tão atraído por uma desconhecida, não antes de Rosalie. Pensamentos ilógicos invadiram sua mente: intuiu que o conhecia e que de algum jeito o compreendia.

— Sim — respondeu de maneira quase inaudível.

— Seu irmão me disse que o encontraria aqui. Ouvi rumores de que Rosalie desapareceu e acredito que o posso ajudar a encontrá-la.

Randall ficou olhando como hipnotizado.

— Quem é você? — perguntou com voz rouca.

- Lorde Berkeley, sou Amille Courtois Belleau.

Randall estremeceu.

— Rosalie... falou-me de você muito frequentemente — conseguiu dizer, seu olhar fixo nela como se temesse que fosse dissolver-se no ar. Só o fato de que estivesse ali, de que fosse real, fez com que Randall se sentisse mais perto de recuperar Rosalie.

— Escreveu-me uma carta da França, me perguntando por seus pais — explicou Amille, dando um passo para ele como se adivinhasse seu temor. Seu olhar ansioso e cheio de empatia se entrelaçou com o dele — Me escreveu sobre você e como foram às coisas entre vós, e por isso tomei a liberdade de...

— Me alegro de que o fizesse — interrompeu Randall — Devo falar com você imediatamente. Importaria-se de me acompanhar a meu...?

— Possivelmente deveríamos ir a minha casa. Se quisermos que nossa conversa seja útil, lorde Berkeley, deverá ser o mais franco possível, e ali estarei certa de que não haverá ouvidos indiscretos.

— Não será incômodo para você que a vejam...? — começou Randall, e de repente se deteve — Sua casa, madame Belleau? Mas não é a preceptora do barão Winthrop?

— Não — respondeu ela, deslizando a mão por seu braço e fazendo um gesto com a cabeça a uma carruagem dourada puxada por dois cavalos baios. Dedicou-lhe um pequeno sorriso muito francês — Já não. Meu carro nos espera. Acompanhe-me e farei que lhe tragam aqui quando tivermos acabado de falar. Não vivo muito longe.

Ele assentiu em silêncio, e quando ambos estavam sentados e a salvo no carro, Amille prosseguiu.

— Rosalie lhe falou da noite em que nos separamos. Do incêndio do teatro.

— Assim é.

— Suponho que a conheceu pouco depois. Em sua carta não mencionava o que lhe aconteceu depois, não é que eu deseje saber nada a respeito, mas é óbvio que um conjunto de circunstâncias fez com que ambos fossem juntos a França.

— Sim — repôs Randall em voz baixa, baixando as pálpebras para esconder seus olhos.

— Depois de procurá-la sem êxito, voltei para Winthrop House, confiando que Rosalie tivesse encontrado sozinha o caminho de volta. Não foi assim. A baronesa Winthrop não é uma mulher compreensiva nem particularmente generosa, e na manhã seguinte descobriu a ausência de Rosalie. Pensou que se eu tinha criado a minha filha com o que ela descreveu como uma *moral lassiva*, então possivelmente tinha feito o mesmo com sua filha, Elaine Winthrop. Fui despedida nessa mesma manhã.

— Sinto muito.

— Eu não — respondeu ela sorrindo — A demissão propiciou uma mudança por longo tempo esperada em minha vida, e uma que me trouxe grandes satisfações. O que a baronesa não sabia, e Rosalie também não, é que faz anos que sou a amante do barão Winthrop. E há anos o barão queria me estabelecer em uma residência própria. Entretanto, eu insisti em manter nossa relação em segredo porque queria uma infância respeitável para Rosalie. A educação, os cavalos, as noções de uma boa educação, eram todas coisas que eu desejava lhe oferecer. Tinha intenção de dar mais rédea solta à minha relação com o barão quando Rosalie se casasse ou crescesse o bastante para compreendê-la.

— A compreenderá.

Amille lhe sorriu.

— Agora sei.

Sem mediar palavra e de mútuo acordo, ambos evitaram discutir os assuntos mais urgentes até que chegassem à casa de Amille.

Luxuosamente mobiliada, a residência estava repleta de delicados móveis de madeira da Índia, suntuosos tapetes e tapeçarias, formosos bordados e delicada porcelana. A caminho do salão, Amille entregou sua capa a uma criada gordinha e de expressão afável.

— Martha, nos sirva o chá dentro de meia hora — disse suavemente, antes de sentar-se em um sofá de veludo verde menta.

A moça lançou um olhar de admiração a Randall antes de partir.

— Uma ex-empregada dos Winthrop — comentou Amille lançando um travesso sorriso a Randall. A calidez de seu sorriso recordou a Rosalie, e ficou olhando absorto — Consegui que trabalhassem para mim os melhores, incluindo o cozinheiro... Com promessas de melhor salário e trato mais amável. — Sorriu amigavelmente — Agora disporei de tempo suficiente

para lhe dizer tudo o que tem que saber, antes que Martha retorne com o chá.

Randall assentiu com cautela e se sentou em uma poltrona próxima.

— A história — refletiu Amille, franzindo os lábios ligeiramente — não tem por que ser longa nem complexa. Contarei-lhe os fatos e me estenderei nos pontos que queira conhecer com mais detalhe. Eu era a preceptora de Lucy Doncaster. Embora Rosalie se pareça com ela, seu temperamento é diferente. Rosalie é muito mais forte, mais inteligente e tem mais confiança em si mesma do que Lucy pôde ter sonhado alguma vez. No entanto, Lucy era uma criatura encantadora a quem amei muito. Continuo sem entender como era capaz de atrair tanto os homens, talvez por seu desamparo. O fato é que muitos homens estavam obcecados com ela... Em particular o conde de Rotherham. Estiveram comprometidos para casar-se, e assim teria acontecido se não fosse pela interferência de um jovem bonito e presumido que gostou de Lucy.

— Beau Brummell — disse Randall em tom grave.

— Exato. Lucy correspondeu a seus sentimentos multiplicados por cem, pois embora Brummell só estivesse encantado com ela, Lucy o amou tão profundamente que nunca se recuperou disso. Apesar de meus esforços para evitar que se vissem, Lucy ficou grávida dele. Foi precisamente naquela época quando Brummell, desconhecedor de... seu estado, perdeu o desejo por Lucy e se apaixonou por outra jovem. E depois daquela, de outra, e depois de outra mais, e cada uma delas acrescentou um estrato mais à concha de seu ego. O abatimento e a depressão consumiram Lucy, e jurou que não queria continuar vivendo. Sua família não sabia que Lucy esperava um filho. Convencios para que me deixassem acompanhar Lucy em uma viagem a França, argumentando que padecia uma depressão nervosa e que necessitava uma mudança de ares. Minha família na França é muito respeitável e os Doncaster se mostraram satisfeitos com minha intenção de nos instalarmos em casa de meus parentes.

— E de fato estiveram com eles?

— Sim, com meus pais, que juraram guardar segredo sobre a filha de Lucy. Ambos faleceram sem revelar o segredo a ninguém. Eu tinha planejado deixar o bebê com eles até que encontrasse alguém que o adotasse.

— Um bom plano — repôs Randall, lhe lançando um olhar de admiração.

— Isso pensava eu — admitiu Amille lacônica — mas não só subestimei a profundidade do amor de Lucy por Brummell, mas também a obsessão do conde de Rotherham por ela. Achava-se indignado ante o adiamento de seu casamento e consumido por sua paixão por Lucy. Conseguiu descobrir onde estávamos e foi à França. Um dia, ao voltar do mercado e chegar à casa de meus pais, encontrei ali um homem que olhava enlouquecido Lucy, que então estava grávida de oito meses. Disse-lhe muitas coisas, lorde Berkeley, coisas terríveis que fizeram chorar e transtornar uma jovem tão frágil e distinta como Lucy. E então, antes de partir da casa e voltar para Inglaterra, deixou bem claro que ainda a queria, que ia se casar com Lucy, embora só fosse para castigá-la a ela e ao bebê por tudo o que o tinham feito sofrer. Sentia-se traído... mais ainda, profanado, e jurou satisfazer sua sede de vingança. O medo que isto produziu, unido a sua angústia pelo abandono de Brummell, fez com que Lucy perdesse a cabeça, e pouco depois do nascimento de Rosalie subiu ao parapeito do Quai d'Augustins e se jogou no Sena.

— E você decidiu ocupar-se de Rosalie.

Amille sorriu.

— Adorei-a desde o primeiro momento. Para protegê-la, adotei um novo nome e fingi ser uma viúva respeitável. Nunca lamentei ter ficado com ela, porque me deu tantas alegrias como uma filha pode dar a uma mãe.

Randall ficou imóvel, o corpo rígido enquanto por fim entendia tudo.

— Deus, tenho feito a pergunta errada — disse com voz rouca — Uma e outra vez me perguntei por que alguém quereria a filha do Brummell. Nada menos que a filha do Brummell!

— Exato, lorde Berkeley — assentiu Amille, os olhos escurecidos por uma peculiar combinação de emoções — O temi desde que começaram os rumores e os artigos sobre a identidade de Rosalie e sua relação com você na França. Não sequestraram Rosalie por ser a filha de George Brummell, mas sim por ser a filha de Lucy Doncaster.

Capítulo 15

*Só dita, agora está aqui,
Disposta a escutar e aliviar meu pesadelo;
Deixa que o sussurro de minha voz alcance
Uma doce recompensa pela dor mais aguda,
me leve contigo, e vem comigo...*

Sir Phillip Sidney

A porta tinha o ferrolho trancado.

Ao descobri-lo, Rosalie lançou uma praga, jogando no chão a forquilha que segurava entre os dedos. Lágrimas de raiva e frustração lutavam por brotar de seus olhos, mas as conteve enquanto ia de um lado a outro do cheio cômodo. Depois de passar horas brigando com a fechadura e, finalmente, ouvir o bendito clique que teria significado a liberdade, percebeu que a porta continuava sem se abrir. Não haviam janelas, nem ferramentas que a ajudassem a escapar, nem lareira... Em resumo, não havia saída salvo a porta. O fato de que o cômodo fosse luxuoso não a confortava, já que não deixava de ser um cárcere. Os bordados, as rendas, as filigranas, os ramalhetes e os ramos, os volantes e rosas não faziam outra coisa que irritá-la. O cômodo carecia da vistosidade bem organizada do chateau d'Angoux, e em seu lugar possuía um estilo inglês, belo, mas abarrotado, que ameaçava a asfixiar.

Um candeeiro a óleo ardia em uma das mesinhas de cabeceira, junto à cama sobrecarregada; na outra repousava uma cesta com frutas perfeitas. Rosalie se aproximou destas últimas e escolheu uma maçã, que mordeu com cautela. A fruta era firme e doce, e enquanto a mastigava devagar, refletiu sobre os acontecimentos dos últimos três dias. Desde que Guillaume a tinha abandonado na carreta da cigana, tinha estado amarrada ou trancada, transportada de um lugar a outro por uma sucessão de indivíduos desconhecidos que não a tinham maltratado, mas também não lhe haviam dito uma palavra sobre seu destino. Escapar tinha sido sempre impossível, dado que seu sequestro se executara com cuidado e uma evidente preparação prévia. Parte da viagem tinha sido em navio. Apesar de atracar de noite e de lhe enfaixarem os olhos, Rosalie tinha reconhecido o aroma

dos molhes ingleses, o ar inglês e as vozes inglesas. Era ligeiramente reconfortante saber que a tinham levado de volta para a Inglaterra, em vez de um país estrangeiro onde nem o idioma nem as pessoas lhe fossem familiares.

A julgar pela sombria calma dos arredores, Rosalie supôs que se achava em uma casa de campo, em um lugar afastado, já que não se ouvia tráfico, cavalos, assobios nem vozes. De vez em quando ouvia passar pressurosos criados, embora fosse evidente que tinham recebido ordens de ignorar seus teimosos golpes na porta e seus gritos pedindo auxílio.

— Covardes! — exclamou apertando os dentes, atirando a maçã meio comida para o cesto de papéis mais próximo e reatando seus passeios — Todos são uns covardes! Ao menos tenham a coragem de me dizer na cara por que estou presa aqui!

Seu tom de voz aumentou com raiva e impotência quando a dirigiu para a porta fechada com ferrolho.

— Não sei se é de dia ou de noite! Afogo-me aqui! Não tenho livros, nem papel...! Malditos sejam todos! Estou farta de esperar!

Silêncio.

— Vou ficar louca — sussurrou Rosalie, esfregando as têmporas e respirando fundo para tranquilizar-se. Desabotoando a parte dianteira da gola alta de seu vestido azul, deitou-se na cama e ficou olhando o teto, os olhos cheios de lágrimas até que os fechou e tentou distrair-se com pensamentos sãos e sensatos. Perguntou-se onde estaria Randall, se, se sentia tão angustiado como ela e se teria pegado Guillaume e o tinha feito confessar aonde a tinham levado. — *Me encontrará* — murmurou — *Revirará a França e Inglaterra até me encontrar.*

Não duvidava de seu amor por ela, nem de sua força e sua tenacidade. Rosalie inclusive se forçou a sorrir enquanto o imaginava com raiva... Embora a imagem marcassee, uma pequena parte dela se excitava sempre com sua raiva, dado que sua intensidade e violência lhe recordava sua paixão. Logo imaginou rindo, os dentes brancos em contraste com a pele dourada, o brilho dos olhos, o cabelo ambarino brilhando em madeixas douradas e castanhas. Recordava-o quando lhe disse que a amava... A maravilhosamente delicada que se tornou sua boca, a estranha e atraente que era a mistura de cores em seus olhos cor avelã. Suspirando, Rosalie relaxou em uma paz temporária, e seus nervos se tranquilizaram. — *Nem você nem eu deixaremos que alguém nos separe* — murmurou arrastando os

dedos por um travesseiro que tinha perto — *É minha vida, e separada de ti não sou nada. Devolva-me à vida, Rand.* Afundou a bochecha no travesseiro e adormeceu, perdendo-se em mais pensamentos sobre ele.

O candeeiro era a única iluminação quando Rosalie despertou dos reconfortantes sonhos. De repente uma luz brilhante irrompeu na habitação. Ao dar-se conta de que a porta estava aberta, despertou imediatamente. A luz provinha de um enorme lustre pendurado na sala de estar com que comunicava seu quarto. Rosalie se levantou apressadamente da cama, mas ficou imóvel quando a porta voltou a fechar-se.

— Faça o favor de avivar o candeeiro — pediu uma áspera voz masculina.

Ela obedeceu com mãos trêmulas, a ponto de queimar os dedos com o vidro quente. A luz do candeeiro encheu o espaço com um sombrio brilho amarelado que baniu a escuridão para os cantos.

O homem que entrou no quarto lhe dobrava a idade, tinha uma cútis clara e o cabelo assombrosamente escuro e coberto de fios cinza claro. Era um homem alto, de físico enxuto e em forma, vestido com roupas caras e com um elegante lenço branco. Seus traços eram ligeiramente taciturnos, o nariz fino, as sobrancelhas grosas e negras, a boca fina. O que assustou Rosalie não foi sua compleição nem seus traços a, mas a expressão de seus olhos, negros e brilhantes como dois ônix. Seu olhar a percorreu centímetro a centímetro, intensificando-se com perplexidade e logo com uma avidez descarada que lhe formou um nó de medo no estômago.

— Lucy! — exclamou ele com voz emocionada.

O olhou com os olhos muito abertos, respirando fundo, a pele brilhando como seda pálida. Levando o dorso de uma esbelta mão à suada testa, Rosalie secou a umidade que se concentrava ali, enquanto o observava com olhar absorto.

— Eu... eu não sou Lucy — disse por fim.

Ele meneou a cabeça lentamente.

— Sim. É sua filha.

— Sim. — Teria caminhado para a porta fechada, mas ele continuava ali de pé, olhando-a como se a fosse devorar — Levo dias trancada, atada e amordaçada — se queixou — Porque me faz isto? Quem é?

— Lamento-o, senhorita Doncaster.

— Esse não é meu nome — replicou Rosalie — Me chamo Rosalie Bel...

— Não importa qual seja o seu nome — a interrompeu o homem, aproximando-se mais dela. A jovem se afastou para a parede pela beirada da cama — Lucy me pertencia e é sua filha. Portanto, também você é minha.

— Lucy... lhe pertencia? — sussurrou confusa. O que significava aquilo? Ele era demasiado jovem para ser o pai de Lucy — É um Doncaster?

Ele grunhiu ante a idéia, movendo sua cabeleira escura e prateada.

— Sou o conde de Rotherham.

Rosalie empalideceu.

— Não compreendo — conseguiu dizer — Ela nunca lhe pertenceu. Estava apaixonada por George Brummell.

— Silêncio! — ordenou ele, e em sua cara se desenhara uma terrível careta.

Rosalie estremeceu, mas lhe sustentou o olhar sem pestanejar.

— Como é tão audaz? — perguntou ele.

— Minha mãe lhe tinha medo?

— Se tivesse sido fiel, não teria tido motivos para me temer. Amava muito a sua mãe. Era a mulher mais bela que já existiu. Amava tudo dela com uma paixão que ninguém podia entender, muito menos o covarde de seu pai. Amava seu acanhamento, sua serenidade, sua pele suave, sua longa cabeleira... — Estendeu o braço para agarrar um cacho de Rosalie e o manteve na mão, acariciando-o com seus brancos e magros dedos — Seu cabelo é inclusive mais comprido que o dela. E sabia que... tem seus olhos? — Rosalie sacudiu a cabeça para liberar-se.

— Azul Doncaster — prosseguiu Rotherham — Só os Doncaster têm os olhos desse azul escuro, quase violeta.

— Oh — disse Rosalie com surpresa — pensava que eram de...

— Pensava que, como os olhos de seu pai são azuis, os teus provinham dele. — Rotherham agarrou outra mecha em sua mão — Não, não, absolutamente. Os olhos de Brummell não são tão brilhantes como os teus, tão apaixonados e expressivos.

— Diga o que quiser dele — repôs Rosalie, sentindo seu sangue gelar enquanto via como enroscava seu cabelo entre os dedos. Compreendeu que tinha intenções de lhe possuir, e a idéia lhe produziu náuseas. Uma imagem assaltou sua mente fugazmente: suas brancas mãos percorrendo seu corpo.

Seus lábios se franziram em um trêmulo meio sorriso e acrescentou — Nada mudará o fato de que ele é meu pai e que Lucy o preferiu em vez de você.

Rotherham proferiu um juramento. Tomando sua cabeça entre as mãos, aprisionou seu rosto como se pretendesse ajustá-lo. Sem êxito, Rosalie tentou pôr-se a correr, gemendo quando o corpo dele a apertou contra a parede. Estava excitado e ela sentiu a tensa virilidade dele contra seu abdômen. Enquanto deixava escapar um soluço de nojo e tentava liberar seus pulsos, ele a apertou com mais força, crispando o rosto até converter os olhos em uma fresta.

— Porque não grita? — perguntou, sua fina boca tão perto que ela sentiu seu fôlego na bochecha.

— Acaso serviria de algo? — sussurrou ela — Não, não gritarei. Deseja que lhes tenha medo, e não o tenho. Só sinto nojo por você, tal como minha mãe.

— É uma puta igual a sua mãe — soltou Rotherham, apertando-a com tanta força contra seu corpo que Rosalie temeu ouvir ranger seus ossos — Sei tudo sobre sua aventura com Berkeley, todo mundo sabe. Mas agora é minha puta, e a tomarei todas as vezes que quis tomar Lucy e não pude.

— Está louco! Não sou minha mãe! — gritou ela com voz rouca.

— É sim, é parte dela. — Fechou os olhos enquanto esfregava a pélvis contra ela — O tato é o mesmo. Deus, é como tocar em Lucy. — Gemeu e a beijou na boca, sem lhe importar que ela a tivesse fortemente apertada — Te procurei desde que perdi Lucy — sussurrou — Soube de sua existência todos estes anos, desde que a vi na França grávida de ti. A grande puta, com o ventre cheio com o bastardo de Brummell, quando estava comprometida comigo! — Beijou-a no pescoço e voltou a proferir o nome de Lucy, seu grosso cabelo roçando sua bochecha.

Rosalie não pôde suportar mais e gritou, tentando lhe bater. Ele a agarrou pelos pulsos brutalmente, fazendo com que seus dedos se intumescessem.

— Será melhor que desfrute por sua infâmia — disse ela com uma voz tão grave que mal a reconheceu — porque a pagará com sua vida, e se eu não encontrar uma maneira de mata-lo, alguém o fará.

— Refere-se a seu amante — disse Rotherham, seus dedos pinçando no vale que separava seus peitos — Não voltará a ve-lo. Nunca mais voltará a se deitar com ele. E se alguma vez escapar de mim, farei com que o matem uma hora depois de seu desaparecimento.

— Não!

Ela se debateu presa de um pânico cego, retorcendo-se para escapar de seu asqueroso membro ereto. Conseguiu soltar uma mão de seu férreo apertão e, em uma desesperada tentativa de escapar, Rosalie conseguiu o golpear na garganta, deixando-o sem respiração. Ele lhe soltou a outra mão, e Rosalie pôs-se a correr para a porta, procurou às apalpadelas o trinco e soluçou de gratidão quando a porta se abriu. Podia ouvi-lo atrás dela, as fortes pisadas ressonando como trovões em seus ouvidos. Um grito mudo vibrou em suas vísceras enquanto corria como uma criatura selvagem pelo amplo e tenebroso salão para a porta. A cena era uma mera imagem imprecisa, as figuras paralisadas de um criado e uma donzela apenas vislumbradas quando passou ao seu lado. Rosalie desceu correndo as escadas, seus pensamentos em alvoroçado redemoinho uma vez que o instinto se apoderou de seu corpo, obrigando seus pés a mover-se mais rápido e bombeando adrenalina em suas veias. No meio das escadas, tropeçou no patamar e chocou-se contra o duro mármore, um sonoro golpe que sacudiu todos seus ossos. Atrás dela, o som das botas de Rotherham ia se aproximando. Respirando com dificuldade, Rosalie se levantou e se dispôs a descer correndo o lance restante, quando de repente uma escura figura lhe obstruiu o caminho. Sem poder fazer nada, tropeçou com ela e escorregou no mármore. Em uma fração de segundo soube que ia cair e morrer. Ninguém poderia sobreviver a uma queda rodando por uns degraus tão duros e polidos.

De repente alguém a agarrou rapidamente, evitando a queda. Sustentou-a de forma segura contra seu forte corpo. Muda, estremeceu e permaneceu ali, agarrada às lapelas da casaca de seu salvador, em uma desesperada procura de amparo.

— Rosalie, se endireite, meu amor, e não trema tanto. — Era a voz de Randall. Ela levantou com estupor o olhar para ele — Está ferida? — Seus olhos cor avelã percorreram seu rosto com atenção.

Totalmente surpreendida, Rosalie o olhou com olhos dilatados.

— Rotherham... Guillaume — balbuciou, tentando lhe explicar tudo em duas palavras.

Ele pôs o dedo indicador sobre os lábios.

— Compreendo.

Estava tão tranquilo, tão maravilhosamente tranquilo e inteiro, que Rosalie afundou seu pálido rosto em sua casaca. Randall levantou a vista e olhou Rotherham que se achava só a uns passos por cima deles na escada.

— Meu maior prazer seria mata-lo com minhas próprias mãos — disse Randall sem alterar-se — Se tiver preferência por algum outro método, estarei encantado de lhe agradar.

Com o mesmo controle, Rotherham esboçou um ligeiro sorriso.

— É competente com o sabre?

— Supõe-se que sim.

— Em opinião de seus novatos contemporâneos ou simplesmente de você?

— Oh, de ambas as partes.

— As armas se encontram abaixo no primeiro quarto. Se quiser me seguir...

— É obvio — respondeu Randall, um gelado e selvagem brilho em seus olhos.

Encolhendo os ombros, tirou a jaqueta e a deu a Rosalie, que a agarrou com todas suas forças. O sabre, pensou atordoada, era provavelmente a melhor arma para que se batessem, dado que asseguraria que o duelo de destreza terminaria rapidamente. Parecido com a espada, mas mais largo e curvo, a folha estava sinistramente afiada. Requeria força assim como habilidade, pesava mais de meio quilograma e cansava o antebraço facilmente.

Aterrorizada ante o que poderia acontecer, queria suplicar a Randall que partissem longe dali e se esquecesse de Rotherham, mas sabia que teria sido inútil. Ficou em silêncio, mordendo o lábio inferior enquanto baixava os degraus atrás de Rotherham. Randall se deteve e se dirigiu a ela com tom normal: — Te agarre ao corrimão enquanto desce.

Rosalie assentiu, olhando brevemente nos olhos e encontrando neles tudo o que tinha sentido falta antes. Em seu olhar brilhava uma intensa mescla de amor, dor e fúria, mas ele não podia perder o controle se queria terminar o que tinha que fazer.

Os dois homens se despojaram das casacas, mas não das botas, ambos na aparência satisfeitos com a desvantagem, sempre que o outro também a experimentasse. Temerosa de distrair Randall, Rosalie se manteve quase fora de sua vista, permanecendo ao pé da escada para lançar olhadas rápidas aos opositores.

— Uma boa peça — comentou Randall após desprender o sabre da parede.

— Não há usará muito tempo. O matarei antes que se dê conta de alguma coisa — disse Rotherham, trespassando-o com seus olhos cor ônix — Após vinte anos, não voltarei a perdê-la. Ela tinha que ter sido minha.

— Meu Deus! Está bem da cabeça? — repôs Randall, o pulso aumentando com a raiva — Que delírios tem?

— Não sabe nada, insolente cachorrinho — espetou Rotherham com ironia — Embora você não o entenda, ela o entende muito bem.

— Entender o quê?

— Que me pertence por direito próprio. E que pagará por ser tão puta como foi sua mãe.

— Sua conversa é aborrecida — grunhiu Randall — além de demente.

Ambos levantaram as armas a modo de saudação, a brevidade do gesto, um insulto estudado por ambas as partes. Rosalie conteve a respiração ao começar o combate, as folhas entrechocando. Batiam-se atirando golpes cortantes e ataques velozes após aparar as réplicas. Dirigiam as armas de uma maneira diferente do que ela tinha visto antes, dado que os falsos combates que tinha visto nas peças de teatro se representavam com delicados e quase silenciosos floretes. Não havia nada leve ou delicado no duelo real que agora contemplava. Era direto, simples e desumano.

Randall comprovou imediatamente que seu adversário tinha muita experiência no manejo do sabre, e manteve Rotherham à distância enquanto avaliava a situação. Rotherham guardava todas suas posturas bem, sua técnica era impecável e seus ataques, impressionantes. Ambos eram homens altos, o que tornava a agilidade um elemento essencial para se defender do comprido alcance. A vantagem de Rotherham era a experiência. Obviamente tinha praticado a estocada do sabre até lançá-la com total naturalidade, e era capaz de improvisar uma resposta instantânea a cada ataque. Randall tinha que confiar não na prática, mas no instinto, o que o obrigava a conter suas emoções e concentrar-se em seus próprios reflexos.

As recentes práticas com Guillaume se transformaram em desvantagem, pois bater-se com florete era uma arte diferente à do sabre. Isso se tornou evidente quando depois de uma estocada, deteve o sabre à altura dos olhos de Rotherham, uma técnica que Randall tinha utilizado com êxito para vencer Guillaume. Não se adaptava bem ao sabre. A folha de Rotherham lhe alcançou o braço desprotegido, obrigando-o a respirar fundo para suportar a dor. Uma ferida mais no antebraço e ficaria inutilizado.

— Competente? — disse Rotherham com desdém — O é, mas isso não lhe basta.

Rosalie se sentou de repente nas escadas ao ver a mancha vermelha na manga branca de Randall, as pernas incapazes de segurá-la. As folhas relampejavam como feixes de luz, batendo-se no ar e chocando com bruscos e agudos sons.

À medida que avançava o combate, a concentração de Randall chegou a ser completa. Esqueceu-se do braço, da ira, de tudo exceto da precisão matemática dos golpes de sabre. Finta, parada, estocada. Um reverso baixo para proteger o flanco, uma parada para proteger o estômago. Os ataques se tornaram mais rápidos, o combate, mais acelerado, até que a única defesa eram as ferozes réplicas.

A Rosalie pareceu que o combate durava horas. Viu cada detalhe como se a ação transcorresse em câmera lenta, mas não havia nada que pudesse fazer para ajudar Randall. Só podia olhar, com as mãos agarradas ao corrimão e os nódulos brancos da pressão. Sua vida dependia do resultado do duelo, tanto como a de Randall.

Após duas fintas e dois reversos, de repente Randall frustrou um lance de Rotherham lhe entrando a fundo. O sabre se afundou profundamente em Rotherham, acabando com sua vida com uma assombrosa prontidão. Caiu ao chão sem emitir um som, só um ruído surdo ao chocar contra a lisa superfície.

Rosalie ficou de pé e correu para Randall. Este entreabriu as pálpebras e deixou cair o sabre. Seu peito subia e baixava com rapidez, enquanto seu corpo absorvia a tensa e carregada energia do combate. Logo, em silêncio, olhou-a fixamente, o rosto inexpressivo enquanto procurava alguma palavra, alguma ação que o ajudasse a desterrar o férreo autodomínio que se impôs. Intuitivamente, Rosalie se apertou contra o enrijecido corpo, deslizando os braços ao redor da cintura.

— Amo-te — murmurou, abraçando-o — Sabia que viria me buscar... Oh, Rand, seu braço...

À medida que aqueles amorosos e suaves sussurros o faziam baixar a guarda, Randall a rodeou com os braços, afundando o rosto em seu cabelo. Emitiu um som débil e incoerente e a apertou mais forte.

Com ela a seu lado voltava a ser um homem completo.

Rosalie se remexeu nos braços de seu marido, a pele rosada de prazer, os olhos meio fechados com felina satisfação. Era a primeira vez que faziam amor como marido e mulher, e embora a experiência tivesse sido tão luxuriosa e excitante como sempre, um novo elemento se acrescentou: agora estavam unidos ante Deus e ante o Estado, e não só por seu amor. A partir desse momento o mundo nunca voltaria a olhá-los como dois simples amancebados.

Ela lamentou que Amille nunca chegasse a conhecer essa sensação de plenitude com o barão Winthrop, embora Amille parecesse mais feliz do que Rosalie podia recordar. As duas mulheres tinham passado juntas o dia anterior, falando de todo o acontecido e reconhecendo que, apesar de que não tivessem o mesmo sangue, eram verdadeiramente mãe e filha. Sorrindo contente, Rosalie voltou sua atenção para Randall.

— *Maman* me disse uma vez que o dever da mulher é dar prazer ao homem — disse, suas sedosas pernas entrelaçadas com as musculosas pernas dele — mas nunca me disse que o homem devolvesse os favores.

Randall sorriu, levantando os lábios de sua pele e olhando-a com um brilho íntimo nos olhos.

— Devo admitir que antes de te conhecer nunca imaginei possível encontrar semelhante prazer no leito conjugal.

— Porque se supõe que um homem só possa encontrar prazer nos braços da amante e não da esposa?

— Porque, exceto em meu caso, o homem nobre não se casa com a amante.

Tal como tinha esperado, a brincadeira despertou o gênio de Rosalie. Lançando terríveis ameaças de vingança, plantou-lhe um travesseiro sobre a cara e exalou uma forte gargalhada quando Randall subiu em cima dela para segurá-la. Ambos brincaram durante longos e deliciosos momentos, até que as cócegas e os pulos se converteram em inquietos beijos e incontroladas carícias. Rosalie sentiu que a magia irresistível de seu contato físico enchia seus sentidos. Devolveu-lhe os beijos com paixão, ainda incapaz de acreditar que ele era dela e que a desejava com o mesmo desejo insaciável que a consumia. Ele a possuiu com audácia, seus ombros elevando-se sobre ela, tensos e poderosos. Rosalie suspirava de prazer, seus braços rodeando o pescoço de seu marido. Adorava esse momento mais que nenhum outro, quando sabia que ela era todo seu mundo, e que todos seus pensamentos e sensações se centravam exclusivamente nela.

Uma vez saciada sua paixão, falaram com total desinibição.

— Pensa que voltaremos a ver Mireille? — perguntou Rosalie.

— Isso dependerá — respondeu Randall encolhendo os ombros — se ainda se encontra com Guillaume. Eu diria que é provável.

— Por quê? Ainda tem planos de procurar Guillaume?

— Neste momento tenho homens percorrendo a França e Inglaterra em busca de qualquer pista.

— Não me importo com ele, mas eu gostaria de encontrar Mireille — disse Rosalie, e ficou em silêncio por vários minutos, até que Randall lhe beijou a testa e perguntou com suavidade: — No que está pensando?

— Em Brummell — respondeu ela, vacilante — Me pergunto se pensa em Lucy ou em mim frequentemente.

— Certamente tenta evitá-lo. E aposto que não o consegue nenhum dia.

Ela assentiu com nostalgia, e apoiou a cabeça em seu peito, deixando-se envolver por aquele estado de calma e felicidade.

E assim, permaneceram abraçados até a alvorada, quando os primeiros raios de sol despontaram através da luminosa bruma. — *Meu primeiro dia como sua esposa* — pensou Rosalie, e seus olhos brilharam com lágrimas de felicidade. Randall afastou seu olhar contemplativo da janela e a olhou, compreendendo-a com a aguda percepção que traz o amor. Sorriram-se, e então seus lábios se encontraram em um apaixonado beijo.

— Rose... — disse Randall com os lábios ainda em sua boca — Sem mais aventuras por um tempo, de acordo?

— Nenhuma. Prometo.

— Um ano de pausa é tudo o que peço. Agora que estamos casados, organizaremos nosso lar, teremos um filho, e assistiremos a um baile de vez em quando...

— Sim, queridíssimo marido — concordou Rosalie, sorrindo em segredo para si mesma.

Sem saber muito bem por que, estava certa de que seriam as aventuras que os encontrariam.

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Lisa KLEYPAS

Lisa Kleypas estudou ciências políticas no Wellesley College. E justo depois de graduar-se, decidiu dedicar-se a escrever. Foi escolhida para Miss Massachusetts e, em 1985, competiu pelo título de Miss América Pageant.

Aos vinte e um anos, publicou sua primeira novela. Em 1998 sua novela *Um estranho em meus braços* ganhou o Prêmio do Waldenbooks. Em 1999 seu livro *Anjo ou demônio* ganhou o prêmio Romance Journal's Francis, e também foi finalista dos prêmios Rita. Comoveu as leitoras com seus livros, novelas românticas de ambiente histórico como *Quando você chegou* ou, sua continuação, *Sonho contigo*, que já foram traduzidas para quatorze línguas.

Atualmente reside em Santo Antonio, Texas, com seu marido Greg e seus filhos Griffin e Lindsay.

*